

ARIELA PEREIRA

O Segredo de
ALEXANDER



O SEGREDO DE ALEXANDER

Ariela Pereira



Todos os direitos reservados de propriedade desta edição e obra são da autora. É proibida a cópia ou distribuição total ou de partes desta obra sem o consentimento da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Revisão: Valéria Avelar

1º Edição
2018

ÍNDICE

[CAPÍTULO I](#)
[CAPÍTULO II](#)
[CAPÍTULO III](#)
[CAPÍTULO IV](#)
[CAPÍTULO V](#)
[CAPÍTULO VI](#)
[CAPÍTULO VII](#)
[CAPÍTULO VIII](#)
[CAPÍTULO IX](#)
[CAPÍTULO X](#)
[CAPÍTULO XI](#)
[CAPÍTULO XII](#)
[CAPÍTULO XIII](#)
[CAPÍTULO XIV](#)
[CAPÍTULO XV](#)
[CAPÍTULO XVI](#)
[CAPÍTULO XVII](#)
[CAPÍTULO XVIII](#)
[CAPÍTULO XIX](#)
[CAPÍTULO XX](#)
[CAPÍTULO XXI](#)
[CAPÍTULO XXII](#)
[CAPÍTULO XXIII](#)
[CAPÍTULO XXIV](#)
[CAPÍTULO XXV](#)
[CAPÍTULO XXVI](#)
[CAPÍTULO XXVII](#)
[CAPÍTULO XXVIII](#)
[CAPÍTULO XXIX](#)
[EPÍLOGO](#)
[DEDICATÓRIA](#)
[PROMOÇÃO](#)
[AGRADECIMENTOS](#)

CAPÍTULO I

A noite de sexta-feira mal havia começado e o clube já estava lotado de homens, integrantes da alta sociedade de Melbourne, que frequentavam o lugar com as mais variadas intenções. Alguns queriam apenas observar as garotas dançando, outros contratavam as danças particulares nas cabines, e havia ainda aqueles que buscavam por uma relação sexual mais difícil do que era quando contratavam uma prostituta convencional. Na cabeça iludida deles, havia conquista no que se fazia ali, não imaginavam que a maioria das garotas já sabia exatamente como a noite delas terminaria.

Quanto a mim, me encontrava em meio àquelas que apenas dançavam. Como sempre fui muito exibicionista, gostava de fazer a minha dança sensual enquanto era observada por dezenas de olhares cobiçosos. Era claro que eu também fazia danças particulares nas cabines, quando, na maioria das vezes, chegava a tirar toda a roupa, porque isso sim era lucrativo, aqueles tarados pagavam qualquer preço para ver uma garota bonita nua. Eu só não havia feito sexo com nenhum deles ainda, simplesmente porque não tinha estômago para tanto, embora muitos dissessem que em algum momento eu cederia, pois isso era ainda mais lucrativo que as danças particulares.

Naquela noite eu me exibia sobre o palco suspenso — uma plataforma redonda em meio ao salão movimentado e mal iluminado —, usando um microvestido vermelho, tão colado que mal me permitia respirar. Ao final do meu número, como acontecia em quase todas as noites, um dos garçons veio avisar que eu havia sido contratada para fazer uma dança particular dupla, ou seja, eu dançaria em uma das cabines junto com outra garota, para algum pervertido que não se satisfazia com apenas uma. Não me surpreendi ao descobrir que essa garota era Trinity, uma das mais bonitas do clube, que se apresentava ao mesmo tempo que eu, em outro palco. Não éramos exatamente amigas, na verdade sequer nos dávamos muito bem, entretanto, deixamos as diferenças de lado pelo profissionalismo e adentramos, juntas, a cabine de luxo que nos foi indicada.

Os pelos da minha nuca se eriçaram quando vi os homens que havia nos contratado. Um deles era Logan Cooper, um dos milionários mais poderosos de Melbourne, cliente assíduo do clube, e com uma péssima fama de maltratar as mulheres que contratava, embora, ainda assim, a maioria delas o cobiçassem, devido ao fato de que o cara pagava muito bem. Ele tinha uma aparência simplesmente assustadora, com cerca de um metro e noventa de altura, revelava um corpo musculoso demais por sob as roupas sofisticadas. Tinha os cabelos escuros, crescidos até altura dos ombros, sempre desalinhados; o maxilar forte era coberto por uma barba espessa; tinha a pele morena; os olhos castanhos claros profundos e as sobrancelhas naturalmente arqueadas, que lhe emprestavam um ar sombrio, uma fisionomia de homem mau que me causava arrepios. Apesar disso, era muito bonito, um verdadeiro espécime masculino.

O outro homem no quarto, era o segurança dele, de quem Cooper estava sempre acompanhado.

Ao entrar naquela cabine, minha vontade foi de anunciar, em alto e bom tom, que não prestava serviços sexuais remunerados, mas precisei me conter para não jogar um balde de água fria nas fantasias deles. Deixá-los acreditar que tudo acabaria em sexo, fazia parte do jogo.

A cabine se resumia a dois cômodos pequenos, redondos, com pouca iluminação. No primeiro deles havia o palco suspenso, idêntico ao do salão principal, só que mais baixo, da altura de uma mesa e era cercado por estofados acolchoados. Era onde se fazia a dança. O outro cômodo possuía um ambiente mais íntimo, com cama de casal e até uma cadeira erótica, para aqueles que se aventuravam a uma experiência sexual.

Após os cumprimentos, pedi ao segurança de Cooper que escolhesse a música e me coloquei em cima do palco, iniciando o meu número, ao lado de Trinity, que não parava de encarar Cooper, certamente por

causa do dinheiro que ele tinha.

A música era suave, com um belo toque instrumental, nos movíamos devagar sobre o palco, com sensualidade, esperando pelas instruções dos homens que diriam quando devíamos tirar as roupas. Ambos se encontravam sentados diante de nós, observando-nos quase sem piscar. Embora estivessem sempre no clube, era a primeira vez que eu me apresentava em particular para eles, pois sempre passava por longo, por causa da fama de Cooper.

— Você! Tire o vestido! — Cooper ordenou, com tom de autoridade, a voz grossa irrompendo pela cabine, um rizinho meio safado brincando em seus lábios, seus olhos devorando meu corpo.

Ele depositou uma nota de cem dólares sobre o palco e peguei depressa, guardando-a na bolsinha presa ao cinto do vestido.

Trinity olhou-me contrariada, certamente temendo perder o dinheiro que aquele homem oferecia, mas ela sabia que eu não iria até o final, caso fosse exigido, portanto, precisava ser esperta o bastante para ajudar a nós duas a termos o que queríamos.

Devagar, deslizei as alças do vestido pelos ombros e fui tirando a peça lentamente, me movendo com sensualidade diante dos olhares maliciosos dos dois homens, até que fiquei com apenas um sutiã meiantaça sem alças, a calcinha e a cinta liga.

Fiz o meu número como de costume, colocando-me em posições insinuativas sobre o palco, tirando uma peça de roupa a cada ordem recebida e a cada nota depositada diante de mim, de modo que já tinha quase quinhentos dólares e usava apenas a calcinha minúscula quando Cooper segurou-me pelo antebraço e puxou-me para baixo, me fazendo cair sentada em seu colo.

— Quero você montada em meu pau esta noite. — Disse ele, o tom de voz animalesco, o hálito com cheiro de uísque acariciando a pele do meu rosto, sua ereção pulsando sob a minha bunda, por sob o tecido da sua calça.

Não era a primeira vez que eu recebia aquele tipo de proposta, estas eram quase diárias e, como sempre fazia, agi com naturalidade, para não despertar a raiva dele.

— Eu apenas danço benzinho. — Falei, pousando a palma da mão em seu peito para empurrá-lo, sem que ele se movesse um centímetro do lugar.

— É o que todas dizem até verem isso. — Cooper tirou uma bolada de dinheiro do bolso do seu paletó, devia ter uns mil dólares ali e embora me enchesse os olhos, ainda não seria daquela vez que eu quebraria a minha única regra.

— Me sinto lisonjeada, mas realmente fico apenas na dança.

Aproveitei seu minuto de distração e escapei das suas mãos, com a agilidade de um peixinho que escapava das mãos de um pescador ainda na água. Foi quando Trinity aproveitou a oportunidade e me substituiu, sentando no colo dele.

— Comigo não tem esse tipo de frescura. Me diga o que você quer e eu farei com todo prazer. — Disse ela, já tirando o dinheiro da mão dele e guardando na pochete do seu cinto.

Cooper analisou-me por um instante, visivelmente contrariado, até que por fim, para o meu mais completo alívio, encheu sua mão com os cabelos loiros e longos de Trinity e a beijou na boca, com a brutalidade de um animal selvagem.

No instante seguinte, ele a estava curvando sobre o palco e se colocando em pé atrás dela, arrancando seu vestido com rudeza, seu corpo grande demais parecendo subjugar o dela.

Eu não ia ficar ali assistindo os dois transarem como animais sobre o palco, então virei-me para o segurança e o convidei para uma dança no outro compartimento da cabine. Como eu já esperava, ele concordou, mas assim que ficamos sozinhos começou a me assediar, tentando me convencer a ter relações sexuais. Pelo menos não era agressivo como o seu patrão.

— Você está vendo aquele pontinho vermelho no teto? É uma câmera. Basta um gesto de minha mão e o segurança do clube vem até aqui. — Ameacei, a fim de fazê-lo parar com o assédio.

— Não seja boba. As câmeras estão desligadas. É o que acontece quando o Sr. Cooper traz uma de vocês para a cabine. Você não acha mesmo que um homem na posição dele vai transar na frente de uma câmera ligada, não é?

Suas palavras me causaram calafrios. A câmera de segurança era a única garantia que tínhamos de que não seríamos violentadas, ou espancadas dentro daquelas cabines, se estava desligada, a minha segurança estava comprometida, portanto eu não podia mais ficar ali. E o pior era que eu não tinha nem como duvidar de que fosse verdade, visto que Cooper era um dos clientes mais poderosos do lugar, ele mandava e o dono do clube obedecia.

— Nesse caso, preciso ir. — Anunciei, deixando a cabine sem esperar para ouvir o que ele diria.

Ao atravessar a porta, fiquei paralisada com a cena com a qual me deparei. No primeiro compartimento, Cooper estava completamente nu, exibindo um corpo cheio de músculos, tão másculo e robusto que se tornava impossível não olhar. Ainda em pé ao lado do palco, continuava mantendo Trinity deitada sobre o mesmo, desta vez de frente, suas panturrilhas penduradas nos ombros dele, parecendo muito pequena e frágil sob o corpo musculoso e grande demais. Uma das mãos dele segurava seus cabelos loiros, a outra se mantinha firme em torno da sua garganta, seus quadris se moviam em um vai e vem frenético, seu corpo sólido se chocando brutalmente contra o dela, incessantemente, o membro tão enorme quanto era de se esperar, entrando e saindo do corpo dela, em um espetáculo fascinante, impossível de ser ignorado.

A face de Trinity estava contorcida de prazer, uma agonia quase palpável presente na sua fisionomia, como se ela realmente estivesse gostando daquilo e não fizesse apenas pelo dinheiro. Seus olhos estavam fechados, sua boca entreaberta soltando gemidos altos, enquanto Cooper a fodia com a ferocidade de um animal.

Os olhos cheios de fogo dele se deslocaram do rosto dela e se cravaram no meu, sua boca se curvando em um sorriso meio sinistro, quando eu soube que deveria sair dali imediatamente, mas simplesmente não consegui me mover, fascinada com o espetáculo que assistia, muito mais intenso e real que as cenas de qualquer filme pornô. Não era todo dia que se tinha a oportunidade de ver algo como aquilo.

Sem desviar seu olhar de mim, Cooper acelerou os movimentos dos seus quadris, aproximando-se do êxtase. Logo vi seu corpo grande se contrair, sua face se contorcer um pouco mais, com o prazer que o tomava, o gemido selvagem saindo discreto da sua boca, até que por fim ele parou, todo enterrado no corpo dela e gozou com uma intensidade absurda, seus dentes cerrados, o corpo grande ondulando inteiro, tornando o espetáculo ainda mais atraente.

Trinity, ao contrário, foi se silenciando dos gemidos e ficando imóvel a medida que ele se satisfazia e apenas quando Cooper ficou imóvel, saciado, percebi que ela estava quieta demais, a face relaxada, a boca fechada, a mão grande dele ainda em torno da sua garganta.

Apreensiva, a examinei mais atentamente e só então me dei conta de que ela parecia não estar mais respirando. A expressão de horror provavelmente se manifestou em meu olhar naquele instante, pois imediatamente Cooper tirou a mão do pescoço dela e afastou-se depressa, deixando-a paralisada, desfalecida sobre o palco.

— O que aconteceu com ela? — Indaguei, preocupada.

— Eu não sei. Deve estar drogada. — Disse Cooper.

Completamente nu, ainda ereto, ele soltou um palavrão ao examinar a pulsação dela e em seguida passou a tentar reanimá-la como respiração boca a boca e massagem cardíaca. Não obteve resultados, Trinity continuava imóvel sobre o palco, um círculo roxo se formando em torno dos seus lábios.

Observei a marca roxa em volta do pescoço dela, deixada pelo aperto da mão dele e não tive dúvidas de que estava morta.

— Minha nossa! Ela está morta! — As palavras saíram da minha boca, carregadas de horror, a medida que eu fazia a constatação. — Você a matou e asfixiada.

— Cuidado com o que diz garota! — Esbravejou ele, encarando-me com fúria. — Eu não sou um assassino. Como você pôde ver, o que aconteceu aqui foi apenas um acidente.

Suas palavras confirmaram minhas suspeitas e meu sangue gelou nas veias, o pânico tomando conta de cada fibra do meu corpo. Por mais que tivesse sido sem querer, ele a havia matado e dificilmente seria punido por isso, afinal era um homem rico e poderoso, enquanto que Trinity não passava de uma dançarina sem importância para o sistema.

Com tais constatações, tentei correr para as minhas roupas ainda jogadas no chão, porém antes que tivesse tempo de alcançá-las, o segurança de Cooper segurou-me por trás, pelos braços, sem que eu tivesse visto o momento em que ele deixara o outro compartimento da cabine. Devia estar ali atrás de nós há minutos sem que eu tivesse percebido a sua presença.

— O que eu faço com ela, chefe? — O sujeito indagou, como o verdadeiro cúmplice de um assassino, como se aquela não fosse a primeira vítima que faziam, o que só serviu para intensificar o horror dentro de mim.

Naquele momento, percebi o quanto estava ferrada, se eu procurasse a polícia estaria assinando a minha própria sentença de morte, pois não acreditava que o prenderiam. Uma atitude dessas só serviria para que ele me eliminasse como sendo a única testemunha do crime que cometera.

— Eu não vou contar para ninguém, eu juro. — Declarei, tentando conter o terror que me tomava.

Sem desviar seus olhos dos meus, Cooper aproximou-se de mim, colocando-se a centímetros de distância, sua postura me parecendo ameaçadora e ainda mais assustadora.

— Do que você está falando? — Indagou ele, friamente. — O que exatamente você acha que viu aqui? Nada aconteceu, a garota desmaiou e foi só isso. Eu não fiz nada.

Examinei novamente o rosto de Trinity, com a esperança de que ele estivesse falando a verdade, de que ela tivesse voltado a respirar, mas ela continuava imóvel, os lábios arroxeados, seu corpo visivelmente sem vida.

— Claro que não, nada aconteceu. Eu não vi nada, estava o tempo todo no outro compartimento da cabine. — Confirmei o que ele queria, em uma luta desesperada pela minha sobrevivência.

Se eu o acusasse, mesmo que em pensamentos, aquele homem não hesitaria em me matar, Trinity não era a primeira vítima dele, era possível perceber isso pela forma como o segurança agia e pela frieza com que ele lidava com a situação.

— Na verdade, Emily, é esse seu nome, não é? — Assenti com um gesto de cabeça. — Nós nunca estivemos nessa cabine com vocês. Se você abrir a boca para dizer o contrário, vai ser a sua palavra contra a minha e eu tenho certeza de que você sabe em quem as pessoas vão acreditar.

Quanto mais ele falava, mais eu gelava por dentro, com a certeza de que estava diante de dois assassinos frios, de que a possibilidade de perder a minha vida também era muito real, apavorantemente real.

— Claro. Para falar a verdade, eu nem me lembro de ter visto você esta noite. — Empurrei as palavras através do nó que se formava em minha garganta, me esforçando para manter a calma e permanecer viva.

Cooper manteve seus olhos fixos em meu rosto por um longo momento de silêncio, como se analisasse as minhas intenções. Até que por fim aquele sorriso cínico se manifestou em seus lábios novamente e finalmente ele ordenou ao seu capanga que me soltasse.

Com uma pressa absurda, e sem mais olhar para os dois homens, catei meu vestido do chão e o enfiei depressa no corpo, para em seguida deixar a cabine quase correndo, obrigando minhas pernas dormentes a me levarem para frente. Eu só queria sair dali, me distanciar o quanto mais daquele assassino, antes que ele mudasse de ideia e decidisse eliminar a única testemunha dos seus atos.

Sem parar para falar com ninguém, passei no camarim apenas para pegar a minha bolsa e o meu casaco e deixei o clube, sem o meu pagamento daquela noite. Fui direto para meu apartamento, sem ver as ruas vazias pelas quais trafegava, e apenas ao trancar a porta pelo lado de dentro, consegui voltar a respirar.

normalmente.

— Talvez ela só estivesse desmaiada, talvez você chegue lá esta noite e a encontre são e salva. — Disse Lisa, a garota com quem eu dividia o apartamento.

Eu havia passado o resto da noite em claro, com aquelas imagens terríveis do corpo sem vida de Trinity povoando minha mente. Como fazia todos os dias, Lisa acordara cedo e fizera café para nós. Estava sentada no sofá ao meu lado, ainda usando o pijama de ursinhos com qual dormira, enquanto eu tomava a minha terceira xícara de café daquela manhã, ainda com as mãos trêmulas de medo.

— Ela estava morta, Lisa, e ele sabia disso. Ainda posso ouvir a sua voz horrível dizendo que aquilo foi um acidente e que não era um assassino.

— E pelo que você disse, foi mesmo um acidente, o cara estava fazendo sexo selvagem, não pretendia tirar a vida dela.

— Isso não é isenta da responsabilidade. Ele sabia que isso podia acontecer, devia ter tomado cuidado. — Repassei mentalmente, mais uma vez, aquele momento terrível. — E o pior é que pela forma como o segurança dele agiu, perguntando o que devia fazer comigo, acho que não foi a primeira vez. O cara deve estar acostumado a matar.

Minhas próprias palavras me fizeram estremecer dos pés à cabeça.

— Não vamos nos basear em suposições. Vamos esperar para ver o que acontece.

— Você acha que eu devo avisar a polícia?

— De jeito nenhum. Ia ser a sua palavra contra a dele, e todo mundo acreditaria nele, porque ele tem dinheiro. Isso só ia servir para te complicar. — Ela hesitou antes de prosseguir. — Ele poderia querer te apagar para não ter nenhuma testemunha.

Novamente, estremeci.

— Parece tão errado. Deixá-lo ficar impune depois do que fez. A Trinity era jovem, tinha toda uma vida pela frente e ele acabou com tudo.

— Só que você falar não ia fazer com que ele fosse punido, tampouco a traria de volta, só ia fazer com que ele te matasse.

Ela tinha toda razão, mesmo que eu falasse o que vi, um homem como Cooper não iria para a cadeia assim tão facilmente, afinal ele tinha o governo em suas mãos, era um dos empresários mais poderosos da Austrália. Eu duvidava que fizessem algo contra ele, por causa de uma garota como Trinity.

Lisa faltou a todos os seus compromissos daquele dia para ficar comigo na frente do computador, procurando por notícias sobre a suposta morte de Trinity, na internet. Ela era realmente uma boa amiga, a melhor que eu tinha. Nos conhecíamos desde crianças, crescemos juntas na mesma cidade no interior, estudamos juntas e continuávamos lado a lado depois que nos mudamos para a capital, há quatro anos. Apesar do quê, éramos completamente diferentes. Ela era uma pessoa muito mais tranquila, frequentava a igreja, tinha um namorado que a levava a sério e a respeitava, enquanto que eu era mais agitada, gostava de uma boa farra e não durava nem um mês com os caras com quem saía. Desde que nos mudamos, Lisa vinha trabalhando como empregada doméstica, babá, ou faxineira, enquanto que eu sempre preferi me aventurar por aí, trabalhando como garçoneiro, ou dançarina em clubes noturnos. Analisando de uma forma mais crítica, podia-se dizer que ela era uma pessoa do bem e eu uma pessoa do mal e parecíamos estar colhendo os frutos das nossas ações, enquanto eu estava envolvida em uma encenação das grandes, como ela sempre me alertou que poderia acontecer, caso eu continuasse trabalhando à noite, ela havia acabado de realizar seu sonho mais secreto ao conquistar o cargo mais elevado na sua profissão, o mais alto que uma empregada doméstica poderia chegar: se tornaria governanta na mansão de um empresário rico em Sydney, com a função de administrar a equipe de empregados dele, quando nos distanciaríamos pela primeira vez na vida.

Eu ainda não tinha entendido porque um homem que, segundo Lisa, morava sozinho, sem esposa e sem

filhos, precisava de uma equipe de empregados em sua casa e tampouco de alguém para coordená-los. Lisa dissera que os ricos eram assim mesmo, gastavam dinheiro até com aquilo que não era necessário, só para mostrar que tinham muito.

No final da tarde, ainda não havia nada sobre Trinity nos sites de notícias, talvez ela estivesse só desmaiada mesmo, quando a deixei na cabine com os dois homens. Quando criei coragem de ligar para o clube, para avisar que não iria me apresentar naquela noite, pensei em arriscar perguntar por ela, mas isso levantaria suspeitas caso o pior tivesse realmente acontecido.

Já era noite, Lisa estava no quarto se arrumando para sair com o namorado, seria a última noite deles juntos, já que ela viajaria no dia seguinte para assumir seu novo trabalho em Sidney e só a veríamos nos finais de semana. Eu ainda me encontrava na sala, só de roupão, fuçando a internet, quando vi a primeira notícia sobre Trinity. Havia acabado de publicar em um site que o corpo dela fora encontrado pela polícia, há algumas horas, nas águas do rio Yara, com sinais de estrangulamento, o que evidenciava que ela fora morta em outro lugar e depois jogado nas águas, embora a polícia ainda não tivesse nenhuma pista de quem fora o autor do crime.

Minha nossa! Cooper não se dera ao trabalho sequer de maquiagem aquela coisa direito, estava tão confiante de que a polícia não o prenderia que simplesmente jogou o corpo dela no rio, sem sequer simular um assalto, ou escondê-la melhor. Certamente o dono do clube havia sido subornado por ele e estava do seu lado, ou ele não teria conseguido tirar o corpo dela de lá sem ser denunciado. Sua segurança particular era outro que sabia de tudo, mas jamais abriria a boca. Eu estava completamente sozinha e minha cabeça valia menos que um centavo para ele agora.

Processei todas aquelas informações e suposições e senti meu sangue gelar de medo, o terror tomando conta de mim de forma devastadora. Eu precisava deixar a cidade imediatamente, essa era a única forma para que estivesse segura dali em diante, sem correr o risco de ser eliminada a qualquer momento. Mas para onde iria? Eu só tinha a casa dos meus pais, em uma cidade pequena no interior, onde vivia um verdadeiro inferno familiar, além de ter que dar satisfações da minha vida para todos os moradores, o que me fez ir embora de lá, jurando que nunca mais voltaria, mas diante daquela situação, eu preferia voltar. Era melhor que viver com medo.

Eu estava realmente em apuros, não podia continuar morando em Melbourne, se Cooper se sentisse ameaçado, me eliminaria sem pensar duas vezes, para ele seria uma tarefa simples até demais, bastava que desse a ordem ao seu segurança, um homem que parecia tão frio e cruel quanto ele.

Quando Lisa deixou o quarto, toda maquiada usando roupas novas, percebeu que eu tremia dos pés à cabeça no sofá e veio correndo sentar-se ao meu lado.

— O que aconteceu? Por acaso você viu um fantasma?

— Trinity está mesmo morta. Acabei de ver em um site de notícias. O corpo dela foi encontrado no rio. Não posso continuar em Melbourne, se Logan cismar que eu posso abrir a boca, vai me matar sem pensar duas vezes.

Uma ruga se formou no centro da testa delicada de Lisa.

— Eu queria te dizer que as coisas não são assim, mas é verdade. Quando a polícia começar a investigar, ele pode se sentir ameaçado.

— Eu sei.

— Mas para onde você pretende ir?

— Vou voltar para Capertee, é o único jeito.

— Mas se ele cismar de te encontrar, Capertee vai ser o primeiro lugar onde vai procurar e então não apenas você vai estar em risco, mas também a sua família.

Ela estava certa, eu não tinha para onde correr. Talvez fosse melhor procurá-lo logo e pedir que me matasse, só para me livrar do medo atarracado que tomava conta das minhas entranhas.

— Você tem razão. Eu não sei o que vou fazer agora. — Declarei, com desespero. — Você sempre

esteve certa quando dizia que esse trabalho noturno ia acabar me colocando em apuros, aí está a prova. Eu devia ter sido uma garota melhor, devia ter ido trabalhar de empregada doméstica como você, ou como caixa do supermercado, ou em qualquer outra coisa que não fosse à noite. Caramba! Eu estou ferrada, não é?

Lisa refletiu em silêncio por um longo momento, quando voltou a encarar o meu rosto havia um sorriso de satisfação brincando em seus lábios pintados de cor de rosa.

— Você pode ir para Sydney no meu lugar. — Declarou ela, surpreendendo-me.

— Eu não poderia fazer isso com você. Esse é o seu sonho.

— Isso não é nada diante da situação, além do mais, se eu consegui uma vez, consigo de novo, o importante nesse momento é que você esteja segura. Fique por lá pelo menos por um tempo, até a poeira baixar, depois você volta. Eu estava mesmo indecisa se iria ou não, por causa de James, você sabe o quanto o amo e o quanto essa distância seria ruim para nós dois. Talvez isso tudo seja um sinal de que não devemos nos separar, talvez seja melhor que eu fique e arranje alguma coisa por aqui mesmo.

Examinei atentamente o seu rosto de boneca, sondando quais eram seus verdadeiros sentimentos naquele momento, tentando descobrir se abria mão do seu maior sonho unicamente para me ajudar, ou se realmente queria ficar com o namorado, como dizia. Não tive dúvidas de que ela queria ficar, Lisa era muito transparente, o brilho apaixonado em seu olhar me dizia isso. Eu podia arriscar dizer que ela estava quase feliz pela oportunidade de não ter que se distanciar dele e agradei aos céus por ser assim, pois do contrário preferia correr todos os riscos a destruir o seu sonho.

— Você tem certeza disso, Lisa? Você lutou tanto por esse trabalho, vai abrir mão de tudo assim tão facilmente?

— Eu acho que só estava esperando um pretexto para não ir e ficar perto do meu amor.

— E como vai ser isso? Como vou me passar por você? Eu mal sei lavar uma louça, como vou ser governanta em uma casa tão grande?

Lisa ficou séria, subitamente.

— Isso vai ser um problema, mas não é nada que não possamos resolver. Basicamente, você vai ter que coordenar o trabalho dos demais funcionários da casa. Você tem que estar lá apenas amanhã, então temos a noite toda para eu te ensinar. Não é tão difícil assim. Além do mais, o proprietário não é tão exigente, aliás, as únicas exigências dele foram que eu tivesse experiência e que assinasse um termo de confidencialidade, garantindo que nada do que visse na casa seria mencionado do lado de fora.

— Que estranho. Por que isso?

— Essas pessoas são assim mesmo, eles mantêm uma imagem falsa perante a sociedade, mas é na frente dos empregados que mostram quem realmente são, quando traem, se drogam, mentem e aprontam todas. Esse tipo de termo é para que não falemos deles.

Percebi que aquilo realmente podia dar certo, eu poderia deixar a cidade por algum tempo, até a poeira baixar e Logan se convencer de que eu não o denunciaria e então poderia voltar, trazendo comigo a certeza de que nunca mais trabalharia em uma casa noturna. Havia aprendido a lição.

— Nesse caso, eu concordo e nem sei como te agradecer.

— Não precisa agradecer. É para isso que servem os amigos.

Emocionada, a tomei em meus braços, abraçando-a apertado, meu peito já inundando de saudade dela.

Visivelmente feliz, Lisa telefonou para o namorado com a notícia de que não viajaria mais, o que o deixou exultante. Não revelou o seu verdadeiro motivo, disse apenas que havia desistido e desmarcou também o encontro daquela noite, para ficar comigo e tentar me ensinar o trabalho que eu realizaria no meu lugar.

A agência através da qual ela foi contratada, uma das mais bem conceituadas do país, já havia comprado sua passagem de avião, de modo que eu não podia tomar o seu lugar no voo, por causa da fotografia nos documentos e precisaria ir de carro. Seria uma longa viagem, mas ainda daria tempo de

chegar no horário combinado, se dirigisse o dia inteiro. Ainda assim, precisei mudar de visual para ficar mais parecida com uma governanta, então, tingi os cabelos dourados de castanhos escuros, como os de Lisa e peguei algumas de suas roupas caretas emprestadas, já que não podia usar meus jeans rasgados nas pernas e minhas regatas com estampas de caveira em um ambiente tão sofisticado quanto ao meu novo local de trabalho.

No mais, o dono da casa não desconfiaria da troca, visto que sua foto não havia acompanhado seu currículo e mesmo que tivesse, podíamos facilmente ser confundidas, já que tínhamos os mesmos olhos azuis esverdeados e o mesmo tom de pele rosado.

Para não levantar suspeitas, telefonei para o clube avisando que tinha arranjado outro lugar para dançar e pedi que fizessem meu último pagamento por transferência bancária, só para não ter que aparecer mais lá. Na manhã seguinte, com o peito transbordando de saudade, mas com a certeza de que assim seria melhor, deixei Melbourne, dirigindo o meu velho carro popular, rumo a uma nova vida, em uma cidade desconhecida.

CAPÍTULO II

Definitivamente Sidney não estava sendo muito receptiva comigo. Tão logo adentrei a cidade mais populosa da Austrália, a chuva começou a cair, grossa e incessante, como se o céu fosse desabar a qualquer momento. Como se não bastasse, ao avançar pelas ruas da grande metrópole, fiquei presa em um engarrafamento quilométrico, o que não seria nada de mais, se eu não tivesse passado as últimas nove horas dirigindo, com apenas um intervalo rápido para o almoço e se não precisasse me apresentar no meu novo local de trabalho ainda naquele dia.

Para bloquear os sons incessantes das buzinas, enquanto estivesse parada, liguei o som do carro no último volume, deixando o que as vozes de ACDC, em Rock or Bust, enchesse o veículo e se expandisse também para todos os lados.

Como vinha fazendo durante toda a viagem, sempre que encontrava sinal de internet no celular, dei uma checada nos sites de notícias à procura de alguma informação sobre o assassinato de Trinity. A polícia ainda não havia descoberto nada, não tinham sequer uma pista de quem era o culpado e, pelo que eu conhecia do sistema, não investigariam por muito mais tempo, visto que ela era apenas a dançarina de uma casa noturna, sem grande relevância para a sociedade. Aquele caso acabaria exatamente como eu soube que seria quando começara: Logan ficaria impune e não havia nada que eu pudesse fazer para mudar isso, pois falar a verdade não o faria ser preso, apenas me complicaria.

Depois de quase meia hora parada na estrada de duas vias, o trânsito finalmente voltou a andar, porém, quando tentei dar a partida meu carro velho simplesmente se recusou a ligar.

— Droga! Era só o que me faltava.

Continuei tentando fazer com que a lata velha funcionasse, enquanto o tráfego se movimentava lentamente a minha volta. Os carros que havia na minha frente já tinham seguido adiante e desaparecido, a fila atrás de mim continuava formada, devido ao fato de que eu estava bloqueando a passagem. Deviam estar todos buzinando como loucos para que eu saísse da frente, não imaginavam que a música alta me impedia de ouvi-los.

Punhos cerrados apareciam para fora das janelas dos carros, evidenciando a indignação dos passageiros e motoristas, entretanto, nenhum deles parecia tão nervoso quanto o sujeito no Bentley Continental esportivo logo atrás de mim, que começou a piscar os faróis incessantemente.

Em meio à minha batalha desesperada para fazer o carro se mover do lugar, vi pelo retrovisor quando o motorista saiu do Bentley, usando uma capa de chuva preta folgada, com o capuz por sobre a cabeça, sem que eu pudesse enxergar o seu rosto. Se tratava de um homem alto e musculoso e um pinicão atravessou minha nuca quando cogitei que pudesse ser Logan, ou alguém enviado por ele para acabar comigo.

O pânico cresceu dentro de mim quando o sujeito parou ao lado da minha porta e bateu no vidro com as juntas dos dedos. Precisei respirar fundo várias vezes, tentando me acalmar, afinal eu não podia viver com medo, se Logan realmente quisesse me fazer mal não havia nada que pudesse impedir isso. Viver com medo não adiantaria muita coisa.

O sujeito começou a gesticular com as mãos, gestos bruscos, impacientes, e embora eu não pudesse ver a expressão em seu rosto oculto pelo capuz, soube que estava me mandando abaixar o som.

Criando coragem, diminui o volume da música e abaixei o vidro da janela.

— Será que dá para você tirar essa carroça do meio da rua? — A voz partiu do homem, grossa e ríspida.

— Carroça é o tanque de roupa que a tua mãe esqueceu de usar para lavar essa sua boca suja! — Retruquei, com o mesmo tom áspero e me arrependi assim que vi o corpo grande dele enrijecer sob a

capa grossa de chuva.

Droga! Se fosse alguém enviado por Logan, agora ele teria mais um motivo para acabar comigo.

— Não sei se você percebeu, mas está atrapalhando a passagem de metade da cidade.

— E eu não sei se você percebeu, mas o carro não está pegando.

Ele bufou, impaciente.

— Abre o capô, vou dar uma olhada.

Meu capô já não abria mais automaticamente há muito tempo, só que eu não ia proferir isso em voz alta na frente de um sujeito que dirigia um Bentley. Então, abri a porta e sai, sendo recebida pelos sons frenéticos das buzinas e pela chuva incessante que me deixou encharcada em questão de segundos, meus cabelos longos, agora escuros, grudando em meu rosto, minhas roupas se tornando quase que totalmente transparentes.

— O que está fazendo? Eu te mandei abrir o capô e não sair do carro.

— Pois é, ainda bem que você não manda em mim e não vou deixar um desconhecido mexer em meu carro sem a minha presença.

— Talvez eu vá roubar alguma peça.

Nossa! Quanta simpatia!

— Cuidado nunca é demais. — Rebatu.

Eu ainda não podia ver o rosto dele, mas tive quase certeza de que estava revirando os olhos para mim.

Contornei o veículo e abri o capô, uma nuvem de fumaça subindo no instante em que ele foi erguido.

Quando me virei para o sujeito, ele havia tirado a capa de chuva e quase fiquei sem fôlego ao observar o seu rosto. Era dono de uma beleza tão magnífica que dava vontade de pedir para tocar só para ter certeza de que era real. Tinha grandes olhos azuis, claros como as águas de uma piscina; as feições masculinas eram perfeitamente esculpidas, com o queixo forte, coberto por uma barba bem aparada, o nariz afilado, as sobrancelhas grossas e naturalmente arqueadas. Possuía feições duras, o olhar impaciente, como se o mundo a sua volta o irritasse pelo simples fato de existir. Os cabelos eram loiros escuros, cortados bem curtos.

Automaticamente, meus olhos desceram pelo seu corpo grande e mesmo por sob a capa grossa de chuva era possível notar que tinha o físico atlético, com quase um metro e noventa de altura, ombros largos e abdômen sarado.

Eu não tinha noção de há quanto tempo estava olhando para ele, fascinada, quase hipnotizada, quando sua voz firme e autoritária me chamou de volta para a realidade.

— Pega logo, veste isso. — Disse, oferecendo-me sua capa de chuva, uma atitude inesperada quando partida de alguém que parecia ser tão rude e mal-humorado.

Aceitei a capa, mas foi só porque estava começando a bater os dentes de frio e a vesti, sentindo-me inebriada com o cheiro gostoso que ela tinha.

O Deus grego diante de mim inclinou-se sobre o motor velho do carro, dando-me uma visão privilegiada da sua bundinha empinada dentro da calça molhada. Tocou o motor e puxou a mão em um sobressalto.

— Há quanto tempo você está dirigindo essa coisa? — Ele não se cansava de ser grosso, a rispidez parecia inerente à sua pessoa.

— Não tenho certeza, mas acho que umas nove horas. Estou vindo de Melbourne.

Ele fitou-me espantado.

— Você veio de Melbourne até aqui nessa lata velha?

— Se quiser parar de ofender o meu carro, eu agradeço.

— Carros como o seu deviam estar fora de circulação, pelo bem da humanidade.

— Mas acontece que não estão. Eu tenho licença para dirigi-lo, goste você ou não. Então vê se não

enche o saco.

Cada palavra que saía da minha boca parecia uma alfinetada no mau humor que aquele homem carregava, pois sua expressão se tornava cada vez mais irritada e impaciente. Mas que se fodesse ele, quem mandou ter a língua comprida?

Com um gesto brusco, ele fechou o capô, batendo-o com força, causando-me um susto, o que pareceu surpreendê-lo.

— Não está funcionando. Temos que empurrá-lo para o acostamento, para liberar o trânsito.

Ai, minha nossa! O que eu ia fazer se não conseguisse sair dali antes do anoitecer, para me apresentar no meu local de trabalho? Já era quase fim de tarde, eu não ia conseguir um mecânico a tempo, parar um táxi em uma rua movimentada como aquela seria praticamente impossível, minha única saída era pedir uma carona àquele estranho, afinal ele fora prestativo ao me dar a capa de chuva, podia haver algum vestígio de solidariedade por debaixo da sua grossa camada de arrogância. Não custava nada, além da minha dignidade, tentar.

Ele espalmou as mãos na traseira do carro e começou a empurrar. Pensei em ajudar, mais alguém precisava controlar a direção. Então, virei para o volante e guiei o veículo até o estreito acostamento.

Quando saí, só tive tempo de ver suas costas largas se afastando, indo na direção do Bentley. Devia estar mesmo com muita pressa, talvez para encontrar a sortuda a quem pertencia seu coração.

— Ei cara, pra onde você está indo? — Precisei alterar o som da voz para que se sobressaísse às buzinas dos motoristas nervosos.

— Para o norte.

— É a minha direção. — E era mesmo. — Pode me dar uma carona?

Ele coçou a cabeça, visivelmente irritado, do tipo que teria me feito desistir e mandá-lo ir para o inferno com seu carro de luxo, se eu realmente não precisasse ficar nesse emprego.

— Está bem. Mas não vou sair da minha rota. Você já me fez perder tempo o bastante por hoje.

Apressei-me em pegar minhas malas e entrar no Bentley, o carro mais luxuoso dentro do qual eu já estive. Senti até pena ao entrar toda molhada, mas o dono parecia não se incomodar com isso.

Tão logo arrancamos, permitindo que a fila de carros atrás de nós se movesse do lugar, usei meu celular para procurar por um reboque e avisar onde estava meu carro.

— Você mora por aqui? — Indaguei, apenas para puxar assunto.

— Não precisamos conversar. — Ele foi curto e grosso e só não retruquei porque estava me ajudando.

Sob o olhar perplexo dele, passei para o banco de trás, a fim de trocar as roupas molhadas por outras secas, pois não podia chegar ao meu novo trabalho com uma aparência tão deplorável.

— O que você está fazendo? — Indagou ele, observando-me através do retrovisor.

— Preciso trocar de roupa. Não posso chegar assim ao lugar para onde estou indo.

Tirei o jeans e a camiseta, ficando com apenas a calcinha e o sutiã, sem qualquer inibição, já que tirar a roupa na frente de estranhos não era nenhuma novidade para mim. Percebi que ele me secava pelo retrovisor e comecei a me preocupar que pudesse bater o carro e nos matar antes que eu tivesse tempo de assumir o meu primeiro trabalho descente.

— Você sempre tira a roupa na frente de estranhos? — Indagou o Deus grego.

O fitei diretamente nos olhos, através do pequeno espelho e assumi meu melhor olhar safado antes de responder:

— Sempre.

Enfiei a mão na minha mala e puxei a primeira coisa que alcancei: um vestido de malha amarelo, que veio junto com as peças que Lisa me emprestara. Joguei-o por cima e passei os dedos entre os cabelos molhados a fim de ajeitá-los o quanto fosse possível.

— Isso não é perigoso para você?

— O quê?

— Tirar a roupa na frente de quem você não conhece.

Eu ia abrindo a boca para dizer que não, quando me lembrei do que vira Logan fazendo.

— De vez em quando traz alguns problemas. — Percebi que nos aproximávamos da casa na qual eu trabalharia, na certa ele morava ou trabalhava por ali e eu não queria chegar acompanhada logo no meu primeiro dia. — Pode me deixar aqui.

— Você mora por aqui? — Ele quis saber.

— Nós não precisamos conversar, lembra? — Esperei que parasse no acostamento e saltei, para em seguida enfiar minha cabeça pela janela do carona e agradecer. — Obrigada por tudo.

— De nada.

Mesmo depois que me afastei da janela, ele continuou observando meu rosto, demoradamente, como se, por alguma razão, quisesse memorizar os meus traços, e então se foi.

Estava começando a escurecer e eu ainda precisava caminhar umas duas quadras até a casa que procurava. Ainda bem que a chuva havia passado. Puxando minha mala de rodinhas, com meus tênis encharcados, acelerei o passo, enquanto observava os arredores, impressionada com a suntuosidade do lugar. Tratava-se de uma rua larga, arborizada, que se estendia pelas proximidades da beira mar e era cercada por mansões imponentes de ambos os lados, distantes o bastante umas das outras para que os moradores sequer percebessem que tinham vizinhos. A casa que eu procurava ficava no final da rua, sobre um pequeno morro, cujo lado posterior dava acesso a um penhasco, diante do qual se estendia o mar de águas escuras, de onde era possível ouvir as ondas batendo no paredão de pedras enorme, formando uma paisagem meio fantasmagórica, porém, não menos glamourosa que as outras residências, devido ao luxo e à sofisticação presente em cada detalhe, desde o desenho arquitetônico da construção de dois andares, até a imponência do jardim, em estilo medieval, que se estendia diante dela.

Arrastei minha mala de rodinhas até os gigantescos portões de aço, imaginando que aquele seria o meu lar pelos próximos meses, afinal essa era umas das exigências do sujeito que contratara Lisa, queria que ela morasse no local de trabalho. Aliás, as exigências dele eram muitas, algumas até absurdas, como o fato de que só se tinha folga aos domingos.

Tão logo me identifiquei como Lisa Campbell, a nova governanta, os portões foram automaticamente abertos e ao me aproximar da porta, fui recebida por uma garota morena, de estatura mediana, cabelos longos e escorridos, olhos escuros, com mais ou menos a minha idade.

— Está atrasada. Espero que entenda que isso é inadmissível por aqui. — Disse ela, tentando parecer ativa e esboçar um ar de superioridade, o que não estava funcionando, eu podia enxergar a modéstia e a simplicidade através do seu olhar transparente.

— Desculpe. Eu sei que você não tem nada a ver com isso, mas tive um contratempo.

— Você tem razão, eu não tenho nada a ver com isso. Só tente se corrigir e evitar que isso aconteça de novo, se estiver realmente interessada nesse emprego.

Como as pessoas em Sidney eram simpáticas!

Ela afastou-se das portas duplas gigantescas, dando-me passagem para a sala principal, tão grande que se podia jogar uma partida de futebol dentro dela, mobiliada com móveis provençais, em estilo medieval, muito bem restaurados, o que proporcionava ao ambiente um aspecto meio sombrio.

Quem morava ali afinal, o conde Drácula?

Se esforçando para manter a postura ativa, mas sem muito sucesso, a garota apresentou-se como Lauren Ducan, filha da cozinheira da casa e antiga governanta, cujo lugar seria preenchido por mim. Mostrou-me o quarto no qual eu ficaria instalada, um verdadeiro cubículo se comparado ao tamanho dos demais cômodos, localizado nos fundos, depois da cozinha. Disse que eu devia deixar minha mala lá e saímos para uma excursão pela casa, quando ela me explicou que além de coordenar todo o trabalho da residência, eu devia também ajudar com a limpeza.

— Mas isso estava no contrato? O lance de ajudar com a limpeza? — Protestei, imaginando o quanto

seria cansativo limpar uma casa daquele tamanho, principalmente para alguém que não tinha o hábito de limpar nem o próprio quarto, como eu.

— Na verdade, isso não foi exatamente especificado, mas como você pôde ler, havia um artigo que falava sobre flexibilidade nas tarefas. Por quê? Isso vai ser um problema para você?

Claro que isso ia ser um problema, quando deixei Melbourne eu achava que trabalharia como governanta e não faxineira, entretanto não estava em posição de reclamar muito, afinal realmente precisava daquele tempo longe de tudo, até Logan se convencer de que eu jamais o denunciaria.

Enquanto me mostrava a casa imensa, com três ambientes de salas, biblioteca, cozinha planejada, um terraço a céu aberto com piscina e vista para imensidão do mar, e a meia dúzia de suítes no segundo andar, Lauren explicou-me que morava com a mãe e o irmão em uma casa para empregados nos fundos. A mãe era a cozinheira, enquanto que o irmão trabalhava como jardineiro e como motorista, quando requisitado. Quanto a ela, estava se afastando do trabalho devido ao fato de que acabara de ingressar na universidade.

Vi seus olhos escuros brilharem quando falou sobre isso e tive a estranha sensação de que minha vida não era normal, por eu jamais ter cogitado entrar em uma faculdade. Na verdade, eu havia abandonado o colégio antes mesmo de concluir o Ensino Médio, simplesmente porque não gostava de estudar. Optei por trabalhar desde cedo e ter o meu próprio dinheiro, sem precisar viver pedindo nada os meus pais, afinal sempre gostei de estar bem vestida e de ter o meu próprio carro.

No primeiro andar, paramos diante de uma porta larga de madeira, tão feia e mal-acabada que parecia não combinar com nada mais naquela casa. Segundo Lauren, dava acesso ao porão, o qual era usado como escritório pelo proprietário da moradia, que preferia trabalhar em casa ao invés de na empresa da qual era o dono, embora alternasse entre ambos os lugares.

— O escritório dele fica no porão? — Indaguei, surpresa, tomada pela súbita curiosidade de ver a cara do meu novo patrão.

Em minha mente, projetei a imagem dele como um homem bizarro, uma mistura do Drácula com o monstro de Frankenstein, alto, parrudo, barbudo e com os cabelos crescidos. Não era uma imagem muito bonita.

— Sim, mas não é um porão qualquer. Este foi reformado e planejado para que se tornasse um local de trabalho adequado. Este é o único local da casa em que você não tem permissão de entrar. — Uma seriedade exagerada tomou conta da expressão dos olhos dela, enquanto falava. — Essa é a regra mais rígida dessa casa. Em hipótese alguma você pode entrar nesse porão, entendeu?

— Sério? E com o quê o seu patrão trabalha, para que haja essa exigência? Por acaso ele é um traficante de drogas? — As palavras me escaparam, com tom de deboche, antes que eu pudesse contê-las.

Lauren tentou me repreender, mas não conseguiu manter a seriedade, logo seus lábios se curvaram e ela começou a gargalhar, contagiando-me tanto que passei a gargalhar junto com ela.

— Essa foi a teoria mais bizarra que já ouvi sobre o que Sr. Miller faz aqui. — Disse ela, sem conseguir parar de sorrir, agindo como a garota jovial que percebi que era no instante em que coloquei meus olhos nela.

Eu era capaz de detectar uma pessoa antipática com apenas um olhar e logo que a vi soube que não era assim, por mais que tivesse tentado se mostrar.

— Confesso que pensei também e algumas experiências científicas que envolvem cérebros humanos, ou bombas nucleares. — Completei e gargalhamos ainda mais alto.

De repente, a porta do porão se abriu e tive um vislumbre rápido da escuridão que partia do lado de dentro, antes que meus olhos se detivessem no homem de feições duras e olhar raivoso, que saía de lá, para minha mais completa surpresa, o mesmo que tirara o meu carro do meio da rua durante o engarrafamento e me dera carona.

Isso explicava porque estávamos indo para o mesmo lugar.

Ele parecia ainda mais lindo que antes, quase uma miragem, usando uma camisa branca de mangas compridas, mais despojada que o terno molhado que cobria seu corpo atlético algumas horas atrás. Seus cabelos curtos ainda estavam molhados e um jeans velho, rasgado, emoldurava suas pernas longas.

Cravou seu olhar duro em meu rosto, a raiva que vi antes nas suas duas piscinas azuis ainda mais intensa, como se tivesse acabado de nos flagrar ateando fogo na casa e não apenas sorrindo.

— Posso saber o que está acontecendo aqui? — Esbravejou ele, a voz grossa, ríspida e autoritária irrompendo pela casa, tão alta que lembrava o estrondo de uma trovoada fazendo eco entre as paredes.

Lauren e eu ficamos tensas ao mesmo tempo, o sangue fugindo da minha face, uma carta de demissão, por justa causa, se materializando em minha mente.

— Sr. Miller! Eu não sabia que estava em casa. — Lauren praticamente gritou, seu corpo completamente retesado de tensão, o rosto pálido, os olhos arregalados, presos ao homem diante dela. — Essa é Lisa Campbell, a nova governanta.

Ela disse Sr. Miller? Ah, merda! Aquele era meu novo chefe e nada tinha a ver com Drácula ou Frankenstein, estava mais para o Superman.

“— *Você sempre tira as roupas na frente de estranhos?*

— *Sempre.* ”

O pequeno trecho da nossa conversa — se era que se podia chamar aquilo de conversa —, ecoou em minha mente e me imaginei voltando para Melbourne, desempregada, tendo que ir buscar abrigo na casa dos meus pais no interior.

CAPÍTULO III

— O que você está fazendo aqui? — Indagou Alexander Miller, com a voz estrondosa, seus olhos ferozes fuzilando meu rosto, para em seguida varrerem-me de cima a baixo, dando a impressão de que relembra o momento em que troquei de roupa em seu carro.

— B-bom é que eu... B-bem, q-quer dizer... É que... S-sabe aquela hora... — Eu estava embaraçada, tropeçando em minhas próprias palavras, sem conseguir parar de pensar no que dissera a ele no carro, na péssima impressão que devia ter deixado. — Como ela disse, sou a nova governanta.

— Você tem certeza do que está fazendo, Lauren? — Indagou ele, olhando para a garota, a voz muito mais abrandada.

— Sim, Sr. Miller. É necessário que alguém tome o meu lugar enquanto eu estiver na faculdade e a agência através da qual a contratei é uma das melhores de Melbourne. Além do mais, ela ficará em período de teste por um mês.

Fiquei surpresa que um homem como ele atribuísse a uma garota tão jovem a responsabilidade de contratar uma governanta para a sua casa. Deviam ser muito próximos, talvez namorados.

Ele respirou fundo, resignado e por fim concordou, com a animação de quem concordava em fazer uma cirurgia no cérebro.

— Sinceramente espero não ter que me arrepender por isso. Siga todas as instruções de Lauren, ela é a sua supervisora direta. No mais, apenas fique longe do meu escritório. Fui claro?

— Claro como a luz do dia.

Com isto, meu novo e emburrado chefe voltou para o interior do porão, meus olhos se esticando para tentar enxergar alguma coisa lá dentro, em meio à negra penumbra, antes que ele fechasse a porta novamente.

— Ele não é tão ruim quanto parece. — Lauren garantiu, só que eu duvidava disso. O sujeito era um casca grossa.

Para finalizar a excursão, ela me levou para conhecer a casa onde morava com a mãe e o irmão, localizada nos fundos do jardim de trás da mansão. Era uma moradia modesta, com uma varanda repleta de plantas na frente.

Na sala, encontramos Jack, seu irmão. Um pouco mais velho que ela, ele parecia ser o típico carinha descolado, usando jeans rasgados, um corte de cabelo da moda e os braços cobertos por tatuagens.

— Se quiser sair para conhecer melhor a cidade, saiba que estou à sua disposição, princesa. — Disse ele, após as apresentações.

— Eu gostaria sim, só temos que esperar o meu dia de folga.

Conheci também a mãe, uma mulher de meia-idade, com fisionomia serena e atitudes firmes, que me acompanhou de volta para a mansão, quando foi preparar o jantar para o chefe.

De volta ao quartinho minúsculo, mobiliado com uma cama pequena, um armário ainda menor e mais nada, o qual eu ocuparia durante os próximos meses, desfiz minha mala com tristeza, sentindo saudade de Lisa e da animação do clube onde dançava. Eu não sabia por quanto tempo ia conseguir ficar naquela casa, trabalhando o dia todo em algo que não gostava de fazer, passando as noites olhando para aquelas paredes nuas e cinzentas. Se não houvesse qualquer acusação contra Logan dentro de dois meses, eu não me demoraria mais que esse período para voltar para Melbourne. Seria tempo suficiente para que ele se convencesse de que eu jamais o denunciaria.

Talvez nem precisasse disso, talvez eu estivesse exagerando em ter deixado a cidade, mas o medo dentro de mim falava muito mais alto que o meu poder de decisão. E esse medo ainda me acompanharia por muito tempo, pelo menos enquanto eu me lembrasse do corpo sem vida de Trinity estendido sobre

aquele palco e do seu assassino ao lado, agindo como se nada de grave tivesse acontecido.

Eu havia perdido a noção de quanto tempo estava ali deitada, olhando para as paredes, pensando na vida, quando houve uma batida suave na porta.

— Quem é?

— É Meg. O Sr. Miller quer falar com você na biblioteca.

Bastou que o nome daquele homem fosse pronunciado para que um frio atravessasse o meu estômago. Se ele queria falar comigo, eu tinha certeza de que boa coisa não era. Definitivamente, ele tinha cismado com minha cara.

— O que ele quer? — Indaguei, ao abrir a porta, buscando algum vestígio de gravidade no semblante da mulher que me esperava do lado de fora.

— Eu não sei. É melhor você perguntar para ele. Sabe onde fica a biblioteca?

— Sei sim, obrigada.

Encontrei meu novo chefe em pé no centro da biblioteca suntuosa, de costas para a porta, observando fixamente uma das prateleiras que se estendia até o alto da parede. Parecia compenetrado demais, como se contasse cada livro que existia ali, embora eu desconfiasse de que seus pensamentos não estavam na mesma direção que seu olhar.

Parecia incrível como ele combinava com aquele lugar tão elegante, com sua postura altiva e imponente, exalando poder em cada detalhe seu, apesar da simplicidade das roupas que vestia.

Aproximei-me com passos hesitantes e precisei pigarrear para que ele soubesse que eu estava chegando.

Alexander virou-se e cravou o seu olhar raivoso em meu rosto, fitando-me com tanta intensidade que um arrepio percorreu meu corpo inteiro, ao mesmo tempo em que minha face queimava, pois era impossível olhar para ele e não tentar imaginar qual seria o sabor daquela boca bem desenhada; não tentar visualizar seu corpo por baixo das roupas; como ele agia e como se movia nos momentos de intimidade. Pensar nele de forma tão íntima despertou um calor lascivo na altura do meu ventre, algo que não pude evitar, pois aquele homem simplesmente mexia com a minha imaginação. Talvez isso fosse resultado de eu estar há tempo demais sem fazer sexo, talvez devesse aceitar o convite de Jack para ir conhecer a cidade, na primeira oportunidade que surgisse. Para falar a verdade, nem precisávamos ir tão longe assim.

— O Sr. quer falar comigo?

— Sim, foi por isso que te chamei. — O tom da sua voz era tão duro quanto a sua fisionomia. — Eu não sei em que buraco de agência de trabalho Lauren te encontrou, mas nem por um instante acredite que você pode me enganar. — Processei suas palavras e senti o sangue fugir da minha face, um bolo se formando em meu estômago. Aquele homem sabia que eu não era Lisa, eu não imaginava como, ou quando, mas ele havia descoberto a verdade. No mínimo me expulsaria de sua casa e eu teria que voltar a me expor ao perigo de ser eliminada por Logan em Melbourne. Droga! Eu sabia! Isso estava fácil demais. — Pela forma como você agiu em meu carro, sei que não é uma profissional qualificada para esse cargo. Não importa o que o seu currículo diz. Só não a demito agora mesmo porque prometi a Lauren que tentaria, mas esteja ciente de que, ao primeiro desliz, você estará na rua. Essa ainda é uma casa respeitável, não vou aceitar farras, homens e bebedeiras aqui. Será que fui pouco claro?

Demorei alguns instantes para digerir o que ele dizia e fui inundada por um alívio indescritível, ao perceber que ele não sabia de nada, estava apenas me julgando por ter tirado a roupa dentro do seu carro, como qualquer ser humano arrogante faria. Eu teria ficado puta com sua grosseria, se não estivesse tão agradecida pela oportunidade de continuar no emprego.

— Eu sei que não tem explicação para o que fiz em seu carro, mas acredite, eu não faço isso sempre. Foi só uma brincadeira e meu comportamento não vai interferir no meu trabalho.

Eu me esforçava para parecer humilde, mas só porque não podia perder aquele emprego, pois achava

que ele estava sendo grosso e exagerado. O fato de uma garota trocar de roupa no banco de trás do carro de um estranho, não indicava que esta garota vivia em meio a farras e bebedeiras. Pelo menos não na minha concepção.

— Em qualquer outro lugar, a sua brincadeira seria suficiente para que você fosse demitida. Como já falei, vou fazer uma concessão, por Lauren, mas no primeiro deslizê você está na rua, entendeu?

— O Sr. já disse isso, não precisa ficar repetindo. — As palavras me escapuliram, sem que eu conseguisse evitar e pude ver a irritação se intensificar no olhar dele.

No dia seguinte eu me empenharia em aprender aquele trabalho, me tornaria a melhor governante da Austrália, porque se eu dependesse da simpatia do chefe para permanecer no emprego, estaria completamente ferrada. Aquele sujeito havia cismado com a minha cara, tanta antipatia não podia estar relacionada apenas com o fato de eu ter me despido no carro dele.

— E tem outra coisa. Fique bem longe do meu escritório. Eu sei que Lauren já te disse isso, mas não custa lembrar. — Com isto, ele passou por mim, com passos firmes, e deixou a biblioteca.

O que tinha de tão secreto no escritório dele? Estaria praticando atividades ilegais, como lavagem de dinheiro, falsificação de documentos, ou embalagens de drogas? Apesar de a minha curiosidade ser crescente, eu nem tentaria saber, já bastava a encrenca na qual estava envolvida.

Ao passar pela cozinha, enquanto voltava para o meu quartinho nos fundos, Meg ofereceu-me o jantar que acabara de preparar e aceitei, pois embora não tivesse o costume de comer à noite, me faria bem ficar um pouco na companhia de alguém gentil como ela, depois de passar por Alexander Miller.

— O Sr. Miller é sempre emburrado assim? — Indaguei, enquanto a mulher me servia da macarronada, cujo aroma me dava água na boca.

— Ele tratou você com rispidez?

— Sim, acho que não foi muito com a minha cara.

Meg serviu-se também, antes de sentar-se diante de mim na bancada.

— Ele é um homem marcado por muitas perdas, por isso age assim.

— Que perdas?

— Primeiro ele perdeu os pais, em um acidente de avião, depois perdeu a esposa e mais recentemente quase perde a irmã mais nova para o câncer. Eu sei que isso não dá a ele o direito de tratar ninguém mal, mas ele não tem sido mais o mesmo homem de antes.

Realmente aquilo não justificava o comportamento dele, mas era compreensível. Devia ser muito difícil ter perdido tantas pessoas queridas, o que provava que o dinheiro realmente não trazia felicidade, afinal ele tinha tudo, era milionário e ao mesmo tempo não tinha nada, pelo menos nada que importasse de verdade.

— E como ele era antes?

Levei uma garrafada do macarrão à boca. Estava tão delicioso quanto seu cheiro anunciava.

— Costumava ser um sujeito jovial, sempre de bem com o mundo, apaixonado pela esposa, como nunca vi um homem amar uma mulher. Depois do acidente, ele se fechou completamente para a vida.

Nossa! Eu podia até imaginar o quão especial era essa mulher, para ser dona do amor de um homem como ele, lindo, charmoso e irresistivelmente atraente. Era realmente uma pena que a morte não poupasse ninguém, nem as pessoas mais especiais.

— Se fechou como? Ele não sai mais com garotas?

— Não que saibamos. A vida dele agora é o trabalho.

— E que tipo de trabalho ele faz trancado naquele porão? — Eu sabia que devia ter segurado a língua, mas definitivamente eu não era boa nisso.

Vi a face de Meg se tornar ligeiramente pálida, e a curiosidade de ver o que havia por trás da porta daquele porão se tornou quase insuportável dentro de mim.

— O trabalhode um executivo. Ele herdou a empresa de telecomunicações dos pais e se dedicou

duramente a torná-la ainda maior do que já era. Ele é um executivo, que faz trabalhos de um executivo.

— Mas em casa? Longe da empresa?

— Ele vai à empresa também, quando há necessidade. Geralmente prefere presidir tudo de casa mesmo. Você quer tomar um pouco de suco?

Ela levantou-se para ir até a geladeira, como se estivesse fugindo do assunto e embora desejasse saber mais, eu não podia continuar perguntando sem parecer impertinente.

Continuamos conversando durante o restante da refeição, quando Meg me contou que sua família trabalhara para os pais de Alexander, durante praticamente toda uma vida e que este optara por continuar com eles após o acidente, principalmente pelo fato de sua falecida esposa, Christine, ter escolhido morar em uma casa tão grande. Contou também que o seu marido era o motorista oficial da família, mas fora levado por um derrame, há alguns anos.

Voltei para o meu quatinho minúsculo com todas aquelas histórias na minha cabeça, me inquietando. Tomei um demorado banho quente, vesti um moletom folgado, conversei um pouco com Lisa, em uma chamada de vídeo, quando chegamos à conclusão de que, pela ausência de atualizações sobre o assassinato de Trinity nos sites de notícias, o caso logo seria esquecido e, por fim, deitei-me, porém, apesar da exaustão acarretada pela viagem, não consegui adormecer, ou sequer relaxar, achando tudo estranho demais, desde o lugar desconhecido, até o desábito de dormir à noite. Rolei de um lado para outro da pequena cama durante longas horas, incomodada pelo calor insuportável. Era um absurdo que em uma casa tão luxuosa não existe sequer um ventilador barato no quarto da empregada.

Cansada de tentar, fui para a sala em busca de distração na televisão. Àquela hora não devia haver mais ninguém acordado na casa, eu poderia assistir filmes até que o sono chegasse, pelo menos foi nisso que eu acreditei.

Ledo engano! Eu havia acabado de chegar à sala, completamente envolvida pela penumbra, ainda não tinha nem ligado a televisão, quando ouvi o som de uma porta sendo destrancada, seguido do rangido da mesma sendo aberta e batida logo em seguida. Era a porta do porão. Pude enxergar Alexander saindo lá de dentro e apressei-me em me esconder atrás da cortina, sem ter certeza se tive tempo de não ser vista por ele.

Meu chefe dirigiu-se na direção da cozinha, com passos largos, vagarosos e precisos, como os de um felino. Usava apenas uma cueca branca, que se colava ao seu corpo e apesar da pouca claridade pude perceber que tinha um físico de tirar o fôlego, com o peito musculoso, coberto por uma rala camada de pelos loiros escuros, os bíceps pronunciados, o abdômen cheio de gominhos fazendo o formato de um V, as coxas eram longas e peludas, o bumbum empenado. A protuberância, deliciosamente volumosa, na frente da cueca, prendeu a minha atenção, produzindo um calor gostoso abaixo do meu umbigo, que se espalhou depressa pelo meu sangue.

Curiosa, e ao mesmo tempo atraída, o segui pela casa escura, escondendo-me atrás da porta quando ele adentrou a cozinha, de onde eu podia enxergá-lo perfeitamente, sem ser vista. Ele acendeu a luz, dando-me uma visão ainda mais exata do seu corpo gostoso, foi até a pia, encheu um copo com água e bebeu com goles generosos, abandonou o copo de lado e apoiou as duas mãos sobre o mármore. Permaneceu imóvel por um longo momento, como se seu corpo estivesse ali, mas sua mente vagasse por outros lugares. De repente, de forma inesperada, desferiu um soco violento do seu punho cerrado na parede a sua frente, tão brutalmente que tive a impressão de que toda a casa estremecia.

E não parou por ali. Agindo como se estivesse completamente louco, começou a destruir tudo o que suas mãos alcançavam, jogando pratos, talheres e copos no chão, quebrando a porta da lava-louças.

Por um instante, tive a impressão de que havia me visto e estava tendo um ataque de fúria por causa da minha proximidade, mas não era isso, a ira dentro daquele homem era muito maior que a implicância que ele tinha comigo, era algo que parecia partir do fundo da sua alma, algo que o atormentava e abalava de forma perturbadora demais.

Cogitei ir até lá tentar acalmá-lo, oferecer-lhe um ombro amigo, porém eu não sabia do que se tratava, ele havia acabado de sair do misterioso porão, podia estar fazendo qualquer coisa lá dentro, inclusive se drogando, ou mais extremamente, realizando algum tipo experimento científico macabro em si mesmo, que o levara àquele descontrole.

Meu chefe havia destruído praticamente metade da cozinha, cacos de vidro e fragmentos de eletrodomésticos encontravam-se espalhados por todos os lados, quando por fim ele parou, permaneceu imóvel por um instante, ofegante, a fisionomia contorcida de uma angústia tão profunda, que precisei de muito esforço para me manter no lugar e não ir até lá confortá-lo. Por fim, percorreu os olhos em volta, desorientado, como se só então se desse conta do que havia feito. Tentou consertar as coisas, colocando a torradeira quebrada de volta no lugar, mas logo percebeu que não conseguiria dar um jeito naquela bagunça toda assim tão facilmente, então desistiu e dirigiu-se para a porta, caminhando depressa, atravessou a sala na qual eu me encontrava escondida, e desapareceu em direção à escadaria que levava ao segundo andar.

Continuei imóvel por um longo momento, envolvida pela penumbra da sala, atônita com o que acabara de presenciar. O que significava aquilo? O que havia de errado com aquele homem? O que tinha atrás da porta daquele porão? Eram muitas perguntas sem resposta e embora isso pudesse ser perigoso, eu daria um jeito de descobrir do que se tratava, porque a minha curiosidade se tornara muito maior que a minha capacidade de ficar fora de encrencas.

Não que Alexander merecesse a minha solidariedade, pelo contrário, ele merecia toda a minha hostilidade, entretanto, como eu estava sem sono, decidi dar um jeito na bagunça deixada por ele na cozinha, até para evitar que Meg levasse um susto quando visse aquilo pela manhã e achasse que algo grave tinha acontecido ali, visto que parecia que meia dúzia de homens haviam lutado entre si em meio a pratos e panelas.

Limpei tudo rapidamente, joguei o lixo fora e voltei para o quartinho. Já passava das duas horas da madrugada e por fim consegui adormecer, recuperando minhas energias durante as poucas horas de sono que tive até o amanhecer, quando dei início ao meu primeiro dia de trabalho.

Usar uniforme era outra exigência que constava no contrato que Lisa assinara e fui obrigada a vestir um dos trajes previamente preparados para ela, um conjuntinho azul marinho de saia lápis e terninho completamente desnecessário e desconfortável, não apenas porque tinha o tamanho dela e como minha amiga era baixinha e magrinha, ficava muito apertado em mim, mas porque o tecido era grosso, o terno tinha mangas compridas, de modo que parecia ter a função de sufocar e não de vestir. Na cozinha, encontrei Meg terminando de preparar o café, cujo aroma tomava todo o ambiente, causando-me água na boca.

CAPÍTULO IV

— Olá, bom dia. Acordou cedo. — Comentou ela, a tranquilidade em seu semblante transmitindo-me uma paz gostosa, do tipo que me fazia sentir confortável em sua presença.

— Preciso me acostumar ao trabalho em uma casa tão grande.

Sentei-me à bancada e ela me serviu uma xícara do café fumegante.

— A última casa em que você trabalhou não era tão grande quanto essa?

Caralho! Eu precisava tomar mais cuidado com o que falava, afinal havia assumido a identidade de outra pessoa e embora essa pessoa fosse a minha melhor amiga, o que eu fazia não deixava de ser crime de falsidade ideológica.

— Era muito menor. — Menti.

Enquanto Meg preparava torradas e suco de laranja, pedi a ela que me desse algumas dicas sobre como devia realizar o meu trabalho. Antes, eu achei que teria apenas a incumbência de coordenar os demais funcionários, porém, não me sentia encorajada a tentar mandar no trabalho daquelas pessoas tão mais experientes e tão mais antigas no local de trabalho que eu. Isso seria no mínimo injusto.

Enquanto assistia Meg preparando o café da manhã do Sr. Miller, e tomava o meu, eu a ouvia. De acordo com o que dizia, basicamente eu tinha que providenciar um cardápio para toda a semana, cuidar para que as roupas do Sr. Miller estivessem sempre lavadas, engomadas e bem arrumadas, e para que a casa estivesse sempre em ordem. Só que isso era pouco pelo salário que eu recebia, então decidi que faria uma faxina profunda pelo menos duas vezes por semana, como Lauren me instruíra.

Quando a mulher deixou a cozinha para ir servir o café do nosso chefe, relembrei o episódio da noite anterior, quando ele quebrara tudo o que o cercava, ali naquele mesmo cômodo. Será que ele era louco? Era o que parecia durante o seu ataque de fúria.

Eu não tinha ideia de onde o Sr. Miller tomava o seu café da manhã, mas não o vi em parte alguma enquanto atravessava as salas, em direção ao segundo andar, com o material de limpeza em mãos. Talvez estivesse no terraço, ou já houvesse saído.

Comecei limpando as suítes que se encontravam desocupadas, troquei lençóis de cama, cortinas, aromatizei os banheiros e em algumas até troquei os móveis de lugar. Apesar de cansativo, e do uniforme incômodo, até que o trabalho doméstico não era tão terrível assim, eu podia viver com isso durante os próximos meses.

A suíte do Sr. Miller era a única ocupada da casa. O cheiro gostoso do perfume dele ainda se encontrava impregnado no ar, misturado ao cheiro de loção pós-barba e sabonete, quando adentrei o aposento enorme, decorado de forma sóbria e ao mesmo tempo sofisticada, com cortinas escuras cobrindo toda a parede que dava para o lado de fora, uma cama tão grande que caberia facilmente meia dúzia de pessoas, estante com todos os tipos de aparelhos eletrônicos modernos que se podia imaginar, uma sacada grande com vista para o oceano e um closet que parecia outro quarto, tão grande se revelava. Porém, o que realmente atraiu a minha atenção, foi a fotografia no porta-retratos com bordas de prata que se encontrava sobre o criado-mudo. Nela era possível ver o Sr. Miller, um pouco mais jovem, com os cabelos crescidos, sem a barba, com um sorriso gigantesco nos lábios, o que tornava seu semblante muito mais jovial e relaxado. Estava em uma pista de esqui, abraçado com uma mulher alta, magra, com longos cabelos loiros e olhos azuis, tão linda que parecia saída de uma revista de moda. Seria aquela a sua esposa falecida? Era óbvio que sim, um homem amargurado por perdas não teria a fotografia de outra mulher na cabeceira da sua cama.

Curiosa para saber mais sobre a história dele e da mulher que foi capaz de conquistar seu coração de

forma tão arrebatadora, fui vasculhar o closet em busca de mais fotografias, não sem antes checar o banheiro e a sacada, só para ter certeza de que ele realmente não estava ali.

No closet, como eu já esperava, encontrei alguns álbuns de fotografias dentro de uma caixa em formato de coração, junto com cartões postais, CDs e outras lembrancinhas. Apreensiva, temendo ser flagrada pelo meu chefe a qualquer momento, abri um deles e vi várias fotografias da mesma mulher, algumas em que ela estava sozinha, outras com Alexander. Era ainda mais linda do que eu havia suposto. Pelo que se percebia, em algumas fotografias, havia sido uma modelo das passarelas da moda, provavelmente uma das mais requisitadas do mundo, considerando a quantidade de eventos dos quais participava.

Não era de espantar que Alexander tivesse conquistado o amor de uma mulher deslumbrante como aquela, ele próprio era um homem deslumbrante, capaz de despertar o desejo em qualquer criatura do sexo feminino, que tivesse sangue nas veias. Era possível compreender porque ele se mostrava tão transtornado, ambos pareciam perdidamente apaixonados nas fotografias em que estavam juntos. Não devia ser fácil perder tudo isso por causa de um acidente de carro idiota.

Em outro álbum que abri, pude ver fotos da família dele, o casal de empresários elegantes, que deviam ser os pais; o cara loiro de olhos azuis, muito parecido com ele, que devia ser o irmão e a adolescente loirinha, com aspecto de doente, que devia ser a irmã que tivera câncer.

Olhei mais alguns álbuns, todos repletos de fotos da família e tive a sensação de que lia um livro de romance, cujo final era triste e realmente senti pena de Alexander, por ter tido perdas tão irreparáveis, que certamente o marcaram muito profundamente.

Apressei-me em terminar a faxina no seu aposento, antes que fosse apanhada bisbilhotando e voltei para o primeiro andar. Estive tão entretida com o trabalho, — e olhando fotografias — que só então percebi que a manhã já havia acabado, era meio-dia e Meg me convidava para almoçarmos juntas na cozinha.

— E os seus filhos, almoçam aonde? — Indaguei, enquanto saboreava, com muito apetite, o frango assado com salada de legumes que ela preparara.

— Eles fazem a própria comida em casa, ou pelo menos faziam. Lauren fazia. Agora que ela começou a estudar, tenho a impressão de que Jack virá buscar um prato para ele todos os dias, como veio hoje.

Sorri da forma carinhosa, e ao mesmo tempo hilária, como ela se referia ao filho.

— Fico feliz que Lauren tenha conseguido ingressar em uma faculdade. Ela deve ser muito inteligente para ter conseguido passar no processo seletivo para a universidade pública.

— Sim ela é inteligente, mas não o bastante para passar no processo seletivo. Na verdade, depois de várias tentativas fracassadas, o Sr. Miller ofereceu-se para pagar uma faculdade particular para ela. E agora ela cursa jornalismo, que é com que sempre sonhou.

Fiquei surpresa com as suas palavras, não imaginava que por baixo de todas as camadas de amargura e arrogância de Alexander, pudesse existir um homem solidário e generoso.

— Como era a vida dele antes de perder a esposa?

Meg soltou um suspiro profundo, fitando o vazio à sua frente por um instante, como se buscasse as lembranças no fundo da sua memória.

— Era completamente diferente. Ele era um homem feliz, muito mais ativo e cheio de energia. Era muito apaixonado pela esposa. Quando ela viajava a trabalho, para desfilarem em algum evento em outro país, ou participar de alguma campanha publicitária bilionária, ele largava tudo para ir junto. Depois daquele acidente, uma parte dele foi levada também.

— Como aconteceu o acidente?

— Ela estava indo encontrá-lo na casa do lago e capotou. Foi horrível.

— E os pais dele, como morreram?

— Estavam voltando das férias no Caribe, quando o avião caiu.

— Minha nossa! Quanta tragédia.

— Pelo menos Kristen conseguiu sobreviver, ela teve um câncer, quase a perdemos também.

Ela me contou sobre a Jovem Kristen e como conseguiu se livrar de um câncer no pulmão, graças ao irmão mais novo, que passou meses na América em busca de uma cura, inclusive se envolveu com a máfia russa e estava noivo da médica responsável pela recuperação da garota. Eram histórias tão incríveis que tornavam o mundo de Alexander não apenas tristes, mas também fascinante. Minha vontade era de pedir que Meg continuasse falando, que me contasse tudo com detalhes. Não que fosse bisbilhoteira, ouvi-la era mais ou menos como acompanhar a trama de uma novela.

Depois do almoço, dei a mim mesma alguns instantes de folga, quando fui para meu pequeno quartinho e aproveitei para conversar com Lisa enquanto descansava. Fiquei gelada dos pés à cabeça quando ela me contou que o dono do clube havia telefonado várias vezes à minha procura, estranhando o fato de eu ter abandonado a vaga assim sem mais nem menos, o que me levou a temer que ele pudesse estar me procurando a mando de Logan e para que não voltasse a incomodar Lisa, ao mesmo tempo em que o despistava, telefonei para ele dizendo que havia conhecido um cara legal e estava com ele na França.

Após o merecido descanso, voltei a vestir o uniforme desconfortável e parti para a faxina no primeiro andar, não que pretendesse terminar tudo naquele dia, provavelmente eu demoraria uma semana para limpar toda a casa, porém faria o que estivesse ao meu alcance.

Eu estava sobre o último degrau de uma escada dupla, na biblioteca, espanando a poeira dos últimos livros da gigantesca prateleira, totalmente distraída, quando a voz de Alexander irrompeu pela sala, grossa, ríspida e estrondosa, como sempre.

— O que pensa que está fazendo aí em cima? — Esbravejou ele, tão repentinamente que levei um susto e perdi o equilíbrio sobre a escada de aço.

Ainda tentei me manter sobre ela, imaginando o quanto me machucaria se caísse daquela altura, mas os meus esforços foram em vão. Girando os braços no ar, como se isso fosse capaz de me impedir de cair, desabei junto com a escada, um grito alto e agudo escapando da minha garganta. Tudo aconteceu muito rápido e quando achei que me estatelaria no chão, o corpo grande de Alexander me amparou, amortecendo minha queda.

Devido ao Impacto violento, nossos corpos se embolaram um no outro e rolaram desordenadamente pelo assoalho, ora ele por cima de mim, ora eu por cima dele. Até que finalmente paramos, seu corpo grande e sólido como uma rocha cobrindo o meu, de cima a baixo.

— Você está bem? Se machucou? — Indagou ele, sua voz soando calma e gentil pela primeira vez desde que o conheci.

Com meu coração disparado no peito, por causa da adrenalina, ergui o olhar para fitá-lo no rosto e meu coração bateu ainda mais depressa quando me deparei com o par de olhos azuis me observando de muito perto. Pouco a pouco, meu organismo foi se despiando do medo, ao mesmo tempo em que se tornava muito consciente do calor masculino que partia dele, das suas coxas grossas segurando-me entre os joelhos, do peito rochoso pressionando meus seios dentro do terninho, das mãos firmes e grandes me segurando pelas costas. Sensações libidinosas me invadiram inteira, fazendo o meu sangue fluir mais quente nas veias, o calor da lascívia se manifestando no espaço entre minhas pernas, me fazendo latejar e umedecer com uma facilidade impressionante.

— Acho que nunca estive melhor. — Sussurrei, sem conseguir disfarçar a respiração ofegante.

Um vislumbre de surpresa atravessou o brilho dos seus olhos, para em seguida dar lugar a uma calidez que me deixou ainda mais afetada. Enfim o grande Alexander dava indícios de que não era tão imune assim a uma garota, pelo menos não quando essa garota caía em cima dele.

Envolvidos por uma energia surpreendentemente sexual, continuamos imóveis por um longo momento, seus olhos presos aos meus, seu corpo grande me envolvendo inteira, o desejo correndo solto em minhas veias e aparentemente também nas dele. Por fim, meu chefe fez seu primeiro movimento, quando empurrou os seus quadris de encontro ao meu corpo, pressionando seu colo no meu, permitindo que eu

sentisse a ereção pulsando contra o meu ventre, despertando-me um tesão tão arrebatador que deixei escapar um gemido.

Me deixando guiar pelo turbilhão de sensações que emergiam dentro de mim, levei minha mão ao seu rosto lindo e acariciei sua barba, com a ponta dos dedos, fascinada com o quanto era macia e como o seu queixo parecia ainda mais forte de encontro a minha pele.

Instintivamente, umedeci os meus lábios com a ponta da língua, enquanto deslocava o meu olhar para a sua boca ampla, implorando silenciosamente por um beijo.

Alexander também levou seu olhar para os meus lábios, o fogo do desejo refletido na sua expressão. Chegou a inclinar um pouco a cabeça, mas antes que sua boca alcançasse a minha, algo o fez desistir e em um rompante, ele me soltou e se levantou, dando-me as costas, como se tentasse esconder o que sentia.

Levantei-me também e apalpei o meu corpo todo, só para ter certeza de que não tinha quebrado nada, afinal havia caído de uma altura de quase três metros. Além da saia do uniforme que se rasgara até o ápice da coxa, não parecia ter sofrido nenhum dano.

— Tem certeza que não está machucada? — Alexander indagou, sem se virar para me encarar.

Pude perceber o quanto parecia tenso, com as costas enrijecidas, a postura ereta demais.

— Acho que não. Aparentemente estou inteira. Obrigada por me aparar.

Finalmente, ele se virou de frente para mim e cravou seus olhos lindos diretamente em meu rosto, examinando-me como se buscasse algo na minha fisionomia. Depois, desceu o olhar para a minha coxa desnuda, observou-a por um instante e voltou a encarar-me. Sua expressão estava abrandada, desprovida da fúria que eu já conhecia, o que o tornava ainda mais irresistível.

— Você caiu por minha causa, te segurar era o mínimo que devia ter feito. Eu não queria gritar com você, apenas te avisar que não é seguro subir em uma escada tão velha.

Considerando a forma abrupta como ele vinha agindo comigo desde que nos encontramos na estrada, aquilo era quase a recitação de um poema.

— Não foi culpa sua, eu apenas me assustei. Foi um acidente e acidentes acontecem.

Só me dei conta de que havia falado bobagem quando vi a dor emergir nas suas duas piscinas azuis. Onde eu estava com a cabeça para falar sobre acidentes na frente de um homem que havia perdido tantas pessoas em acidentes? Eu precisava fazer terapia, isso sim.

— Se sentir alguma dor, peça a Jack que te leve ao hospital. Até lá tente não subir em escadas novamente.

Com tais palavras, ele deixou a biblioteca, seus passos largos e firmes ecoando pelo cômodo imenso.

Tentei voltar a me concentrar na faxina, mas não consegui, então apenas me joguei no conforto de uma poltrona, meu corpo e minha mente completamente tomados por aquele homem, seu cheiro gostoso parecia ter ficado impregnado em mim, seu calor ainda ardia em minha pele, despertando-me pensamentos luxuriosos, um verdadeiro filme pornográfico se passando em minha cabeça. Eu seria capaz de me entregar a ele de todas as formas que uma mulher podia pertencer a um homem, só não sabia ainda como isso podia funcionar, não tinha noção de como eram as coisas entre uma governanta e o seu patrão. Não que eu ambicionasse ter um relacionamento sério com ele, eu sabia o meu lugar. Além do mais o que eu sentia era puramente carnal, um desejo ardente que podia ser saciado com algumas horas de sexo. Entretanto, eu estava carregando o nome e a reputação de Lisa, se transar com o patrão fosse considerado antiético, provavelmente mancharia o currículo perfeito dela. Por outro lado, era só não abrir a boca sobre isso.

Não vi mais o meu chefe durante o restante daquele dia. Jantei na companhia agradável de Meg, conversei demoradamente com Lisa, através de uma chamada de vídeo e, esperando ver Alexander novamente desfilando pela casa só de cueca, em vez de ir dormir fui para a sala e me coloquei diante da televisão ligada, quando a casa estava completamente silenciosa, mergulhada na penumbra. Contudo, ele não deu o ar da sua graça, o que me deixou ligeiramente frustrada.

No dia seguinte, ao acordar, fui direto para a casa dos empregados, falar com Lauren antes que ela saísse para a faculdade. Precisava pedir permissão a ela para usar minhas roupas ao invés daquele uniforme ridículo e desconfortável, até porque só havia duas mudas e uma delas se rasgara quando caí da escada.

— Isso é o que eu chamo de começar o dia com uma bela visão. — Foi Jack quem falou, quando me aproximei da moradia modesta. Ele estava na frente, podando as plantas do jardim florido que fazia parte da mansão.

— A visão vai até continuar bela se a sua irmã me deixar trabalhar usando minhas roupas e não aquele uniforme ridículo que encomendou para mim.

Os lábios de Jack se dobraram em um sorriso descontraído, seus olhos castanhos claros se tornando ainda mais brilhantes. Até que ele era um sujeito atraente, do tipo que já teria despertado o meu interesse se eu conseguisse enxergar outro homem na minha frente que não Alexander.

— Se ela se recusar a te atender, me avisa que dou uns puxões de orelha bem dados nela.

— Não precisa. Não sou o tipo de garota que pede ajuda aos outros para resolver os próprios problemas. Se ela não concordar, trabalho vestida com aquela lata de sardinha mesmo.

— Uma garota independente e autossuficiente, é tudo o que preciso na minha vida.

Sorri do seu comentário e avancei pela pequena casa, encontrando Lauren na sala, se dirigindo com pressa na direção da saída, com a bolsa grande pendurada no ombro, segurando alguns livros de encontro ao peito.

— Lauren, preciso te pedir que me dê autorização para trabalhar usando as minhas roupas. O uniforme que você providenciou é muito bonito, mas é totalmente desconfortável e até perigoso, quando se trata de limpar alguma coisa que esteja no alto, por exemplo.

A garota examinou o relógio no pulso, impaciente.

— Não dá para você usá-lo pelo menos até eu providenciar outro? Não fica bem a funcionária de uma casa como essa trabalhar com qualquer roupa.

— Não se trata de qualquer roupa, eu prometo não colocar nada curto, você me diz o padrão e eu improviso.

— Tá legal, mas tenta não colocar nada curto ou apertado demais e se chegar visitas você coloca o uniforme, combinado?

— Combinado. Obrigada.

Ela saiu apressada para a sua aula e voltei para os meus afazeres, não sem antes trocar o vestido azul de bolinhas que fora de Lisa, por um jeans colado e uma regata de malha, não apenas porque me sentia mais confortável assim, mas principalmente porque sabia o quanto aquele jeans me caía bem e queria que Alexander me notasse de novo. Ele deixara claro que não era tão indiferente a mim quanto tentava parecer, eu só queria incentivá-lo a demonstrar mais vezes o que sentia.

CAPÍTULO V

Com o avançar do dia, percebi que o meu chefe não era um homem fácil, ou então não estava interessado como eu imaginava. Durante aquele dia só o vi uma vez e muito rapidamente, logo no início da tarde, enquanto ele atravessava a sala principal e deixava a casa, lindo como uma miragem, dentro de um terno preto que parecia feito sob medida, uma camisa branca impecável e uma gravata da mesma cor do terno, carregando uma valise de couro, com os cabelos lambuzados de gel, impecavelmente penteados.

Sua imagem magnífica, foi o bastante para que meu coração batesse descompassado no peito, porém essa euforia foi substituída por uma decepção pungente quando ele passou por mim sem sequer olhar em meu rosto, como se eu fosse apenas mais uma mobília da sala.

As coisas não foram diferentes no dia seguinte, quando o vi apenas rapidamente, em um breve momento em que deixava o porão e subia para sua suíte no segundo andar. O mesmo se repetiu no terceiro dia. Eu não sabia se ele estava me evitando deliberadamente, ou se o que aconteceu — ou quase aconteceu — entre nós na biblioteca não significara absolutamente nada para ele.

Quatro dias depois, eu estava convencida de que o que acontecera na biblioteca não passara de um equívoco. O desejo que vi na expressão do olhar de Alexander, a forma como o corpo dele reagiu ao meu, havia sido apenas um engano, uma reação natural de um homem que chegava perto demais de uma mulher, nada tinha a ver comigo. Ele não me desejava como aquele episódio me fizera acreditar, ou mais provavelmente era comprometido, afinal um homem bonito, charmoso e rico como ele dificilmente ficaria sozinho. Na certa, saía com mulheres por aí, só não as trazia para casa, pelo menos não que eu tivesse visto, mas eu quase não o via mais. Obviamente estava me evitando para não cometer outro deslize e correr o risco de ser infiel, era assim que um homem comprometido agia, eu já tinha visto acontecer antes, quando Michelle, uma das dançarinas do clube, se apaixonou por um segurança casado.

Isso era realmente uma pena, pois eu o desejava como havia desejado poucos homens ao longo da minha vida. Viver uma aventura erótica nos braços de Alexander seria perfeito para marcar a minha passagem por Sydney, porém não se podia ter tudo o que se queria, a vida era assim e o que restava era me conformar.

Na sexta-feira, quando veio até a mansão em busca do seu almoço, Jack me convidou para ir à praia no domingo e aceitei. Seria bom me divertir um pouco, conhecer pessoas diferentes, sair do ambiente fechado daquela casa.

Após realizar todas as minhas tarefas domésticas, decidi aproveitar o final da tarde para tomar banho de sol na piscina do terraço e não ter que passar vergonha com a minha pele branca demais quando ficasse de biquíni na frente de todo mundo, na praia. Não havia a mínima chance de eu ser flagrada usando a piscina, visto que estava sempre sozinha durante aquele horário, quando Meg ia para a sua casinha no quintal e Alexander nunca aparecia. Então, coloquei um biquíni preto e antigo, o único que tinha. Ao observar minha imagem no espelho, constatei que estava começando a me acostumar com os cabelos pintados de preto, já não estava mais tão horrível quanto no primeiro dia. Os fios escuros formavam um contraste até bonito com o tom claro da minha pele e ressaltava o azul esverdeado dos meus olhos. O que me faltava era comprar um biquíni novo, porque aquele realmente não estava apresentável. Pediria a Lauren que me desse a tarde de folga no dia seguinte e iria às compras.

A piscina era a maior que eu já tinha visto de perto, possuía bordas infinitas e uma cascata que ficava sempre desligada. Eu pretendia dar apenas um mergulho antes de me espichar sobre uma das espreguiçadeiras acolchoadas, mas a água estava tão gostosa que não consegui mais sair e aproveitei

para esbanjar as energias fazendo natação e dando piruetas.

Ofegante, e com os músculos dos braços e das coxas alongados, recostei-me na borda e meus olhos foram capturados pela paisagem a minha frente. O lugar era simplesmente deslumbrante. A casa ficava situada sobre um penhasco, cujo paredão findava no mar furioso, as ondas altas batendo nas pedras, formando uma camada de espuma branca. Não havia praia nem banhistas, os únicos vestígios de civilização que se enxergava eram os barcos e veleiros que se encontravam ancorados ao longe. Adiante deles, havia algumas ilhas formadas por pedras rochosas deformadas quase esculturais, o que lembrava um pouco a paisagem do Rio de Janeiro, um dos muitos lugares do mundo que eu sonhava em um dia conhecer. O mais, era o mar aberto, em diferentes tons esverdeados e azuis, que se estendia até onde as vistas podiam alcançar. Tudo por ali parecia muito calmo e tranquilo, um lugar perfeito para quem buscava paz.

— Fica ainda mais bonito à noite, por causa das estrelas. — A voz de Alexander partiu de trás de mim, da direção da entrada da casa, causando-me um susto tão grande que quase soltei um grito.

Quando me virei na sua direção, me deparei com seus pés descalços na borda posterior da piscina, a calça de moletom estava enrolada até o meio das suas canelas, o cós caindo pelos seus quadris, quase oculto pela barra da camiseta de algodão folgada. Era a primeira vez que eu o via tão à vontade, sem as roupas formais de sempre, com os cabelos desorganizados. Sua barba parecia mais crescida, e seus olhos ainda mais azuis, de encontro à claridade do sol forte, o que o tornava ainda mais atraente.

Desde quando ele estava em casa? Não havia saído para trabalhar? Ultimamente eu já não o via mais, portanto desconhecia os seus horários.

Completamente desconcertada, vasculhei minha mente a procura de uma boa desculpa para estar nadando na piscina dele, sem autorização, durante o horário de trabalho.

— Eu estava limpando o fundo da piscina. — Falei, sentindo-me ridícula pela desculpa esfarrapada. — Na verdade, eu estava verificando se a água precisa de uma limpeza. Quer dizer, é isso que se faz não é mesmo?

Naquele instante eu só queria que um buraco se abrisse sob os meus pés e me engolissem, tamanho era o meu constrangimento.

Esperei que ele comesse a proferir os desaforos de sempre, entretanto, para minha mais completa surpresa, ele sorriu, como se o meu embaraço o divertisse, e apesar de estar servindo de palhaça para ele, seu riso conseguiu me fazer relaxar um pouco.

Era a primeira vez que eu o via sorrindo e fiquei fascinada com o quanto conseguia parecer ainda mais lindo, com os olhos reluzindo tranquilidade, o semblante sereno, os dentes brancos e perfeitos à mostra.

— Não precisa mentir, até porque você é péssima nisso. Eu acho que não tem nenhuma cláusula naquele contrato que te proíba de usar a piscina. — Ele caminhou até a extremidade da piscina na qual eu me encontrava, movendo-se com uma precisão e elegância que deixaria qualquer modelo de passarela no chinelo, e recostou-se na pequena amurada de mármore que limitava o terraço, seu olhar brilhante se perdendo na imensidão da paisagem à nossa volta. — Já fazia muito tempo que eu não vinha aqui. Nem me lembrava mais do quanto esse lugar é bonito.

Alguma coisa em suas palavras despertou-me um pesar tão desolador que chegava a ser quase doloroso. Sua tristeza era tangível e eu só queria ter a liberdade de poder abraçá-lo, afagar aqueles cabelos arrepiados e dizer-lhe que tudo ficaria bem, mas quem era eu em sua vida para sequer tentar me intrometer?

— A água está uma delícia, por que não tira essa roupa e entra? — Minha nossa! Eu realmente disse para ele tirar a roupa? Onde estava aquele buraco que não se apressava em se abrir debaixo de mim e me engolir?

Alexander encarou-me depressa, ligeiramente surpreso.

— Eu não quis dizer tirar a roupa toda, apenas o moletom e a camiseta para que possa nadar. — Tentei

remediar a situação, mas quanto mais eu falava, mais piorava as coisas.

— Eu entendi o que você quis dizer. Parece bom, mas tomar banho de piscina no meio da tarde não é uma opção para mim, tenho muito trabalho para fazer ainda hoje.

Revirei os olhos para ele.

— E do que adianta ter uma piscina como essa, se você não tem tempo de aproveitá-la?

Espichei o meu corpo na água, e comecei a nadar vagorosamente, diante do olhar atento dele. Fiquei surpresa quando ele se sentou na borda, dobrou um pouco mais as pernas do moletom e afundou os pés na água. Em minha opinião, aquilo já era um grande avanço para um homem tão carrancudo e mal-humorado.

— Me fala o que a incentivou a vir para Sydney.

Suas palavras me fizeram empalidecer, então me ocorreu que ele estava apenas puxando conversa, não fazia ideia de que eu viera para a cidade para fugir da ira de um assassino.

— Ainda não tenho certeza. Acho que queria experimentar novos ares, conhecer pessoas diferentes. — Menti, na maior cara dura, imaginando que seria isso que Lisa diria.

— E está gostando da sua estadia aqui?

— Ainda não vi muita coisa, para falar a verdade ainda não vi nada além de um trânsito engarrafado e da sua casa, mas pretendo mudar e isso durante esse final de semana.

— Já tem alguém para te levar para conhecer a cidade?

— Sim, Jack que vai me levar. E quanto a você, o que gosta de fazer para se divertir aqui em Sydney?

— Não sou um sujeito que se diverte muito.

— Isso eu já percebi. Prefere trabalhar.

— Você fala com desdém, como se trabalhar fosse algo negativo.

— Não acho que seja negativo, só acho que não é certo trabalhar demais e pelo visto você faz isso.

— Eu sou responsável por uma empresa que está na minha família há várias gerações. Eu gostaria de ter com quem dividir essa responsabilidade, mas o meu irmão preferiu se aventurar com o turismo.

— Você não precisa deixar de viver só porque tem uma empresa para presidir. Por exemplo agora, ao invés de ficar aí sentado, porque não entra na água?

O canto da boca dele se curvou em um sorriso muito sutil e aproveitando o seu bom humor para fazê-lo se soltar mais um pouco, usei as duas mãos para jogar água sobre ele, encharcando-o antes que ele tivesse tempo de escapar.

Achei divertida a forma como ele ficou espantado com a minha atitude inesperada, ainda bem que logo o seu semblante voltou a relaxar e, para minha total satisfação, o seu sorriso cresceu.

— Desde o dia em que nos conhecemos você tem essa aversão a ver minhas roupas secas. — Soltei uma gargalhada do seu comentário.

— Quer saber? Eu acho que você está com medo de entrar na água, porque sabe que vai perder para mim se apostarmos quem consegue nadar mais depressa.

— Onde já se viu, eu perder uma corrida contra uma garotinha como você.

— Garotinha uma ova, eu tenho vinte e três anos e você tem quantos, cinquenta?

— Tenho sete a mais que você. Acho que isso me dá o direito de te chamar de garotinha.

Comecei a jogar água nele de novo, movendo meus braços ainda mais freneticamente, molhando-o por completo, até que por fim ele se deu por vencido e entrou na piscina, a malha fina da camiseta molhando completamente, grudando em seu peito largo, revelando cada contorno dos seus músculos bem definidos, dos quais eu não conseguia tirar os meus olhos.

— Está vendo só? Não doeu nada. Agora me mostra se consegue ser mais veloz que eu. Vamos ver quem chega primeiro na outra borda.

— E vamos apostar alguma coisa?

— Pode ser. Se eu ganhar você me dá folga também aos sábados, ao invés de só nos domingos.

— E se eu ganhar?

— Aí você escolhe.

— É um jogo meio perigoso para você me deixar escolher o que quiser.

— Acontece que eu não tenho medo do perigo. — Expressei o meu melhor olhar insinuativo ao pronunciar aquela frase. — No três. Um, dois, três.

Com duas braçadas apenas, Alexander conseguiu ganhar uma vantagem absurda sobre mim e em questão de segundos, estava alcançando a borda posterior da piscina, enquanto eu ainda estava quase na metade.

— Você não me disse que era campeão olímpico de natação. — Reclamei, ao me aproximar dele, observando o risinho vitorioso brincando em seus lábios.

— Não sou campeão olímpico, é tudo questão de preparação.

— No seu caso eu acho que é tudo questão de tamanho mesmo. Olha o comprimento desses braços?

Mais uma vez, ele me agradeceu com seu sorriso espetacular.

— Tá ok, para que você não reclame mais, vou te dar uma segunda chance. Dessa vez te dou uma vantagem de vinte segundos, para você arrancar na frente.

Concordei e após contar até três arranquei na frente, nadando o mais apressadamente que conseguia. No entanto, meu esforço foi em vão, em questão de segundos, sem esforço algum, Alexander conseguiu me ultrapassar e chegar do outro lado muito antes que eu, quando parou para me observar com aquele risinho vitorioso de novo.

— Ok, eu admito, você é um excelente nadador. O que vai querer de mim pela vitória?

— Ainda não decidi. Vou pensar nisso e quando escolher te aviso.

Subitamente, seus olhos azuis desceram pelas curvas dos meus seios dentro do biquíni pequeno e fui tomada por uma sensação gostosa de calor, que se manifestava na boca do meu estômago e se espalhava por todo o meu corpo.

Eu devia ter resistido, afinal ele praticamente me dispensara quando rolamos pelo chão da biblioteca, podia facilmente fazer de novo, só que resistir àquele homem não era uma opção, a atração que ele exercia sobre mim era forte demais, algo que eu jamais havia experimentado antes e não podia ser ignorado. Então, me despindo de qualquer vestígio de pudor e me deixando guiar unicamente por instintos, puxei o laço do biquíni e o desfiz, deixando a peça pequena se desprender do meu corpo e cair na água, desnudando meus seios.

— Acho que sei de uma coisa que nós dois podemos gostar. — Falei, encarando-o com os olhos carregados de insinuações.

O olhar dele se deslocou do meu rosto para os meus seios, observou-os por um longo momento de silêncio, quando voltou a me encarar o fogo do desejo estava mais explícito que nunca no brilho do seu olhar.

Meu coração falhou uma batida quando ele recuou um passo, porém, para a minha mais completa satisfação, quando ele se moveu novamente foi para vir em minha direção. Agarrou-me de repente, passando um braço em torno da minha cintura, puxando-me para junto do seu corpo, ao mesmo tempo em que segurava meus cabelos com a outra mão, atrás da cabeça e guiava minha boca até a sua.

Tremi dos pés à cabeça quando experimentei o sabor dos seus lábios, me beijando com ímpeto, sua língua invadindo minha boca com volúpia, movendo-se com uma ferocidade lasciva, que desencadeou o desejo primitivo dentro de mim. De súbito, eu não conseguia mais sentir minhas pernas, tudo em mim parecia latejar, cada pedacinho do meu corpo tomando consciência da virilidade dele.

Invadida pela luxúria, o abracei pelo pescoço e tirei os meus pés do chão para contornar seus quadris com as minhas pernas, como se nenhum contato entre nós fosse suficiente para aplacar o fogo que queimava em minhas entranhas.

Enquanto eu chupava sua língua, Alexander nos girou dentro da água, com facilidade, e apoiou minhas costas na parede da piscina, colando-se ainda mais a mim, me fazendo arquejar quando pressionou a

ereção, quente e pulsante, bem no meio das minhas pernas.

Levei minha mão ao seu rosto e acariciei seu queixo por sobre a barba, tocando-o com a veneração de quem tocava uma obra de arte, porque era isso que aquele homem parecia: uma obra de arte esculpida por anjos. Introduzi a outra mão por sob o tecido molhado da sua camiseta, acariciando os músculos do seu peito e das costas, extasiada com o quanto eram duros e bem definidos.

Suas mãos grandes deslizaram pelo meu corpo, uma delas se fechou sobre o meu seio, a palma esfregando o mamilo, enviando ondas de calor que desciam pelo meu corpo com a intensidade de uma descarga de eletricidade, meu ventre se contraindo, um gemido abafado me escapando. Sua outra mão desceu pela minha silhueta, passeou pela pele da minha coxa e espalmou sob minha bunda, os dedos passando pela fenda entre minhas nádegas. Minha pele ardia sob seu toque, cada mínimo movimento da sua mão, me fazia querer gritar de tesão.

Involuntariamente, movi meus quadris de encontro aos seus, meu sexo pulsando sobre a sua ereção.

Eu o queria dentro de mim, com uma urgência absurda, meu corpo todo suplicava por isso, porém, quando enfiei a mão no cóis da sua calça, tentando tocá-lo mais intimamente, ele simplesmente se esquivou, interrompendo o beijo, afastando-se alguns centímetros. Apoiou sua testa na minha, fechou os olhos e sussurrou:

— Eu não posso fazer isso.

Uma lufada de vento frio me golpeou e de súbito tomei consciência da minha nudez, a vergonha me cobrindo. Instintivamente, cruzei os braços na frente do peito.

— Não sou boa o bastante para você? — Minha voz saiu em um fio, minha respiração ainda ofegante, a sensação de humilhação me invadindo, implacavelmente.

Pela segunda vez, ele me rejeitava e isso era degradante.

— Não se trata disso, você é incrível. Só Deus sabe o esforço que tenho feito para tentar ignorar o quanto a desejo. O problema sou eu.

— E qual é o seu problema? Por acaso você é comprometido?

— Eu não sou.

— Então me conta o que te impede de ficar comigo, Alexander.

Minha nossa! Eu estava praticamente implorando a um homem que fizesse sexo comigo. A que ponto eu havia chegado? Mas de uma coisa eu tinha certeza: era a última vez que permitia que o desejo despertado por aquele homem me fizesse correr atrás dele. Não deixaria que isso voltasse a acontecer. Se ele era capaz de ignorar o que sentia, eu também seria, afinal, onde estava a minha dignidade?

CAPÍTULO VI

— Você não ia entender. — Alexander falou.

Abriu os seus olhos, manteve-os presos aos meus por um instante e então se afastou. Saiu da piscina e entrou na casa sem olhar para trás, deixando-me com a sensação de que não significava absolutamente nada para ele.

E a verdade era que não significava mesmo, eu não sabia onde estava com a cabeça para acreditar que um homem lindo, rico e poderoso como ele, ia querer ter alguma coisa com sua empregada. Esse era o problema do qual ele falava, não quis ser direto para não parecer preconceituoso. Nem para algumas transas sem compromisso ele me queria. Dessa vez, eu havia aprendido a lição e nunca mais olharia para ele como homem.

Tentei apagar aquele momento da minha cabeça, fazer de conta que não havia acontecido, mas não consegui pensar em outra coisa que não no sabor daquele beijo, durante todo o restante do dia e mesmo quando fui para a cama, à noite. Eu tive muitos homens ao longo da minha vida, mas nenhum outro conseguiu exercer sobre mim o poder de fascinação que Alexander exercia. Jamais o desejo foi tão escaldante e visceral dentro de mim. Era realmente uma pena que nada aconteceria entre nós. Só me restava ignorar todos esses sentimentos e tentar me ligar em outra pessoa.

Na manhã de sábado, como Lauren não tinha aula na faculdade, fui falar com ela, na casa menor, depois do café da manhã, pedir autorização para ir às compras durante a tarde e além de me autorizar, ela ofereceu-se para ir comigo, já que também ia à praia no domingo e precisava de coisas novas.

Passamos uma tarde agradável juntas. Primeiro fomos ao shopping e compramos o básico, que era o que moças que trabalhavam com o serviço doméstico compravam. Depois fomos ao salão de cabeleireiro, fizemos banho de brilho nos cabelos, arrumamos as unhas e as sobrancelhas.

Quanto mais conversávamos, mais encontrávamos afinidades uma na outra. Tanto que, depois que deixamos o shopping, fomos fazer um passeio turístico pela cidade, quando ela me levou para conhecer a Harbour Bridge, onde tiramos fotos com o Opera House ao fundo. Descobri que ela estava em uma situação parecida com a minha, no que se referia à vida afetiva, gostando de um carinha da faculdade que não lhe dava a mínima. A diferença era que esse carinha tinha uma namorada, enquanto que o cara que eu queria, dizia não ter ninguém. Mas ele tinha, não era possível que um homem como ele ficasse sozinho, estava mentindo quando disse que não.

Era quase noite quando voltamos para a mansão e fomos repreendidas por Meg, por causa da demora.

— Jack vai dar uma festinha hoje lá em casa, nada de grandioso, só algumas cervejas com os amigos. Seria bom se você aparecesse. — Convidou Lauren.

— Claro, estarei lá.

Me faria bem uma festa, aliás era exatamente disso que eu precisava para sacudir a poeira.

Como havia passado toda a tarde fora, apressei-me em verificar se tinha correspondência na caixa do correio, recados a serem transmitidos na secretária eletrônica e, por fim, subi para o segundo andar a fim de organizar, no closet de Alexander, as roupas que a lavadeira deixara limpas e engomadas. Bati algumas vezes na porta, como não fui atendida a abri e entrei.

Como sempre, o luxuoso aposento estava completamente vazio e silencioso, como se servisse apenas para complementar a casa, tão organizado permanecia o tempo todo. Porém, naquela noite, encontrei algo diferente, pela primeira vez a sua cama estava completamente desarrumada, com os lençóis emaranhados, um travesseiro no meio do colchão e o outro jogado no chão. Não era necessário pensar muito para deduzir que Alexander estivera com alguma mulher ali e que seus momentos foram bastante animados.

Não consegui evitar a pontada de ciúme que se manifestou em meu peito, sem que eu sequer fosse capaz de compreender o motivo, já que não existia absolutamente nada entre mim e aquele homem e, embora eu quisesse muito, sabia que jamais aconteceria.

Olhando mais atentamente para a cama, percebi que a desorganização nos lençóis não era a única evidência de que Alexander estivera fazendo sexo ali, havia uma mancha de esperma no lençol branco, grande o bastante para que fosse possível imaginar quanto prazer ele tivera e não consegui evitar a inveja da mulher que dera esse prazer a ele, a mulher no lugar da qual eu gostaria de estar, certamente uma mulher tão rica e bem sucedida quanto ele, não apenas uma empregada com quem ele se recusava a ficar, embora a desejasse.

Eu estava lá parada no meio do quarto, observando a mancha sobre a cama, quando subitamente a porta se abriu e Alexander entrou, pegando-me de surpresa, deixando-me tão embaraçada que a pilha de roupas escorregou das minhas mãos e espatifou-se no chão.

— Ai, minha nossa! Me desculpe por isso. Eu arrumo essa bagunça em um minuto. Não se preocupe com nada. — Falei, infinitamente constrangida, abaixando-me para catar as peças de roupas do chão.

— O que você está fazendo aqui? — Meu chefe indagou, o tom de voz seco e ríspido.

— Vim guardar as roupas limpas, não está vendo?

— O closet fica do outro lado do quarto. — Puta merda! Ele tinha voltado a encarnar o troglodita mal-humorado de antes.

Levantei-me segurando a pilha de roupas, já não tão organizadas quanto antes. Bastou que eu olhasse para ele, em pé, próximo à porta, parecendo uma miragem dentro da camisa de mangas compridas preta e da calça de linho impecável, para que o meu coração assumisse um ritmo descompassado no peito, como se eu o conhecesse há muitos anos e não há apenas poucos dias, como se sua essência estivesse entranhada em mim de forma irremediável.

Eu não conseguia compreender o que aquele homem tinha de diferente dos outros que me afetava tanto. A profusão de emoções que ele produzia em mim, parecia uma doença, para a qual eu queria a cura. Eu não era mais uma garotinha recém-chegada do interior que ficava deslumbrada com a beleza de um homem, — embora estivesse agindo como uma — estava acostumada a lidar com todos os tipos de caras, havia dançado para os mais lindos e sofisticados no clube, porém, nenhum outro conseguiu despertar um desejo tão cego e arrebatador dentro de mim.

— Não se preocupe, vou só guardar essas roupas já estou de saída.

Aquele era o momento em que eu devia ter lhe dado as costas e ido para o closet, entretanto, meu olhar foi puxado para a mancha no colchão novamente e assim que o desviei para lá, Alexander seguiu sua direção, conseguindo fazer com que minha face corasse de vergonha, por estar espiando a sua intimidade e antes que cometesse mais uma gafe horrenda daquelas, dei meia volta e me abriguei na solidão do closet enorme.

Organizei as roupas o mais apressadamente possível. Só queria sair dali e buscar a companhia descontraída de Jack e Lauren. Ao atravessar o amplo aposento, tentei não olhar para o homem esparramado em uma poltrona, completamente à vontade, com um copo de uísque na mão, mas foi exatamente a direção que os meus olhos buscaram, como se eu não tivesse controle sobre mim mesma, quando estava no mesmo ambiente que ele.

— Você quer me explicar por que está trabalhando à noite? Foi Lauren quem te mandou trazer essas roupas a essa hora?

— Claro que não. Lauren não exploraria o trabalho de uma funcionária desse jeito. O que acontece é que nós duas saímos essa tarde para fazer compras e não tive tempo de fazer todo o trabalho.

Com a fisionomia carrancuda que eu já conhecia, ele ingeriu um grande gole de uísque, antes de voltar a me encarar.

— Tente evitar que isso aconteça de novo, de preferência não saia para as compras no horário de

trabalho, mas caso precise sair, termine o que tem que fazer no dia seguinte. Não é conveniente que você venha ao meu quarto quando eu estiver em casa.

Caralho! Eu podia ter ido dormir sem essa.

— Não sei o que se passa pela sua cabeça, mas não estou aqui para tirar a sua virtude, se é isso que está pensando, até porque, parece que outra já fez isso. — Lancei um olhar rápido na direção da mancha no colchão, e voltei a fitá-lo. — Só vim guardar as roupas. Agora se me der licença, tenho mais o que fazer.

Não esperei que ele retrucasse, com tais palavras, encerrei a conversa, dando-lhe as costas para deixar o quarto.

Aquela noite eu só precisava de uma massagem no meu ego feminino ferido e dar uma melhorada na minha autoestima. Foi por isso que escolhi a roupa casual mais sexy que havia no meu armário, para ir à festinha dada por Jack e Lauren, na casa dos empregados. Um vestido creme, com alças finas, colado, curto e com uma pequena fenda na saia minúscula. Escovei bem os cabelos, brilhantes pelo tratamento no salão, e passei um pouco de rímel e gloss labial. Não podia exagerar, afinal era apenas uma festinha no quintal, nada formal. Calcei sandálias rasteiras com fios delicados e prateados e aprovei o resultado ao examinar-me no espelho.

Encontrei o grupo de jovens reunidos na varanda, bebendo cerveja e conversando ao som do rock que tocava em volume baixo dentro da casa. Além de Lauren e Jack, havia mais duas garotas e três caras, todos com mais ou menos a mesma idade. Enquanto era apresentada a eles, lembrei-me dos meus tempos de adolescência no interior, quando me reunia com os amigos da escola, na pracinha da cidade, para bebermos cervejas e ouvirmos músicas.

— Está afim de uma cerveja, gata? — Foi Jack quem perguntou, depois de todas as apresentações.

Ele estava muito bonito, usando uma camiseta preta com a imagem de uma banda de rock famosa na frente, jeans rasgados e os cabelos arrepiados com gel, um visual despojado, que combinava com seu jeito de ser e com o cigarro que parecia trazer constantemente aceso no canto da boca.

— Aceito sim, inclusive estou precisando.

Jack entrou na casa para apanhar a cerveja e sentei-me em uma das cadeiras perto de Lauren.

— Meg não se importa com o barulho da música?

— Ela não está. Foi dormir na casa da minha tia. — Lauren analisou-me por um instante. — Aconteceu alguma coisa da hora que nós chegamos até agora? Você parece chateada.

— Só o de sempre. O Sr. Miller me odeia e eu tenho que conviver com isso.

— Fala sério! Ele não te odeia. Esse é o jeito dele. Com o tempo você se acostuma.

— Por acaso ele é gay? — A pergunta me escapou, sem planejamento algum.

O canto da boca dela se curvou em um risinho de deboche.

— Por que pergunta? Por acaso você deu em cima dele e ele não te quis?

— Claro que não. Tá doida? — Menti, vermelha de vergonha, com a sensação de que ela podia enxergar através de mim e sabia o que aconteceu na piscina.

— Ele é héztero. Sei disso porque era casado com uma mulher linda. Mas não sei se ainda gosta de mulheres. Desde que a esposa morreu não o vi mais com ninguém, e não é por falta de oportunidade. Tem uma perua engomadinha lá na empresa, que vive aqui rastejando atrás dele. Ela diz que vem a trabalho, mas só falta esfregar a boceta na cara dele.

— E ele não a quer?

— Não. Nem olha na cara dela direito. Acho que ainda ama a esposa morta e respeita o lugar onde viveu com ela.

Então era esse o problema dele? Alexander jamais se recuperara da morte da esposa, ainda a amava e respeitava o lugar onde viveu com ela? Era uma atitude nobre da parte dele, embora um tanto exagerada. Em algum momento ele precisaria enterrar o passado e recomeçar sua vida, não podia viver eternamente

mergulhado na dor da perda, amargurado. Todo mundo merecia ser feliz e com ele não podia ser diferente. A mulher que ele tanto amou, ia querer que ele seguisse em frente.

Mas, e a mancha de esperma em cima da cama? Será que a perua engomadinha havia concretizado seu objetivo durante aquela tarde? Será que ele teria optado por ficar com ela, ao invés de comigo? Obviamente sim, afinal ela era uma executiva, como ele, não alguém de nível tão mais baixo, como eu. Apesar de me doer na alma não ter sido a escolhida, eu ficava, de certa forma, feliz por ele, pelo menos estava seguindo em frente. Só esperava que a talzinha o merecesse.

Jack voltou com a cerveja e entregou-me, puxou uma cadeira para perto de mim e se acomodou, mostrando-se sempre muito prestativo e gentil. Ingeri um grande gole da bebida gelada, apreciando a maciez do líquido descendo pela minha garganta seca, o efeito gostoso me fazendo relaxar um pouco.

Engatamos todos em uma conversa sobre coisas irrelevantes, das quais gostávamos, como músicas, praia, baladas e paqueras. Como era típico em uma roda formada por pessoas da nossa idade, em meio às conversas rolava a troca de olhares, quando percebi que Anthony não tirava os olhos de Lauren, enquanto ela fingia não notar. Parecia ser o típico caso do interesse não correspondido, o mesmo que existia entre ela e o sujeito comprometido da faculdade, por quem se sentia atraída e entre mim e Alexander. Percebi que tudo era uma questão de saber olhar para o lado certo e fazer a escolha certa, e naquele momento o lado para o qual eu devia olhar era o de Jack, porque ele sim, me queria de verdade e não fazia questão de esconder isso.

Embora eu desejasse outro homem, não ia ficar remoendo a humilhação de ter sido rejeitada duas vezes por esse homem, pelo contrário, ia sacudir a poeira e seguir em frente, dar uma chance a quem realmente gostava de mim.

Sendo assim, passei a retribuir os olhares insinuosos de Jack e a corresponder ao seu interesse, o que tornou minha noite ainda mais interessante e divertida. Dançamos, contamos piadas, sorrimos e bebemos, aliás, bebemos muito.

O primeiro beijo entre mim e ele aconteceu por volta da meia-noite, depois disso não nos desgradamos mais. Estar com ele era até divertido, embora não se comparasse a estar nos braços de Alexander. Não chegava nem perto disso. Beijar qualquer outro homem depois de ter experimentado o sabor da boca do meu chefe e a sua pegada — ai, minha nossa! E que pegada! —, era como experimentar grãos de feijão depois de comer pêssegos em calda, não tinha graça alguma. Ainda assim, era melhor que ficar sozinha, trancada naquele quatinho minúsculo, me sentindo a última mulher da face da terra. Pelo menos com Jack eu me sentia desejada e valorizada.

A fim de saciar nossa sede por diversão, acabamos misturando vodka com a cerveja e não demorou muito para que estivéssemos completamente bêbados. Alguns dos convidados deitaram-se sobre o gramado do jardim e adormeceram por ali mesmo, era melhor isso que dirigirem no estado em que se encontravam. Para surpresa geral de todos, Lauren acabou levando Anthony para o seu quarto. Quanto a mim, decidi finalizar a noite sozinha com Jack, no meu quatinho nos fundos da mansão, quando ele teve que praticamente me carregar até lá, tão bêbada eu estava.

Não bêbada a ponto de não saber o que estava fazendo, eu sabia exatamente o que fazia quando liguei o som do computador e permiti que a voz de Beyoncé, em Halo, enchesse o quatinho minúsculo. Dei um beijo demorado em Jack, fiz com que ele se sentasse na beirada da cama e comecei o meu show, porque sempre fui muito exibicionista, gostava de dançar e tirar a roupa ao mesmo tempo, na frente de um homem, enquanto ele me devorava com o olhar.

Então, movendo o meu corpo com sensualidade, como fazia quando dançava no clube, comecei a me despir lentamente, sob o olhar atento de Jack. Havia acabado de tirar o vestido, apenas a lingerie minúscula de renda cobria o meu corpo, quando houve uma batida abrupta na porta para que em seguida esta fosse aberta e Alexander invadissem o quarto, parecendo um animal furioso, com seu semblante carregado de ira.

— Posso saber o que está acontecendo aqui?! — Sua voz estrondosa, ríspida como quase sempre, sobressaiu-se ao som da música que tocava.

Jack levantou-se depressa, visivelmente sobressaltado. Enfiou as mãos nos bolsos da calça e abaixou a cabeça, parecendo um garotinho que fizera alguma coisa errada e se preparava para levar bronca do pai raivoso.

— Nós estávamos em uma festa lá em casa, Sr. Miller. Sinto muito se estamos causando algum transtorno. — Disse ele, a voz pastosa pelo efeito das bebidas.

— Para começar, você não tem o direito de entrar aqui sem pedir licença, eu sou a sua funcionária, mas esse espaço é meu. — Falei, firme e grossa, um soluço causado pela embriaguez, escapando-me. Deixaria para me preocupar em não ser demitida quando estiver sóbrio. — Além do mais, não estamos fazendo nada de anormal, hoje é a minha folga, e não estamos no nosso horário de trabalho, portanto você não tem o direito de...

— Cale-se! — Esbravejou Alexander, interrompendo-me. — Eu devo ter sido pouco claro quando te disse que não aceito bebedeiras, farras e homens na minha casa! Ou então você não está interessada nesse emprego e está cavando a sua demissão.

— A culpa não foi dela, Sr. Miller, fui eu quem a convidou, e a convenceu a me deixar vir para cá. Eu disse a ela que já tinha vindo com outras empregadas e que o senhor não se importava. Inventei isso para convencê-la, por favor, não a demita, ela não tem culpa de nada. — Jack se manifestou em minha defesa, o que achei fofo demais da parte dele.

— Cai fora daqui Jack, conversamos amanhã. — Deslocou o seu olhar furioso para mim. — E quanto a você, desliga a porra dessa música e vê se vai dormir.

Jack abriu a boca para dizer mais alguma coisa ao nosso chefe, porém, pareceu se arrepender e ficou mudo. Lançou-me um olhar demorado, balbuciou um pedido de desculpas e deixou o quarto. Só não fui atrás dele porque estava tão bêbada que não tinha certeza se conseguiria caminhar sozinha, sem tropeçar nas minhas próprias pernas.

— Satisfeito, vossa majestade? — Falei, com escárnio, encarando-o. — Agora que conseguiu estragar a porra da minha noite, pode cair fora daqui também. Eu ainda tenho o direito de ter o mínimo de privacidade.

No instante em que fechei minha boca, meu estômago reclamou a presença do excesso de álcool e expulsou praticamente tudo de uma vez, em uma golfada de vômito tão violenta, que não tive tempo nem de correr para o banheiro e derramei todo ali mesmo.

— Por Deus! Como uma pessoa bebe até chegar a esse ponto? — Reclamou Alexander, aproximando-se de mim para afastar os meus cabelos do meu rosto, enquanto eu vomitava de novo.

— Eu vou limpar isso ainda hoje, não se preocupe. — Falei, sentindo-me péssima, o estômago completamente embrulhado, o quarto girando a minha volta, muito mais que antes, o arrependimento por ter bebido demais começando a me tomar.

— No estado em que você está, duvido que consiga limpar alguma coisa.

— Eu estou bem, sou mais forte do que pareço. Daqui a pouco o quarto vai parar de girar e vou limpar essa bagunça.

Mas o quarto não parou de girar, pelo contrário, adquiriu uma velocidade impressionante nas voltas que dava ao meu redor, até que desisti de tentar lutar contra a tontura e me entreguei, fechando os olhos, minhas pernas pesadas me abandonando de vez.

Antes de perder completamente a consciência, tive tempo de ver Alexander me amparando em seus braços, para evitar que eu caísse no chão, o que se seguiu depois disso foi apenas a escuridão e o descanso no silêncio completo.

CAPÍTULO VII

Quando despertei, encontrava-me em uma cama grande e confortável. Com minha cabeça latejando de dor, insuportavelmente, percorri os olhos ao redor e reconheci um dos quartos de hóspedes da mansão, aquele que ficava ao lado da suíte de Alexander. Puxei pela memória, tentando me lembrar de como viera parar ali e xinguei a mim mesma, mentalmente, quando me recordei do episódio ocorrido no meu quartinho nos fundos.

Droga! Embora não tivesse feito nada de errado, provavelmente seria demitida, visto que, Alexander me avisara, no dia em que cheguei, que faria isso ao meu primeiro deslize e pela forma como ele falara, levar um homem para o meu quarto era um deslize dos grandes.

Merda! Como não pensei nisso antes? Por ter levado Jack para meu quarto, eu seria obrigada a voltar para Melbourne ou a me refugiar na casa dos meus pais no interior. Mil vezes droga!

Apenas ao me mover sobre a cama, descobri que estava completamente nua, o que significava que Alexander tirara a minha lingerie, obviamente por causa do vômito, mas isso não era nenhuma novidade para ele, eu já havia ficado quase completamente nua na sua frente mais de uma vez, tampouco era novidade para mim ficar sem roupas na frente de um homem com quem não tinha relações íntimas.

Estava levantando-me quando fui surpreendida ao ver o meu chefe surgindo da porta da sacada e avançando pelo quarto, altivo e elegante como sempre.

Agindo mecanicamente, apressei-me em voltar para debaixo do lençol.

— Você tem o hábito de invadir sempre o quarto de uma mulher sem ser convidado?

— Não, só quando essa mulher decide fazer uma farrinha na minha casa.

— Eu não estava fazendo farrinha alguma, só estava me divertindo com um cara que também é seu funcionário. Então, tecnicamente, eu não trouxe nenhum estranho para dentro da sua preciosa casa. Mas não sei porque estou me explicando, se você vai me demitir de qualquer jeito.

— Eu não vou te demitir, mas também não vou aceitar que o que aconteceu ontem se repita.

— Só porque você não se diverte, não significa que todas as pessoas devem agir da mesma forma. — As palavras me escapuliram, antes que eu pudesse contê-las.

Cacete! O cara estava me dando uma segunda chance de permanecer no emprego, longe de Melbourne e do perigo que estar lá representava, e ao invés de agradecer eu dava uma patada daquelas. Definitivamente, eu precisava trabalhar a questão do filtro entre o meu cérebro e a minha língua.

— Eu não sei porque o conceito de diversão de alguém seria transar com um sujeito que acabou de conhecer, estando completamente bêbada, mas para falar a verdade eu não me importo, só não quero que você faça isso debaixo do meu teto, da mesma forma que não permitiria qualquer outro funcionário.

Eu não entendi porque ele dizer que não se importava me parecia tão desolador, aquele homem não era nada para mim, eu mal o conhecia, era loucura que simples palavras saídas da boca dele mexessem com minhas emoções de forma tão enérgica.

— É divertido fazer sexo sem compromisso e melhor ainda estando bêbada e solta. Mas como você disse, isso não é da sua conta. E tudo bem, não vou fazer de novo na sua casa, da próxima vez procuraremos um motel. E obrigada por não me demitir, eu preciso desse emprego muito mais do que você possa imaginar. Agora se puder me dar licença, eu preciso ir ao banheiro e como você já deve saber, não estou vestida. Aliás, se você quiser descer e pedir para Meg me trazer uma roupa para que eu não precise ir até meu quarto pelada, eu agradeço. E por falar nisso, como foi mesmo que vim parar aqui?

Ele ficou ali parado aos pés da cama, observando-me quase sem piscar, por um longo momento de

silêncio. Se eu tivesse um milhão de dólares, eu daria só para saber o que se passava na cabeça dele naquele instante.

— Meg não precisa trazer as suas roupas, elas já estão no closet. A partir de hoje você vai ficar neste quarto.

Fritei-o estupefata.

— Por que isso agora?

— Eu não sabia que o quarto onde você estava era tão pequeno. Não é adequado que uma pessoa viva em um espaço tão limitado. Vou mandar reformá-lo. Até lá, você fica aqui.

Apesar de ter gostado da ideia de ocupar a suíte, indescritivelmente mais confortável que o quartinho, fiquei espantada com a capacidade que o ser humano tinha de ser hipócrita.

— Não seja hipócrita, não finja que está preocupado com o meu bem-estar, eu sei que o único motivo pelo qual está me mandando ficar aqui é para poder me vigiar de perto e tentar me impedir de trazer homens para debaixo do seu teto. Não precisava disso. O que aconteceu ontem não vai se repetir, como já te falei, da próxima vez vamos procurar outro lugar. Aliás, vamos à praia hoje e tenho certeza que encontraremos a oportunidade de terminarmos o que você interrompeu ontem.

Vi seu maxilar se contraindo, uma ruga profunda se formando no meio da sua testa.

— Eu não me importo com o que você faz da sua vida fora desta casa, me dizer o que pretende fazer foi completamente desnecessário. E não estou te trocando de quarto para impedir que você se comporte como ontem, mesmo que você continuasse lá embaixo e o episódio se repetisse, eu saberia e você seria demitida. Espero ter sido compreendido dessa vez.

Com tais palavras, ele deu meia volta e deixou o quarto, pisando firme, batendo a porta com força pelo lado de fora, deixando a raiva correndo solta em minhas veias, não apenas por ter criticado a forma como me comportei, como se tivesse esse direito, mas pela arrogância com que proferia as palavras, como se o resto do mundo fosse inferior a ele, como se vivesse sobre um pedestal. Só que ele não era tão puritano quanto tentava demonstrar, as manchas nos lençóis da sua cama evidenciavam seu verdadeiro comportamento e eu só não jogava isso na cara dele porque não tinha esse direito, como ele também não tinha de se intrometer na minha vida. Ele não agia como se fosse apenas meu chefe, e sim como se fosse o meu dono e eu só não ia embora daquela casa porque precisava ficar fora de Melbourne.

Apesar da raiva, eu me recusava a permitir que Alexander povoasse meus pensamentos a ponto de estragar o meu dia, então, o afastei para algum canto esquecido da minha mente, levantei-me, tomei um comprimido para dor de cabeça e, com a maior animação, vesti as roupas de praia que havia comprado, afinal era o meu primeiro dia de folga em Sydney, eu queria aproveitar o máximo que pudesse para me divertir, me afastar um pouco da constante tensão existente naquela casa, causada principalmente pela arrogância do seu proprietário e pelo incrível poder que ele tinha de mexer com as minhas emoções.

Encontrei Lauren e Jack na garagem, como combinado, ambos com a maior cara de ressaca. Fomos no carro de Jack, um modelo popular bem conservado, para a praia Bondi, a mais famosa da cidade, conhecida em todo o país como o point mais bem frequentado de Sidney. Chegando lá, encontramos Anthony e o restante da turma com quem estivemos bebendo na noite anterior, todos engatados em uma animadíssima partida de vôlei, nas areias brancas, sob o sol escaldante.

Lauren e eu nos acomodamos em espreguiçadeiras e apressei-me em espalhar bastante protetor solar sobre minha pele clara demais, desacostumada com o sol, enquanto Jack se unia aos demais na partida de vôlei.

Embora tivesse me dado um beijo demorado, assim que nos encontramos, ele ainda não havia tocado no assunto da noite anterior, mas isso porque ainda não surgira a oportunidade de ficarmos sozinhos e seria totalmente constrangedor deixar que Lauren soubesse que fomos flagrados pelo patrão, quase transando. Quanto à Lauren, não parava de trocar olhares fervorosos com Anthony.

— Como foram as coisas entre vocês dois ontem à noite? — Indaguei, enquanto permitia que meu

corpo relaxasse, gostosamente, sob os raios quentes do sol.

Era um alívio estar longe daquela casa depois de uma semana inteira implorando internamente que Alexander me agraciasse com a sua presença, mesmo que por alguns instantes, sem que ele quase aparecesse. Apenas ao me encontrar ali, tranquila e relaxada, percebia que dediquei aqueles dias a pensar nele, praticamente durante o tempo todo.

— Foi normal. Ele ficou comigo até altas horas depois foi embora. — Lauren parecia muito desanimada para quem transara na noite anterior. Permaneceu em silêncio por um longo momento, como se tivesse encerrado a conversa por ali, então, subitamente perguntou: — Você já teve um orgasmo?

Encarei-a surpresa.

— Claro que sim, por quê, você não?

— Eu não sei. Como a gente sabe quando tem um?

— Se você não sabe, é porque ainda não teve. Essa não é uma coisa que não dê para se perceber. Por acaso o Anthony foi o seu primeiro?

— Lógico que não. Eu namorei um cara por três anos, antes dele. Na verdade, ele foi o meu segundo.

— É sério que você namorou com um cara por três anos e nunca teve um orgasmo? — Eu estava perplexa, mas nem tanto, muitas mulheres passavam a vida inteira sem conhecer o prazer, na maioria das vezes, por causa de uma educação familiar muito rigorosa, que as impedia de conhecer o próprio corpo, de se soltar na hora do sexo. Geralmente o parceiro era quem nos incentivava a nos libertarmos desse tipo de coisa.

— Eu não disse que não tive, só não tenho certeza. Nos livros parece tão mais intenso. Então eu fico esperando que seja assim, mas nunca é.

— Para falar a verdade, quando uma mulher está apaixonada, é bem parecido a como acontece nos livros, embora muitas mulheres tenham dificuldades com o orgasmo vaginal. Mas isso não é problema, pois sempre existe o orgasmo clitoriano. Em minha opinião, esse é o melhor. — Soltei um longo suspiro. Já havia tanto tempo que eu não fazia sexo, que estava sentindo falta. Trataria de resolver esse problema ainda naquela tarde. Desta vez, não cometeria a estupidez de levar Jack para a mansão. Existiam muitos outros lugares que podíamos procurar.

— Orgasmo clitoriano? Como se faz para ter um orgasmo assim?

Depois dessa, eu estava verdadeiramente aturdida. Lauren não sabia o que era um orgasmo clitoriano? Como assim?

— Aquele orgasmo que se tem quando o cara faz sexo oral em você.

— Eca! Que nojo! Meu namorado não fazia essa nojeira.

Eu ficava mais perplexa a cada palavra saída da boca dela.

— Não tem nada de nojento nisso, é o seu corpo, é o corpo dele. Não é mais anti-higiênico que beijar na boca.

Lauren ficou em silêncio por um momento antes de continuar.

— Foi exatamente isso que Anthony disse ontem, quando tentou fazer em mim e eu não deixei.

— Agora entendi porque você acha que nunca teve um orgasmo. Você realmente não teve. Nem todas as mulheres conseguem ter orgasmos vaginais, isso sim é muito mais difícil, embora não seja impossível. Com muitas preliminares e na posição certa, pode-se chegar lá. Mas um orgasmo clitoriano, é quase obrigatório durante uma transa. Então, da próxima vez que você ficar com ele, esquece essa coisa de nojo e deixa o cara trabalhar. Depois me conta como foi. — Pisquei o olho para ela, ciente de que ela ia ter uma deliciosa surpresa se seguisse o meu conselho.

Duas das garotas deixaram o jogo para descansar e tomamos o lugar delas. Embora aquele não fosse exatamente o tipo de programa que eu curtia, não podia negar que estava me divertindo. Era libertador esbanjar energias sobre a areia fofa e compartilhar do espírito competitivo que parecia contagiar a todos. O que não estava sendo muito divertido, era os amassos que Jack me dava cada vez que acertávamos uma

jogada. Embora soubesse que ele só estava tentando se mostrar carinhoso, gentil e atencioso, sua proximidade não estava mais me parecendo tão agradável quanto quando eu estava bêbada, pelo contrário, cada vez que os lábios dele encontravam os meus, eu fechava os meus olhos e imaginava que eram os lábios de Alexander que eu beijava, e quando constatava que não era ele, uma sensação ruim me tomava, sem que eu pudesse evitar. Talvez eu devesse beber até encher a cara de novo, para que pudesse ter alguma diversão, além de uma partida de vôlei de praia. O que eu não podia, era permitir que aquele homem interferisse em minha vida desta forma, ele não merecia os meus sentimentos, não era merecedor de nenhum minuto dos meus pensamentos, pois sequer lembrava que eu existia.

Literalmente, eu estava gostando sozinha.

Depois do jogo, nadamos, pegamos algumas ondas com pranchas alugadas, passeamos despreocupados pelas areias e no início da tarde da tarde, quando a fome bateu, por insistência de Jack, fomos para um restaurante sofisticado demais para o nosso bolso, que havia em frente à praia. Apenas eu, ele, Lauren e Anthony. Só concordei em irmos a um lugar tão caro, porque sabia que os dois rapazes estavam tentando nos impressionar e não quis desmerecer seus esforços.

Após fazermos o pedido, Jack e eu combinamos de deixarmos Lauren em casa e irmos a um lugar mais íntimo após o almoço. Eu não queria dizer nada a ele, mas duvidava que Lauren deixasse a companhia de Anthony para ir para casa ainda naquele domingo. E isso não foi a única coisa que escondi dele, eu não estava mais tão interessada em ficar a sós com ele, como na noite anterior, quando a raiva por Alexander, unida ao efeito do álcool, me motivaram a levá-lo para o meu quarto. Não que eu fosse uma garota puritana que não fazia sexo casual, sem compromisso, pelo contrário, eu fazia sempre que sentia vontade, e embora não sentisse mais desejo de ficar com ele, eu ficaria, pois essa parecia ser a única forma de conseguir arrancar Alexander os meus pensamentos.

Nosso pedido ainda nem havia chegado, quando o que parecia impossível aconteceu: nosso chefe entrou no restaurante, acompanhado de dois outros homens, ambos bem mais velhos que ele. Estava mais lindo que nunca, usando uma camiseta sem mangas branca e bermuda, com os músculos deliciosos dos braços e de parte do peito à mostra. Tinha a pele ligeiramente avermelhada, como se tivesse caminhado pela praia, sob o sol, antes de ir ao restaurante. Estava tão delicioso com aquele visual despojado, que simplesmente não consegui parar de olhar para ele, como se estivesse hipnotizada. E eu não era a única mulher do lugar a agir assim, vários pescoços se viraram na sua direção, que se mantinha indiferente a tudo e a todos a sua volta, enquanto avançava pelo salão, caminhando com o charme e a precisão de um felino, até alcançar uma mesa desocupada, na qual se acomodou, junto com seus companheiros.

Definitivamente, ele era a visão mais bela que meus olhos tiveram durante todo o dia, nem mesmo a paisagem da praia, rodeada pelos edifícios suntuosos do centro da cidade, conseguia ser mais deslumbrante que aquele homem. Olhar para ele, era como observar o sol surgindo em um dia frio e nublado.

— O que ele tá fazendo aqui? — Foi Jack quem indagou, ao seguir a direção do meu olhar.

— E eu que vou saber? No mínimo deve estar tratando de negócios com aqueles dois. — Lauren disse. — Será que devemos ir falar com ele?

— Lógico que não. Ele ia se sentir envergonhado se os empregados tivessem essa intimidade em público. — Pela hostilidade implícita no tom da sua voz, era possível notar que Jack não gostava muito de Alexander, ou então ficara mais chateado do que demonstrara por ter sido interrompido na noite anterior.

Concordamos com ele e fingimos que não conhecíamos Alexander. Só que isso durou pouco, logo um dos garçons veio me avisar que ele havia me mandado ir até lá. Sinceramente pensei em pedir ao garçom que o lembrasse que eu estava no meu dia de folga, entretanto, a curiosidade em saber o que ele queria falou muito mais alto que o desejo de mandá-lo ir para o inferno.

— Se ele te mandar fazer alguma coisa, você o lembra que hoje é a sua folga. — Disse Jack,

asperamente, lançando um olhar fulminante na direção de Alexander, sem fazer questão de esconder o quanto estava contrariado. O que considerei um grande avanço na sua atitude, se levando em conta a forma como ele agiu quando fomos flagrados no quartinho.

Meu coração traiçoeiro assumiu um ritmo descompassado no peito, à medida que eu me aproximava do homem alto, elegante, com cabelos loiros curtos e olhos incrivelmente azuis. Imediatamente, meu cérebro começou a analisar as roupas que eu vestia, só para checar se estavam apresentáveis. Eu usava uma saia de praia branca delicada, quase transparente. Não era a roupa mais comportada do mundo, mas pelo menos me deixava sexy e feminina.

— O senhor mandou me chamar? — Indaguei, ao chegar perto, cumprimentando os outros dois homens com um ligeiro aceno de cabeça.

— Sim, foi isso que o garçom disse, não foi? — Cacete! Nem em um domingo de praia ele deixava de ser arrogante? — Minha secretária está doente e não pôde sair hoje, então, já que você está aqui e não está fazendo nada, gostaria que fizesse algumas anotações para mim, sobre o que estamos tratando. Não é nenhum bicho de sete cabeças, apenas anotações simples. Você acha que consegue? — Ele ergueu uma sobrancelha, como se me desafiasse.

Como era folgado! Estava claramente precisando de ajuda e mesmo assim não se dava ao trabalho de pedir com educação, preferia ordenar, como se todos tivessem a obrigação de se manterem sempre à sua disposição, mesmo no dia de folga.

Pensei seriamente em dizer não, inclusive cheguei a abrir a boca para proferir as palavras, afinal eu não tinha nenhuma obrigação de trabalhar no domingo, entretanto, se o fizesse, ele chamaria Lauren e o domingo dela com Anthony estaria arruinado. Mas esse não era o único motivo, se eu voltasse para aquela mesa, teria que ir para algum lugar a sós com Jack e embora eu soubesse que precisava fazer isso, pelo bem do meu psicológico, no fundo eu não queria, teria que magoá-lo inventando uma desculpa esfarrapada ou dizendo a verdade.

— Tá legal. Só preciso avisar ao Jack e a Lauren.

— Só não demore.

Era mesmo muito folgado!

CAPÍTULO VIII

Jack não ficou nem um pouco satisfeito com a notícia e deixou isso bem claro ao lançar um olhar furioso na direção do nosso chefe, antes de me segurar pela nuca e me dar um beijo demorado na boca, como se marcasse território diante do outro homem, algo completamente desnecessário, visto que, Alexander Miller não me queria nem para uma transa de uma noite, por mais que eu o desejasse.

Sentei-me à mesa ao lado do meu patrão, de quem recebi uma caderneta com capa de couro e uma caneta. Por uma breve fração de segundos, minha perna roçou na dele e tudo o que não senti durante toda aquela manhã, em que Jack me beijara e abraçara, aflorou dentro de mim de uma vez, com aquele contato tão simples, uma verdadeira tempestade de sensações emergindo no meu interior, me fazendo ficar úmida entre as penas.

Me esforcei para sufocar tudo aquilo dentro de mim e me concentrar no que era dito entre os homens. Eu não fazia ideia do que precisava anotar, talvez datas e outros números, já que eram mais fáceis de cair no esquecimento. Porém, com o transcorrer da conversa, fui percebendo que se tratava de uma negociação multimilionária, uma companhia aérea estava em jogo, Alexander estava tentando comprá-la, e diante da importância da situação, passei a fazer notas de praticamente tudo o que era decidido. Uma responsabilidade gigantesca, que se tornava ainda maior se considerando o fato de que a simples proximidade de Alexander me deixava embriagada de desejo, me levando a perder a concentração a todo momento. Quando o braço dele roçava no meu então, eu tinha que fazer uma pausa e reler do início tudo o que tinha anotado.

Lauren e Jack esperaram-me por um longo tempo depois que terminaram de almoçar, como eu estava demorando, desistiram e foram embora, de modo que, no final da reunião, precisei voltar para a mansão com Alexander, no mesmo carro com qual ele estava quando nos conhecemos no engarrafamento, no dia em que cheguei a Sydney.

— Por que alguém faria uma reunião de negócios em pleno domingo, em um restaurante perto da praia?
— Indaguei, enquanto trafegávamos pelas ruas largas e movimentadas da cidade.

— Não há hora nem lugar certo para se fechar um bom negócio. Eles queriam ir à praia. Eu queria a reunião, então unimos as duas coisas.

— Você nunca se diverte, quer dizer, nunca sai para algum lugar sem que seja a trabalho?

— Ultimamente não e você, conseguiu se divertir como pretendia?

— Foi legal, mas a melhor parte ia ser durante a tarde, porque Jack ia me levar a um lugar especial.

— O que está acontecendo entre vocês é coisa séria?

Fiquei surpresa que algo relacionado à minha vida o interessasse.

— Parece que vai ficar sério. Teria sido só sexo se você não tivesse nos interrompido ontem. Essa é a lei dos relacionamentos: se existe sexo no primeiro encontro, é só sexo, se resistimos sem sexo até depois do segundo encontro, isso vira uma relação. Então, tecnicamente, você contribuiu para que eu tivesse um relacionamento sério. Se der casamento, te convido para ser o padrinho.

Tentei parecer sarcástica, mas ele sorriu, seu rosto lindo se iluminando.

— Eu não sabia que existiam essas regras entre um homem e uma mulher.

— É tudo questão de perceber como as coisas funcionam.

— Não concordo. Acho que quando os sentimentos são verdadeiros, uma relação pode surgir do sexo no primeiro encontro.

— Cite um exemplo.

Ele refletiu em silêncio por um longo momento.

— Não me lembro de nenhum agora, mas deve haver alguém.

Foi a minha vez de sorrir, um riso de vitória.

— Não tem ninguém. Ou se transa, ou se namora e transa. Essa é a regra.

Ele sorriu de novo, lindamente.

— E o que achou da praia?

— Legal. Menos do que eu esperava que fosse a praia mais popular da cidade.

— Sidney tem lugares melhores para se conhecer que uma praia abarrotada de gente. Eu posso te mostrar.

Minha nossa! Captei todos os sentidos dúbios que poderiam estar embutidos naquelas últimas quatro palavrinhas — embora eu soubesse que de fato não existia. Ele queria dizer exatamente o que disse —, e meu corpo se arrepiou de cima à baixo.

Eu sabia que não devia ir a lugar nenhum com ele, pois Jack estava me esperando. Pela forma como agira durante todo o dia, pude perceber que queria assumir um relacionamento sério comigo e embora eu pretendesse deixar Sidney dali a dois meses, seria legal passar esse tempo com alguém que realmente se importava comigo. Entretanto, que mulher na face da terra resistiria a um convite para passar mais algum tempo na companhia de Alexander? Eu era incapaz.

— Então mostra. Desde que seja um lugar onde eu possa entrar usando saída de praia.

— Você pode entrar como quiser.

— Se for a Harbour Bridge, eu já conheço. Fui lá com Lauren ontem.

— Não é a Harbour Bridge. É ainda melhor.

— Agora você me deixou curiosa.

Ele sorriu de novo, lindamente, abandonou o percurso que nos levaria de volta para sua casa e seguiu em outra direção. Atravessamos grande parte da cidade. O sol começava a se pôr quando ele finalmente parou, em frente ao Strickland House, um belíssimo patrimônio histórico.

— Você tem razão, é muito bonito. — Falei.

— Realmente, mas não é aqui, precisamos caminhar um pouco.

Saltamos, atravessamos o terreno no qual ficava o prédio antigo e pegamos uma trilha estreita que se estendia em meio a árvores frondosas. Minha surpresa foi colossal quando, alguns metros adiante, nos deparamos com a pequena praia de águas azuis turquesas, quase sem ondas, praticamente deserta, de onde se podia ter uma visão privilegiada dos edifícios alinhados diante da orla marítima, no centro de Sydney, em uma paisagem realmente de tirar o fôlego.

— Caramba! Isso aqui é um verdadeiro paraíso. Porque não está cheio de gente? — Eu estava realmente impressionada com a beleza e a magnitude do lugar.

— A maioria das pessoas prefere lugares agitados. Na verdade, elas não saem de casa para apreciar a praia, ou a natureza e sim para conhecer outras pessoas.

Ele estava certo, eu me enquadrava no grupo que descrevia, quando saía de casa para me divertir, não pensava na bela paisagem da praia, ou do clube, ou de onde quer que fosse, mas sempre queria conhecer pessoas novas, ver gente diferente.

— Você vem muito aqui?

— Eu costumava vir, não venho mais.

Subitamente, o vestígio de descontração que ele vinha demonstrando desde que deixamos o restaurante, pareceu esvair-se do seu ser, dando lugar ao mau humor e à melancolia de sempre, sua fisionomia se contraindo, seu olhar assumindo aquela expressão de amargura que quase nunca o deixava. Naquele instante, tive certeza de que seu comportamento era reflexo da tristeza que ele trazia no peito, pela perda dos pais e da esposa, de maneira tão trágica e repentina. Se eu soubesse como fazer isso tudo desaparecer de dentro dele o faria, levaria alegria à sua vida, o ajudaria a sair do poço de depressão no qual vivia mergulhado, mas eu não sabia como, tentar me manter por perto só serviria para me magoar

mais, porque eu o queria de todas as formas que uma mulher podia desejar um homem e não possuía estrutura para permanecer ao seu lado sem tê-lo da forma como tudo em mim suplicava.

— Acho melhor a gente voltar. Estou cansado. — Disse ele e concordei.

O clima leve de descontração que nos envolvia antes, foi substituído por um silêncio profundo, uma tensão já conhecida, que nos acompanhou durante todo o percurso de volta para a casa. Ao chegarmos, Meg deixou a cozinha para recebê-lo e perguntar se ele jantaria em casa, quando fiquei completamente sem graça ao subir para o segundo andar ao lado dele, diante do olhar especulativo dela. Não era difícil deduzir o que ela estava pensando sobre mim e sobre eu ter alguma coisa com filho dela, enquanto dormia no quarto ao lado do de Alexander. Quem acreditaria se eu dissesse que nada acontecia entre nós?

No segundo andar, Alexander entrou em seu quarto e eu entrei no meu, sem trocarmos mais nenhuma palavra.

O dia na praia havia sido realmente cansativo. Aquela noite meu corpo só queria cama, principalmente a cama enorme e confortável daquela suíte linda, onde eu podia dormir com a brisa fresca do oceano entrando pela porta larga da sacada, ou ligar o ar-condicionado e me encolher debaixo das cobertas'. Nem eu meus sonhos mais secretos eu me imaginei dormindo em um lugar como aquele, no qual o luxo estava presente em cada detalhe.

Não era só pela beleza do aposento, eu estava tão exausta que não tinha mais ânimo de sair para lugar nenhum. Nem mesmo quando Jack me telefonou, convidando-me para uma cerveja na varanda, me senti estimulado a sair. Pelo visto, Meg já havia contado a ele que eu tinha sido transferida para o segundo andar, pois foi a primeira coisa que ele perguntou, quando tive que explicar-lhe que estava apenas seguindo ordens. Jack se mostrou furioso com Alexander, o que era perfeitamente compreensível, afinal, embora nosso chefe não admitisse, era possível compreender que fazia aquilo a fim de evitar que ficássemos juntos na casa.

Após falar com Jack, tive a minha rotineira conversa com Lisa, através de uma chamada de vídeo, quando minha amiga me deixou tranquila ao revelar que nada de diferente havia acontecido, o dono do clube não voltara a telefonar, o assassinato de Trinity tinha sido completamente esquecido pela mídia. A poeira estava baixando, talvez em menos de dois meses eu pudesse voltar para Melbourne.

Depois da longa conversa, tomei um banho quente, demorado e relaxante. Estava completamente nua, diante do espelho, observando, com satisfação, as marcas do biquíni deixadas em meu corpo, pelo bronzamento, quando ouvi um gemido abafado partindo do outro lado da parede, do quarto de Alexander.

Minha nossa! Será que ele estava fazendo amor com alguma mulher?

Colei o ouvido na parede para tentar ouvir mais, mas nada mais partiu de lá que não o completo silêncio. Talvez ele e a mulher fossem do tipo que faziam amor silenciosamente. Acompanhado eu tinha certeza que ele estava, pois aquele gemido foi bastante real, e sem dúvida era um gemido de prazer.

Sentei-me da beirada da cama, tentando imaginar a forma como ele fazia amor. Devia ser tão intensa e selvagem quanto a forma como me beijara, como olhara para os meus seios na piscina, como me pegara de jeito naquela tarde, com impetuosidade.

Minha nossa! Como eu queria experimentar! Como queria pertencer a ele, ter todo o meu corpo tomado pelo seu, ter cada pedacinho da minha pele coberta pelo seu toque e pelos seus beijos.

Bastou que a imagem do seu corpo nu, de encontro ao meu, se projetasse em minha mente, para que o tesão aflorasse dentro de mim, com a intensidade de uma febre de quarenta graus, incendiando as minhas entranhas, tornando meu corpo muito sensível. Então, fechei os meus olhos e levei minha mão ao meu sexo, imaginando que era a mão dele que me tocava. Não precisei de muitos movimentos, bastou que massageasse meu clitóris por alguns minutos, para que o orgasmo viesse, me rasgando de dentro para fora, me fazendo gemer alto, o rosto de Alexander materializado em minha mente, nítido, como se eu

estivesse olhando para ele.

A segunda-feira começou como começavam todos os dias naquela casa, com muito trabalho e pouca vontade de fazê-lo. Como sempre, tomei o café da manhã na companhia agradável de Meg, na cozinha, quando procurei por vestígios de hostilidade nas atitudes dela, devido ao fato de que me vira subindo para o segundo andar, junto com Alexander, mas não havia nada, ela continuava a mulher gentil, simpática e descontraída que eu conhecia. Talvez tivesse maturidade suficiente para compreender que um homem como ele, não se envolveria com uma garota como eu, pelo menos não de forma tão explícita. Se estivéssemos dormindo juntos, ele não me levaria para morar em um dos quartos de hóspede e sim trataria de esconder essa relação.

Eu havia acabado de tomar o café, ainda estava na cozinha, sentada à bancada, jogando conversa fora com Meg, quando Lauren atravessou a porta que dava para o quintal, com um sorriso que ia de orelha a orelha. Após trocar algumas palavras com a mãe, saiu me puxando pelo braço para a sala.

— Quero te agradecer pelo conselho. — Disse, com tom de confidencialidade, o olhar brilhante de exultação. — Eu deixei Anthony fazer aquilo que te falei e consegui ter um orgasmo, aliás, mais de um. Foi maravilhoso!

Pelo menos alguém estava aproveitando a vida naquela casa.

— Que bom. Fico feliz por você.

— Só tem um problema. — Ela ficou séria.

— Qual?

— Ele queria que eu fizesse sexo oral nele também.

— E daí? Nada mais justo.

— Eca! E se ele gozasse na minha boca?

— Você precisa eliminar a palavra “eca” do seu vocabulário sexual. Se ele gozar, você engole.

— Que nojo! Quem faria uma coisa dessas?

— Toda mulher sexualmente ativa. Não tem nada de nojento. Pensa nisso como o resultado do prazer que você deu a ele.

— Mas o gosto é bom? Dá tesão?

— Não. O gosto é horrível. O que dá tesão é ver a expressão com que ele te olha enquanto você está engolindo.

Lauren soltou uma gargalhada tão contagiante, que sorri junto com ela.

Acho que naquela manhã, ela não conseguiu se concentrar muito na aula, ainda bem que não tinha prova, ou teria ficado reprovada.

A rotina na casa se seguiu sem nenhuma novidade. Como todos os dias, enquanto cuidava da limpeza e da organização, passei todo o tempo esperando ver Alexander a qualquer momento, mesmo que por apenas alguns minutos e quando ele chegou da rua, sem que eu tivesse visto quando saíra, entrou direto no seu porão misterioso, passando por mim sem sequer me cumprimentar, como se eu fosse invisível.

Como eu já havia desconfiado, Meg tinha permissão de entrar lá, pois assim que ele chegou, a vi indo servir o seu almoço e quando saiu, trancou a porta por fora e guardou a chave no bolso do seu avental.

Naquela noite, Jack e eu saímos para uma cerveja em um bar ali perto e quando ele me propôs que fôssemos a um lugar mais íntimo, decidi ser franca e dizer-lhe que não sentia nada por ele além de amizade, afinal não seria justo continuar enganando a nós dois. Apesar disso, ele não me pareceu disposto a desistir de nós e prometeu que conquistaria o meu amor. Eu devia ter sido um pouco mais franca e dito também que gostava de outro homem, só que aí eu teria que explicar quem era esse homem e revelar o quanto era rejeitada, seria no mínimo constrangedor.

Na terça-feira, a rotina se repetiu. Cuidei de toda a organização da casa, pesquisei algumas receitas gostosas, na internet, para que Meg preparasse para o almoço e para o jantar e passei a dia todo torcendo

para ver Alexander, mas, novamente, ele passou por mim duas vezes, apressadamente, saindo e voltando do trabalho e sequer olhou em meu rosto. Na quarta-feira, eu estava na biblioteca, espanando o pó dos livros, quando ele apareceu de repente, sua presença me parecendo tão sutil quanto um furacão nível cinco, fazendo o meu organismo reagir com violência, meu coração disparando no peito. Trazia uma pilha de papéis nas mãos, jogou tudo sobre a mesinha retangular de madeira, e com aquele tom de autoridade, nada delicado, falou:

— Você tem uma boa caligrafia e fez boas considerações durante a reunião no restaurante na praia. Quero que faça algo parecido aqui. Leia esses relatórios e me diga quais as suas impressões. Pode sublinhar trechos e acrescentar suas observações nos próprios documentos.

Ele estava falando sério? Mas eu nem tinha terminado o Ensino Médio, como ia entender o conteúdo daqueles documentos? Eu só não podia revelar isso a ele, já que Lisa terminara o colégio e eu estava assumindo a identidade dela. Seu grau de escolaridade certamente constava em seu currículo.

— Eu não sei se...

— Me entregue tudo amanhã pela manhã. — Ele me interrompeu, abruptamente. — Agora deixe a faxina de lado e obedeça.

Com isto, deixou a biblioteca, parecendo desfilar para uma plateia, lindo e soberano, dentro da camisa branca impecável e da calça social, seus passos pesados fazendo eco entre as paredes altas, abarrotadas de livros.

Acomodei-me a mesa e comecei a ler os documentos, não eram tão incompreensíveis quanto eu havia imaginado, tampouco analisá-los era uma tarefa difícil. Consistiam, basicamente, em propostas de empresas que careciam de investimentos, ou precisavam ser compradas, e a abordagem da sua rentabilidade e relevância para a economia. Ao que parecia, Alexander queria que eu analisasse as melhores propostas, aquelas nas quais mais valia a pena investir, então fiz isso, como consumidora e nada mais. Até que era um trabalho divertido, melhor que tirar o pó dos livros. Além do mais, eu nem precisava me preocupar em errar, visto que, não possuía qualquer especialização ou experiência nessa área e ele sabia disso, quando me confiou tamanha responsabilidade.

Naquela noite, eu não estava conseguindo dormir. Após conversar com Lisa por um longo tempo, deitei-me e rolei de um lado para o outro da cama, sem que o sono viesse. Por fim, decidi ir até a biblioteca em busca de algo para ler, até que o sono chegasse. Estava descendo o último degrau da escadaria, que dava acesso ao primeiro andar, quando ouvi o rangido de uma porta se abrindo e me sobressaltei. Era a porta velha do porão, nenhuma outra porta naquela casa rangia daquele jeito. Instintivamente, corri na ponta dos pés, em meio à penumbra da sala e me escondi atrás de uma cortina. Através de uma pequena fresta no tecido, vi Alexander vindo daquela direção, atravessando o cômodo amplo, usando calça de moletom e nada mais. Ele não parecia nada bem, estava quase rastejando, o corpo ligeiramente curvado, se segurando nas paredes e nos móveis para não cair. Cogitei ir até ele, tentar ajudar, mas não sabia se devia interferir.

Com toda aquela dificuldade para se locomover, ele foi para a cozinha e o segui, me esgueirando por entre a mobília para não ser vista. De trás da porta, vi quando ele se curvou sobre a pia, parecendo estar meio tonto, lavou o rosto, permaneceu imóvel por um instante e então começou a vomitar.

Não consegui mais ficar parada, só olhando, e corri ao seu socorro.

— Por Deus! O que você tem? — Acendi a luz e aproximei-me dele, procurando um meio de tentar ajudar.

Fiquei espantada quando ele virou o rosto para me encarar e vi a palidez em sua pele, a generosa camada de suor cobrindo sua testa e seu peito.

— Está me espionando?! — Praticamente rosnou, a fisionomia muito cansada.

— Claro que não. Eu estava indo à biblioteca. Você quer que eu chame um médico?

— Não faça isso em hipótese alguma. — Havia gravidade no tom da sua voz.

Mal terminou de falar e vomitou novamente, enchendo a pia. Molhei minha mão com a água da torneira e passei em seu rosto, limpando-o, tentando afastar o suor, quando percebi que sua pele estava gelada.

Alexander se virou e tentou sair do lugar, mas suas pernas foram falhando aos poucos, à medida que ele ia desmoronando, até cair no chão, sentado, as costas apoiadas no armário debaixo da pia, uma imagem desoladora de se ver, se considerando o homem vigoroso e cheio de vida que ele era.

Naquele instante, eu me desesperei, achei que ele estava morrendo, alguma coisa ele estivera fazendo naquele porão, que não apenas trabalhando.

CAPÍTULO IX

— Vou chamar um médico. — Anunciei, mas antes que tivesse tempo de me mover do lugar, ele segurou firmemente minha mão.

— Não vai. Fica aqui. Não me deixa sozinho. — Pediu.

Aflita, sem saber o que fazer, ponderei as possibilidades e por fim, peguei um pano de pratos, encharquei com a água da torneira, e sentei-me ao seu lado para passá-lo em sua testa suada, foi então que vi as picadas de agulha em seu braço, várias delas, algumas antigas, outras mais recentes, uma delas ainda sangrando e compreendi o que havia por trás da porta daquele porão: era lá que Alexander se drogava, ele era viciado em heroína e estava no meio de uma crise acarretada por overdose. Eu já vira aquelas picadas antes, em viciados que iam ao clube.

De todas as coisas que eu podia imaginar sobre o que ele escondia naquele porão, essa era a última na qual pensaria. Estava certo que perder tantas pessoas amadas doía, mas se afundar nas drogas não era solução para nada, pelo contrário.

Seguindo a direção do meu olhar e observando minha expressão, ele cobriu as picadas com a outra mão.

— Não é o que você está pensando. — Disse, a voz fraca.

— Isso não importa agora. Você precisa se recuperar.

— Eu vou melhorar. Só não me deixa sozinho.

— Não vou deixar.

Sem que eu esperasse, ele me puxou para junto de si, me acomodou de encontro ao seu peito largo, gelado e coberto de suor e passou um braço em torno do meu corpo, como se para evitar que eu saísse do lugar.

Tomada pelo turbilhão de emoções indefiníveis que a proximidade daquele homem me trazia, passei um braço em torno do seu corpo, fechei os meus olhos e me deixei relaxar, inalando seu cheiro gostoso, enquanto sentia seu coração bater muito fraco de encontro ao meu rosto. Naquele instante, eu só queria que o mundo parasse de girar, que o tempo congelasse, para que nunca mais precisasse sair dos braços dele. Mesmo fragilizado, Alexander conseguia me afetar de forma arrebatadora, meu corpo todo reagia ao dele, se tornando mais sensível, desejoso de carícias, meu coração batia mais depressa no peito. Por mais absurdo que pudesse parecer, eu tinha a sensação de que não havia melhor lugar no mundo que em seus braços.

Tentei me manter acordada, para experimentar por mais tempo a sua proximidade, mas estava tão confortável que, aos poucos, adormeci.

Fui acordada pela voz grossa de Alexander, chamando o meu nome.

— Você está melhor? — Indaguei, assim que abri os meus olhos.

— Sim. Vamos subir, o dia está quase clareando, daqui a pouco Meg estará aqui.

Levantei-me, preguiçosamente, meu corpo reclamando a distância do dele. Quando Alexander colocou-se de pé também, constatei que estava muito melhor, parecia haver recuperado o equilíbrio nas pernas e as forças no organismo. O suor abundante não estava mais em sua pele, sua temperatura voltara ao normal e a palidez havia diminuído. O que permanecia mais vívida que nunca, era a minha curiosidade em saber o que ele fazia naquele porão, se realmente era usuário de heroína. Daria um jeito de entrar lá e tirar essa história a limpo, faria isso quando ele não estivesse em casa, bastava pegar a chave no avental de Meg.

Subimos a escadaria, para o segundo andar, caminhando lado a lado. Já havíamos alcançado o

corredor quando ele voltou a falar:

— Esqueça o que você viu lá em baixo e não comente isso com ninguém.

— Eu posso até não comentar, mas esquecer vai ser impossível.

— Faça de conta que nunca aconteceu e lembre-se que você assinou um termo de confidencialidade.

Só assim fui capaz de entender o porquê daquele termo de confidencialidade.

— Você nem precisava mencionar isso. Eu jamais falaria.

— Só para garantir. Boa noite.

Com isto, entrou em seu quarto, enquanto eu me cobria de inveja até do lençol que estaria em contato com o seu corpo delicioso pelo resto da noite.

Na manhã seguinte, Alexander não foi para o escritório como de costume, eu sabia disso porque estava na sala principal, finalizando a análise dos documentos que ele me dera, por volta das nove horas, quando ele desceu as escadas do segundo andar, usando camiseta de malha com mangas compridas e calças jeans, ao invés do terno formal que costumava vestir para sair. Ainda tinha o rosto abatido, ligeiramente pálido, embora nem isso fosse capaz de torná-lo menos atraente. Ia passando direto por mim, sem sequer me cumprimentar, quando o detive, a fim de devolver os documentos.

— Eu não sabia exatamente o que você queria que eu fizesse, então segui os meus instintos e fiz o que achei que era necessário.

— Vou dar uma examinada. — Disse, recebendo os papéis das minhas mãos.

Sem mais quaisquer palavras, deu-me costas e se dirigiu para o seu misterioso porão.

Eu estava determinada a descobrir o que ele tanto fazia lá dentro, se realmente era viciado em heroína. Mesmo que não fosse isso, eu sabia que não podia ser apenas trabalho, se fosse, aconteceriam reuniões com outros executivos e acionistas da sua empresa lá. Além do mais, na noite anterior não foi a primeira vez que o vi sair lá de dentro em condições no mínimo estranhas. Daria um jeito de entrar naquele porão quando ele não estivesse em casa, não deveria ser tão difícil conseguir pegar a chave no bolso do avental de Meg. Mas pensaria nisso depois, por hora, precisava atualizar a organização da casa, que estava abandonada desde que comecei a trabalhar com a documentação que ele me dera.

Eu mal havia começado a organizar a sala principal, quando ouvi um som estridente ecoando pela casa e demorei alguns segundos para perceber que se tratava da campainha da porta. Era a primeira vez que eu ouvia aquela campainha tocar desde que chegara, Alexander definitivamente nunca tinha recebido uma visita e as entregas de mantimentos eram feitas pela entrada dos fundos.

Lembrei-me de que Lauren dissera para que eu vestisse o uniforme de governanta quando recebesse uma visita, mas eu precisava abrir a porta, não podia ir trocar de roupas enquanto deixava a pessoa esperando do lado de fora, isso seria no mínimo indelicado. Então fui como estava.

Ao abrir a porta, reconheci a irmã de Alexander, das fotografias. Pessoalmente ela era ainda mais magrinha e baixinha, se parecia com uma adolescente de doze anos e não de dezesseis. Diferente das fotografias, nas quais tinha os cabelos curtos e em outras estava completamente careca, seu cabelo estava crescido até a altura da nuca. Parecia uma bonequinha, com a pele bem clara, os olhos azuis e a fisionomia delicada. Olhar para ela era como observar um milagre, pois, de acordo com o que Meg me contara, ela havia conseguido se curar de um câncer no pulmão. Eu nunca tinha visto alguém se curar de um câncer tão grave antes.

— Quem é você? — Indagou ela, analisando-me dos pés à cabeça, a voz tão delicada quanto a sua aparência.

— Sou Lisa, a nova governanta. — Estendi a mão para cumprimentá-la, ao mesmo tempo em que abria um amplo e sincero sorriso.

— Estou perplexa. Nunca imaginei que alguém conseguiria trabalhar para o meu irmão, que não as pessoas que já o conhecem de muito tempo. — Ela apertou minha mão em cumprimento. — É um prazer te conhecer. Sou Kristen, a irmã do rabugento.

Soltei uma gargalhada do seu comentário.

— Admito que não é fácil tolerar o rabugento. Na verdade, ainda estou tentando me adaptar.

Kristen atravessou a porta, avançando pela sala enorme.

— Acredite, se você está aqui há mais de uma semana, você é uma heroína. As outras governantas não duraram nem dois dias. — Eu estava surpresa, não sabia que tiveram outros antes de mim. — Onde ele está? Você pode chamá-lo?

— Claro. Só um minuto.

Ao me aproximar da porta do porão, senti um calafrio percorrer o meu corpo. Alguma coisa naquela porta de madeira grotesca me causava pânico, ainda assim, dei duas batidas discretas, esperei por um instante e logo esta se abriu. Lancei um olhar por sobre o ombro de Alexander, tentando enxergar o que havia lá dentro, mas tudo o que vi foi a negra penumbra tomando conta de tudo, o que só serviu para atizar ainda mais a minha curiosidade sobre o que havia lá.

— O que você quer? — Indagou o meu chefe, com aquela cara amarrada de quem odiava o mundo a sua volta.

— Sua irmã está te esperando na sala.

— Ah, claro, Kristen. Eu tinha me esquecido que ela vinha. Avise que já estou indo.

Com isto, voltou para o seu refúgio misterioso, sem que eu conseguisse ver nada lá dentro pelo breve instante em que manteve a porta entreaberta.

Voltei para a sala e fiz companhia a Kristen até que ele aparecesse, com a mesma cara emburrada, como se nem a visita da irmã o deixasse animado.

Fiquei pasma quando ele passou direto por Kristen, sem sequer olhar direito para ela. Não houve qualquer demonstração de afeto da parte dele, nem um abraço, ou um simples aperto de mão. Como se aproximasse-se de uma estranha, ele contornou a poltrona na qual ela se encontrava sentada, e acomodou-se no sofá mais adiante, mostrando-se impaciente e emburrado como de costume.

— Diga logo o que você quer, tenho muito que fazer ainda hoje. — Disse ele, com a arrogância de sempre.

Foi então que percebi que Alexander realmente não me odiava, pelo menos não apenas a mim, pois não era apenas a mim que tratava com aquela frieza, esse parecia ser o seu jeito natural de ser. A impressão que passava era a de que tentava afastar as pessoas que se aproximavam. Naquele instante, parecia ter pressa em se livrar da irmã, como se a simples presença dela o incomodasse. Eu nunca havia conhecido ninguém assim, talvez ele precisasse de terapia, talvez tivesse ficado com sequelas emocionais após perder tantas pessoas amadas.

— Vim falar sobre o casamento de Cariel. — Disse Kristen, com sua voz delicada. — Vai ser neste próximo final de semana e você não pode faltar de jeito nenhum. Será realizado durante o sábado e o domingo, na ilha Kristen, antiga ilha do pecado, no sul de Singapura. Acho que você sabe onde fica, mas mesmo que não saiba vamos todos no avião particular de Cariel.

— Por que alguém precisa de dois dias inteiros só para se casar? E por que tem que ser em uma ilha no fim do mundo?

— Porque sim. Esse é o sonho deles. Temos que ajudar, ou no seu caso, no mínimo participar.

Sem graça, pigarreei antes de interromper a conversa dos dois.

— Vocês aceitam um chá, ou um café?

— Traga chá. — Foi Alexander quem respondeu e apressei-me em ir para a cozinha.

Embora estivesse gostando de ouvir a conversa, não queria parecer intrometida.

Preparei o chá rapidamente, servi em uma elegante bandeja e quando voltei à sala, eles ainda estavam envolvidos na mesma discussão. Aparentemente, Alexander havia concordado em comparecer ao tal casamento, a pauta agora era que ele precisava de uma acompanhante.

— Como assim você não tem ninguém para levar? — Kristen falava, impaciente. Mas quem podia

culpá-la? — E aquela sua secretária, a Charlize?

Meu coração falhou uma batida quando ouvi o nome da mulher ser pronunciado. Obviamente era a pessoa que trabalhava para ele, a quem Lauren se referira, a mesma que vinha visitá-lo, usando o trabalho como pretexto para dar em cima dele. Provavelmente fora ela quem estivera com ele em seu quarto, na noite em que vi a mancha em seus lençóis e provavelmente em outras noites também.

— Charlize tem muito trabalho na empresa, não tem tempo de passar dois dias inteiros em uma ilha distante, vendo pessoas que ela não conhece se casarem. E mesmo que não tivesse o trabalho, ela deve ter uma vida pessoal que não pode deixar em pleno final de semana.

— Então encontre outra pessoa. Você é um cara chato, mas não é tão feio assim. Deve haver alguém que queira acompanhá-lo a um casamento. — Acrescentou a garota e não consegui conter o riso quando ela disse isso.

Alexander cravou seus olhos em mim, enquanto servia-se do chá.

— Você por acaso tem um vestido de festa? — Indagou ele, subitamente, sem desviar seus olhos do meu rosto.

Por um instante, não tive certeza se estava realmente falando comigo, tanto que percorri os olhos e volta só para me certificar de que não havia mais ninguém na sala. Não tinha mais ninguém lá, a pergunta realmente fora direcionada a mim, ele realmente estava cogitando me convidar para acompanhá-lo ao casamento do irmão e se isso fosse um sonho, eu nunca mais queria acordar.

— Posso providenciar. — Respondi, ainda incrédula.

Eu nunca tinha ido a um casamento de gente rica, devia ser espetacular, principalmente quando realizado em uma ilha paradisíaca, em uma comemoração que duraria dois dias.

— Pronto Kristen, arranjei uma pessoa, Lisa vai comigo. Está satisfeita agora?

Kristen e eu nos entreolhamos, igualmente perplexas, pelo simples fato de que ele não perguntou a mim se eu gostaria de acompanhá-lo, sequer me convidou, simplesmente impôs a sua vontade como se o mundo inteiro fosse obrigado a obedecê-lo sem contestar.

— Mas você ainda nem perguntou se ela quer ir com você. — Disse Kristen.

— Você gostaria de ir comigo ao casamento do meu irmão, em uma ilha no sul de Singapura, Lisa?

Estreitei os meus olhos sobre os dele, tomada por um desejo absurdo de responder que não, apenas para mostrar a ele que o mundo não lhe pertencia e tampouco ele era dono da vontade das pessoas, mas eu não ia perder essa oportunidade de passar um tempo ao seu lado, de conhecer uma ilha particular e de estar em uma festa realizada por pessoas milionárias. Ah, mas não ia mesmo.

— Quero sim. — Foi a minha resposta.

— Que ótimo, vamos ficar muito felizes em ter você lá. — Kristen falou, animada, com aquele seu jeitinho adorável de ser.

— Iremos no meu avião, no sábado pela manhã. Não vejo razão para irmos na sexta-feira à noite, se as comemorações começarão no sábado. Agora que está tudo resolvido, acho que não há mais nada a tratarmos. — Alexander disse, e já foi se levantando, quase expulsando a irmã.

Meu Deus! Como ele era indelicado!

Fiquei surpresa quando, ao sair, Kristen me deu um abraço apertado, como se fôssemos velhas amigas e não estivéssemos nos vendo pela primeira vez. Talvez se tratasse de um gesto motivado pela necessidade de suprir a carência de afeto causada pelas atitudes grosseiras do irmão.

— Sua irmã é uma criatura adorável. — Comentei, depois que ela se foi.

— Sim ela é. E você, realmente tem o que vestir nesse casamento?

— Não, mas como eu disse, posso dar um jeito.

— Vou te arranjar um cartão de crédito para que você providencie isso. Não se preocupe, não será descontado do seu salário. Lembre-se de que serão várias comemorações ao longo dos dois dias, mas se você quiser ir a todas elas de jeans e camiseta, ou mesmo nua, para mim está tudo bem. E quanto a Jack,

não será um problema?

A princípio, fiquei confusa, sem compreender o que Jack tinha a ver com isso, então lembrei-me de que deixara ele acreditar que existia um relacionamento entre mim e o filho da sua cozinheira. Eu podia contar a verdade naquele instante, mas deixaria que continuasse pensando que eu era comprometida, assim como ele também parecia manter um caso secreto com alguém que servia para aquecer sua cama, mas não para acompanhá-lo em um evento familiar.

— Claro que não. Ele tem maturidade suficiente para entender que se trata apenas de uma viagem de trabalho. E quanto à sua namorada, por que não a convidou para ir com você?

— Eu não tenho namorada. Acho que já te disse isso.

— A sua ficante, ou sei lá como vocês chamam aqui em Sydney. A mulher que dorme com você.

Vi a surpresa refletir-se na expressão do seu olhar.

— Nenhuma mulher dorme comigo. De onde você tirou isso?

— Nós somos adultos, Alexander, podemos falar abertamente sobre esse tipo de coisa. Eu vi a mancha de esperma no lençol da sua cama.

Ele observou-me em silêncio por um instante, primeiro com confusão, depois com compreensão.

— Um homem não precisa estar acompanhado de uma mulher para que haja uma mancha de ejaculação no lençol dele.

Demorei alguns segundos para digerir suas palavras e, subitamente, o meu queixo caiu. Visualizei, mentalmente, seu corpo grande e forte, completamente nu, estendido sobre aquela cama enorme, sozinho, cheio de tesão, a ponto de se masturbar para alcançar o alívio, e uma poderosa descarga de energia, incrivelmente sexual, desceu pelo meu corpo, instalando-se no espaço entre minhas pernas, fazendo minha intimidade latejar, os bicos dos meus seios se tornando incrivelmente sensíveis, quase doloridos. De súbito, o ar se tornou mais pesado na sala, a ponto de eu precisar abrir a boca para puxá-lo para os meus pulmões. Lembrei-me do gemido abafado que partiu do quarto dele e cheguei à conclusão de que certamente estava fazendo a mesma coisa, já que não houve gemidos de uma mulher partindo de lá e eu duvidava que qualquer mulher conseguisse ficar silenciosa nos braços daquele homem.

— Você não precisava ter colocado essa imagem na minha cabeça. — Falei, ofegante.

Vagarosamente, o canto da boca dele se dobrou em um sorriso meio safado, que só serviu para atiçar ainda mais o desejo dentro de mim.

— Você fez isso primeiro, quando deixou que eu ouvisse seus gemidos do outro lado da parede.

Eu não sabia do que ele estava falando até me recordar de que também me tocara, em busca de alívio para o desejo feroz que me tomou por inteiro quando ouvi seu gemido abafado partindo do seu quarto. Nem me atentei para o fato de que ele também podia me ouvir e subitamente fiquei constrangida, sem saber o que dizer, como quase nunca acontecia comigo, já que não me apegava muito a valores morais.

— Vou providenciar o seu cartão de crédito. Tire a tarde de folga e faça compras, se quiser.

E foi só isso, como se não se desse conta de que acabara de causar um verdadeiro temporal de emoções dentro de mim, me deixou plantada ali no meio da sala, e voltou para o isolamento do seu porão.

CAPÍTULO X

Fui direto para o meu quarto e tomei um banho frio demorado, a fim de aplacar o fogo dentro de mim. Quando voltei para o primeiro andar, havia um cartão de crédito sobre a mesinha de centro, ao lado de um pedaço de papel branco com meu nome escrito à mão. Obviamente havia sido deixado ali por Alexander.

Como eu não fazia ideia de que tipo de roupa se usava em um casamento realizado em uma ilha paradisíaca, peguei o cartão e voltei para o meu quarto, direto para a frente do computador, pesquisar na internet sobre o que deveria comprar, para não cometer gafes na frente da família do meu chefe. Era uma responsabilidade enorme acompanhar um homem como ele a um evento tão importante. Eu não podia me dar o direito de errar, não queria que ele se arrependesse de ter me convidado.

Após as pesquisas, desci e almocei na companhia agradável de Meg, na cozinha. Ela se mostrou estupefata a ouvir a novidade, disse que era a primeira vez que Alexander participava de uma festa depois que ficou viúvo, pelo menos uma que não fosse relacionado ao seu trabalho. Percebi que, além de admirada, ela também ficou feliz, o que deixava evidente o quanto gostava de Alexander, apesar do casca grossa que ele era.

Lauren não teve aula durante a tarde, então pedi que fosse ao shopping comigo. Ela estava simplesmente radiante, não falava em outra coisa que não nas peripécias sexuais que vinha fazendo com Anthony, coisas normais que aconteciam entre um casal cuja química era grande, as quais ela chamava de loucuras sexuais e me senti recompensada por ter contribuído para que ela estivesse tão feliz.

Faltava apenas eu desencalhar, talvez essa festa de casamento fosse a oportunidade que eu precisava para conhecer alguém em quem me ligasse a ponto de parar de pensar em Alexander, porque de ter alguma coisa com ele eu já havia desistido. Se ele fosse realmente viciado em heroína, como eu tinha quase certeza, sua capacidade de se envolver com uma mulher jamais seria resgatada. Por mais que eu o desejasse, ardentemente, seria melhor partir para outra.

No shopping, comprei tudo o que os tutoriais do YouTube disseram que era chique e adequado para uma festa de casamento a luz do dia. Como o cartão de crédito era ilimitado, não me preocupei em economizar e garanti os vestidos mais caros, a maioria de tecidos leves e coloridos, para se usar durante o dia, alguns um pouco mais sofisticados, para o caso de haver alguma comemoração durante a noite, além de vários sapatos de grife, biquínis, saídas de praia e outros acessórios. Claro que não pude deixar de comprar algumas coisas para Lauren também, apesar de ela relutar em aceitar.

No dia seguinte, a rotina na casa transcorreu-se normalmente. Vi Alexander apenas rapidamente, no final da tarde, quando ele chegava a casa, usando terno e gravata, carregando sua valise.

— Sairemos amanhã às seis horas. Esteja pronta. — Disse, secamente, antes de subir para a sua suíte.

Não dormi por mais de duas horas naquela noite, o tempo todo tomada por uma ansiedade crescente. Primeiro porque nunca tinha voado de avião, segundo porque temia que a minha falta de jeito e minha língua solta, pudessem envergonhar o meu chefe diante da sua família, porém eu tinha a impressão de que ele não se preocupava muito com seus familiares, estava indo àquela festa porque Kristen o fizera se sentir obrigado a comparecer.

Na manhã de sábado, eu estava uma pilha de nervos. Deixamos a mansão bem cedo, em uma limusine luxuosa, conduzida por Jack, que pela primeira vez vestia algo que não deixava as tatuagens em seus braços à mostra e tinha o semblante carregado de ira, na certa por achar que Alexander era a razão de não estarmos juntos.

— Você está bem? Parece meio nervosa. — Alexander indagou.

Estava acomodado no assento diante do meu, na limusine, lindo como uma miragem dentro da camisa de seda, cor de beterraba, com mangas compridas e calça jeans. Tinha os cabelos desorganizados e a barba bem aparada. Não havia nada em cima dele que não me atraísse, ardentemente. Eu gostava do tom claro, quase rosado, da sua pele, dos seus ombros largos, do abdômen sarado, do peito musculoso, ressaltado pelo tecido leve da camisa. Gostava do timbre grosso da sua voz, do jeito que ele me encarava, de olhar para as suas mãos e imaginá-las acariciando minha pele, de modo que, cada vez que eu o olhava, o desejo gritava dentro de mim, suplicando por um mísero contato físico, o qual jamais acontecia.

— Não sei o que o seu irmão e a sua cunhada vão achar de ter uma empregada doméstica como convidada para o casamento deles. — Isso realmente me incomodava, embora a maior parte do meu nervosismo se devia ao fato de que passaria os próximos dois dias na companhia dele, sem o seu trabalho entre nós, me impedindo de vê-lo.

Alexander sorriu do meu comentário, seu rosto lindo se iluminando.

— Nossa família nunca fez esse tipo de diferenciação entre as pessoas e com Cariel não é diferente.

— E quanto à noiva dele?

— A origem dela não é melhor que a sua. Então relaxe e curta a viagem. Não há absolutamente nada com o que se preocupar.

Com isto, ele acomodou um computador sobre suas pernas e passou a dedicar toda a sua atenção ao monitor ligado diante à sua frente.

No aeroporto, estacionamos na pista de pouso, ao lado do avião de grande porte, diante do qual a tripulação uniformizada — duas comissárias de bordo e dois pilotos — nos aguardava. Ao saltarmos da limusine, percebi que Jack me observava com uma mágoa evidente nos olhos castanhos, enquanto segurava a porta do veículo aberta para nós, e tive a impressão de que o estava ferindo de alguma forma. Então, parei diante dele e sussurrei, para que apenas ele ouvisse:

— Não é nada do que você está pensando. É apenas uma viagem de trabalho.

— Você não tem que me dar satisfações da sua vida. — Murmurou ele, com os dentes cerrados, fuzilando-me com olhos raivosos.

Dei um beijo rápido em sua face e apertei o passo para alcançar Alexander, que se dirigia para a entrada da aeronave com passos largos e apressados.

Era o avião mais luxuoso que eu já havia visto. Embora nunca tivesse voado, eu via como era o interior de um avião na internet e na televisão e aquele era completamente diferente. Tinha poltronas largas e confortáveis e não havia mais que meia dúzia delas. O piso era acarpetado, havia aparelho de som, televisão e frigobar, imitando uma pequena sala. Nos acomodamos nas poltronas, de frente um para o outro, apertamos os cintos de segurança, e em questão de minutos estávamos decolando. Acreditei que entraria em pânico, ao levantarmos voou, mas felizmente não aconteceu, era como estar em um carro confortável.

— O que quer para o café da manhã? — Alexander indagou, sua voz grossa enchendo o ambiente, quando já estávamos no ar.

— Como assim? O que eu escolher vai ter aqui?

— Provavelmente sim. O avião é bem abastecido antes de uma viagem.

Uau! Eu estava impressionada. Como era fácil a vida de pessoas ricas, pelo menos em determinados aspectos.

— Ah, sei lá. Panquecas com geleia e suco de morango, está perfeito.

Meu chefe usou um interfone para fazer o pedido, como se estivéssemos em um hotel de luxo e não em um avião.

— Isso é o que eu chamo de viajar com estilo. — Comentei. — Se eu tivesse um avião desses, passaria mais tempo viajando que em casa.

— É o que todos pensam quando entram em um avião particular de grande porte, mas com o tempo você enjoa e até as viagens de negócios se tornam fatigantes.

— Considerando o quanto você gosta de trabalhar, duvido que algo relacionado a trabalho seja fatigante para você.

— Você fala como se me conhecesse, mas a verdade é que não sabe absolutamente nada sobre mim. — A frieza no tom da sua voz era cortante e cheguei à conclusão de que meu final de semana não seria tão agradável quanto eu imaginava. Nem sabia porque acreditei que seria. Alexander nunca se mostraria uma pessoa agradável, nem mesmo uma festa de casamento, em uma ilha paradisíaca, seria capaz de amenizar o seu constante mau humor.

— Não conheço, mas na minha profissão aprendi a decifrar uma pessoa apenas observando-a, até por uma questão de segurança.

Vi a confusão se refletindo na expressão do seu olhar e só então me dei conta de que havia falado demais. Cacete! Eu precisava aprender a manter a minha boca fechada, principalmente na presença perturbadora daquele homem.

— Por que uma governanta precisaria decifrar as pessoas por questão de segurança?

Forcei minha mente a trabalhar depressa, em busca de uma explicação.

— Ah, você sabe como é. Não é tão seguro quanto parece dormir sob o mesmo teto que pessoas estranhas. Nem sempre as famílias mais perfeitas são exatamente o que parecem.

Tentei desfazer minha falha, torcendo internamente para tê-lo convencido, embora ele continuasse me encarando com desconfiança.

Suspirei aliviada quando as duas comissárias de bordo surgiram de outro compartimento, desviando a atenção dele do assunto. Elas traziam bandejas com o farto café da manhã. Além das panquecas e da geleia de framboesas, havia café fresco, leite, cubinhos de queijo e até um fondue de chocolate com frutas diversas e wafer.

As duas mulheres bem vestidas e com uma maquiagem impecável, nos serviram, perguntaram se precisávamos de mais alguma coisa, educadamente, e deixaram o lugar.

— Uma vez li em um livro de romance, uma cena em que o personagem espalhava a calda do fondue no corpo da protagonista e limpava tudo com a língua. — Falei, enquanto levava um pedaço de morango, lambuzado de chocolate, à boca, satisfeita por atrair a atenção dele para os meus lábios.

A intenção era provocá-lo, pois apesar da sua frieza e da sua arrogância eu sabia que, no fundo, ele também me desejava, mesmo que só um pouco. Prova disso fora a forma como me beijara e me pegara naquela piscina.

— Você costuma ler muitos romances eróticos? — Lá vinha ele com seus julgamentos.

— Não acho que seja classificado como erótico só porque o autor não pulou as cenas de sexo. Seria se a temática fosse algo relacionado a sexo, mas são histórias de amor como outras, só que sem pular partes. Chamo de romance contemporâneo e é o meu gênero de literatura preferido. E nem venha me dizer que não é literatura, porque conheço pessoas que prosperaram na vida através de conhecimentos extraídos desse tipo de livros.

— Não estou julgando, mas sinceramente não posso imaginar que tipo de conhecimento é extraído de um romance com cenas de sexo.

— O mesmo conhecimento que é adquirido em outros livros fictícios, como interpretação textual, ampliação do vocabulário, incentivo a criatividade, pontuação, concordância verbal e nominal e muitos outros. Além do mais, em minha opinião, é muito frustrante ler um romance em que o autor pula as cenas de sexo, se todo mundo sabe que elas acontecem e se o ato sexual faz parte do amor, tanto quanto, ou até mais, que o restante da trama.

— Eu vi na internet, que foi comprovado por uma pesquisa, que as mulheres sentem mais tesão ao ler livros com cenas de sexo que assistindo filmes pornôs. É verdade isso?

— Tão verdade quanto o sol aparece durante o dia e a lua durante a noite.

— Por que isso? O filme pornô é mais sensual e real.

— Engano seu. O filme pornô é mecânico. Você percebe que as pessoas estão fingindo, não há sentimentos envolvidos por parte dos atores que não o desejo de que aquilo acabe logo, principalmente por parte da mulher. Fico agoniada quando assisto a um filme pornô durante o qual é necessário recorrer à lubrificação artificial para que a atriz suporte a penetração até o final da cena e mesmo assim ela continua gemendo, fingindo que está sentindo prazer, quando na verdade não vê a hora de que aquilo acabe. — Alexander soltou uma gargalhada do meu comentário. — No romance literário é diferente, há paixão e emoção. Alguns autores conseguem descrever exatamente como duas pessoas apaixonadas se sentem nesses momentos.

Alexander observou-me em silêncio por um longo momento, os olhos azuis carregados de interrogações, como se me avaliasse.

— E você já esteve apaixonada a ponto de afirmar isso com tanta certeza?

— Claro. Tive vários amores ao longo da vida.

— Não se pode ter vários amores ao longo da vida. O amor verdadeiro, só acontece uma vez na vida de uma pessoa. É isso que dizem os romances que você lê.

— Eu sei, mas quando estava apaixonada, eu achava que era verdadeiro. — Levei outro pedaço de morango à boca e Alexander sorriu amplamente.

Ele ia abrir a boca para dizer mais alguma coisa, quando o toque do seu celular o interrompeu. Ao verificar o número no visor, seu semblante mudou, os vestígios de descontração adquiridos durante nossa conversa dando lugar à tensão de sempre e ele deixou o lugar para se entocar em algum compartimento, de onde eu não pudesse ouvi-lo, antes de atender, o que achei no mínimo estranho, embora nada mais que viesse dele pudesse me surpreender.

Após o delicioso café, o sono que não senti durante toda a noite, veio com toda força e por mais que tentasse me manter acordada, para aproveitar as sete horas de voo na companhia do homem que, no momento, era o mais importante da minha vida, acabei adormecendo sem querer, ali mesmo, sentada na confortável poltrona.

Como se vivesse um sonho distante, senti os braços fortes de Alexander se inserindo entre meu corpo e o assento, erguendo-me no ar e carregando-me através de um estreito corredor. Inebriada com o cheiro delicioso, masculino, que partia dele, aconcheguei-me mais ao seu peito largo, sem me dar ao trabalho de abrir os meus olhos, porque se aquilo fosse realmente um sonho, eu me recusava a acordar. Ele deitou-me em uma cama confortável, cobriu-me com o lençol macio, ficou ali parado por um instante, sem que eu soubesse o que estava fazendo e então se foi, deixando-me sozinha, enquanto tudo dentro de mim suplicava para que eu pedisse que ele ficasse.

Dormi durante todo o voo. Estávamos próximos à aterrissagem, quando Alexander me acordou, avisando-me que estaríamos na ilha em questão de minutos. Apressadamente, levantei-me, retoquei minha maquiagem, ajeitei as roupas amarrotadas sobre o corpo e escovei os cabelos, deixando as ondas rebeldes caindo pelos ombros. Usava um dos vestidos que havia comprado, um Prada amarelo, curtinho e folgado, casual e ao mesmo tempo sofisticado.

Na pista onde aterrissamos, havia outro avião de grande porte e outros três menores, todos particulares. Tão logo descemos da aeronave, fomos recebidos pelo irmão mais novo de Alexander e pela noiva dele. Os reconheci das fotografias que vi nos álbuns que meu chefe guardava no closet. Pessoalmente, Cariel era ainda mais parecido com Alexander, pelo menos no que se referia aos traços físicos. Tinha a aparência de um surfista descolado e lembrava uma versão mais jovem, descontraída e jovial do homem para quem eu trabalhava. Abby, a noiva, era mais baixinha e miúdo do que nas fotografias, tinha os cabelos avermelhados, grandes olhos azuis escuros, a boca pequena como a de uma boneca e a fisionomia cheia de vida. Parecia ser bem mais jovem do que realmente era, tinha a aparência

de uma colegial.

Enquanto nos apresentava, percebi que Alexander mudou ao olhar para ela, seu semblante, sempre carrancudo, se suavizou, uma admiração tangível, quase uma veneração, se tornou visível na expressão do seu olhar. Era perceptível o quanto ela significava para ele, só não consegui identificar se se tratava de uma paixão não correspondida, ou de simples admiração pelo fato de ela ser uma médica brilhante, a mulher que descobriu a cura para o câncer e salvou milhões de vidas no mundo inteiro.

De uma coisa eu tinha certeza: eu daria cinco anos da minha vida para que ele olhasse para mim daquele jeito.

O mais estranho naquele encontro, foi que Cariel e Abby me abraçaram, como se fôssemos velhos amigos, mas não abraçaram Alexander, que era da família. O que deixava claro que meu chefe realmente tinha aversão a demonstrações de afeto e sua família já sabia disso.

— Estou muito feliz em ter vocês aqui. Sejam bem-vindos. — Disse Abby, exultante.

— É um grande prazer conhecer você, Lisa. — Disse Cariel, a voz e o rosto cheios de vida, a felicidade visível na sua fisionomia relaxada e tranquila.

Se Alexander tivesse uma paixão não correspondida por Abby, eu só podia lamentar por ele, pois de longe se percebia o quanto aquele casal estava apaixonado e feliz.

— O prazer é todo meu. Parabéns pelo passo que estão dando, acredito que seja o passo mais importante na vida de um casal. Fiquei muito feliz quando o meu chefe me convidou para acompanhá-lo. É uma honra para mim estar aqui. — Falei.

— A honra é toda nossa. — Foi Abby quem disse, sem que aquele sorriso de felicidade jamais deixasse seus lábios — Vamos indo. Estávamos só esperando vocês para servirmos o almoço.

Eu e ela seguimos na frente, enquanto os dois irmãos vinham atrás, conversando entre si, com tom de cumplicidade. Partimos todos em um carro esportivo conversível, dirigido por Cariel, por entre a natureza esplendorosa, intocada por mãos humanas, até um casarão enorme, de três andares, localizado em frente à praia de areias brancas, a qual parecia ser a única moradia de toda a ilha. Alguém se apossou das nossas malas e as levou para o segundo andar, enquanto éramos conduzidos, pelo casal, para os fundos do casarão, até um jardim enorme, repleto de plantas floridas, coqueiros e uma grande área gramada, com uma piscina enorme ao centro.

Haviam mesas e cadeiras organizadas por todos os lados, entre elas circulavam os convidados, cerca de uma dúzia e meia de pessoas bonitas e bem vestidas.

— Não se sinta acanhada, Lisa, todos os que estão aqui são amigos ou parentes. — Garantiu Cariel, com gentileza. Nem passava pela cabeça dele que a palavra acanhamento não fazia parte do meu vocabulário.

À medida que avançávamos pelo jardim, algumas pessoas se aproximavam de nós para cumprimentar Alexander, que respondia a todos de forma fria e seca, sem trocar qualquer contato físico com seus parentes. Outras eram apresentadas a nós por Abby, ou Cariel, amigos íntimos de ambos.

Entre os parentes, havia uma tia que morava em Melbourne e um tio que vivia na América, ambos acompanhados dos seus respectivos cônjuges e filhos, dois adolescentes e dois adultos. Todos se mostravam muito simpáticos e gentis, de modo que rapidamente me senti à vontade.

Elizabeth, uma das primas, uma loira alta, deslumbrante, com cerca de vinte e poucos anos, anunciou a Alexander que estava noiva e quando acenou para alguém que se encontrava acomodado a uma das mesas, congelei dos pés à cabeça ao ver o homem alto, excessivamente musculoso, com os cabelos negros, crescidos até altura dos ombros, presos em um rabo de cavalo, levantando-se e aproximando-se de nós. Era Logan Cooper, o sujeito que assassinara Trinity bem diante dos meus olhos, de quem eu havia fugido quando me mudara para Sydney, assumindo a identidade da minha melhor amiga.

— Esse é Logan, meu noivo. — Apresentou Elizabeth. — Nos conhecemos há bastante tempo, mas só recentemente decidimos nos casar.

Logan cravou seu olhar frio em meu rosto e um risinho bizarro se manifestou em seus lábios, o que conseguiu fazer com que eu me tremesse inteira, meu estômago embrulhando violentamente, uma camada de suor frio cobrindo minhas mãos.

Será que ele estava ali por minha causa? Estaria me vigiando? Obviamente não, pois embora fosse muita coincidência nos encontrarmos em uma festa de casamento, Elizabeth também morava em Melbourne, dissera que já se conheciam há bastante tempo e ele tirara a vida de Trinity há apenas quinze dias. O fato de estar ali, não passava de simples acaso e muita falta de sorte da minha parte. Uma infeliz coincidência.

CAPÍTULO XI

— Como vai Logan? — Indagou Alexander, apertando a mão dele, formalmente, como agia com todos.

— É um prazer finalmente conhecer toda a família da minha futura esposa. — Disse Logan, sem que aquele risinho bizarro se desfizesse dos seus lábios. — E é um prazer conhecer você, Lisa. É esse mesmo o seu nome? — Sua voz assumiu um indisfarçável tom de sarcasmo, ao pronunciar a última frase e senti como se alguém enfiasse a mão em meu estômago embrulhado e o retorcesse.

— O prazer é todo meu. Isso mesmo, Lisa. — Consegui falar, enquanto lutava bravamente contra o tremor que se instalara em minhas pernas.

— Finalmente você encontrou alguém, Alexander. Fico feliz que esteja superando o passado. — Comentou a futura sogra de Logan. Um comentário que considerei completamente desnecessário e de mau gosto.

— Na verdade, não estamos juntos. Eu trabalho para ele. É só isso. — Falei.

— Você contratou alguém para te acompanhar à festa? — Foi Elizabeth quem comentou, para em seguida soltar uma gargalhada, me deixando completamente constrangida.

— Não contratei. Eu a convidei e ela aceitou, mas se tivesse contratado você não teria nada a ver com isso, afinal eu estaria pagando com o meu dinheiro, não com seu. — Alexander foi áspero ao dizer e o sorriso da prima se desfez rapidamente.

— Dependendo da pessoa, às vezes se torna mais satisfatório e compensador contratar do que convidar. — Logan falou, sem desviar seus olhos de mim.

Imediatamente, Alexander alternou seu olhar entre nós dois, claramente desconfiado.

Um garçom passou por nós carregando uma bandeja com taças cheias de champanhe. Peguei uma e ingerir todo o líquido gelado e doce de uma vez, enquanto todos na rodinha de conversa me observavam boquiabertos.

Eu só queria testar se o efeito do álcool era capaz de me acalmar, diante da perigosa presença daquele maldito assassino. Mesmo que eu vivesse por cem anos, mesmo que prendessem outra pessoa no lugar dele, pelo assassinato de Trinity, eu jamais confiaria naquele homem, jamais conseguiria dormir à noite com tranquilidade novamente, sem o receio de que ele pudesse me encontrar a acabar comigo a qualquer momento. Havia algo de muito sombrio dentro dele, seu olhar me dizia isso. A impressão que eu tinha era que Trinity não fora a única vítima da sua crueldade, pois ele agira com muita naturalidade quanto tirara a vida dela, como se já tivesse feito aquilo antes. Não fora à toa que meus instintos me ordenaram a deixar Melbourne, depois de testemunhar o assassinato, apesar do que, isso não servira de nada, o maldito estava mais próximo a mim que antes.

— Bom, acho que todos já estão aqui, vou providenciar para que o almoço seja servido. Podem se acomodar em seus lugares, as cadeiras estão marcadas com os nomes de vocês. — Foi Abby quem anunciou, para em seguida deixar a rodinha de pessoas.

Pobre Abby! Eu podia apostar como desconhecia o fato de que recebera um assassino na sua festa de casamento. Assim como o restante da família. Talvez nem a noiva soubesse quem era ele de verdade.

Alexander e eu nos acomodamos à mesa onde estava o nosso nome, a mesma onde ficariam os noivos e Kristen. Não demorou muito para que os garçons passassem a circular com bandejas, contendo o mesmo cardápio: bruschettas de salmão com queijo gruyère e geleia de amoras, como entrada.

— Você conhece o tal Cooper, noivo de Elizabeth? — Alexander indagou, com tom de confidencialidade, enquanto o garçom nos servia.

Estava sentado à cabeceira da mesa, parecendo um rei, sua presença forte, notável e imponente,

atraindo a atenção dos demais convidados, principalmente das convidadas. Eu me encontrava acomodada na primeira cadeira do lado direito, diante de Kristen, e mais adiante estavam Abby e Cariel, de frente um para o outro, trocando olhares fervorosos e apaixonados a todo instante.

— Não. Nunca vi antes. — Menti, tomada pela sensação de que todas aquelas mentiras estavam se transformando em uma gigantesca bola de neve.

— Ele não agiu como se não a conhecesse. — Insistiu Alexander, e suspirei aliviada quando a voz feminina de Abby nos alcançou, em alto e bom tom.

— De onde você é, Lisa? — Indagou ela.

Novamente fui invadida por aquela sensação ruim de que estava enganando pessoas boas com minhas mentiras, pessoas que não mereciam ser enganadas.

— De Melbourne, conhece?

— Ainda não. Estou na Austrália faz pouco tempo. Ainda não tive tempo de conhecer quase nada.

— Quando estiver a fim de ir lá, eu te levo para conhecer a cidade. Conheço cada canto dela, inclusive os points mais irados.

— Você é natural de lá mesmo? — Foi Cariel quem indagou desta vez.

— Não. Nasci em Capertee, no norte do país. Me mudei para Melbourne há cerca de quatro anos.

— Eu conheço Capertee. Deve ter sido uma decisão difícil trocar um lugar tão tranquilo pela agitação de uma cidade grande. — Cariel continuou.

— Foi mais um meio de fuga do marasmo, que uma decisão difícil.

— Eu te entendo. Estive uma vez em uma cidade pequena, dessas do interior, e quase fiquei louca de tanto tédio. — Foi Kristen quem disse.

Continuamos envolvidos naquela conversa despretensiosa e descontraída, enquanto fazíamos a refeição. Todas as vezes que eu lançava um olhar discreto na direção de Logan, o flagrava olhando para mim, como se estivesse tramando algo, e um calafrio descia pela minha espinha. Não era possível que depois de tantos dias, ele ainda acreditasse que eu poderia abrir a boca a respeito do que fizera. Eu nem devia estar com medo, não havia o que temer. O problema, era que não era fácil apagar da minha memória o momento em que ele matara friamente aquela garota. Cada vez que eu me recordava daquele terrível momento, chegava à conclusão de que um homem como ele era capaz de qualquer coisa, não apenas pelo fato de tê-la assassinado. Como ele próprio dissera, na ocasião, foi um acidente infeliz, mas porque ele não se importara, agira como se a vida dela não valesse nada.

Eu não fui a única a perceber o quanto ele me olhava, Alexander também havia notado, embora nada dissesse a respeito.

Após a entrada, foi servido salmão assado com molho, batatas e cenouras como prato principal e pôr fim a tradicional pavlova de sobremesa. Após a refeição, alguns dos convidados, principalmente os mais velhos, subiram para um cochilo da tarde no segundo andar, enquanto outros continuavam por ali jogando conversa fora, inclusive nós cinco.

Aos poucos, foram todos migrando para as areias da praia e fiquei feliz quando Abby nos convidou a fazer o mesmo. Seria bom tomar banho de sol e de mar para me livrar daquela aura pesado de tensão, acarretada pela presença de Logan.

— Vou só colocar um biquíni e pegar o protetor solar. Para qual quarto as minhas malas foram levadas? — Indaguei.

— O terceiro do lado direito do corredor, no segundo andar. — Foi Abby quem respondeu.

— Eu também preciso trocar de roupas. Qual dos quartos é o meu? — Alexander perguntou e Abby e Cariel entreolharam-se sem graça.

— Não tínhamos quartos suficientes para todo mundo, então colocamos algumas pessoas juntas. Instalamos vocês no mesmo aposento. Tem algum problema? — Abby indagou, totalmente sem jeito.

— Mas é claro que tem problema. Nós vamos passar a noite aqui. Como você espera que eu durma

com ela no mesmo quarto? — Alexander falou, com uma aspereza absurda, como se eu fosse portadora de uma doença contagiosa grave e me senti tão envergonhada, tão humilhada, que quase cavei um buraco e enfiei a cabeça dentro dele.

— Não seja dramático Alexander, se você não consegue se controlar ao dormir no mesmo quarto que uma garota, forre um lençol no chão do banheiro e passe a noite lá! — Abby disse, com firmeza e naquele instante me tornei fã número um dela, pela sua atitude de confrontar Alexander, quando ninguém mais fazia. Talvez essa fosse a razão pela qual ele a olhava com tanta admiração.

— Eu vou na frente, então. Quando eu sair você vai. — Falei e entrei na casa quase correndo, o constrangimento me fazendo querer me esconder das pessoas.

Encontrei nossas malas já desfeitas, com as roupas organizadas no closet, no quarto indicado, um cômodo amplo, bem mobiliado, com uma varanda com vista para o mar. Eu poderia até me sentir animada por dormir no mesmo quarto que Alexander, se não tivesse certeza de que ele realmente forraria cobertas no chão do banheiro só para ficar longe de mim.

Troquei o vestido por um dos biquínis que havia comprado, um modelo até comportado, se comparado aos fios dentais que eu costumava usar. Havia custado uma pequena fortuna, ainda bem que não saíra do meu bolso. Estava vestindo a saída de praia, quando a porta se abriu e Alexander entrou, observando-me com o semblante fechado de sempre.

— O quarto é todo seu, majestade. Já estou de saída. — Embora minha voz estivesse carregada de ironia, o que havia dentro de mim era mágoa, pela forma como ele me tratava, mesmo sabendo o quanto eu o queria.

Chegando à praia, não encontrei nem Abby e nem Cariel. Reconheci Abby de longe, por causa dos seus cabelos vermelhos brilhando sob os raios do sol. Estava pilotando uma lancha em alta velocidade, próximo às areias, ao lado de Cariel e Kristen, que pareciam se divertir com a corrida. Eles três formavam uma família realmente perfeita e feliz, do tipo que dava gosto de se ver. Me perguntei se algum dia eu teria algo pelo menos parecido com o que eles tinham. Talvez isso fosse possível se eu não tivesse deixado minha cidade natal, se tivesse continuado com meu namorado dos tempos da adolescência, me casado com ele. Minha vida havia sido arruinada no instante em que me mudei para Melbourne e apenas naquele momento percebia que tinha tomado todas as decisões erradas possíveis ao longo da minha trajetória. E o pior era que não havia mais como voltar atrás. Me tornar uma moça comportada, como eram as outras garotas naquela ilha, como era Lisa, me casar e ter filhos, como elas certamente fariam, estava fora de cogitação, pois sempre apareceria alguém que me vira dançando nua em um clube, como Logan aparecera, e minha reputação estaria na lama. Ele só não falara sobre mim, ainda, porque tinha o rabo mais preso que o meu. O que me restava era retornar para Melbourne e retomar minha vida, até porque não fazia mais o menor sentido continuar em Sydney, se Logan já sabia onde eu estava.

Sentindo-me deslocada em meio ao grupo de pessoas que acabara de conhecer, escolhi um espaço na areia, afastado de todos, estendi a toalha grande no chão, tirei a saída de praia e espalhei protetor solar, abundantemente, sobre a minha pele, antes de deitar-me sob o sol escaldante. Estava começando a relaxar, sob os raios quentes, quando vi Logan deixando a água, ao lado da noiva. Parecia um lutador de boxe, com o corpo grande demais, completamente coberto por músculos, usando apenas a sunga de banho, embora eu não pudesse negar que era um belo espécime masculino.

Elizabeth deu um selinho nos lábios dele e foi se reunir com o restante da família, enquanto que, para o meu desespero, ele veio em minha direção. Parou perto de mim, o bastante para que eu o ouvisse, e fingiu estar tirando o excesso água dos cabelos compridos, para que os demais não percebessem que falava comigo, quando disse:

— Está vendo aquelas pedras ali adiante? — Lançou um olhar na direção de um paredão de pedras que interrompia o lençol de areias brancas. — Estou indo para lá, espere alguns minutos e vá atrás de mim, disfarçadamente, sem que ninguém perceba. Estarei esperando do outro lado. E não me faça esperar

muito.

Sem aguardar resposta, ele voltou para junto da noiva, ficou um tempo por perto, até que, sutilmente, foi se afastando, desaparecendo atrás do paredão de pedras que me indicara. Eu queria ter coragem de não atender à sua ordem, de deixá-lo lá esperando até se cansar, mas eu não tinha. Aquele homem simplesmente me apavorava, eu tinha a impressão de que se o contrariasse minimamente, ele poderia acabar comigo com a facilidade com que acabara com Trinity. Então, sufocando o medo dentro de mim, me certifiquei de que nenhuma das pessoas me observava, vesti a saída de praia e afastei-me, sorratamente.

O encontrei no local indicado, em uma praia completamente deserta, atrás do paredão de pedras, fora do campo de visão das pessoas que estavam na outra praia. Meu estômago gelou quando olhei de perto em seus olhos castanhos esverdeados, frios como duas pedras de gelo.

— O que você quer? Não posso demorar muito, pois Alexander irá me encontrar na praia. — Falei, tentando parecer firme, quando no fundo eu tremia.

Aquele risinho bizarro, meio cínico, se manifestou em seus lábios, enquanto ele me encarava.

— O que uma dançarina de bar está fazendo na companhia de um homem na posição de Alexander Miller? — Sua voz era grossa, firme e intimidadora.

— Trabalho como governanta na casa dele.

O sorriso dele se ampliou.

— Ele não sabe quem você é, não é mesmo? Ele te chama de Lisa. Aposto como nem imagina que você dançava nua por dinheiro em Melbourne.

Mas que canalha filho da mãe! Parecia estar fazendo chantagem, me julgando, quando na verdade seus podres eram muito mais graves que os meus.

— Isso não é da sua conta.

Seu sorriso se desfez e sua fisionomia se contraiu, subitamente, tornando-o ainda mais assustador e me arrependi por ter proferido as palavras.

— Me diz porque você está em Sydney, Emily. É por causa do que aconteceu naquela noite?

Processei suas palavras e meu corpo estremeceu dos pés à cabeça, sem que minha reação passasse despercebida aos seus olhos atentos.

— Claro que não. Nem me lembro mais o que aconteceu naquela noite. — Menti, afinal já estava me tornando uma perita em contar mentiras.

Sem que nada tivesse me preparado para isto, com um único passo, Logan eliminou a distância entre nós, e agarrou meu pescoço com sua mão forte, fazendo uma leve pressão sobre minha garganta. Era a mesma mão com a qual ele tirara a vida de Trinity, a expressão com que me encarava era quase a mesma, só não havia o prazer que ele sentira naquele terrível momento, mas o brilho demoníaco, de quem era capaz de tudo, estava lá, me fuzilando, me aterrorizando tão ferozmente que congelei no lugar, ficando paralisada, incapaz de fugir, de lutar, ou de ter qualquer outra reação.

— Não brinca comigo, gatinha, eu tenho certeza que você se mudou de cidade achando que estava fugindo de mim, só que ninguém pode fugir de mim, a menos que eu deixe.

— Eu só queria te provar que você não precisa se preocupar comigo, pois eu jamais te denunciaria.

A pressão da mão dele aumentou sobre a minha garganta, à medida que o pânico crescia em minhas entranhas, me fazendo tremer inteira, como se estivesse diante da própria morte. Ele poderia acabar comigo ali mesmo se quisesse, bastava jogar o meu corpo no mar, ninguém jamais desconfiaria dele e mesmo se desconfiassem, agiriam como no caso de Trinity, não se importariam, afinal ele era rico e poderoso e eu era apenas uma dançarina de bar, como ela. Comigo seria ainda mais fácil, pois ele era noivo de um dos membros da família, mesmo que descobrissem a verdade, todos o acobertariam. A única pessoa que se importaria com o meu sumiço seria Lisa e até ela se dar conta de que eu havia desaparecido, os peixes já teriam devorado meu corpo.

— Você acha mesmo que se me denunciar, alguém deixaria de acreditar em mim para acreditar em uma garota que dança nua por dinheiro? — Sem que eu pudesse evitar, os meus olhos se encheram de lágrimas, horror e desespero se misturando dentro de mim. — Nem por um minuto passou pela minha cabeça que você pudesse abrir essa boca bonita sobre aquele incidente. Sei que você é uma garota esperta, sabe que isso não ia dar em nada.

— E você está certo, eu jamais abriria a minha boca. Vim para Sidney só para te provar isso.

— Você sabe que também tem culpa sobre o que aconteceu, não é? Quando você saiu da outra sala, eu me distraí olhando para você e acabei apertando a garganta dela forte demais. Sabe por que, Emily? Porque era para ter sido você em cima daquele palco, era você quem eu queria comer naquela noite e ainda quero. — Sua mão deixou a minha garganta e as duas seguraram nas laterais do meu rosto, ao mesmo tempo em que seu corpo grande tocava o meu, colando-se todo a mim, intensificando o pavor que me tomava. — Para falar a verdade, eu não consigo olhar para você e não ficar de pau duro, imaginando esse corpinho gostoso se contorcendo debaixo do meu.

Ele inclinou sua cabeça, aproximando sua boca da minha, sem que o pavor me permitisse recuar, ou sequer me mover. Estava quase me beijando, quando a voz estrondosa de Alexander irrompeu pelo ar, lembrando o estrondo violento de uma trovoadas.

— Posso saber o que está acontecendo aqui?! — Esbravejou o meu chefe, fuzilando-nos com uma fúria mortal nos olhos azuis e para o meu mais profundo alívio, Logan me soltou e se afastou.

— Nada que seja da sua conta. — Logan falou e a ira se intensificou no olhar de Alexander.

— Quer me explicar o que está fazendo com o noivo da minha prima, Lisa?

Então era isso? Ele estava ali para me acusar? Será que não percebia que eu estava sendo ameaçada? Será que não enxergava o horror que me tomava? O que Logan estava fazendo comigo? E mesmo que não enxergasse a verdade, mas apenas o que lhe convinha, por que julgava apenas a mim, se era Logan quem estava quase me beijando? Se era ele o noivo e não eu? Não era necessário pensar muito para obter a resposta: eu era só uma empregada sem importância, Logan era rico e era quase parte da família. Se me matasse e esquartejasse, todos ainda ficariam do lado dele, talvez até, Alexander o ajudasse a se livrar do corpo.

Eu estava farta daquilo, estava farta de Alexander, da sua arrogância, dos seus julgamentos, da sua indiferença. Desde o dia em que entrei na sua casa, ele me julgava como se eu fosse uma vadia e mais nada, eu estava farta disso. Nem mesmo naquele momento, percebendo o estado em que eu me encontrava, ele mudava de atitude, continuava julgando e condenando. Eu não era obrigada a tolerar esse tipo de coisa, tampouco precisava mais disso, afinal Logan já sabia onde eu estava, não havia mais porque me esconder, portanto voltaria para Melbourne, imediatamente. Daria um jeito de sair daquela Ilha, nem que fosse nadando e nunca mais voltaria a olhar no rosto de Alexander. Ele não merecia os meus sentimentos, não merecia o desejo que eu trazia dentro de mim, não era merecedor de nem um minuto dos meus pensamentos.

Naquele instante, jurei para mim mesma que nunca mais pensaria nele. Daria um jeito de arrancá-lo da minha memória e do meu coração.

CAPÍTULO XII

Sem que eu percebesse, as lágrimas começaram a escorrer dos meus olhos, banhando minha face, abundantemente.

— Por que não pergunta para ele, seu imbecil? — Falei, a voz trêmula.

Obrigando meu corpo dormiente a reagir às ordens da minha mente, afastei-me, correndo o mais depressa que minhas pernas bambas me permitiam. Sem ver nada a minha volta, passei direto pela outra praia, pela toalha forrada no chão e entrei na casa. Apenas ao subir as escadarias que levavam ao segundo andar, percebi que Alexander me seguia e acelerei o passo, a fim de entrar no quarto antes dele e trancar a porta por dentro, só para não ter que olhar para a sua cara enquanto fazia as minhas malas. A verdade era que eu nunca mais queria olhar em seu rosto, apagaria seus traços da minha memória e seguiria minha vida fazendo de conta que ele não existia. Porém, não fui rápida o bastante, tão logo entrei no quarto, ele entrou também e fechou a porta por dentro.

— Quer me dizer o que raios está acontecendo aqui? Você me disse que não conhecia aquele sujeito. Por que mentiu para mim? Que outras mentiras você contou?

Cada palavra que saía da boca dele, parecia uma punhalada a mais no meu peito ferido. Apenas naquele momento, me dava conta do quanto fui estúpida ao acreditar que podia acontecer alguma coisa entre nós, pois mesmo que também me desejasse, mesmo que também me quisesse, ele me julgava como se eu fosse o pior dos seres humanos, como se fosse inferior a ele, em todos os sentidos, jamais me deixaria entrar de verdade em sua vida, jamais se envolveria. Essa era a razão pela qual ele dizia não poder ficar comigo, só não falava com todas as letras para não admitir que era um imbecil.

Por Deus! Como pude me sentir atraída por alguém assim?

Tomada por uma profusão de mágoa, raiva, tristeza, peguei a mala vazia no closet, atirei-a aberta sobre a cama e comecei a enchê-la com minhas roupas.

— Me responde Lisa, estou falando com você!

— Vai pro o inferno, seu babaca! Por que está me perguntando alguma coisa? Você já tirou todas as suas conclusões lá na praia, me julgou e condenou sem conhecer meus motivos. Na sua cabeça, eu não passo de uma vagabunda e isso nunca vai mudar!

— Eu nunca te chamei de vagabunda.

— Não diz, mas pensa!

— Então me fala seus motivos. Por que estava se pegando com aquele cara, se disse que não o conhecia? E porque está chorando? Eu quero entender.

— Não tenho que te falar nada! Sai daqui e me deixa em paz! Nunca mais quero olhar na sua cara. Vou embora dessa ilha maldita agora mesmo. Se você não quiser me levar, peça a qualquer um que me leve. Não fico aqui nem mais por um minuto. — Falei, em meio as lágrimas, um soluço alto me escapando.

Por fim, Alexander se calou, observou o que eu fazia, com confusão, como se só então se desse conta de que eu jogava as roupas na mala. Passou os dedos entre os cabelos curtos, emaranhados, como se procurasse as palavras.

— Do que você está falando? Você não vai a lugar nenhum. Pelo menos não até que eu diga que pode ir.

Se ainda restava algum controle dentro de mim, suas palavras definitivamente me fizeram perdê-lo. Sem pensar, cerrei meus dois punhos e esmurrei o seu peito, com todas as forças que existiam em meu corpo, sem que ele se movesse nenhum centímetro do lugar.

— Acontece que você não manda em mim! Não mais! Eu me demito, Alexander. Arranje outra idiota

para trabalhar na sua casa.

— Como assim? Você não pode se demitir.

— Mas é claro que eu posso! E estou me demitindo agora.

— Por que isso agora?

— Porque estou farta de você! Estou cansada da sua arrogância, da sua prepotência e dos seus julgamentos. Você viu aquele sujeito me ameaçando, e mesmo assim julgou a mim, por estar a sós com o noivo da sua prima, e não a ele.

— Não vi ameaça alguma, pelo contrário, vocês estavam quase se beijando.

— Mesmo assim, ele é o noivo, ele tinha que ser julgado, não eu! Mas você só acusou a mim. — Outro soluço me escapou. — Você tem noção da forma como se comporta comigo? Como se eu fosse a pior de todas as vadias. Está certo que não sou nenhuma santa e nunca disse que era, mas também não sou o que você pensa.

— Você entendeu tudo errado, eu não estou te julgando. Talvez eu já tenha feito isso antes, porque não sei lidar com minhas emoções. Mas não foi isso que acabei de fazer. Quando vi vocês lá, achei que ele fosse um ex-namorado seu, talvez um ex-namorado agressivo, tirando satisfações, mas nem por um minuto eu te julguei. Me desculpe se passei essa impressão, eu só não sei como lidar com esse ciúme que sinto cada vez que vejo outro homem chegando perto de você.

Precisei parar o que fazia, só para ter certeza de que tinha ouvido direito. Ele realmente disse que sentia ciúmes de mim? Meu coração disparou, como um louco no peito.

— O que você disse? — Indaguei, apenas para ter certeza de que não estava enganada.

— Eu não sei como lidar com isso, Lisa. Primeiro foi o Jack e agora esse cara. Quando vi vocês dois ali na praia, eu perdi a cabeça, porque sou louco por você. Eu te desejo tanto que às vezes chega a doer dentro de mim. Como você pode não perceber isso?

Quanto mais ele falava, mais depressa o meu coração batia, como se fosse saltar do peito a qualquer momento. As lágrimas continuavam jorrando dos meus olhos, só que dessa vez eram lágrimas de emoção. Ao mesmo tempo, a forma como ele falara comigo, na praia e em tantos outros momentos, como se eu fosse uma pessoa sem o menor valor, sem qualquer credibilidade, me impedia de acreditar no que dizia naquele instante.

— Não acredito em você. — Minha voz saiu trêmula.

— É a verdade. Há coisas sobre mim que você não sabe, coisas que me impedem de me envolver com você, ou com qualquer outra mulher, mas isso não impede que eu sinta o que sinto. Eu te desejei no instante em que a vi pela primeira vez e esse sentimento só cresce a cada dia. Já tentei ignorá-lo, mas perco a cabeça quando penso na ideia de você estar com outro homem. — Ele fez uma pausa, como se hesitasse em continuar. — Eu precisei marcar aquela reunião na praia, onde você estava com Jack, só para que você não fosse para a cama com ele. Eu não suportaria imaginar vocês dois juntos, intimamente.

— Que coisas eu não sei sobre você que te impedem de se envolver com uma mulher?

— Isso eu não posso te contar. Desculpe.

O que quer que fosse, estava relacionado ao porão em sua casa. Alguma coisa grave, talvez ilegal, ele fazia lá dentro, disso eu não tinha mais nenhuma dúvida. Pelas picadas de agulha que vi em seu braço, pela forma como o vi passando mal ao sair lá de dentro, podia estar relacionado com uso, ou até mesmo tráfico, de drogas, ou então algum experimento científico maluco, ou construção de alguma arma nuclear. Eu pretendia descobrir do que se tratava, quando voltássemos. Por hora, isso parecia completamente irrelevante, tudo o que meu cérebro conseguia assimilar era sua voz deliciosa afirmando o quanto também me queria e nada parecia ser mais importante que isso.

Então, sem parar para pensar, corri para junto dele e fui recebida pelos braços fortes em torno da minha cintura, puxando-me mais para perto, aninhando-me ao seu corpo grande e forte, em um convite irresistível para a perdição.

— Eu também te desejo, Alexander, como jamais desejei outro homem em minha vida. Nem Jack, nem aquele louco lá fora, eles não são nada para mim, mas você é tudo. Você é tudo o que eu quero.

Sua cabeça se inclinou e tremi inteira quando os seus lábios cobriram os meus, me beijando com uma paixão absurda, sua língua explorando minha boca com lascívia, despertando todo o meu corpo para o desejo arrebatador que me fazia latejar entre as pernas, tudo em mim se tornando sensível, necessitando do seu toque e dos seus beijos.

Tomada por uma necessidade urgente de tê-lo inteiro dentro de mim, me pendurei nele e abracei sua cintura com as minhas pernas, ao mesmo tempo em que enterrava os meus dedos em seus cabelos curtos e macios, atrás da cabeça, empurrando-o mais para mim. Movi meus quadris de encontro aos seus e todo o meu corpo estremeceu quando senti a ereção firme e quente pulsando de encontro ao meu sexo, por sob o tecido da sua bermuda.

Alexander apoiou suas costas na parede, inclinou os seus joelhos brevemente, de modo que fiquei praticamente montado em seu colo, minha intimidade lambuzada pressionando sua ereção, apenas a barreira do meu biquíni e da sua bermuda impedindo a penetração.

Suas mãos grandes se infiltram sob minha saída de praia, e vagaram pelas minhas costas, explorando cada centímetro da minha pele, fazendo o meu corpo todo ferver de tesão, um tesão insano, descomedido, que me fez rebolar sobre ele, me esfregando em seu pau duro, tomada pela ânsia de senti-lo todo dentro de mim.

Como se compartilhasse da mesma necessidade urgente, Alexander me segurou com firmeza e nos girou com facilidade pelo quarto, até alcançarmos a cama. Deitou-me de costas sobre o colchão e acomodou-se em cima de mim, seu corpo másculo cobrindo o meu, seus quadris ainda encaixados entre minhas pernas, a ereção a ponto de furar o tecido das roupas.

Ensandecida, introduzi minhas mãos por sob o tecido de malha da sua camiseta, acariciando os músculos firmes e bem definidos do seu peito, maravilhada, extasiada, como se tocasse uma obra de arte, um espécime puramente sexual. Minhas mãos desceram para o cós da bermuda, ansiosas por tocá-lo mais intimamente e foi nesse instante que ele parou, afastou sua boca da minha e levantou-se, deixando um vazio quase doloroso em seu lugar.

Fui inundada por uma frustração já conhecida. Recusava-me a acreditar que novamente ele ia dizer que não podia ser meu.

— O que vai acontecer aqui, será apenas sexo Lisa, nada mais que isso. E apenas nesse final de semana. Estou avisando antes para que você não se sinta magoada depois. — Falou ele, a voz rouca pela excitação.

Eu quis dizer que não me importava, pois o queria tanto que nada mais parecia realmente importar, mas a sensação de que ele estava me inferiorizando mais uma vez, foi mais forte do que eu pudesse evitar. Então, sentei-me ainda trêmula no colchão, para indagar:

— Por quê? Não sou digna de você?

— Claro que é. Não se trata de você, sou eu. Como eu já disse, há coisas ao meu respeito que você não sabe, coisas que me impedem de me envolver com uma mulher e não me pergunte do que se trata, não posso falar.

— Você não tem uma doença sexualmente transmissível, não é?

Ele sorriu, lindamente, seu rosto se iluminando.

— Não. É muito mais complicado que isso. Preciso te avisar antes para que você saiba que não pode me conquistar. Se essa for a sua intenção, devemos parar agora.

Embora o que ele me oferecia fosse pouco perto do que eu queria, jamais deixaria passar aquela oportunidade de tê-lo, pois não havia nada na vida que eu pudesse querer mais. Não importava que fosse só por um final de semana, que fosse sofrer depois, ou que isso me custasse um preço alto, nada importava mais que o ter naquele momento. Outra certeza que eu tinha, era de seus motivos estavam atrás

da porta daquele porão e assim que voltássemos para Sidney, daria um jeito de entrar lá e descobrir do que se tratava.

— Não quero desistir. — Falei, sem hesitar.

— Então temos um acordo? Você me promete que não vai se sentir usada depois? Porque não é isso que está acontecendo aqui.

— Eu não vou, se você prometer que não se sentirá também.

Ele sorriu novamente, tão lindo que eu não conseguia desviar meu olhar do seu rosto.

Eu sabia que sentiria saudade daquele sorriso, sentiria falta dele quando não pudesse mais tê-lo, a distância seria dolorosa quando eu voltasse para Melbourne, mas também seria um fator positivo, pois só assim eu seria capaz de manter a minha palavra, de não tentar fazê-lo se envolver e tudo o que restaria dele em mim seriam as lembranças daqueles momentos.

Sem desviar seus olhos lindos dos meus, Alexander voltou para junto de mim, deitou-me novamente na cama e acomodou o seu corpo grande sobre o meu, voltando a beijar-me com uma urgência gostosa, como se estivesse tão faminto quanto eu.

Sua língua ávida explorou minha boca com lascívia, antes de descer pela pele do meu pescoço, sua boca plantando um rastro de beijos e lambidas por onde passava, causando um incêndio dentro de mim. Enquanto minhas mãos se enfiavam sob sua camiseta, ansiosas por tocá-lo inteiro, as mãos grandes dele seguraram o decote da minha saída de praia e puxaram-no para baixo, rasgando o tecido fino de cima a baixo, com a facilidade de quem rasgava uma folha de jornal.

Com experiência, Alexander tirou a parte superior do meu biquíni, afastou-se alguns centímetros, para contemplar o meu corpo seminu, os olhos brilhando ao observar os meus seios, doloridos por causa do tesão. Sem desviar seus olhos de mim, segurou dos dois lados da parte de baixo do biquíni e o tirou pelas pernas, cuidadosamente, novamente parando para contemplar a minha completa nudez.

— Tão linda. — Sussurrou ele, a voz embargada de desejo.

Então, meu amante de apenas dois dias, voltou a inclinar-se sobre mim, sua boca buscando a minha, atacando-a com um beijo feroz, para em seguida deslizá-la livremente sobre minha pele em chamas. Alcançou um dos seios, circulou o mamilo sensível com a ponta da sua língua, antes de fechar os lábios sobre ele e sugar forte, enviando ondas de tesão que se alastravam pelas minhas veias e se instalavam entre minhas pernas, me fazendo gemer e latejar incontrolavelmente. Passou sua boca para o outro peito e mamou até que o mamilo estivesse completamente endurecido, meu corpo todo em chamas, ansiando por mais do que ele me dava.

Novamente, sua boca quente e úmida, vagou pela minha pele, deslizando para baixo, passando pelo meu ventre, até alcançar a minha intimidade. Alexander usou as duas mãos para me fazer abrir mais as pernas, deu uma boa olhada na minha vagina e voltou a colocar a sua boca em mim. Soltei um grito quando a sua língua gostosa atacou diretamente o meu clitóris, lambendo-o em círculos, me fazendo me contorcer sobre a cama, perdida em um mar de luxúria que parecia controlar tudo em mim.

Abri um pouco mais as pernas e ergui o meu torso, apoiando-me nos cotovelos, para observar o que ele fazia, quando vi o prazer estampado em seu rosto lindo, enquanto ele me lambia, deliciosamente. Sua língua passeou por toda a minha extensão, foi até o meu ânus, circulou-o vagorosamente, como se me provasse, voltou para a entrada da minha vagina e a penetrou, movendo-se no meu interior, levando-me a uma doce loucura. Retornou para o meu ponto mais sensível e seus lábios se fecharam sobre ele, sugando-o devagar, tirando-me o último vestígio de sensatez que me restava.

Como se previsse o que aconteceria, Alexander ergueu seu olhar, fixando-o ao meu, e me perdi nas suas duas piscinas azuis, brilhantes, enquanto era arrebatada pelo êxtase.

Como se ganhasse vida própria, minha mão apoiou-se atrás da sua cabeça e fez pressão, puxando-o mais para mim, em um ato tão ensandecido quanto os gemidos altos que escapavam da minha garganta e ecoavam pelo quarto enquanto eu gozava. Convulsionei descontroladamente, até que por fim me aquietei,

meus membros pesados, o corpo meio lânguido.

Então, seus lábios voltaram a buscar os meus, seu corpo grande novamente me cobrindo, sua língua se inserindo em minha boca, quando pude sentir o gosto do sexo e uma nova corrente de desejo se fez presente em mim.

— Você fica linda demais quando está gozando. — Sussurrou em minha boca.

Com urgência, segurei na barra da camiseta dele e a puxei para cima, quando ele ergueu-se um pouco, apoiando seu corpo sobre as mãos e os joelhos, para que eu pudesse tirá-la. Percorri meus dedos da sua clavícula até seu abdômen achatado, apreciando a dureza dos seus músculos bem feitos, desprovidos de qualquer vestígio de gordura ou de flacidez, o que foi suficiente para que eu estivesse excitada de novo, meu corpo todo em chamas, as labaredas do tesão me consumindo de dentro para fora. Sem mais condições de esperar, abri o fecho de velcro da sua bermuda e a puxei para baixo. Antes mesmo de tirá-la por completo, agarrei dos dois lados da sua cueca e a tirei do meu caminho. Fiquei extasiada ao observar o membro completamente duro, grosso, apontando para cima, tão longo que chegava a alcançar seu umbigo. Era tão lindo quanto eu imaginava, cheio de veias grossas, protuberantes, com a glândula rosada, melada com seu líquido transparente.

Não consegui resistir e avancei para ele, fazendo com que se deitasse de costas na cama e me coloquei sobre seu corpo. Agindo como uma faminta que acabava de encontrar o seu alimento, levei minha boca ao seu peito e provei cada contorno dos seus músculos duros com a ponta da minha língua, maravilhada, deliciada. Desci um pouco mais, segurei seu pau entre meus dedos, sem que minha mão se fechasse totalmente à sua volta, tão grosso ele era e o abocanhei. Passei a língua em torno da glândula robusta, provando do seu líquido salgado, sem que nada jamais tivesse me parecido tão saboroso. Abri a boca e descí mais a cabeça, permitindo a penetração. Meus lábios ainda não haviam alcançado nem a sua metade e eu já podia senti-lo pressionando minha garganta.

— Ah, Lisa, que delícia... Engole tudo... — Sua voz saiu em forma de um gemido rouco, ao mesmo tempo em que ele levava sua mão aos meus cabelos, fazendo uma leve pressão sobre a minha cabeça, alcançando ainda mais fundo, na minha garganta.

Puxei a cabeça para cima e descí novamente, levando-o tão fundo que quase me engasguei, ao mesmo tempo em que masturbava a base com uma mão. Dei início ao incessante movimento de vai e vem, com a mão e com a boca ao mesmo tempo, parando de vez em quando para lambear e beijar aquela delícia rosada, sem que seus olhos atentos deixassem de capturar cada movimento que eu fazia.

Não demorou muito para que ele se tornasse mais duro na minha boca e acelerei ainda mais os movimentos, ansiosa por extrair todo o seu prazer.

— Desculpa se isso vai ser muito rápido... É que já faz muito tempo... — Sua voz rouca e grossa, só serviu para me deixar ainda mais excitada.

— Enche a minha boca com seu leite, Alexander. — Falei, e voltei a chupá-lo com todo o desejo que vinha guardando dentro de mim.

Como um gemido rouco, que parecia sair do fundo do seu âmago, ele alcançou o ápice do prazer, ejaculando em minha boca, seu sêmen grosso e quente, jorrando com abundância em minha garganta, sem que eu me afastasse até que tivesse engolido até a última gota.

— Já fazia muito tempo. — Alexander sussurrou, ofegante, um sorriso magnífico brincando em seus lábios, iluminando seu rosto lindo.

— Chega a ser quase um crime você privar a humanidade dessa maravilha. — Falei, sem desviar meu olhar do pau, ainda completamente duro.

Alexander colocou-se de joelhos sobre a cama e puxou-me para junto dele, tomando os meus lábios de maneira feroz, colando seu corpo grande e firme ao meu, seu peito rochoso esmagando meus mamilos sensíveis e doloridos. Quando me soltou, ele deixou a cama e atravessou todo o aposento, indo na direção do banheiro, presenteando-me com a imagem da sua completa nudez, a imagem da perfeição, de

um verdadeiro espécime masculino. Voltou do banheiro trazendo um pacote de preservativos, já abrindo um deles. Cobriu-se com rapidez e habilidade, antes de voltar para mim, encaixando o seu corpo sobre o meu, seus quadris entre as minhas pernas, seus lábios sugando os meus. Penetrou-me com único movimento dos seus quadris, firme, brusco e delicioso. Seu pau, grande e grosso, pressionando as paredes da minha vagina, implacavelmente, quase me partindo ao meio, de maneira tão deliciosa que um grito surdo escapou dos meus lábios e morreu nos dele. Puxou os quadris e os arremeteu contra mim novamente, com força e brutalidade, da forma que deixaria qualquer mulher louca de prazer.

Alexander ergueu o seu corpo, apoiando-se com as palmas da mão no colchão, prendeu os meus olhos aos seus, e continuou estocando forte dentro de mim, cada movimento me fazendo gritar mais alto, meu corpo todo vibrando, tomado pelo melhor prazer que já experimentei. Temendo que ele pudesse fugir de mim, abracei seus quadris com as minhas pernas e afundei minhas unhas crescidas na pele das suas costas, gemendo, gritando, pronunciando o seu nome sem sequer perceber, ao mesmo tempo em que tentava acompanhar os movimentos dos seus quadris.

Alexander nos girou com facilidade sobre a cama, colocando-me por cima, montada em seu colo, sem que jamais os seus olhos deixassem os meus. Espalmei minhas mãos em seu peito largo, e passei a me mover freneticamente sobre ele, rebolando os quadris, movendo-os para cima e para baixo, apreciando cada centímetro da sua rigidez deslizando nas minhas paredes lambuzadas, me esticando, me preenchendo, encaixando-se em mim como uma perfeição magnífica, como se o seu corpo tivesse sido desenhado para pertencer ao meu.

Logo, o meu corpo inteiro se retesou, ansiando pela libertação, quando então Alexander segurou meus quadris dos dois lados, e moveu-se debaixo de mim, forte e impetuoso, enterrando-se mais fundo em meu canal, sua pélvis depilada se chocando contra os meus lábios inchados de prazer, roçando em meu clitóris, e foi assim que gozei novamente, loucamente, as lágrimas fugindo dos meus olhos, sem controle algum. Por fim, fiquei toda mole, acabada, meu corpo suado e saciado caindo sobre o dele, meu rosto de encontro ao seu peito magnificamente sólido e cheiroso.

— Você acabou comigo agora. — Murmurei, minha respiração ofegante, meu coração disparado no peito.

— Você me fez gozar antes, agora vou demorar um pouco. Se você quiser, podemos parar para que você descanse.

Ali estava uma coisa impossível: conseguir ficar parada enquanto estava nua nos braços daquele homem, com seu pau enterrado em mim até a raiz. Parecia loucura, mas mesmo toda mole e ofegante, eu queria mais, como uma viciada que jamais se fartava da sua droga.

— Não quero parar, eu quero que você me foda até que eu esteja tão dolorido que não consiga andar.

— Porra, Lisa!

Houve um forte espasmo do seu pau de encontro às paredes da minha vagina, enquanto ele pronunciava as palavras, e isso foi o bastante para que eu estivesse em chamas de novo, o tesão se revirando em minhas entranhas. Minha boca foi em busca da sua e o beijo veio arrasador, sua língua atacando a minha, com uma lascívia absurda, deliciosa, o que me fez recomeçar os movimentos em vai e vem dos meus quadris, vagarosamente, o pênis, duro como uma pedra, entrando e saindo de mim, deslizando com facilidade na minha umidade, me fazendo estremecer de tanto prazer.

Com habilidade, Alexander deixou o meu interior para modificar nossa posição sobre a cama, colocou-nos deitados de lado, virou-me de costas para ele, usou uma das mãos para suspender minha perna no ar, deixando-me muito aberta e voltou a me penetrar, por trás, vagarosamente, seu peito forte e seu abdômen colados às minhas costas, sua língua gostosa brincando com o lóbulo da minha orelha, seu hálito quente acariciando minha nuca, deixando-me cada vez mais excitada, completamente viciada, perdida de luxúria.

Seus movimentos foram acelerando aos poucos, à medida que sua mão livre segurava um dos meus seios, seus dedos esfregando o mamilo enrijecido, beliscando-o, enviando ondas de prazer para todo o meu corpo, me fazendo vibrar e gemer. Em seguida, sua mão deslizou pela pele da minha barriga e se

enfiou entre as minhas pernas, seus dedos se banhando em meus líquidos para depois massagear, suavemente, meu clitóris inchado, aproximando-me novamente da perdição.

— Alexander... Alexander... Já vou gozar de novo. — Sussurrei, rouca, ofegante, entre um gemido e outro, meus quadris se movendo no mesmo ritmo que os dele, trazendo-o mais fundo dentro de mim, facilitando a penetração.

— Goza, Lisa... Eu gosto de ouvir os seus gemidos quando você está gozando.

— Goza comigo dessa vez, quero senti-lo ejaculando dentro de mim.

Ele voltou a mão para meu seio e apertou meu mamilo com mais força, arrancando-me um grito, de um misto de dor e prazer e acelerou os movimentos dos seus quadris, as estocadas se tornando mais bruscas e apressadas. O orgasmo estava chegando, me tomando, quando ele parou de súbito. Virou-me de frente e montou-me, pendurando minhas pernas em seus ombros, fixando os seus olhos lindos, carregados de luxúria, nos meus. Meteu em mim com tanta força e brutalidade, que o som das nossas pélvis se chocando contra a minha ecoava pelo quarto, meu corpo todo vibrando, ondas de prazer me arrebatando.

Quando ele ficou ainda mais duro dentro de mim, meu corpo reagiu de imediato, com uma intensidade absurda e fui engolfada pelo orgasmo, que parecia me fragmentar em mil pedaços, como se eu nunca tivesse gozado na vida, o que se tornou ainda mais intenso quando ele gozou junto comigo, seus gemidos se misturando aos meus, as paredes sensíveis da minha vagina se contraindo em volta dos seus espasmos, nossos corpos ondulando juntos, nossos olhos presos aos do outro.

Nossas energias nos deixaram ao mesmo tempo e ficamos lânguidos. Cuidadosamente, Alexander deitou-se meio de lado na cama e me puxou para ele, abraçando-me apertado, acomodando minha cabeça em seu peito, passando uma das pernas em volta do meu corpo, me fazendo parecer muito pequena entre os seus braços fortes, quando pude apreciar, maravilhada, as batidas aceleradas do seu coração de encontro ao meu rosto.

— Isso foi incrível. — Sussurrei, minha voz ofegante.

E havia sido mesmo, muito melhor do que eu imaginava em meus sonhos mais secretos. Percebi que, até aquele momento, eu não sabia o que era sentir prazer de verdade nos braços de um homem e acabava de descobrir o quanto era maravilhoso, mais que isso, não existia um adjetivo que pudesse definir o que Alexander me fizera sentir. Era realmente devastador saber que eu não o teria por mais que dois dias.

— Você já está dolorida?

— Não. — Sorri, ao responder.

— Então isso não foi magnífico, ainda está sendo. Só vamos parar quando você estiver dolorida a ponto de não me aguentar mais, lembra?

Sorri novamente, tomada por uma felicidade genuína.

Ergui o rosto para encará-lo, me sentindo fascinada ao observar sua face de perto. Não havia outra beleza no mundo que se igualasse à dele, seu rosto era másculo, muito bem emoldurado, com o queixo forte, a boca ampla e bem desenhada. O azul claro dos seus olhos parecia capaz de hipnotizar qualquer ser humano do sexo feminino. Eu mal podia acreditar que ele era meu, pelo menos durante aquele final de semana, ele era todo meu.

— Você é tão lindo. — Falei, percorrendo os dedos pelo seu rosto, experimentando a maciez da pele em contraste com a aspereza da barba.

— Você que é linda. — Ele deslizou sua mão do meu ombro até os meus quadris, sem pressa alguma. — Foram muitas Noites em claro pensando nessas curvas gostosas e mesmo assim, nem por um momento, consegui adivinhar o quanto elas são magníficas, capazes de me deixar completamente sem chão.

Suas palavras me causaram uma corrente de tesão tão perturbadora, que o meu corpo estremeceu inteiro, sem que ele ficasse indiferente à minha reação. Então, entreabri os lábios e os umedeci com a ponta da minha língua, esperando pelo beijo que veio faminto e apaixonado.

Só conseguimos nos desgrudar, quando ouvimos uma batida na porta, e a voz meiga de Kristen partiu

do lado de fora.

— O que tanto vocês dois fazem trancados aí dentro? O luau já começou. Abby e Cariel me mandaram chamá-los.

Eu estava de bruços sobre o colchão, completamente nua, com o traseiro empinado, o rosto de Alexander enterrado entre minhas pernas abertas, por trás. Imediatamente fiquei tensa, só então percebendo que já havia anoitecido. Tentei levantar-me, mas as mãos fortes do meu chefe me seguraram firmemente no lugar.

— Diga a eles que desceremos em alguns minutos. — Disse ele, alto bastante para que a garota ouvisse.

— Não demorem muito. Está tudo muito lindo lá fora. — Completou ela, antes que ouvíssemos seus passos afastando-se.

— É melhor a gente descer agora, Alexander.

— Não vou a lugar nenhum até terminar o que comecei.

Então, ele voltou a segurar minhas nádegas com as duas mãos, afastando-as, e sua boca gostosa voltou para o meu sexo inchado, sua língua movendo-se freneticamente sobre o meu clitóris, levando-me rapidamente a mais um orgasmo.

— Você acaba de sugar o pouco de vida que ainda restavam em mim. — Falei, ofegante, toda trêmula.

— Foi você quem começou. Você despertou a fera louca por sexo que existe em mim, agora arque com as consequências.

Parecia mentira, mas bastaram aquelas palavras para que o meu corpo, lânguido e cansado, estivesse aceso de novo. Pena que precisávamos ir ao luau.

Alexander ajudou-me a ficar de pé e foi só então que percebi o quanto estava dolorida no meio das pernas, da forma como pretendia ficar quando ele me tomou pela primeira vez e da forma como jamais havia ficado antes.

— Consegue caminhar? — Indagou ele, observando-me.

— Eu preciso conseguir. Já imaginou o constrangimento de não poder comparecer ao luau de casamento do seu irmão porque dei a boceta demais?

Ele soltou uma gargalhada que ecoou alta pelo quarto, seu rosto se tornando ainda mais lindo, irresistivelmente atraente.

Enquanto tomávamos banho, no banheiro bem iluminado, vi de perto as picadas de agulha em seu braço, eram mais profundas que picadas de um viciado em heroína e apenas naquele momento, vendo-o tão solto e bem-humorado, tive coragem de perguntar.

— O que são essas agulhadas em seu braço?

Alexander ficou subitamente sério, sua fisionomia fechando, como o céu antes de uma tempestade.

— Algo do que eu não gostaria de falar a respeito.

— Está relacionado com o motivo pelo qual você não pode se envolver com uma mulher?

— Vamos combinar uma coisa? Sem perguntas, por favor. Vamos apenas esquecer o mundo lá fora e fazer de conta só nós dois existimos.

Se a ignorância era o preço que eu precisava pagar para tê-lo, eu estava de acordo.

— Tudo bem. Só nós dois.

— Melhor assim.

Deixamos a casa, cuja porta estava sempre aberta, de mãos dadas, avançando pelas areias da praia, despreocupadamente. O lugar estava simplesmente deslumbrante, todo iluminado com tochas de bambu, que imitavam fogueiras. Havia puffs acolchoados espalhados pela areia, assim como mesinhas de madeira simples com cadeiras e espreguiçadeiras, em meios às quais as pessoas se espalhavam, formando pequenos grupinhos. De um lado, havia um Buffet rico em petiscos e frutos do mar, cujo cheiro despertou-me um apetite voraz. Do outro lado, um pequeno aparelho de som tocava músicas românticas

em volume e confortável. Havia apenas uma tenda pequena, por sobre o aparelho e som, tudo mais acontecia ao ar livre.

Ao caminhamos por entre as pessoas, em direção à rodinha onde Abby e Cariel se encontravam, percebi que estas nos observavam de soslaio, como se soubessem o que estávamos fazendo esse tempo todo lá em cima, mas não dei a mínima importância para isso, não as veria de novo mesmo.

— O que vocês tanto faziam trancados naquele quarto até agora? — Foi Abby quem indagou, nos observando com o olhar carregado de insinuações, no instante em que nos acomodamos nos puffs próximos a ela e a Cariel. Kristen e a tia deles, também faziam parte da rodinha.

Desta vez não consegui conter o embaraço e senti minha face queimando de vergonha, principalmente porque eles viram a forma fria e indiferente como Alexander me tratava quando chegamos.

— Estávamos jogando cartas. — Alexander respondeu, sem disfarçar o tom de ironia e Abby e Cariel entreolharam-se sorrindo.

— Está tudo muito lindo. Parabéns. — Comentei, com sinceridade.

— Isso tudo faz parte de um sonho que está se realizando. — Abby falou, percorrendo o olhar sonhador por tudo à sua volta.

— Fico feliz em fazer parte da realização do sonho de alguém. — Falei.

Uma lufada de vento trouxe o cheiro gostoso da comida do bufê e meu estômago roncou de fome.

Depois de mais alguns instantes de conversa, deixei o grupo para ir até o bufê, saciar meu apetite. A variedade de petiscos e de comidas diferentes, as quais eu jamais havia visto, era tão grande que ficava difícil escolher. Peguei um dos pratinhos de festa e comecei a enchê-lo com aquilo que me parecia mais apetitoso. Estava distraída com aquela tarefa, quando alguém se aproximou de mim e antes mesmo de me virar para olhar, eu soube que era Logan, como se pudesse sentir a energia negativa e pesada que partia dele.

— Divertindo-se? — Indagou ele, colocando-se perto demais de mim.

— Estava. — Foi a minha resposta.

Arrependi-me por ter pronunciado a palavra no instante em que me virei para encará-lo e me deparei com sua fisionomia contraída, os olhos raivosos, fixos em meu rosto, me parecendo mais assustadores que nunca, causando-me um calafrio na espinha.

— Por que “estava”? A minha proximidade te desagrade de alguma forma?

E ele ainda perguntava?

— Não foi isso que eu quis dizer. Foi só a fome que atrapalhou a minha diversão. — Tentei contornar a situação, embora não conseguisse parecer nem um pouco convincente.

— Nada além do esperado, depois de passar a tarde toda trancada no quarto com seu patrão. E eu realmente acreditei que você era só uma simples empregada dele. Acho que agora entendo porque ele teve uma reação tão exacerbada quando nos viu juntos na outra praia. — Ele falava com rispidez, como se tivesse algum direito de me recriminar por alguma coisa.

— Não é nada disso que você está pensando. Nossa relação é meramente profissional.

— O que isso significa? Que ele está te pagando por sexo? — Cacete! Eu não havia me expressado corretamente e acabei passando uma impressão totalmente errada. — Se eu soubesse que você prestava esse tipo de serviço remunerado, já teria obtido o que quero há muito tempo.

Percorri os olhos em volta, checando se tinha alguém por perto que pudesse ouvi-lo e desconfiar, ou mesmo ter certeza, do que eu fazia em Melbourne. Então, pedi licença e tentei me afastar, mas ele segurou-me pelo braço, com sua garra que parecia de aço, impedindo-me de sair do lugar.

— Se você trepa por dinheiro, por que se negou a ser minha naquela noite? Acha que não sou tão bom quanto Alexander?

— Não é o que você está pensando.

Puxei meu braço da sua mão, mas não consegui me soltar. Em qualquer outra circunstância, eu teria

feito um escândalo, pois nunca fui o tipo de mulher que leva desaforos de um cafajeste para casa, entretanto, eu não podia fazer aquilo com Logan, não apenas porque estávamos em uma festa de casamento, mas porque ele simplesmente me apavorava. A forma como ele me olhava, com uma frieza absurda, conseguia plantar em minha mente a imagem da sua mão me estrangulando, tirando a minha vida, como fizera com Trinity. Bastava olhar para ele, para que o meu estômago se contorcesse e meu corpo tremesse de medo.

— Será que dá para você tirar a mão do braço dela? — A voz grossa, firme e autoritária, partiu de Alexander, que acabava de se aproximar e temi que ele tivesse ouvido parte da nossa conversa.

Vagarosamente, a mão de Logan afrouxou no meu braço e o soltou, ao mesmo tempo em que ele encarava Alexander, com os mesmos olhos frios, só que desta vez mais ferozes, carregados de ira, aquele risinho bizarro, que me apavorava, se manifestando em seus lábios. Só que eu duvidava que ele conseguisse intimidar um homem como Alexander, da forma como intimidava a mim.

— Foi mal, amigo. Eu só estava pedindo que ela me servisse um prato também, afinal achei que fosse apenas uma empregada, mas pelo visto eu estava enganado.

— Ela não é uma empregada. É minha convidada. — Em um gesto inesperado, Alexander segurou minha mão e me puxou para junto dele. — Presta bem atenção no que vou dizer, cara, porque só vou falar uma vez. Fica longe de Lisa. Finja que ela não existe, nem mesmo olhe para ela. Você não sabe o que eu serei capaz de fazer se ver você falando com ela de novo, ou mesmo se aproximando. Será que fui pouco claro?

Fiquei exultante por vê-lo me defendendo, mas minha animação durou pouco, apenas até ver Logan soltando uma gargalhada bizarra, sem que seu olhar aterrorizante acompanhasse o gesto. Gelei por dentro, esperando que ele dissesse que meu nome não era Lisa e que eu dançava nua por dinheiro em um clube noturno. Isso acabaria não apenas comigo, mas também com Alexander, por se deixar enganar por alguém como eu.

— Relaxa cara. Eu não sabia que ela é importante para você. — Disse Logan. — Como também você não sabe que a maioria de nós é capaz de coisas que os outros nem imaginam.

O olhar com que Logan o fitava, enquanto proferia aquelas palavras, parecia quase mortal, e o terror dentro de mim foi intensificado, pelo receio do que ele podia fazer contra Alexander. Um sujeito que fora capaz de tirar a vida de uma mulher, sem motivo algum, sem sentir o mínimo remorso, era capaz de qualquer coisa, inclusive de atentar contra outro homem, por mais covarde que fosse.

Preocupada, apertei mais a mão do meu chefe e o puxei, conseguindo fazer com que ele me seguisse para longe dali.

— Não foi nada, ele só queria que eu o servisse. Deixa isso para lá. — Comentei.

— Você acha que sou idiota? — O tom ríspido na voz de Alexander me pegou de surpresa. Ele segurou firmemente em minha mão e guiou-me para uma parte mais isolada da praia, afastada dos demais convidados. — Agora você vai me dizer de onde conhece esse canalha e o que ele é para você.

CAPÍTULO XIV

Segurando meu prato de comida, com a mão livre, eu sentia tanta fome que mal conseguia pensar. Não sabia que mentira inventar para responder àquilo.

— Ele não é nada para mim, eu não o conheço.

— Não minta pra mim, Lisa! — Sua voz se tornava mais áspera, seu olhar exigindo uma explicação.

— Não posso falar de onde o conheço.

Vi a surpresa atravessando rapidamente o brilho do seu olhar.

— Por que não? O que há entre vocês? Por que você disse que ele estava te ameaçando, quando vi vocês na praia?

— Porque ele estava me ameaçando. Ele fez algo muito ruim, mas não posso contar, pois isso colocaria a minha vida em perigo.

Alexander parecia mais alarmado a cada palavra que saía da minha boca.

— Isso significa que Elizabeth pode estar em perigo se casando com ele?

Naquele instante, a decepção foi me tomando lenta e amargamente, como um véu negro e pesado que caía sobre os meus ombros, à medida que eu percebia que ele não estava preocupado comigo e sim com a prima. Nem sei porque acreditei que fosse diferente, eu não significava absolutamente nada para aquele homem.

— E eu aqui achando que você estava preocupado comigo. Como posso ser tão estúpida? — O pensamento saiu em voz alta.

— Mas eu estou preocupado com você, ou não teria interferido quando o vi te segurando ali perto do bufê. Só que eu preciso saber se esse cara representa algum perigo para a minha prima também, porque você tem a mim para cuidar e você, mas ela não tem ninguém para defendê-la.

Sinceramente, cogitei falar a verdade, ou pelo menos parte dela, para que Elizabeth não estivesse em perigo, contudo, se fizesse isso, se abrisse a boca sobre o que Logan fizera em Melbourne, eu duvidava que saísse viva daquela ilha. Parecia egoísmo da minha parte, deixar que outra pessoa corresse perigo para que eu estivesse em segurança, mas a verdade era que eu não acreditava que Logan fosse capaz de machucar Elizabeth, pelo menos não a ponto de tirar a vida dela, não porque a amava, mas pelo simples fato de que ela não era uma pessoa tão insignificante quanto eu e quanto Trinity. Se fizesse algum mal a ela, ele teria que se explicar com a justiça, porque afinal ela era rica, fazia parte da alta sociedade, de uma boa família e ele sabia disso. Um covarde como Logan, não se arriscaria tanto a ir para a cadeia, não agiria de forma tão estúpida.

— Eu não posso falar, Alexander, mas acho que ele não tem motivo algum para fazer mal a Elizabeth, afinal são noivos e vão se casar. É só isso que posso te dizer. Por favor, não me pressione mais, porque não sou tão importante quanto Elizabeth. A minha vida vale muito menos que a dela. Será que você é capaz de me compreender?

Os olhos dele assumiram uma expressão ainda mais alarmada, apreensiva, seu queixo estava caído. Sem me comprometer, eu consegui deixar claro que sim, Logan representava um grande perigo para a prima dele, embora eu duvidasse que qualquer informação não concreta fosse capaz de fazer com que ela o deixasse. De longe se percebia o quanto ela estava apaixonada e talvez ele estivesse também, talvez agisse com ela muito diferente de como agira com Trinity e agia comigo. Talvez na cabeça preconceituosa dele, ela fosse merecedora do seu amor e do seu respeito, diferente de nós, reles dançarinas de um clube para homens.

Alexander lançou um olhar rápido na direção dele e quando olhei com o canto do olho, meu coração

falhou uma batida ao perceber que ele nos observava, claramente desconfiado, obviamente achando que eualaria alguma coisa sobre o assassinato que o vi cometer, o que me aproximava ainda mais do perigo.

— Vamos voltar para a festa, você precisa se alimentar. — Disse Alexander, finalmente.

Sem soltar minha mão, guiou-nos de volta para a rodinha de pessoas, próximas às tochas, que conversavam animadas e despreocupadas, sem sequer imaginar que havia um assassino entre elas, quando pude finalmente acomodar-me em um dos puffs e matar a fome que estava me matando.

O clima de tensão que se instalou entre mim e Alexander era quase palpável. Agora não apenas ele, mas eu também tinha um grande segredo que não podia ser revelado, o qual acreditei que se tornaria mais um acréscimo na imensa barreira transparente que existia entre nós. Todavia, eu estava errada. Pouco a pouco, a tensão foi se dissipando, talvez por causa do clima de romantismo que nos cercava, pela música lenta e melodiosa que tocava, pelo cenário exótico e romântico que nos rodeava e, principalmente, pela atmosfera de paixão e tranquilidade propagada por Abby e Cariel, que não se distanciavam nem por um minuto e tinham a felicidade estampada em suas fisionomias.

Não apenas eu, mas todas as pessoas na rodinha de conversa ficaram pasmas quando terminei de comer e Alexander se ofereceu para ir até o bufê me servir de mais alguma coisa e de uma bebida, caso eu desejasse. Pela reação das pessoas, percebi que ele não tinha o hábito de se comportar com gentileza, pelo menos não nos últimos anos e fiquei feliz por ter suscitado, mesmo que por pouco tempo, esse lado mais humano que ele tinha e vinha escondendo do mundo.

Quando voltou, Alexander trazia um prato de petiscos para ele também e dois coquetéis de frutas com vodka para nós dois. Fizemos a refeição e saboreamos a bebida sem pressa alguma, envolvidos pela conversa solta e descontraída das pessoas que nos rodeava. Alguns dos convidados vinham se juntar a nós, outros saíam e voltavam. A música, o cenário e a atmosfera de romantismo, tornavam tudo muito agradável, um clima gostoso nos envolvendo.

Não me atrevi mais a olhar na direção de Logan, pois sabia que ele me observava com fúria e desconfiança, era quase como seu eu pudesse sentir o peso do seu olhar queimando sobre minhas costas.

Enquanto estávamos ali, ouvi alguém dizer que o sinal de celular da ilha havia acabado e só então compreendi porque Alexander não estava recebendo um telefonema atrás do outro, como de costume. Como também relatei o seu bom humor à ausência de tais telefonemas.

Eu estava começando a ficar tonta, por causa do efeito da vodka, quando começou a tocar One Woman One Man, de Magic, no aparelho de som, uma de minhas músicas favoritas e Cariel convidou Abby para se juntar a ele em uma dança nas areias fofas da praia. Ambos começaram a dançar próximos ao aparelho de som, agarradinhos, trocando olhares apaixonados, claramente felizes e alguns outros casais os imitaram, indo dançar também. Foi então que Alexander me convidou e nem hesitei em aceitar. Fechando sua mão grande em torno da minha, ele me conduziu para perto dos outros casais e me estreitou em seus braços, aconchegando-me ao seu corpo grande enquanto nos embalava ao sabor da música lenta. O calor gostoso que emanava dele me envolveu como asas macias de anjos que me acariciavam, meu corpo inteiro reagindo, se tornando mais vivo, acordando para o desejo latente que queimava dentro de mim.

— Está gostando da festa? — Alexander indagou, a voz calma, como em poucas ocasiões.

Ele mantinha seus olhos fixos aos meus, hipnotizando-me, me puxando para uma espécie de transe para o qual apenas o azul do seu olhar conseguia me levar.

— Está tudo perfeito. Se algum dia eu me casar, quero que seja exatamente assim.

Senti seu corpo grande estremecendo, brevemente, de encontro ao meu.

— Você tem alguém em Melbourne com quem pretende se casar?

Sorri da sua reação e da sua pergunta.

— Não tenho ninguém. Estou falando de uma hipótese, caso algum dia eu me apaixone por alguém que me ame também.

— O amor não existe, isso é só uma coisa que o mundo te convence acreditar para que a instituição

familiar não acabe.

Fiquei surpresa por ouvi-lo dizendo aquilo, logo ele que vivia amargurado por ter perdido a esposa que tanto amava, que via a felicidade de Abby e Cariel por se unirem em matrimônio. Como podia não acreditar no amor?

— Mas é claro que existe, olhe para eles. — Lancei um olhar na direção de Abby e Cariel, que dançavam coladinhos, enquanto se beijavam na boca. — Isso é o amor na sua forma mais perfeita.

— Não, isso é só paixão. Foi cientificamente comprovado que o nosso corpo tem reações exacerbadas quando estamos apaixonados, mas com o tempo o nosso organismo se cansa de tais reações e a paixão acaba. O que resta depois disso é ter que suportar a pessoa para o resto da vida. Por isso a taxa de divórcio anda tão alta no mundo todo. As pessoas realmente acreditam que a paixão vai durar mais que alguns meses ou alguns anos.

— Eu também vi essa pesquisa, mas não acredito nela. Como o próprio pesquisador afirmou, depois que a paixão acaba fica o verdadeiro amor.

— Não, o que ele disse foi que fica a dependência da convivência a dois.

— Eu prefiro acreditar que o amor verdadeiro existe e que Johnny morreu logo depois de June, por não conseguir viver sem ela.

A música acabou e começou a tocar Love Me Like You do, de Ellie Goulding. Alexander apertou-me ainda mais forte, pela cintura, pressionando o seu corpo gostoso no meu, intensificando a ferocidade do desejo que ardia em minhas entranhas. Fiquei toda arrepiada quando ele começou a sussurrar a letra da música em meu ouvido, cantando junto, fazendo com que meu coração batesse ainda mais depressa no peito.

*Você é a luz, você é a noite
Você é a cor do meu sangue
Você é a cura, você é a dor
Você é a única coisa que eu quero tocar
Nunca soube que isso poderia significar tanto, tanto
Você é o medo, eu não me importo
Porque eu nunca estive tão alto
Me siga para a escuridão
Deixe-me levá-la além dos nossos satélites
Você pode ver o mundo que você trouxe para a vida, para a vida
Então me ame como você ama, me ame como você ama
Me ame como você ama, me ame como você ama
Me toque como você toca, me toca como você toca
O que você está esperando?*

Naquele instante, tive quase certeza de que o que acontecia entre nós não duraria apenas aquele final de semana, ele não era tão inatingível assim, talvez estivesse sentindo o mesmo que eu, talvez nós continuássemos juntos depois que voltássemos para a cidade. Não havia nada que eu pudesse desejar mais, que tê-lo por mais tempo, pelo tempo que fosse necessário para que meu organismo se cansasse dessa paixão visceral e absurda que eu sentia por ele, se fosse possível que algo assim acabasse, como dizia a tal pesquisa.

Por outro lado, eu podia estar me iludindo, me enchendo de falsas esperanças, ao acreditar que o estava afetando, esperanças essas que só me fariam sofrer ainda mais quando ele mostrasse que, o que acontecia entre nós, não se estenderia para além daquela ilha.

Mas eu não estava em condições de pensar nisso naquele momento. Ali, nos braços dele, aconchegada, acolhida, maravilhada, eu tinha a impressão de que o mundo a nossa volta havia desaparecido, nada mais existia além dos seus braços poderosos em torno de mim, do calor gostoso que emanava do seu corpo, da

sua voz sussurrando a letra da música em meu ouvido. Eu só queria que o tempo parasse, para que aquele momento jamais acabasse.

Subitamente, uma chuva fina começou a cair e, com o canto do olho, vi as pessoas saírem correndo, deixando a praia para se abrigarem sob a tenda e no interior da casa, enquanto nós continuávamos dançando, indiferentes à chuva que nos deixava encharcados, como se tudo o que nos importasse fosse estar nos braços um do outro.

Quando alguém desligou o aparelho de som e a música cessou, nos afastamos e sorrimos um para o outro, como se só então nos déssemos conta de que estávamos sozinhos nas areias, sob as gotas finas da chuva, encharcados até a raiz dos cabelos.

Sem que eu esperasse, Alexander acariciou meu rosto com a ponta dos dedos, o sorriso se desfazendo dos seus lábios, o brilho de euforia dando lugar a um brilho de ardor magnífico em seu olhar. Observou-me atentamente por um instante e então trouxe sua boca até a minha, beijando-me com paixão, como se os meus lábios fossem o último resquício de água no deserto, o que conseguiu intensificar o desejo dentro de mim, meu coração batendo ainda mais depressa, ondas de tesão percorrendo todo o meu corpo, se instalando no centro das minhas pernas.

— Vamos sair daqui. Preciso ficar sozinho com você. — Sussurrou ele, de encontro à minha boca, e tremi inteira com a expectativa do que faríamos em seguida.

Ele fechou sua mão grande sobre a minha e me conduziu na direção da casa, as pessoas nos observando meio chocadas, enquanto atravessávamos as areias molhadas e adentrávamos a moradia.

De volta ao quarto, Alexander se recusou a me deixar mais dolorida do que eu já estava, no centro das pernas, embora isso não impedisse que déssemos prazer um ao outro com os lábios e com as mãos, antes de dormirmos abraçados, completamente nus, seus braços fortes em volta do meu corpo, minha cabeça aninhada em seu peito, nossas pernas entrelaçadas, envolvidos por uma atmosfera gostosa de paz, felicidade e tranquilidade.

Classifiquei aquela noite como a mais perfeita da minha vida, quando dormi aconchegada nos braços do homem que eu desejava com todas as forças do meu coração, ouvindo o tamborilar reconfortante da chuva no telhado e apreciando as batidas lentas do coração dele de encontro à minha face.

Na manhã seguinte, o sol voltou a dar o ar da sua graça, forte e esplendoroso. Agradei aos céus quando descobri que o sinal de celular ainda não havia voltado, estávamos sem internet e sem telefone, verdadeiramente ilhados, em todos os sentidos da palavra. Deixamos a casa determinados a pegar um belo bronzeado, pois a cerimônia de casamento aconteceria apenas no período da tarde, tínhamos toda a manhã só para nós dois.

Atraídos pelo cheiro da comida, fomos direto para o jardim dos fundos, onde o café da manhã estava servido, um verdadeiro banquete em uma mesa retangular grande, como se via em resorts de luxo. Alguns dos convidados se encontravam por ali, aproveitando o sol para se refrescarem na piscina, inclusive Logan, que atraía a atenção da mulherada, com seu corpo cheio de músculos, oculto apenas pela sunga de banho azul colada. Eu duvidava que alguma daquelas mulheres estivesse admirando-o com tanto interesse, se soubesse do que ele era capaz.

Quando os olhos terríveis dele se fixaram em mim, Alexander me puxou para mais perto e me deu um beijo demorado na boca, como se marcasse território.

Após tomarmos um farto e delicioso café, na companhia agradável de Cariel, fomos para a praia de mãos dadas, onde encontramos uma equipe, que chegara de barco, organizando o local onde aconteceria a cerimônia, sob o comando de Abby, Kristen, a mãe de Elizabeth, e outras duas mulheres amigas do casal.

Como não pretendíamos ficar em meio à movimentação de pessoas, após cumprimentarmos a todos, partimos para um passeio ao longo do lençol branco de areias da praia. Envolvidos em uma conversa gostosa, íntima e descontraída. Passamos pelo paredão de pedras que separava uma praia da outra e seguimos caminhando sem pressa alguma, sob os raios quentes do sol.

A medida que avançamos pelos lugares menos explorados da ilha, a paisagem ia se revelando mais deslumbrante, o lençol de areias branco, intocado, fazia contraste com o verde da mata de um lado e com o azul turquesa do oceano do outro.

Alguns quilômetros adiante, encontramos uma praia quase completamente formada por rochas, algumas das quais se reuniam em formatos de côncavos, perto da margem, formando uma piscina natural de águas tão transparentes que era possível enxergar a areia branca no fundo. Parecia com a praia na qual Alexander me levava em Sydney, só que era ainda mais bonita e esplendorosa, exibindo a natureza intocada por todos os lados.

— Minha nossa! Isso aqui é lindo demais. — Eu estava realmente impressionada.

— Acredito que Cariel não conhecia nem metade das belezas dessa ilha quando a comprou, com o intuito de trazer os amigos para fazerem farras aqui.

Eu já sabia que Cariel havia comprado a ilha, mas acreditei que tinha sido para explorar o turismo, já que trabalhava na área. Estava perplexa por saber que comprara apenas para fazer farras com os amigos.

— Ele comprou a ilha inteira só para fazer farra com os amigos?

— Sim. A vida dele era uma eterna farra antes de conhecer Abby. Para você ter uma ideia, a ilha se chamava “Ilha do Pecado”. Agora imagina o que esses garotos aprontavam aqui.

— Isso foi antes. Agora ele tem Abby. Às vezes uma pessoa só precisa conhecer alguém especial para encontrar o seu caminho na vida.

Minha frase foi uma indireta, mas que só serviu para fazer com que Alexander ficasse carrancudo, como de costume.

— Podemos dar um mergulho? Não é todo dia que se vê uma piscina natural em uma praia completamente deserta.

— Claro. Está mesmo muito quente.

Sem que ele desviasse seus olhos atentos de mim, tirei a saída de praia branca e delicada pela cabeça, ficando só com o biquíni minúsculo, da mesma cor. Dei um passo na direção da água, ansiosa para mergulhar e me refrescar, quando ele segurou em meu braço para me deter.

— Você precisa passar protetor solar no corpo todo, vi que passou apenas no rosto.

Ele estava certo, sem o protetor solar minha pele, clara demais, provavelmente queimaria sob o sol escaldante. Sem esperar permissão, ele enfiou a mão na minha bolsa, de onde tirou a bisnaga de protetor solar, derramou um pouco do creme perfumado sobre a palma da sua mão, e começou a espalhá-lo sobre a minha pele, vagorosamente, primeiro nas costas, depois no colo e finalmente na barriga, que era onde eu não havia passado antes de deixarmos a casa.

Como eu já esperava, sua mão grande percorrendo minha pele, suscitou o desejo escaldante no meu interior, fazendo meu sangue ferver nas veias, minha intimidade latejando, impaciente por senti-lo me tocando mais intimamente, me beijando, me penetrando.

CAPÍTULO XV

Forçando-me a resistir ao temporal de sensações que me tomava, corri para a água antes que perdesse o controle e o agarrasse pelo pescoço, visto que, precisávamos nos refrescar a tempo de não pegarmos uma insolação. Atravessei a barreira de pedras com facilidade, até alcançar a piscina natural e mergulhei. A água estava uma delícia, fresca, calma e transparente.

De onde estava, pude ver quando Alexander livrou-se da sua camiseta e da bermuda, exibindo o corpo delicioso, coberto por músculos bem definidos, dentro da sunga de banho preta colada, a qual trazia uma protuberância tão grande, na frente, que parecia prestes a se rasgar a qualquer momento.

Espalhou o protetor solar sobre seu corpo, apressadamente, e o mundo pareceu congelar a minha volta, a paisagem deslumbrante se tornando totalmente imperceptível, quando ele veio em minha direção, movendo-se com um charme irresistível enquanto caminhava com passos largos e precisos. Atravessou as pedras rochosas e mergulhou, sem que meus olhos deixassem de capturar cada mínimo movimento seu, mesmo quando estava sob a água transparente. Quando emergiu, ele se encontrava diante de mim, tão perto que o calor do seu corpo podia me alcançar, a água na altura da nossa cintura. Estreitou seus olhos, ainda mais claros e azuis de encontro aos raios do sol e fitou-me fixamente no rosto, hipnotizando-me, deixando-me quase tonta de tanta paixão.

— A água está mesmo uma delícia. — Disse ele, sem desviar seus olhos dos meus.

— Não é só a água. — Falei e ele sorriu, lindamente.

Tentei me controlar e aproveitar o banho de mar, mas foi impossível, quando dei por mim meus braços já estavam em torno do pescoço dele, meus dedos se enterrando em seus cabelos curtos, meu corpo se colando ao seu, minha pele ardendo de tesão ao entrar em contato direto com a pele dele.

Alexander contornou um braço em torno da minha cintura, pressionando mais o meu corpo no seu, quando pude sentir a ereção pulsando contra o meu ventre e tudo se intensificou no meu interior. Com a outra mão, ele acariciou o meu rosto, fitando-me quase com veneração.

— Você é tão linda. — Sussurrou.

No instante seguinte, seus lábios estavam pressionados aos meus, com avidez, a língua invadindo minha boca, explorando-a com lascívia, fazendo o meu corpo vibrar, excitado.

Nos beijamos até que eu estivesse completamente sem fôlego e mesmo assim não conseguimos separar nossas bocas. Minhas mãos deslizaram livremente pelo seu corpo seminu, percorrendo cada centímetro da sua pele gostosa e quente, contornando os músculos duros, ao mesmo tempo em que uma das mãos dele descia pela minha silhueta e se infiltrava na calcinha do meu biquíni, um dos dedos mergulhando entre os meus lábios vaginais, penetrando-me, deslizando com facilidades na minha abundante umidade, enquanto eu só conseguia gemer na sua boca, ensandecida, tomada pela luxúria.

— Eu gosto da sua boceta. — Alexander sussurrou, rouco e ofegante, sua boca deslizando através da pele do meu pescoço. — Gosto de como ela é carnuda, da forma como está sempre depilada, lisinha e molhadinha para mim. — Tirou o seu dedo do meu interior, segurou na parte externa dos meus grandes lábios e os esfregou um no outro. — Fico à beira da loucura quando imagino que outro homem pode tocar você aqui.

— Nenhum outro vai me tocar. Eu sou apenas sua e sou toda sua.

E era verdade, pelo menos durante aquele final de semana que se aproximava do fim. Depois disso, ele não teria mais o direito de se sentir mal ao me imaginar com outro homem, porque provavelmente eu estaria com outro e não demoraria muito, se isso me ajudasse a esquecê-lo. Mas eu não queria pensar nesse assunto naquele momento, então, afastei todos os pensamentos e me entreguei apenas ao que eu

sentia, à paixão visceral que invadia o meu peito.

Tomada pela Luxúria, enfiei minha mão na sua cueca e segurei o membro grande e grosso, masturbando-o, deliciada com a maciez da pele se movendo sobre a carne rija, enquanto minha vagina palpitava, em uma súplica silenciosa por senti-lo.

Com mãos impacientes, Alexander abriu o laço da parte superior do meu biquíni, deixando a peça pequena cair sobre a água e abocanhou um dos meus seios, circulando o mamilo com a ponta da sua língua, deliciosamente, para em seguida fechar sua boca sobre ele e sugar, forte e incessantemente, fazendo com que ondas de tesão me percorresse inteira, levando gemidos altos a fugirem dos meus lábios. Enfiou novamente sua mão dentro da minha calcinha, desta vez para massagear meu clitóris em círculos, me fazendo gemer ainda mais alto e abrir mais as pernas, enquanto sua boca alcançava o outro peito e o mamava com a mesma avidez, deixando-me cada vez mais excitada, perdida de prazer.

Como se aquele contato tivesse se tornado pouco para faltar a sua fome pelo meu corpo, ele segurou-me pela cintura, dos dois lados, ergueu-me com facilidade e sentou-me sobre uma pedra lisa e reta, tirou minha calcinha com pressa, suspendeu os meus pés, pendurando-os na borda da pedra, de modo que precisei apoiar as mãos para trás, e afastou minhas pernas até o limite, deixando-me completamente aberta diante dos seus olhos, minha boceta quase na altura do seu rosto.

Era estranho, e ao mesmo tempo excitante, ficar assim, toda escancarada, em plena luz do sol, ao ar livre, diante de um homem que devorava meu corpo com os olhos famintos.

— Não existe nenhuma imagem mais bela nesse mundo. — Disse ele, a voz grossa e rouca. — Tudo em você é perfeito, tudo me atrai. Você foi a única mulher capaz de despertar a fome por sexo que parecia não existir mais dentro de mim.

Com isto, ele inclinou-se à minha frente, levando sua boca gostosa para a minha intimidade, sem que eu desviasse os meus olhos dele. Primeiro mordeu minha pélvis, fazendo uma leve pressão, depois mordeu o lábio esquerdo, então o direito e por fim introduziu sua língua entre eles, movendo-a diretamente sobre o meu clitóris, me fazendo soltar um grito.

— Porra, que delícia! — As palavras me escaparam.

Não satisfeito, Alexander percorreu sua língua, gostosa e experiente, por todo o meu sexo, lambendo o meu ânus em círculos antes de introduzi-la na minha vagina, movendo-a no meu interior, como se o meu prazer o alimentasse. Quando voltou a lamber o meu ponto mais sensível, introduziu um dedo em meu ânus e outro na minha vagina, movendo-os ao mesmo tempo, em um enlouquecedor vai e vem levando-me muito perto da insanidade.

Fechou seus lábios sobre o meu clitóris, chupando-o suavemente, à medida que acelera o movimento dos seus dedos e foi assim que o orgasmo veio com tudo, me fazendo vibrar e convulsionar sobre aquela pedra, meus gemidos ecoando altos, minha mão indo para trás da sua cabeça, fazendo pressão, meu corpo querendo mais dele, enquanto seu olhar se erguia para encontrar o meu.

— Você ainda está dolorida? — Alexander indagou, enquanto eu tentava me recuperar.

— Não. Eu quero você. Por favor, me faça sua.

Eu mal havia terminado de pronunciar as palavras, quando ele usou suas mãos fortes para me descer da pedra, me colocar em pé diante dele e virar-me de costas, minhas mãos apoiadas na rocha. Inclinou-me para frente e encaixou seu membro na entrada lambuzada da minha vagina, buscando passagem, quando então espalmei minha mão sobre o seu abdômen, para detê-lo.

— Espere, tem camisinha na minha bolsa. — Falei, ofegante.

— Não posso esperar, quero estar dentro de você agora. Prometo que vai ser só um pouco. Não vou ejacular.

Ele novamente fez pressão, tentando entrar em mim, sem que eu tirasse minha mão do caminho. Um milhão de imagens bizarras e absurdas se passavam em minha mente, coisas como HIV, radioatividade, experiências científicas esquisitas e o que mais ele poderia fazer no misterioso porão em sua casa.

— O que houve, Lisa? Você não confia em mim? Eu não tenho doença, pode acreditar.

Tentou entrar de novo e dessa vez eu permiti, afastando todos os pensamentos e tirando minha mão do caminho, porque nada mais importava para mim que não o ter, senti-lo por inteiro, nem mesmo minha vida parecia importar tanto. Além do mais, meus instintos me diziam que eu podia confiar nele, eu não podia estar enganada.

Então, eu o senti sem a barreira da camisinha, carne com carne, sua rigidez deliciosa, grossa e longa, deslizando para o meu interior, com uma estocada brusca e rápida, me esticando toda, abrindo passagem em meu corpo, alcançando-me tão fundo que gritei de prazer.

Suas duas mãos seguraram meus seios, os dedos esfregando os mamilos, enquanto ele me penetrava por trás, dentro d'água, enlouquecedoramente gostoso.

Ensandecida, empinei mais o bumbum e abri mais as pernas, para me dar mais a ele, para que nenhuma parte de mim deixasse de ser explorada pela sua masculinidade, como se meu corpo tivesse se tornado dependente do seu.

Alexander ergueu uma de minhas pernas e a pendurou sobre a pedra, dobrada, inclinou-me mais para frente, de modo que fiquei debruçada, com o bumbum empinado, e meteu em mim ainda mais forte e fundo, me fazendo gritar mais alto. Percorreu a mão sobre minhas nádegas e introduziu um dedo em meu ânus, movendo-o a princípio vagarosamente, para logo alcançar o mesmo ritmo dos seus quadris. Tentei me segurar, mas não foi possível, logo estava gozando de novo, como uma viciada, duplamente preenchida, o nome dele escapando da minha garganta, as lágrimas fugindo dos meus olhos.

Alexander saiu de mim e me virou de frente, fitando-me diretamente nos olhos, com aquela expressão de veneração que abalava cada uma das minhas terminações nervosas. Beijou, suavemente, cada um dos meus olhos, deslizou seus lábios pela pele do meu rosto e então atacou minha boca, introduzindo sua língua para que eu a sugasse e fiz como uma faminta. Era assim que eu me via naquele momento: uma mulher faminta por Alexander.

— Vamos para a praia, quero colocar a camisinha e gozar dentro de você. — Ele disse, estreitando minha mão entre a sua e conduzindo-me para as areias.

Tão logo deixamos a água, me dei conta de que ele havia tirado sua sunga sem que eu percebesse, estava completamente nu, agraciando-me com a visão mais bela e perturbadora que uma mulher podia ter, a imagem da perfeição masculina, retrata em seu corpo másculo, com ombros largos e quadris estreitos, o abdômen coberto por gominhos, fazendo o formato de um V que terminava na pélvis bem depilada, de onde partia o membro extraordinariamente grande, duro e lindo.

Na areia, ele abriu minha bolsa, de onde tirou não apenas o pacote de preservativos, mas também a toalha de praia colorida, a qual estendeu sobre a areia. Cobriu-se rapidamente com o látex, e voltou a beijar minha boca, sugando meus lábios com lascívia, antes de deitar-se de costas sobre a toalha e me puxar para cima dele, me fazendo montar em seus quadris.

Quando entrou em mim novamente, duro, quente e gostoso, comecei a rebolar os quadris vagarosamente, apreciando cada centímetro da sua virilidade deslizando no meu interior, se encaixando em meu canal com uma perfeição absoluta, enquanto as mãos dele passeavam pelo meu corpo, massageando os meus seios, sem que seus olhos se desprendessem dos meus por nenhum momento.

— Vira de costas. — Alexander falou, com um incontestável tom de autoridade e meu corpo vibrou em expectativa.

Sem hesitar, virei-me de costas para seu rosto e voltei a montá-lo, apoiei minhas duas mãos em suas coxas peludas e desci os quadris, possibilitando a penetração, até que ele estivesse enterrado em mim até a raiz, quando pude senti-lo ainda mais duro e mais fundo e gemi ainda mais alto, perda de luxúria.

Alexander segurou minhas nádegas dos dois lados e as afastou.

— Quero comer esse cuzinho pequeno. — Disse e sibilou. — Diz que vai dar ele para mim.

Sua proposta me deixou ainda mais excitada, mas ele era grande demais, eu não sabia se aguentaria

aquilo tudo ali atrás.

— Vou pensar no seu caso.

Ele deu um tapa estalado na minha bunda, que me fez gritar de susto.

— Não é essa resposta que eu quero. Me diz que vai me deixar te comer aqui atrás. — Sua voz tinha um excitante tom de autoridade.

— Tudo bem. Eu deixo.

— Boa menina.

Ele mergulhou o seu polegar na minha umidade e o introduziu no meu canal mais estreito, movendo-o em vai e vem, entrando e saindo, abrindo passagem, me fazendo rebolar mais freneticamente, apreciando a dupla penetração. Introduziu mais um dedo, como se me preparasse para o seu tamanho e gemi alto, excitada, ensandecida.

Nesse momento, tive a súbita impressão de que não estávamos sozinhos, de que alguém nos observava. Com um calafrio descendo pela minha espinha, olhei para os dois lados da praia deserta e não vi qualquer movimentação de pessoas, então olhei para trás, na direção da mata e foi então que ouvimos o estalo de um graveto se quebrando, partindo de lá.

Sobressaltada, levantei-me rapidamente, vendo Alexander fazer o mesmo.

— Tem alguém nos espionando. Está ali. — Ainda ofegante, gesticulei na direção de onde partira o estalo, embora não enxergasse ninguém e antes que eu tivesse tempo de tentar impedi-lo, Alexander saiu correndo em disparada naquela direção, entrando na mata, deixando-me aflita, com o coração do tamanho de uma ervilha no peito.

Só consegui voltar a respirar regularmente, quando o vi retornando de lá, são e salvo.

— Tinha alguém nos observando. Eu vi as pegadas, mas infelizmente não consegui alcançá-lo. Pelo tamanho dos pés, era um homem e era rápido. — Disse ele.

Um frio gélido atravessou meu estômago ao imaginar que podia ser Logan.

— Quem será que era? — Indaguei.

— É difícil saber. Podia ser qualquer um. A ilha está cheia de estranhos, as pessoas que estão organizando a cerimônia de casamento. Precisamos sair daqui.

Ele tirou o preservativo usado do pênis ainda completamente duro, jogando-o no chão. Olhou na direção da piscina natural como se pretendesse ir em busca das nossas roupas esquecidas por lá, mas antes que desse o primeiro passo, me coloquei em seu caminho.

— Seja lá quem estivesse aí, já foi embora. Podemos continuar.

— Melhor não. Ele pode voltar.

— Mas você não pode ficar assim.

Antes que ele tivesse a oportunidade de protestar, cai de joelho aos seus pés, segurei seu pau com as duas mãos, pela base, e o coloquei na boca, levando-o até o fundo da minha garganta, quando fui recompensada pelo gemido rouco que escapou da sua boca.

— Porra, Lisa. Não precisa fazer isso.

— Eu sei que não, mas eu quero.

Voltei a abocanhá-lo, movendo minha cabeça em vai e vem, levando-o e trazendo-o dentro da minha boca, ao mesmo tempo em que masturbava a base, com movimentos cada vez mais acelerados, até que o senti ficando mais duro e logo ele gozou, seu leite quente e gostoso jorrando abundante na minha garganta, sem que eu me afastasse até que tivesse engolido até a última gota.

Alexander segurou em meus cabelos e me puxou para cima, apossou-se dos meus lábios e me beijou de forma Implacável, gostosa e apaixonada.

— Obrigado. — Falou, rouco e ofegante, o que me fez admirá-lo e desejá-lo ainda mais.

Ele foi até a piscina natural e voltou com nossas roupas. Apreensivos, nos vestimos rapidamente e caminhamos de volta para a praia principal, em frente o casarão.

Era início da tarde e o lugar estava simplesmente lindo, já quase que totalmente pronto para a realização da cerimônia. Um pequeno altar havia sido construído, com palhas de coqueiro e enfeitado com um arco de flores naturais, sobre as areias, próximo às águas, de onde partia um longo e estreito corredor, cercado por pilastras pequenas de ambos os lados, ligadas umas às outras com tiras de cetim creme e buquês de flores brancas, o qual se estendia até a porta da casa e era por onde certamente Abby entraria. Dos dois lados do corredor, havia mesas com cadeiras, forradas com toalhas brancas e pequenos buquês de flores vermelhas, organizadas sob tendas e guarda-sóis. Um cenário lindo de se ver. Realmente parecido com a materialização de um sonho, como Abby definira no outro dia.

Fomos direto para o jardim dos fundos, onde fizemos uma rápida refeição, no banquete sempre servido, quando tive o prazer de não ver Logan por lá, antes de subirmos para o quarto, prontos para nos arrumarmos para a cerimônia.

CAPÍTULO XVI

Quando deixamos a casa de mãos dadas, avançando pelas areias da praia, os convidados, elegantemente vestidos, já ocupavam seus lugares às mesas, dando ainda mais vida ao cenário, que mais parecia um sonho. Garçons uniformizados circulavam por todos os lados, com bandejas contendo taças de champanhe; um pianista, que se encontrava próximo ao altar, se ocupava em encher o ambiente com a música instrumental romântica e suave.

Procuramos a mesa que continha nossos nomes e descobrimos que era uma das primeiras. Ficaríamos juntos com Kristen, que já se encontrava em sua cadeira, parecendo uma princesa dentro do vestido cor de champanhe, de saia rodada, com os cabelos transformados em uma cachoeira de cachos dourados. Ela fazia jus ao DNA que carregava. Como os irmãos, era dona de uma beleza espetacular, com traços delicados, a pele rosada e os olhos incrivelmente azuis.

Alexander também estava muito elegante, vestindo um terno preto, de grife, com a camisa branca impecável, por baixo e a gravata borboleta da mesma cor do paletó. Seus cabelos estavam bem penteados e lambuzados de gel, sem um fio fora do lugar. Quanto a mim, optara por usar um vestido nude com rendas florais, colado de cima à baixo, cuja saia se estendia até um pouco acima dos joelhos e tinha as mangas compridas e o decote transparentes. Meus cabelos estavam organizados de um lado só, em um penteado moderno e impecável. As sandálias, da mesma cor do vestido, tinham saltos de plataforma, por que eram os únicos capazes de equilibrar uma mulher sobre as areias de uma praia.

— Uau! Você está verdadeiramente linda. — Disse Kristen, observando-me atentamente, tão logo nos acomodamos a mesa.

— Você também está linda. — Falei, com sinceridade.

— Quem foi que fez o seu cabelo e a sua maquiagem?

— Eu mesma. Copiei tudo de um tutorial do YouTube.

— Ficou muito bom. Você me dá o nome do canal de onde tirou isso? É que gosto de arrumar cabelos e fazer maquiagens. Fui eu quem produziu a noiva.

— Você não está na idade de se dedicar a esse tipo de coisa supérflua e sem sentido, mas sim de se dedicar aos estudos. — Alexander interveio, a voz estrondosa irrompendo pelo ar como uma trovada.

— Posso me dedicar às duas coisas ao mesmo tempo. Não sei se você sabe, mas diferente de vocês homens, nós mulheres somos multifuncionais. — Kristen rebateu, para em seguida voltar a olhar para mim. — Como você consegue conviver com essa simpatia em pessoa? — Ela revirou os olhos e não contive o sorriso.

— Digamos que ele tem qualidades que suprem a ausência de simpatia. — Comentei, sorrindo, e ao alcançar a compreensão, Kristen caiu na risada junto comigo.

— Que qualidades? — Alexander indagou, sério e ríspido e nem assim conseguimos parar de sorrir.

Nesse instante, um dos garçons se aproximou, oferecendo-nos o champanhe gelado. Eu e Alexander pegamos uma taça, sem que ele deixasse Kristen fazer o mesmo.

— Você ainda não tem idade para bebidas alcoólicas. — Virou-se para o garçom. — Arranje um suco de laranja para ela. — Ordenou.

— Está vendo? Era disso que eu estava falando. — Kristen reclamou, emburrada.

— Não fiz isso para o seu mal. Você devia estar agradecida. E onde estão os noivos? Que horas esse casamento vai começar?

— Eles estão atrasados, porque noivos se atrasam. Faz parte da tradição.

— Que eu saiba a noiva é quem se atrasa.

Alexander havia acabado de fechar a boca, quando Cariel surgiu da entrada da casa, lindo como já era

de se esperar, usando terno e gravata pretos, com os cabelos loiros bem penteados, visivelmente nervoso. Colocou-se próximo ao altar, atrás do qual já se encontrava o padre de meia idade.

Por insistência de Kristen, ambos os irmãos foram cumprimentá-lo, assim como outros parentes e amigos próximos.

Quando retornou à mesa, Kristen estava sozinha e anunciou que, a pedido de Cariel, Alexander levaria Abby até o altar. Não demorou muito para que o pianista começasse a tocar *Same Mistake*, de *James Blunt*, a qual Kristen me informou ser a música preferida do casal e logo Alexander e Abby surgiram da porta da casa, de braços dados e caminharam vagorosamente em direção ao altar, através do corredor estreito.

Abby estava simplesmente linda, usando um vestido branco longo e simples, com os cabelos ruivos soltos, esvoaçando ao sabor do vento, enfeitados por uma grinalda de flores brancas, tão naturais quanto às do buquê vermelho que carregava.

A emoção em seu rosto era tangível, assim como no rosto de Cariel, e me senti privilegiada por presenciar um momento tão bonito e tão importante na vida de duas pessoas que se amavam verdadeiramente.

Presenciar aquele momento, me fez acreditar na existência do verdadeiro amor entre um homem e uma mulher.

Alexander entregou Abby a Cariel, o cumprimentou com uma reverência e voltou a sentar-se ao meu lado. Até mesmo ele, que era uma rocha inabalável, parecia emocionado.

O toque do piano cessou, para que o padre iniciasse a cerimônia, quando houve as tradicionais juras eternas de amor, respeito e fidelidade; a troca de alianças e para finalizar, os noivos se beijaram, quando uma explosão de aplausos partiu dos convidados. Em seguida, os noivos se colocaram ao lado do altar para receberem os cumprimentos de todos os presentes, inclusive os meus, que dei um abraço apertado, emocionado, em cada um deles e por fim ambos se acomodaram a nossa mesa.

— Parabéns. Está tudo muito lindo, confesso que fiquei emocionada. Se algum dia eu me casar quero que seja exatamente assim. — Falei, realmente emocionada.

— Eu torço para que você consiga realizar esse sonho maravilhoso, que é encontrar o verdadeiro amor. — Foi Abby quem disse e instintivamente os meus olhos buscaram o rosto de Alexander, quando me surpreendi ao perceber que os olhos dele também buscavam os meus, naquele exato momento.

Eu não sabia o que estava acontecendo entre nós, mas seja lá o que fosse, naquele instante ficou claro que não se tratava de apenas sexo casual, como ele impusera. Era algo muito mais intenso, embora nem chegasse perto do amor infinito que existia entre Abby e Cariel. Uma paixão, talvez.

A recepção transcorreu regada a muito champanhe, a petiscos servidos pelos garçons e muita conversa solta. Todos já estavam começando a ficar meio tontos, quando a tia Sara, mãe da noiva de Logan, levantou-se e anunciou que faria seu discurso. Sem precisar do auxílio de microfone, já que não havia tantas pessoas assim, ela falou sobre a infância de Cariel, sobre as perdas que ele sofreu, sobre o milagre acontecido com Kristen e, por fim, sobre a sorte que ele teve em encontrar Abby em seu caminho. Foi um discurso lindo, que trouxe lágrimas aos meus olhos. O único incômodo era ter que enxergar Logan enquanto olhava para ela, já que ele se encontrava sentado na mesma mesa. Mesmo olhando apenas com o canto do olho, percebi que ele não parava de me observar, com sua fisionomia fechada, os olhos carregados de fúria, sem que eu sequer conhecesse o motivo de tanta raiva. Eu não havia feito nada de mal a ele, pelo contrário.

Me surpreendi quando alguém anunciou que era a vez de Alexander fazer o seu discurso. Eu nem podia imaginar alguém como ele fazendo um discurso em um casamento, e quase parei de respirar para prestar atenção em suas palavras, quando ele ficou de pé e começou a falar.

— Recentemente, ouvi uma mulher de quem gosto muito dizendo que às vezes uma pessoa só precisa conhecer alguém especial para encontrar o seu caminho na vida, e foi exatamente o que aconteceu com

Cariel. Ele encontrou Abby e junto com ela o seu caminho na vida. — Meu coração deu um salto no peito, pois fora eu quem dissera a ele aquelas palavras. Então, tecnicamente, eu era uma mulher de quem ele gostava muito. — Antes de conhecer a mulher que conquistou seu coração, meu irmão vivia largado no mundo, como um moleque sem responsabilidades, aprontando tantas coisas erradas que cheguei a acreditar que algum dia o destino dele seria acabar em uma prisão ou mesmo morto. Mas então ele tomou a iniciativa que eu não tomei, ele decidiu salvar a vida da nossa irmã caçula e com muita coragem, foi para a América e cometeu a loucura de se infiltrar entre a máfia russa para roubar a cura para o câncer. Foi um ato de loucura, mas também de heroísmo, que me levou a admirá-lo como jamais admirei outra pessoa. E é claro que um ato de heroísmo, tão glorioso, não poderia passar despercebido ao destino, que como recompensa colocou Abby em sua vida. A mulher que fez com que ele encontrasse seu verdadeiro caminho, com que ele se encontrasse. A mulher que salvou não apenas a vida da minha irmãzinha, mas também a de Cariel e é por isso que essa mulher tem todo o meu respeito e a minha admiração. Parabéns, Abby, obrigado por fazer parte da vida do meu irmão e seja bem-vinda à nossa família.

Meus olhos estavam cheios de lágrimas quando ele finalizou o seu discurso. Naquele instante compreendi porque ele mudava quando olhava para Abby, não se tratava de uma paixão não correspondida, muito menos de um desejo carnal, como eu chegara a deduzir, era o respeito e a admiração que ele acabara de mencionar, porque no fim das contas, ela havia devolvido a vida não apenas a Kristen, mas também a Cariel. Gratidão, era o que Alexander e toda a família deviam a ela.

Não fiquei surpresa quando os noivos se levantaram e o abraçaram, um de cada lado, claramente emocionados. Era o primeiro contato físico que Alexander tinha com alguém, além de mim, desde que chegamos à ilha.

À medida que a tarde avançava, os convidados iam se dispersando, alguns subindo para os seus quartos, outros indo embora, os mais jovens indo caminhar nas areias das praias. O sol começava a se pôr no horizonte, quando Alexander anunciou que íamos embora e meu coração afundou no peito, porque eu sabia que o meu sonho chegava ao fim. Os dois únicos dias em que eu podia tê-lo estavam acabando, mas não foram suficientes, eu ainda o desejava, com toda a minha alma. Saber que não poderia mais tê-lo, me fez querer gritar e chorar.

O que eu ia fazer com essa paixão que queimava em meu peito e que só cresceu nesses dois dias?

Abby, Cariel e até Kristen insistiram para que ficássemos um pouco mais, para que deixássemos para viajar na manhã seguinte, mas Alexander estava irreduzível e suspeitei que sua decisão pudesse estar relacionada com o fato de que o sinal de celular voltara na ilha e alguém ligara para ele, exigindo a sua presença, embora isso fosse só uma suposição.

Já havia escurecido por completo, quando deixamos a ilha, com nossas malas prontas, no seu avião particular. Subi naquele avião com meu peito carregado de tristeza, pela saudade que sentiria dos momentos bons vividos nos braços de Alexander naqueles dois dias, os quais eu sabia que me acompanhariam para o resto da minha vida, e principalmente, pela incerteza de que ainda aconteceria alguma coisa entre nós.

Essa incerteza foi dissipada logo que decolamos, quando Alexander me ergueu da poltrona, em seus braços fortes, e me carregou para uma das cabines da aeronave, onde me amou com uma intensidade avassaladora. Durante as horas seguintes, não fizemos apenas sexo, como na ilha, foi muito mais que isso. Alexander se mostrou ainda mais intenso e apaixonado, não estava apenas transando, estava fazendo amor comigo, o que me fez acreditar que ele ainda poderia ser meu.

Todavia, essa suposição foi por água abaixo quando acordei sozinha na cama. Foi então que me dei conta de que tudo não passara de uma despedida, a forma que ele encontrara de me dizer adeus, de confirmar que o nosso rápido envolvimento acabava ali. Embora eu já soubesse que seria assim, fui tomada por uma angústia desoladora, um desejo absurdo de chorar, de ir até ele, me ajoelhar aos seus pés e implorar que não me deixasse, mas isso não adiantaria nada, eu o conhecia o suficiente para

compreender que nada o faria voltar atrás em sua decisão. O que me restava era voltar para Melbourne, seguir em frente com minha vida e tentar esquecê-lo. Até porque não havia mais nenhuma necessidade de que eu permanecesse em Sydney, visto que o assassino de quem eu me escondia já conhecia a minha localização. Além do mais, estando ali, em meio à família de Alexander, eu me colocava ainda mais próxima dele. O certo seria retomar minha vida de onde a havia parado, não podia viver fugindo para sempre, precisava enfrentar os meus receios, seguir adiante, deixando que Logan soubesse que eu jamais o denunciaria.

Verifiquei no visor do meu celular e constatei que faltava pouco mais de meia hora para aterrissarmos. Então, tomei um banho rápido, vesti um jeans confortável, rasgado na altura dos joelhos e uma blusa preta, folgada, de um ombro só e sequei bem os cabelos, antes de deixar a cabine. Encontrei Alexander no compartimento principal, acomodado em uma das poltronas confortáveis, lindo como uma miragem, usando uma camisa de seda branca e calça jeans. Ainda tinha os cabelos molhados e falava ao telefone, sobre seus negócios, mostrando-se bastante exaltado com a pessoa do outro lado da linha.

Estudei atentamente sua fisionomia enquanto me aproximava, em busca de qualquer vestígio da paixão que ele demonstrara poucas horas antes, enquanto estávamos juntos, mas não havia nada. O Alexander frio e distante, que eu conhecia, estava de volta, como se aquela velha barreira transparente voltasse a se erguer entre nós.

— Acordou bem na hora. Já vamos aterrissar. Sente-se e coloque o cinto de segurança. — Disse ele, com tom de autoridade, ao encerrar a ligação.

Obediente, acomodei-me na poltrona diante dele e apertei o cinto de segurança, sem jamais deixar de observar o seu rosto lindo.

— Foi o melhor final de semana da minha vida. — Falei.

— Foi realmente magnífico. Abby e Cariel organizaram uma boa festa de casamento.

— Não estou falando da festa, embora ela tenha sido bonita realmente. Estou falando de nós dois. Estar com você nesses dois dias, foi a melhor coisa que já me aconteceu.

Alexander me encarava com uma frieza cortante, como se olhasse para uma completa estranha e não para a mulher com quem acabara de fazer amor, de maneira apaixonada e inesquecível.

— Foi bom para mim também, mas acabou. O que aconteceu entre nós não vai se repetir.

Por Deus! Como ele conseguia ser tão frio? Como podia não sentir nada, depois de tudo o que vivemos? Proferir aquelas palavras com tanta naturalidade, como se demitisse um de seus funcionários?

— Mas eu não quero que acabe. Quero continuar. Eu ainda quero você e quero demais. — Falei, sem conseguir conter a paixão abrasadora que existia em meu peito.

— Eu também ainda quero você. Acredite, eu a desejo como jamais desejei outra mulher, mas não podemos ficar juntos. O que aconteceu entre nós não vai se repetir. Foi por isso que conversamos antes. Eu não posso me envolver com uma mulher. Achei que tivesse deixado isso claro.

Uma profusão de emoções conflitava-se no meu interior, mágoa, paixão, rejeição, tudo se misturando, me fazendo querer gritar e chorar, embora eu soubesse que precisava me conter. Eu não conseguia entender, aquilo não entrava na minha cabeça. Se ele também me desejava, por que não podíamos ficar juntos? O que o impedia? Como ele conseguia ignorar seus sentimentos com tanta facilidade?

— E por que você não pode se envolver? Me conta, pois só assim vou entender e me conformar.

— Como eu disse antes, não posso falar.

— É por causa do que há dentro daquele porão? — Vi a surpresa estampar-se na expressão do seu olhar e não tive mais qualquer dúvida de que tudo estava relacionado ao segredo que ele escondia atrás da porta daquele porão. — O que há lá dentro, Alexander? O que você faz lá? Me conta. Eu preciso saber.

— Eu não sei do que você está falando. O porão é o meu escritório. Nada além disso. E não volte a tocar nesse assunto, ele se encerra por aqui. — Foi curto e grosso, de modo que não vi outra opção que

não sufocar todos os sentimentos e me calar.

Só que aquele assunto não havia acabado, pelo menos não para mim. Antes de voltar para Melbourne, eu daria um jeito de entrar naquele maldito porão e descobrir o que impedia Alexander de se envolver com alguém. Não seria tão difícil assim, bastava pegar a chave no bolso do avental de Meg.

Nesse momento, em meio ao silêncio carregado de tensão que se instalou entre nós, o copiloto anunciou que pousaríamos em questão de segundos. Logo estávamos em solo australiano, adentrando a limusine conduzida por Jack e o silêncio se perdurou durante todo o trajeto de volta a casa. Tão logo adentramos a porta da frente, Alexander foi direto para o seu misterioso escritório, enquanto Jack se encarregava de levar as malas para o segundo andar.

Devido ao fuso horário, ainda era cedo da noite e Meg veio me recepcionar com um abraço afetuoso, quando estive prestes a desmoronar e chorar ali mesmo, abraçada a ela, mas novamente me contive.

Minha única vontade naquele momento, era de me trancar em meu quarto e ficar sozinha, entretanto, permaneci ali na cozinha, observando Meg preparar o jantar para o nosso chefe, com a esperança de vê-lo pelo menos mais uma vez naquela noite, como se olhar para ele, mesmo que rapidamente, mesmo que não trocássemos uma só palavra, fosse capaz de acalmar meu coração agoniado. Mas ele não deixou mais o porão, pelo menos não até tarde da noite, quando fui vencida pelo cansaço e subi para o meu quarto, não sem antes reparar que Meg tirava a chave do bolso do avental para entrar no porão misterioso, carregando uma bandeja com o seu jantar. No dia seguinte, eu daria um jeito de pegar aquela chave e atravessar aquela maldita porta, descobrir que segredo Alexander guardava lá dentro.

CAPÍTULO XVII

— Você está apaixonada, Emily! Finalmente amiga! Eu sabia que um dia ia acontecer com você. Estou tão emocionada. — Disse Lisa, enquanto conversávamos através de uma chamada de vídeo.

Como não conseguia dormir, acabei ligando para ela, acordando-a e contando tudo o que aconteceu na ilha, sobre o quanto foi lindo o casamento, sobre o que aconteceu entre mim e Alexander e como eu me sentia em relação a ele.

— Do que você está falando? Eu não posso estar apaixonada. Não tem nem um mês que conheço esse cara. O que está acontecendo comigo, é que um final de semana foi pouco para nós dois, para o desejo que sinto. Você entende isso?

— Desde quando um final de semana é pouco para você se cansar de um homem? Emily, olha para a sua vida. Você está acostumada a desejar ardentemente um homem e depois de passar uma única noite com esse homem não quer mais olhar na cara dele. Um final de semana é mais que suficiente para você perder o interesse por uma pessoa. Com Alexander, no entanto, o seu interesse cresceu amiga. Isso só tem um nome, e que eu saiba é amor. Você o ama. Eu estaria feliz por você, se existisse alguma possibilidade de as coisas darem certo entre vocês.

— Só que essa possibilidade não existe. Ele está irredutível. Se estou apaixonada, como você diz, só posso sentir pena de mim mesma, porque não acontece o mesmo com ele. Acho que chegou a hora de eu pagar por todos os caras que fiz sofrer ao longo da minha vida.

Lisa soltou uma gargalhada, do meu comentário, e acabei sorrindo também.

Mesmo depois que encerramos a ligação, demorei a pegar no sono, minha mente girando, povoado por indagações, sobre o que Alexander fazia naquele porão e sobre o que Lisa falara. Será que eu realmente estava apaixonado por ele? Será que estava amando verdadeiramente um homem pela primeira vez em minha vida? Por todos os namorados que tive, eu acreditava que estava apaixonado e no fim das contas acabava descobrindo que tudo não passava de uma grande ilusão, acarretada pelo meu constante desejo de diversão e aventura. Porém, com Alexander era completamente diferente, o que eu sentia por ele jamais havia experimentado antes. Eu não o queria por apenas alguns momentos, não só para me divertir, como era com os outros. Eu o queria em minha vida até o fim dos meus dias e algo tão grande assim só podia ser amor, não havia outra explicação.

Mas que falta de sorte a minha! De todos os homens que já tive, os quais não foram poucos, fui me apaixonar justamente pelo único que não podia se envolver seriamente com uma mulher. Por que não amei aquele motoqueiro tatuado que queria se casar comigo? Ou o meu namorado apaixonado da época do colégio? Tinha que ser Alexander, o cara mais difícil que já conheci? A vida não era mesmo justa.

Mesmo tendo dormido por pouco mais de duas horas, durante a noite, precisei me levantar cedo na manhã seguinte, pois embora pretendesse deixar Sydney em breve, tão logo descobrisse o que havia por trás da porta daquele porão, eu ainda precisava realizar o meu trabalho corretamente, até conseguir pegar a chave no bolso do avental de Meg.

Como acontecia quase todos os dias, após tomar o café da manhã, dei mais atenção à organização da sala principal, a fim de permanecer nela por mais tempo, pois era por onde Alexander passava quando deixava o porão para subir ao segundo andar, ou quando chegava da rua. Mas como sempre acontecia, não o vi durante todo o dia, até o final da tarde, quando ele adentrou a casa, pela porta da frente, usando terno e gravata, carregando sua valise de couro.

Meu coração bateu descompassado no peito, quando os meus olhos o encontraram.

Fiquei surpresa quando ele parou ao meu lado e disse:

— Preciso falar com você, por favor, sente-se.

Com minhas pernas ligeiramente trêmulas, devido à sua proximidade, acomodei-me no sofá, enquanto ele ocupava a poltrona ao lado.

— Andei examinando os documentos que você analisou e gostei muito do seu trabalho. — Continuou ele. — Tenho uma vaga de auxiliar administrativo na minha empresa e gostaria que você a preenchesse. Não é nada muito grande, embora você tenha possibilidade de crescer lá dentro, mas o salário é melhor que o que você ganha atualmente, suficiente para que você tenha seu próprio apartamento.

Demorei alguns instantes para processar suas palavras. A princípio, fiquei exultante pela oferta de um emprego tão bom, entretanto, aos poucos fui me dando conta de que o verdadeiro objetivo dele era se livrar de mim, tirar-me de sob o mesmo teto onde vivia, dar-me a possibilidade de ter o meu próprio apartamento, para não correr o risco de se deparar comigo pela casa, durante uma madrugada qualquer, e cair em tentação. Aquilo era no mínimo humilhante, um sujeito fazer um esforço tão grande, apenas para não me ter por perto. Se fosse um sujeito qualquer, eu não estaria me sentindo tão arrasada, mas ele era o homem que eu amava. Infelizmente, Liza estava certa, eu estava perdidamente apaixonada por Alexander e cada atitude dele me afetava de forma devastadora.

Ainda assim, trabalhar em uma grande empresa era melhor que voltar a dançar em clubes noturnos, ou a ser garçonne. Eu teria aceitado sua proposta se tivesse pelo menos concluído o ensino médio, mas eu não tinha. Ele acreditava que eu era Lisa, se fosse trabalhar na sua empresa, devido à documentação exigida, a verdade viria à tona e ele saberia que eu não tinha estudo suficiente para trabalhar em qualquer outro lugar que não em uma cozinha ou um bar e o que era pior: saberia que menti durante todo esse tempo, fingindo ser quem não era.

— Obrigada pela oferta, fico imensamente lisonjeada, mas não tenho planos de continuar em Sydney. Voltarei para Melbourne amanhã. Desculpe não ter te avisado com antecedência. Foi uma decisão de última hora. — Falei, forçando o tom firme da minha voz e esforçando-me para parecer indiferente.

— Como assim voltar para Melbourne? — Indagou ele, parecendo incrédulo e surpreso ao mesmo tempo. — Você não pode voltar para Melbourne, não pode se demitir do seu trabalho.

— Mas é claro que eu posso. Que eu saiba, não existe nenhuma cláusula no contrato que me impeça de fazer isso.

Alexander abriu a boca para dizer mais alguma coisa, pareceu arrepender-se e ficou mudo, observando-me com olhos alarmados, como se buscasse as palavras certas.

Fiquei surpresa com a sua reação. Considerando que ele pretendia me contratar para trabalhar em sua empresa, com o intuito de me tirar da sua casa, esperava que ele estivesse aliviado, por eu estar indo embora, assim estaria definitivamente livre de mim.

— Não se trata do contrato. Eu não quero que você vá. Não quero que se distancie.

Meu coração disparou como um louco no peito.

— Por que não Alexander? Por que não quer que eu me distancie?

— Porque o emprego que estou te oferecendo é uma excelente oportunidade. Você não devia recusá-la.

Não era aquilo que eu esperava ouvir, mas nem sei porque cheguei a cogitar que ele diria algo diferente. Alexander jamais mudaria de opinião a respeito de nós dois. Por mais que também me desejasse, ele jamais se envolveria comigo. Continuar tendo esperanças era como dar murros em pontas de facas, só me magoaria mais.

— Está decidido, irei para Melbourne amanhã.

Novamente, ele abriu a boca para dizer alguma coisa e desta vez foi o toque do seu celular quem o interrompeu. Ao atender, ele levantou-se e foi na direção do seu misterioso porão, como se não quisesse que eu o ouvisse, da forma como agira várias vezes antes, o que só serviu para intensificar a minha certeza de que eu precisava atravessar aquela maldita porta de madeira tosca e ver o que ele escondia lá dentro.

Cogitei ir até a casa dos funcionários, nos fundos, puxar assunto com Jack, só para disfarçar e pegar a chave no bolso do avental de Meg, despercebidamente. Entretanto, Jack estava magoado comigo, deixara isso claro na forma como me encarara quando chegamos de viagem. Eu não podia chegar lá e fingir que estava tudo bem. Além do mais, Alexander estava no porão, eu precisava esperar até que ele saísse de lá. Sem mencionar que, quando viesse preparar o jantar para ele, se tivesse que servi-lo no porão, Meg sentiria falta da chave.

Eu precisava esperar até depois que ela tivesse servido o jantar, quando estivesse de saída para a sua casa. Daria um jeito de enfiar a mão no bolso do avental e pegá-la.

Seguindo meu plano, esperei que Meg iniciasse os preparativos para o jantar, fui para a cozinha e sentei-me na bancada. Sem conseguir pensar em outro assunto para justificar a minha presença ali, comecei a falar sobre a festa de casamento, sobre como foi tudo muito lindo, sobre o fato de eu ter voado de avião pela primeira vez na vida. Não falei nada sobre o que aconteceu entre mim e Alexander, mas acabei contando que pretendia voltar para Melbourne, no dia seguinte. Ela mostrou-se pesarosa e triste com a notícia, porém foi assim que consegui pegar a chave.

Como eu esperava, ela foi servir o jantar para Alexander no porão. Ao retornar, arrumou tudo na cozinha e veio se despedir de mim, antes de voltar para a sua casa. Quando me estreitou em seus braços, em um abraço de despedida, me senti uma verdadeira cobra traiçoeira ao enfiar a mão no bolso do seu avental e pegar a chave sem que ela percebesse. Mas estava feito, ainda naquela noite eu descobriria o segredo de Alexander, guardado atrás da porta daquele porão.

Restava esperar que ele saísse de lá, o que podia nem acontecer ainda naquela noite. Mesmo sentindo-me cansada, pelas poucas horas de sono da noite anterior, tão logo entrei em meu quarto, puxei uma cadeira para perto da porta, de onde podia ouvir os passos dele quando atravessasse o corredor, e ali me acomodei à espera, lutando contra o sono que tentava me vencer.

Não demorou muito, em menos de duas horas ouvi os passos de Alexander passando diante da porta, na direção do seu quarto. Continuei esperando, apenas para ter certeza de que ele não voltaria e, quase uma hora depois, entrei em ação. Deixei o aposento na ponta dos pés, esgueirando-me entre os móveis da casa completamente escura. Quando me aproximei da porta de madeira tosca do porão, meu estômago se revirou de medo, pelo que eu encontraria do outro lado. Podia haver qualquer coisa lá, drogas, experimentos científicos, radioatividade. Apesar do pânico que me tomava, eu precisava saber. Então, com o coração acelerado de medo, introduzi a pequena chave na fechadura e girei, destrancando a porta, entreabrindo-a vagarosamente, para que seu rangido não soasse alto como de costume. A primeira coisa que vi, ao atravessá-la, foi a longa escadaria que desaparecia em meio à negra penumbra, o que conseguiu intensificar o pavor dentro de mim. Mas eu estava determinada, nada me faria desistir.

Decidida, fechei a porta pelo lado de dentro, sem trancá-la e desci o primeiro degrau da escada. Tentei enxergar alguma coisa lá dentro, mas tudo era escuridão. Desci mais alguns lances da escada e, por fim, vi a luz muito fraca, meio rosada, de um abajur que se encontrava sobre um criado-mudo, ao lado de uma cama grande, cujo colchão estava semioculto por um cortinado.

Pela fraca claridade do abajur, constatei que o lugar era muito maior do que se podia supor. Muito bem limpo e arejado, era mobiliado por uma mesa de madeira polida, sobre a qual se encontrava uma pilha de documentos. Havia também um jogo de estofados, em torno de uma mesinha de centro, que imitava o ambiente de uma sala. Uma estante grande, repleta de livros, tomava grande parte de uma das paredes. Havia também uma porta que parecia dar acesso a um banheiro e até uma pequena cozinha compactada. Parecia muito mais uma moradia que apenas um simples escritório.

Apenas ao aproximar-me da cama, percebi que havia alguém deitado nela, imóvel sob os lençóis, parecendo dormir profundamente. Devido à pouca claridade, não consegui distinguir de quem se tratava, se era homem ou mulher. Então, aproximei-me um pouco mais e afastei ligeiramente o cortinado. Quase soltei um grito de susto, ao perceber que não era uma pessoa e sim uma criatura, toda deformada,

horripilante, como se tivesse saído de um filme de terror.

Em meio ao meu horror e à minha confusão, a imagem da menina, toda queimada, deitada na cama com dossel e um cortinado, do filme Terror em Silent Hill, projetou-se em minha mente, pois era impossível não comparar as duas imagens, o que só serviu para intensificar o pavor dentro de mim.

O que significava aquilo? Que espécie de monstro era aquele, que Alexander mantinha ali? Seria resultado das suas experiências científicas? Era o que eu me perguntava, quando, subitamente, a criatura abriu os olhos, um deles preto, o outro azul, um mais acima, o outro mais abaixo do seu rosto bizarro, olhos sem pálpebras e sem sobrancelhas, que pareciam fitar-me fixamente. E foi nesse instante que soltei o grito que estava sufocado em minha garganta, um grito agudo, carregado de pânico, para em seguida sair correndo em disparada na direção da escadaria. Eu só queria sair dali o mais depressa possível.

Havia subido dois lances da escada, quando a voz feminina, com um timbre suave, quase infantil, partiu de trás de mim.

— Espere, Lisa. Não vá. — Disse a voz, delicada demais para uma criatura tão sombria.

Virei-me naquela direção e percorri os olhos em volta, tentando localizar a pessoa que pronunciara as palavras, mas não havia ninguém, a criatura tinha falado comigo.

— Não tenha medo de mim, eu não vou te machucar. Não sou o monstro que você está pensando. — Sua voz gentil me alcançou novamente, como se partisse de uma mulher altamente sofisticada.

Hesitantemente, voltei e aproximei-me novamente da cama, com passos cautelosos. Afastei o cortinado e vi a criatura sentada, as costas apoiadas no espaldar. Só então me dei conta de que não era uma criatura, e sim uma pessoa, toda deformada, com a pele terrivelmente enrugada, como se tivesse sido queimada viva. Não tinha cabelos, nem orelhas, nem nariz e nem lábios, de modo que os seus dentes estavam à mostra mesmo sem que ela sorrisse. Usava uma camisola de renda bege, com alças finas, de maneira que era possível notar que a deformação se estendia também para a pele do seu corpo. Ela tinha mãos, mas não tinha dedos. Parecia uma mulher, mas não tinha seios.

Meu Deus! O que havia acontecido com aquela pessoa? Eu não conseguia nem imaginar.

— Quem é você? — Indaguei, ciente de que a encarava com os olhos arregalados de horror.

— Sou Christine Miller. — Disse ela.

Ah meu Deus! A esposa morta de Alexander!

Minha cabeça girou, centenas de possibilidades conflitando-se em minha mente, entre elas, a volta de um espírito furioso, acarretada pelo fato de eu ter transado com seu marido.

— Você é a esposa morta de Alexander?

— Sim, eu sou. Mas como pode ver, não estou morta. Pelo menos não completamente.

— Você é um espírito?

Ela sorriu da minha pergunta, sua bizarra boca sem lábios se abrindo um pouco mais.

— Claro que não. Sou de carne e osso. — Ela estendeu a mão até uma cadeira de rodas que se encontrava ao lado da cama e a puxou para mais perto. — Será que você pode me ajudar aqui?

Continuei observando-a atônita, paralisada, sem saber o que fazer.

— Pode vir. Eu não mordo.

Como se meu corpo e minha mente emergissem de uma espécie de torpor, consegui sair do meu lugar e ir até ela. Seguindo suas instruções, a segurei por debaixo dos braços e a suspendi, ajudando-a a se deslocar da cama para a cadeira de rodas. Ela era tão magrinha que eu podia sentir os seus ossos de encontro aos meus dedos, tão frágil que tive medo de que pudesse quebrá-la, o que me deixou compadecida.

— O que há com suas pernas? — Indaguei, ao notar que ela não podia movê-las.

— Com as pernas quase nada, o que me impede de caminhar é a coluna. Foi uma lesão. Fiquei paraplégica.

Ela conduziu a cadeira motorizada até o interruptor da luz, mais adiante e a acendeu. Sob a completa

claridade do quarto, pude vê-la mais detalhadamente e um calafrio desceu pela minha espinha quando alcancei a compreensão de que ela não era deformada, mas havia sofrido queimaduras por todo o corpo. Aquela pele enrugada, era resultado de cicatrizes de queimaduras, um incêndio que certamente levava o seu rosto e os seus cabelos. Não tive mais dúvidas de que eram queimaduras quando me lembrei da garota venezuelana que ficara presa no carro em chamas, durante um acidente no Texas, em mil novecentos e noventa e nove. As duas eram bastante parecidas. O que precisava de uma explicação, era o fato de ela estar viva, quando todos acreditavam que estava morta.

— O que aconteceu com você? — Indaguei, ainda perplexa.

— Sofri um acidente de carro e fiquei presa lá dentro enquanto ele pegava fogo.

Por Deus! Exatamente como a garota venezuelana.

— Eu achei que você tivesse morrido naquele acidente. Aliás, é o que todo mundo acha. — As centenas de indagações continuavam formando um turbilhão em minha mente, deixando-me tonta, meio atordoada. — Alexander te mantém presa aqui? É isso?

— Claro que não. Fui eu quem o convenci a fazer com que todos acreditassem que eu estava morta.

— Por quê?

— Olha para mim, Lisa. Eu preciso realmente dizer o porquê?

Meu Deus, então era isso. Uma mulher linda, uma modelo reconhecida internacionalmente, um dos rostos mais requisitados pelas revistas de beleza, se transformara em uma pessoa feia e deformada e por isso preferia deixar que todos acreditassem que estava morta, do que revelar a sua terrível feiura. Não era algo com que eu concordasse, pois a aparência das pessoas não era o primeiro quesito que me levava a julgá-las, porém, eu podia compreendê-la, no mundo inteiro a maioria das pessoas julgavam as outras pela aparência e sendo a beleza o bem mais precioso que ela tivera, eu podia imaginar o quanto fora difícil se tornar o que era, podia deduzir o quanto fora doloroso olhar-se no espelho depois daquele acidente.

CAPÍTULO XVIII

Minha cabeça girava, um turbilhão de pensamentos invadindo minha mente. Pensava no quanto devia ser difícil para ela viver confinada naquele lugar, sem o convívio social, sem ver a luz do sol, sem que ninguém soubesse sobre a sua existência, além de Alexander. Meu Deus! Como ela conseguia? No seu lugar eu não abriria mão da convivência com outras pessoas, mesmo que fosse apontada e julgada pela minha aparência.

Pensava também em Alexander, em todas as vezes que ele me disse que não podia se envolver com uma mulher, enquanto eu insistia. Esse era o seu motivo: ele era casado e, apesar do estado em que Christine se encontrava, se recusava a deixá-la, a assumir outro relacionamento. Esse sim era o verdadeiro amor, o sentimento que o unia àquela mulher, o amor que eu jamais teria dele, porque seu coração já pertencia a ela.

Apesar de saber que Christine era dona do amor do homem que eu tanto queria, tudo o que eu conseguia sentir por ela era piedade. Não conseguia nem me imaginar em uma situação como aquela.

— Eu sei que as pessoas vão te apontar e te julgar, mas isso não é motivo para que você viva aqui trancada, como uma prisioneira.

— Me apontar e me julgar? Você olhou para mim e saiu correndo, como se estivesse vendo um monstro. Seria assim com todos. Imagina uma criança passando perto de mim na rua. Eu sei que eu precisava ser mais forte, mas não sou. Não sei lidar com essa rejeição, com uma realidade na qual as pessoas olham para mim e se sentem repudiadas pela minha feiura. Eu passei a minha vida inteira ouvindo elogios à minha beleza. Você pode compreender como me sinto quando alguém me olha com nojo?

Aquilo estava além da minha compreensão, eu só podia supor o quanto devia ser horrível para ela. Era como tirar as pernas de um corredor, ou os braços de um nadador. Na verdade, parecia ainda pior. Meu Deus! Definitivamente, eu não queria estar no lugar dela.

— Me desculpe por ter saído correndo. Havia tanto mistério em torno desse porão, que eu esperava encontrar o pior aqui dentro. Estava pensando em experimentos científicos bizarros e radioatividade, quando vi você.

— Não precisa se desculpar, eu já vi reações piores que a sua.

Conduzindo a cadeira elétrica com habilidade, Christine colocou-se diante da bancada da cozinha compactada e gesticulou para a banqueta ao lado, indicando que eu me acomodasse e o fiz, hesitantemente. Com suas mãos sem dedos, ela depositou duas xícaras sobre a superfície de mármore, e as encheu com o chá fumegante que havia em uma garrafa térmica, oferecendo-me uma.

— Beba, é de camomila. Ajuda a trazer o sono.

Ainda atônita, levei a xícara aos meus lábios e solvi o primeiro gole.

— E quanto à cirurgia plástica? Você já pensou nisso?

— Já fiz mais de cinquenta cirurgias durante esses três anos em que estou trancada aqui e os resultados foram mínimos. Estou cansada delas.

— Meu Deus! Você está aqui há três anos? Mas isso foi quando o acidente aconteceu. — Eu ficava mais chocada a cada revelação. — Quem mais, além de Alexander, sabe que você ainda está viva?

— Apenas Meg e uma equipe médica de confiança.

— Cariel e Kristen não sabem?

— Não, Lisa. Todos pensam que morri naquele acidente. Eu pedi a Alexander que convencesse a todos, que fizesse o enterro com um caixão fechado, vazio, porque eu não podia suportar o olhar de piedade e de nojo das pessoas.

Sua dor era tão imensa que eu quase podia senti-la.

— Como você sabe o meu nome? — Indaguei

— Alexander me falou. Aliás, ele me falou tudo sobre você, inclusive sobre o sexo na praia, no casarão da Ilha e no avião.

Processei suas palavras e senti o meu rosto empalidecer. Subitamente, abandonei a xícara de chá sobre a bancada, imaginando se o líquido amarelado não estaria envenenado. Uma pessoa que estava presa em um porão por três anos, podia facilmente ter ficado louca a ponto de envenenar alguém sem muita dificuldade.

— Eu sinto muito por isso. Se eu soubesse que você ainda está viva, nada teria acontecido entre mim e ele. Aliás, a culpa não foi de Alexander, fui eu quem deu em cima dele. Minha nossa! Eu sinto muito. Durante todo o tempo ele me alertou que não podia se envolver com uma mulher. Ele tentou ser fiel e eu não permiti. Ele disse que o que aconteceria entre nós era apenas sexo e eu não entendi o motivo. Agora sei que é porque ele ama você.

— É isso que você acha? Que Alexander me ama?

— Claro.

— Por que você acha isso?

— É evidente a veneração que ele tem por você. Durante esses três anos, em que você está presa aqui, ele jamais se envolveu com outra mulher. Talvez a tenha traído comigo, mas foi apenas por diversão, nada além de sexo. Além do mais, os empregados me disseram o quanto ele era apaixonado por você. Loucamente apaixonado.

Uma tristeza pungente se manifestou na sua fisionomia bizarra.

— Alexander nunca me amou, essa é a verdade que todos desconhecem. E fiquei feliz que ele tenha conhecido você. — Meu queixo caiu quase até o umbigo. — Nem por um minuto deixe que passe pela sua cabeça que você me fez algum mal, ao ter relações sexuais com meu marido, pelo contrário.

Fiquei confusa, sem saber do que ela estava falando. Alexander era louco por ela, ou não teria aberto mão de tudo para ficar com ela naquele porão, durante todo esse tempo, sem ter vida social, sem se envolver com ninguém, dando pouca atenção à sua família, apenas para não a perder.

— Mas é claro que ele te ama. Do que você está falando? Eu fui a culpada por ele ter te traído e, acredite, estou me sentindo um lixo por isso.

— Todos pensam que ele me ama, mas a verdade é que ele nunca me amou de verdade. Esse é um dos motivos por eu estar aqui. Eu queria fazê-lo pagar, fazê-lo sofrer por não ter me amado, mas estou cansada disso, não suporto mais viver assim e talvez você seja a única pessoa que possa me ajudar, porque foi a única que ele permitiu que se aproximasse, durante esses três anos.

Quanto mais ela falava, menos eu a compreendia, embora pudesse enxergar a angústia na expressão dos seus olhos estranhos.

— Eu não entendo. Não sei do que você está falando. Ter aberto mão da própria vida, para passar a maior parte do tempo com você, trancado aqui durante anos, é a maior prova de amor que um homem pode dar a uma mulher.

— Não, Lisa. Ele faz isso porque se sente culpado, eu o fiz se sentir culpado.

— Como assim?

— Na noite do acidente, ninguém sabe disso, mas Alexander estava me traindo. Ele estava com a secretária dele na casa do lago. Quando eu soube, fiquei louca, porque eu sim o amava e ainda amo, perdidamente. — Uma lágrima solitária escorreu do canto do olho dela. — Transtornada, eu peguei o carro e sai em disparada, pretendia flagrar os dois juntos, para que ele não tivesse como negar a verdade. Não era a primeira vez que ele me traía, mas sempre conseguia me convencer do contrário. Daquela vez eu não ia deixar que isso acontecesse.

Minha nossa! Eu estava realmente chocada. Nem nos meus pesadelos mais sombrios eu podia imaginar

que Alexander fosse capaz de trair sua esposa, uma mulher linda como ela era. Nunca me passou pela cabeça que um homem como ele, que se recusava a se envolver com outra mulher, como se recusava a se envolver comigo, pudesse ser infiel. Ali estava a prova de que era preciso muito tempo de convivência para que se conhecesse uma pessoa realmente.

— O que aconteceu naquela noite? — Indaguei.

— Eu corri demais, a pista estava molhada, o para-brisa embaçou e quando fui fazer uma ultrapassagem bati de frente com uma picape. O impacto causou a lesão na minha coluna e logo em seguida o carro pegou fogo. Não há um só dia da minha vida em que eu não lamente pelo motorista do outro carro ter conseguido me tirar viva lá de dentro. Eu queria ter morrido naquela noite.

— Não diga uma coisa dessas.

— Quando Alexander ficou sabendo, eu já estava no hospital e quando vi o monstro que eu havia me tornado, eu o culpei. Fiz com que ele me escondesse nesse maldito porão, para que se arrependesse pelo que fez comigo. Eu o fiz se sentir tão culpado, que ele acabou assumindo essa culpa e a cada mês que passava, sem que os médicos encontrassem uma forma de melhorar a minha aparência, ou me fazer andar novamente, eu o torturava ainda mais, com o peso do remorso, porque queria que ele se arrependesse por ter me traído com outra mulher. — À medida que eu a ouvia, uma angústia dolorosa emergia dentro de mim, como se a sua dor e a dor de Alexander estivessem me contagiando. Um gosto amargo se fazia em minha boca, uma terrível sensação de nostalgia tomava conta de mim. Minha vontade era de sair correndo daquele porão, daquela casa, daquela cidade e esquecer tudo o que tinha ouvido e visto. — Mas com o tempo isso se tornou cansativo, fazer Alexander sofrer não reduziu a minha dor, pelo contrário, só me fazia sofrer mais. Até que decidi desistir da vida, mas ele não deixou.

— Como assim desistir da vida? — Meus olhos atônitos a fitavam arregalados.

— Do jeito que você está pensando, Lisa. Eu tentei me matar, mais de uma vez, mas Alexander impediu. Ele tirou todos os objetos cortantes desse porão, não deixou nenhum medicamento aqui. Você deve estar imaginando que eu poderia descascar o fio daquele abajur e me eletrocutar, mas sou covarde, quero uma morte menos dolorosa.

— Não diga tolices. Você não pode pensar assim, pelo contrário, você tem que pensar em sair desse porão, revelar a sua existência às pessoas próximas, voltar ao convívio social. Não há nada mais eficaz para curar as dores que o amor das pessoas queridas.

— Você acha que alguém é capaz de amar uma pessoa com a minha aparência? — Ela falava como se eu tivesse dito algum absurdo.

— Mas é claro que sim. Para muitas pessoas a aparência não significa nada.

— Eu não tenho família, minha beleza era tudo o que eu tinha e nem com ela a família de Alexander gostava de mim, nem mesmo ele gostava de mim. Por que haveriam de gostar agora?

— Eu não entendo. Você diz que ele não te ama, que nunca amou, que sequer gostava de você, mas mesmo assim ele se casou com você.

— Se casou porque eu estava grávida. Alexander era o tipo de homem que todas as noites levava uma mulher diferente para sua cama. Eu era apenas mais uma com quem ele queria transar e se divertir, mas então eu fiquei grávida e ele resolveu assumir a responsabilidade, embora nunca deixasse de sair com outras mulheres, sem que eu soubesse. Nunca foi da natureza dele ficar com uma mulher apenas, por isso eu tive o imenso prazer de mantê-lo preso a mim e o forçado a se sentir tão culpado a ponto de não se envolver com mais ninguém, durante todos esses anos em que estou aqui.

— Se você estava grávida, onde está a criança?

— Eu a perdi, tive um aborto espontâneo depois que nos casamos. Depois disso, Alexander nunca mais foi fiel a mim. — Ela deu de ombros, uma tristeza dolorosa refletida na sua expressão.

— Eu sinto muito por tudo isso.

— Não sinta. Você foi a melhor coisa que nos aconteceu nesses três anos.

— Como assim? Eu não estou entendendo.

— Eu fiz com que o remorso de Alexander fosse tão grande, que ele se fechou para a vida. Não deixou mais ninguém se aproximar, nem os irmãos, nem outra mulher. Mas com você foi diferente, você conseguiu atravessar a barreira que ele ergueu entre si mesmo e o resto do mundo. Você foi a primeira pessoa que conseguiu chegar perto dele depois de todo esse tempo, a única que ele deixou entrar.

— E por que você acha que isso é bom? Ele é seu marido e eu fiz com que ele te traísse.

— Porque você pode me ajudar, Lisa. Eu estava quase pedindo a Meg que te trouxesse aqui, mas eu sabia que você é uma mulher esperta, que ia ficar curiosa o bastante para pegar a chave naquele avental, então a instruí a manusear a chave na sua frente, para que você soubesse exatamente onde ela estava.

— Você está dizendo que me manipulou a vir até aqui?

— Não. Eu apenas dei uma mãozinha ao destino. Mais cedo ou mais tarde você viria.

— E de que modo você acha que eu posso te ajudar?

Christine ingeriu todo o conteúdo da xícara com o único gole, antes de voltar a me encarar.

— Em alguns países, a eutanásia é legalizada. Há quase um ano eu tento convencer Alexander a me deixar partir, mas ele se recusa. Por mais que eu tente convencê-lo de que eu estava errada ao culpá-lo pelo que aconteceu comigo, ele não consegue deixar de sentir remorso, de assumir toda a culpa. Em outras palavras, eu estou cansada, não aguento mais presenciar o sofrimento dele e o meu, dia após dia, e sei que nunca mais vou conseguir sair desse porão. Então a única forma é deixar de viver, mas sou covarde demais para tentar fazer isso sozinha de novo. Quero uma morte tranquila e sem dor e você é a única que pode convencê-lo a concordar.

Eu a observava chocada, horrorizada, sem saber o que dizer, ou mesmo o que pensar. Minha mente não era forte o bastante para alcançar a compreensão da extensão do sofrimento a que uma pessoa chegava, ao ponto de desejar desistir de viver, só para se livrar desse sofrimento. Meu Deus! Se eu pudesse voltar no tempo, não teria entrado naquele porão. Era angustiante demais presenciar tamanho desespero de um ser humano.

— Você está me dizendo que quer que eu o convença a deixar que você faça uma eutanásia?

— Sim.

— Isso é loucura.

— É tudo o que quero agora.

— Por que você acha que eu posso convencê-lo? Alexander não gosta de mim, o que aconteceu entre nós foi apenas sexo casual, ele deixou isso bem claro e jamais me daria ouvidos. Além do mais, eu não sou a favor do que você quer fazer. Não sou a favor de que alguém tire a própria vida.

— Olha para mim, Lisa, você acha que isso é vida? Você acha que viver dia e noite trancada aqui, atrapalhando a vida do homem que eu amo, é realmente estar viva? O que eu quero não é nada de mais. Quero apenas concluir o que deveria realmente ter acontecido naquele acidente, quero corrigir o erro da pessoa que me tirou de dentro daquele maldito carro.

Eu já havia ouvido bastante, não tinha mais estrutura psicológica, nem emocional para continuar ouvindo-a. Eu queria ser mais forte, para dar apoio a ela, dizer que a ajudaria, mas eu era fraca, não sabia lidar com o sofrimento dos outros.

— Para mim já chega, não quero ouvir mais nada. — Levantei-me, fazendo menção de me retirar.

— Por favor, por favor, não se recuse a me ajudar. Você é a única pessoa que eu tenho, a única capaz de convencer Alexander a me deixar partir. Por favor, faça isso por mim, eu preciso de paz e ele precisa de liberdade.

— Eu não posso fazer isso, está além de mim. E mesmo que eu pudesse, Alexander jamais me ouviria.

— Talvez não de imediato, mas com o tempo você pode convencê-lo. Você pode conquistá-lo, fazê-lo se apaixonar e então ele vai fazer qualquer coisa para ficar com você, sem que eu esteja no meio atrapalhando.

— Se apaixonar por mim? Se ele não se apaixonou por uma mulher linda como você, jamais se apaixonaria por alguém como eu. Eu não sou ninguém, sou apenas uma garota que veio do interior e está tentando ganhar a vida na cidade grande.

— Você significa muito mais para ele do que imagina. Sabe quantas mulheres tentaram se aproximar dele nesses três anos? Muitas! Mas nenhuma delas conseguiu chegar perto. Com paciência e tempo você pode conquistá-lo e então vocês dois poderão ser felizes juntos, sem uma esposa meio morta interferindo.

Meu Deus! Eu não podia continuar ali. Se continuasse a ouvindo ia acabar caindo em depressão. Por que a vida tinha que ser assim? Por que tanto sofrimento no destino daquelas pessoas? Eu não queria e nem podia me envolver com isso, nunca fui boa em lidar com o sofrimento, além do mais, não queria me contaminar com tanta dor, não podia abrir mão da minha felicidade por causa das dores alheias.

— Desculpe, mas tenho que ir.

Dirigi-me apressadamente em direção às escadas, enquanto Christine me seguia em sua cadeira de rodas.

— Me promete que vai pensar, que vai voltar para conversar comigo. Vou pedir a Meg que te dê uma chave. E, por favor, não conte a Alexander que esteve aqui, isso o faria afastá-la. — Ela falou atrás de mim, mas me recusei a responder, só queria sair dali o mais depressa possível, esquecer aquela história toda, apagar da minha memória tudo que vi e ouvi naquele maldito porão.

Eu jamais conseguiria ser feliz se me envolvesse com aquela história, primeiro porque era tudo doloroso demais de se presenciar; segundo porque eu sabia que era perda de tempo tentar conquistar Alexander e, terceiro, porque mesmo se eu o conquistasse e o convencesse a permitir a eutanásia, como ela queria, jamais conseguiria viver em paz sabendo que fui responsável pela morte de uma pessoa, mesmo que essa pessoa quisesse morrer. Eu jamais conseguiria construir uma vida com Alexander, sabendo que o preço para essa união fora a perda da vida daquela mulher que tanto o amava.

Meu Deus! Por que fui descer naquele porão? Minha vida não estava nem tão ruim assim, mas agora parecia arruinada, contaminada pelo sofrimento daquelas pessoas, pelo sofrimento de um homem que talvez eu amasse.

Ainda em estado de choque, tranquei a porta do porão pelo lado de fora e subi quase correndo para o segundo andar, direto para o meu quarto. Joguei a mala vazia, aberta, sobre a cama e comecei a enchê-la com minhas roupas, determinada a pegar a estrada de volta para Melbourne no instante em que o dia clareasse. Quando terminei de fazer a mala, troquei o jeans colado por um moletom confortável e deitei-me, esperando dormir por pelo menos as poucas horas que faltavam para o dia amanhecer. Entretanto, não consegui relaxar, tampouco pegar no sono. Minha mente estava cheia, meu peito angustiado. Imagens de Christine povoavam minha memória, suas palavras me atormentando. Por mais que tentasse afastar tais pensamentos, eles não iam embora, continuavam me assombrando, como se eu vivesse um pesadelo daqueles durante os quais não se conseguia acordar.

Eu podia compreendê-la, ela amava tanto Alexander que quis mantê-lo preso a ela, por meio da culpa que fez recair sobre os ombros dele, apenas para tê-lo somente para si durante todos aqueles anos e mais uma vez dava provas desse amor ao cogitar desistir da própria vida para que ele voltasse a viver e fosse feliz com outra mulher. Era uma forma bastante bizarra de amar, mas não deixava de ser um amor imenso, o qual eu também não estava imune de sentir por aquele homem e isso era o que mais me assustava.

Vencida pela necessidade de falar sobre isso com alguém, de reduzir o peso em meu peito, telefonei para o celular de Lisa. Eu sabia que não podia abrir a boca sobre aquilo com ninguém, devido ao termo de confidencialidade que havia assinado antes de assumir o cargo de governanta, com o qual Alexander podia me processar, um termo cujo sentido apenas agora eu compreendia, entretanto, eu sabia que Lisa não repassaria aquela informação a ninguém, ela era alguém em quem eu podia confiar.

Durante nossa última conversa, ela dissera que estava morando com o namorado, ele havia se mudado

para o apartamento que nós duas ocupávamos e temi que o meu telefonema, àquela hora da madrugada, pudesse incomodar, mas eu precisava falar, precisava dividir com alguém aquele tormento que abalava a minha alma.

— Desculpa te acordar a essa hora. Podemos conversar? — Falei, no instante em que ela atendeu o celular.

— *Imagina, não precisa se desculpar. Aconteceu alguma coisa?* — Indagou, preocupada.

— Mais ou menos. Você pode levar o computador para a sala? Não gostaria que James ouvisse nossa conversa.

— *Claro. Ele está dormindo, mas é melhor ir para a sala. Te chamo no chat em cinco minutos.*

Através da tela do computador, Lisa me olhava com olhos atônitos, o queixo caído. Eu havia acabado de contar tudo a ela, sobre Christine estar viva e sobre a conversa longa que tivemos.

— Me diz o que eu faço agora, Lisa?

— Bem. É uma situação complicada. Aliás, muito complicado. Te aconselho a fazer o que o seu coração mandar. Se quiser voltar para casa estaremos te esperando de braços abertos, mas se quiser ficar e tentar conquistar o homem que você ama, terá todo o meu apoio. Só não te aconselho a concordar com a eutanásia, porque uma vida não pode ser descartada assim tão facilmente. No seu lugar, eu não participaria disso. Você pode ajudar Christine de outra forma, pode convencê-la a sair daquele porão e viver sua vida. Encare isso como uma boa ação.

— Mas como vou conquistar Alexander e ao mesmo tempo convencê-la a retomar a vida dela, se ela também o ama?

— Ela o ama tanto que o deixará partir. Eu sei que é uma responsabilidade muito grande para você assumir, mas se o destino te colocou diante dessa situação, talvez essa seja sua missão na vida.

Como sempre, Lisa estava certa. Minha melhor amiga era a pessoa mais sensata que eu conhecia, não esperava uma alternativa diferente daquela que me dava. Entretanto, eu não sabia se era capaz de seguir seus conselhos, de ficar em Sidney e tentar ajudar Christine, eu não era muito boa em lidar com o sofrimento. Durante toda a minha infância e minha adolescência eu presenciara meu pai chegando a casa bêbado e agredindo minha mãe, traindo-a com outras mulheres, tratando-a como se ela fosse o pano de chão que ele pisava e, como consequência, eu abandonei a escola para cair na farra, comecei a beber e a fumar, estava sempre embriagada, fugindo da realidade, fingindo que nada daquilo estava acontecendo, para que meu mundinho de diversões não fosse abalado. Quando deixei o colégio, eu era quase uma alcoólatra e foi Lisa quem me apoiou para que eu não mergulhasse naquele abismo sem fundo. Ela sempre fora mais normal, tinha uma vida quase perfeita, com pais que a amavam e a tratavam bem. Fui eu quem a convenceu a deixarmos a cidadezinha onde nascemos e crescemos e, como uma verdadeira amiga, ela me seguiu para Melbourne.

Se eu me envolvesse com aquela história, não ia saber como agir e podia estragar ainda mais as coisas para Christine e Alexander.

Depois de conversar por quase uma hora com Lisa e de obter a promessa dela de que não contaria nada a ninguém, eu ainda não sabia que decisão tomar, mas tinha uma visão mais clara de tudo.

Mentalmente esgotada, como se tivesse participado de uma olimpíada de matemática, voltei para a cama e tentei dormir um pouco. Já era a segunda noite que eu passava quase que totalmente em claro e precisava de pelo menos algumas horas de sono.

O sol começava a penetrar o quarto, através das frestas na cortina e eu ainda não havia conseguido dormir, minha cabeça girando, minha mente povoada por pensamentos sombrios, que mais pareciam um pesadelo. Aos poucos, as imagens foram se transformando em borrões em minha mente, meu corpo parecia mais cansado, meus ossos doíam, minha pele parecia febril. Por um instante, tive a impressão de que estava ficando louca. Acabei desistindo de dormir e decidi me levantar, mas um cansaço súbito, inesperado, não me permitiu mais deixar a cama. O quarto pareceu girar à minha volta e não tive certeza

se adormeci ou se perdi a consciência, quando voltei a encostar a cabeça no travesseiro.

Como se os sons partissem de muito distante, ouvi a fechadura da porta sendo forçada, o rangido da mesma se abrindo, e as vozes confusas enchendo o quarto. Precisei de um esforço absurdo para conseguir abrir os olhos, quando então percebi que Alexander e Meg estavam no aposento. Como eles haviam entrado, se a porta estava trancada pelo lado de dentro? Isso pouco importava.

Alexander aproximou-se de mim e sentou-se na beirada da cama, o semblante preocupado. Ao olhar em seu rosto de perto, fui tomada por uma raiva absurda, por ele ter sido infiel a Christine, quando ela ainda era linda e ter permitido que sua infidelidade a levasse ao acidente que a deixara naquele estado. Ao mesmo tempo, fui invadida por uma compaixão que quase me fez chorar, ao imaginar como eram os seus dias, naqueles últimos três anos, se torturando pela culpa, abrindo mão de sua vida para viver ao lado da mulher que se deixara destruir pelo amor que sentia por ele. Olhando-o de perto e pensando em tudo o que conversei com Christine, eu não sabia se o odiava ou se sentia pena dele, minha única certeza era que eu o amava e isso me causava medo, o medo terrível de terminar como ela, ou de não ter meus sentimentos correspondidos. Eu sentia medo até das coisas que não conhecia, como amor e não sabia como lidar com isso.

— Por Deus, Lisa, o que você tem? — Embora estivesse bem ali diante de mim, sua imagem parecendo dançar diante dos meus olhos, a voz de Alexander parecia partir de muito distante.

— Eu não sei, acho que estou doente. — Minha voz saiu muito fraca. — Daqui a pouco estarei melhor, mas se não conseguir trabalhar hoje, trabalharei no dia da minha folga, eu juro.

— Não se preocupe com isso. Vou chamar um médico para dar uma olhada em você.

Tentei me manter acordada, apenas para apreciar o seu rosto lindo tão próximo ao meu, mas fui vencida pelo cansaço que tomava o meu corpo, impiedosamente e, sem querer, adormeci novamente.

CAPÍTULO XIX

Como se enxergasse imagens de um filme em preto e branco, vi um homem de meia-idade, calvo e baixinho, vestido de branco, debruçado sobre mim. Suas mãos enrugadas me apalpavam, examinando-me. Embora não tivesse exatidão do que ele fazia, ou do que dizia, constatei que se tratava de um médico, que me examinava. Imaginando se Alexander ainda se encontrava no quarto, percorri os olhos ao redor e o vi, em pé ao lado da cama, o que foi o bastante para que eu me sentisse segura e protegida.

O médico havia se afastado quando voltei a adormecer. Ao abrir os olhos novamente, ainda me sentia cansada, só que bem menos. Desta vez consegui ter uma visão clara do quarto bem iluminado e do meu chefe sentado em uma poltrona próxima à cama, usando sua camisa branca de mangas compridas, sem o paletó, com o nó da gravata desfeito. Tinha o rosto ligeiramente abatido, e parecia tão lindo quanto uma miragem.

— Olá Bela Adormecida. Como está se sentindo? — Indagou ele, aproximando-se para sentar-se na beirada do colchão.

Sem precisar de muito esforço, consegui me sentar na cabeceira, com as costas apoiadas no espaldar.

— Como quem foi atropelada por um caminhão. — Respondi. — O que aconteceu?

— O médico esteve aqui e examinou você. Como não encontrou nada, ele acha que teve uma febre causada por distúrbio emocional, embora ele tenha colhido uma amostra do seu sangue para fazer alguns exames. — Para minha mais completa surpresa, Alexander estreitou minha mão entre as suas, um contato tão simples, mas que tinha tanto significado e despertava tantas emoções dentro de mim. — Quer me contar o que aconteceu?

Nada de mais, só descobri que você esconde sua esposa toda queimada no porão.

— Não foi nada, não tive distúrbio algum. Acho que estou apenas gripada. — Menti, descaradamente, e para parecer ainda mais convincente, dei duas tossidinhas falsas.

Alexander examinou o meu rosto por um longo momento, como se me sondasse e tentasse capturar a verdade.

— Isso foi porque eu te ofereci outro emprego?

— Claro que não. Não tem nada a ver.

— E por que as suas malas estão arrumadas?

— Eu te disse que pretendo voltar para Melbourne.

— Por que isso agora, Lisa? Você realmente acredita que te ofereci um cargo na minha empresa para que você não viva mais sob o mesmo teto que eu? — Ele ficou me encarando, esperando por uma resposta, mas eu não sabia o que dizer. — Se foi isso, se você realmente prefere continuar trabalhando como governanta, pode continuar aqui. Eu não quero que você vá embora. Não quero que fique longe. Você está se tornando a pessoa mais importante da minha vida. Não pode se distanciar agora.

Meu coração disparou como um louco dentro do peito.

— Por que Alexander? Diga-me porque você me considera uma pessoa importante na sua vida.

Eu não sabia o que queria ouvir dele, um “eu te amo” seria esperar demais de um homem que não amara nem mesmo a mulher com quem se casara.

— Eu não sei, não é algo que eu consiga definir racionalmente e transformar em palavras, é apenas algo que eu sinto. E tudo o que eu não quero nesse momento é que você se distancie de mim. Então estou te pedindo que fique, não me deixe agora.

Minha nossa! Eu não sabia nem o que pensar. Christine disse que fui a primeira mulher que ele deixou se aproximar, alguma parte romântica do meu cérebro me dizia que ele sentia algo por mim, além de tesão, e que eu podia salvá-lo do mar de sofrimento no qual vinha navegando desde que a esposa sofreu

aquele acidente. Contudo, por outro lado, me envolver naquela história significava trazer toda aquela dor para a minha vida e eu não sabia se estava preparada, ou se sequer tinha estrutura psicológica ou emocional para enfrentar um vendaval tão poderoso de acontecimentos. Considerando que eu tive um distúrbio emocional apenas por ter encontrado Christine, podia deduzir que ficar seria a pior decisão a ser tomada.

— Tudo bem, eu fico. — Eu realmente era péssima em tomar decisões.

Os lábios lindos de Alexander se abriram em um sorriso largo, uma de suas mãos permaneceu sobre a minha, a outra veio para o meu rosto, o dorso acariciando minha pele, suavemente.

— Obrigado. Não vou deixar que se arrependa. — Esperei que ele me beijasse, que me tomasse em seus braços e se deitasse ao meu lado, mas tudo o que ele fez foi continuar falando. — Agora preciso ir. Vou pedir a Meg que traga algo para você comer. Se se sentir mal de novo, liga para o meu celular, o número está sobre o criado.

Não vá ainda. Fica comigo um pouco mais. Tudo em mim suplicava.

— Tudo bem. — Foi o que saiu da minha boca.

Com isto, Alexander deixou o quarto.

Quando me levantei, levei um susto ao olhar-me no espelho do banheiro. Minha aparência estava lastimável. Havia grandes olheiras em torno dos meus olhos, minha pele estava ressecada, meus cabelos completamente desgrenhados. Fiquei envergonhada por Alexander ter me visto naquele estado.

Tinha voltado a me deitar quando houve uma leve batida na porta, para que em seguida Meg entrasse, carregando uma bandeja, o cheiro delicioso de canja enchendo o quarto. Eu me lembrava de ter tido vários distúrbios emocionais durante a minha infância e a minha adolescência, quando via meus pais se agredindo, só que nunca a minha família havia me tratado com tanto carinho e cuidado nesses momentos, no máximo me davam uma aspirina para a febre cessar.

— Está se sentindo melhor? — Meg quis saber.

— Sim, bem melhor.

Sentei-me na cabeceira, com as costas apoiadas no espaldar e coloquei um travesseiro sobre as pernas, onde ela depositou a bandeja, minha boca enchendo de água ao ver a comida.

— A Sra. Miller me mandou te entregar isso. — Ela estendeu-me a mão, entregando-me uma pequena chave.

Bastou que eu ouvisse a menção ao nome de Christine para que meu apetite desaparecesse, um bolo se formando em meu estômago, não por causa da aparência dela, mas pela dor que trazia em sua alma durante aqueles três anos em que vivia isolado do mundo naquele porão.

— Desde quando você sabe sobre ela, Meg?

— Desde que o Sr. Miller a trouxe depois do acidente.

— Como você consegue conviver com isso. Não sente penas dos dois?

— Muito mais do que você possa imaginar. Eles têm sofrido demais nesses últimos três anos, aprender a conviver com a situação, sem falar para ninguém, foi tudo o que pude fazer por eles.

— Você sabia que Christine quer cometer suicídio?

— Sim. Ela já tentou duas vezes. Na primeira vez tomou todos os remédios que havia no porão, ao mesmo tempo. Foi necessário que fizessem uma lavagem estomacal. Na segunda tentativa, ela cortou os pulsos com uma facinha de mesa. Desde então o Sr. Miller tem tomado cuidado para que não haja objetos cortantes ou medicamentos no porão. Foi por causa dela que você passou mal?

— Sim. Eu fiquei abalada demais com a história deles. É muito sofrimento na vida de duas pessoas.

— Eu também acho, por isso concordo que seja feita uma eutanásia, como ela quer. Só assim os dois vão ter paz.

— Não se pode desperdiçar uma vida assim, Meg. Eu não concordo com o que ela quer fazer.

— O pior é que ninguém consegue fazê-la mudar de ideia. Vários profissionais já vieram conversar

com ela, psicólogos e psiquiatras.

— Como você consegue não contar sobre isso para os seus filhos? Eles não perguntam o que tem no porão?

— Perguntam, mas confiam em mim quando eu digo que é melhor para eles que não saibam. Eles não precisam conhecer tamanha tristeza. Agora coma, você precisa se alimentar.

Ela estava certa, eram mais de duas horas da tarde e eu ainda não havia comido nada, tinha passado o dia inteiro dormindo.

Com meu estômago ainda embrulhado, empurrei a canja através da minha garganta e permaneci no quarto após a refeição, pensando sobre tudo, sobre o que ia fazer com aquela situação diante da qual o destino me colocara, sobre como lidar com tudo sem que a minha realidade se tornasse tão triste quanto a de Christine e a de Alexander.

Depois de várias horas pensando sobre o assunto, tomei uma decisão, comunicá-la-ia à Christine ainda naquela noite. Enquanto isso, faria algumas pesquisas na internet para que meu plano desse certo.

Quando a noite caiu, tomei um banho demorado, vesti roupas limpas e coloquei-me perto da porta do quarto, de onde podia ouvir os passos de Alexander quando ele passasse pelo corredor em direção ao seu aposento. Era tarde da noite quando o ouvi, esperei para ter certeza de que ele não voltaria e então me dirigi para o porão, levando meu computador.

Usei a chave que Meg me dera para entrar e embora já soubesse o que encontraria lá dentro, um pinicão desceu pela minha nuca quando desci as escadas e avancei em meio à escuridão que tomava todo o ambiente. A luz fraca do abajur cor de rosa, me permitiu ver Christine deitada na cama, adormecida.

— Olá Christine. — Chamei e ela abriu os olhos.

— Acenda a luz. — Disse.

Fui até o interruptor na parede e permiti que a luz forte banhasse todo o ambiente, quando pude ter uma visão mais clara da mulher deformada na cama e um nó se formou em minha garganta. Eu jamais me acostumaria com a aparência dela, com a pele enrugada, a ausência do nariz, das orelhas, dos lábios e dos cabelos, com os olhos fora do lugar, cada um de uma cor.

— Quer que te ajude a passar para a cadeira de rodas? — Indaguei.

— Sim, por favor.

Aproximei a cadeira da cama, segurei-a com cuidado e a transportei para a cadeira.

— Alexander me disse que você estava doente. O que você tinha? — Christine guiou sua cadeira motorizada na direção da cozinha compactada.

— Foi um distúrbio emocional, ou nervoso, sei lá como chamam. Eu costumava ter isso quando era criança e via meus pais brigando. Acho que a sua história foi demais para a minha cabeça.

Ela gesticulou para que eu me sentasse à bancada e nos serviu do chá de camomila que havia na garrafa térmica.

— Para que o computador?

— Andei pensando sobre o que você me propôs e tomei uma decisão. Preciso do computador para te explicar algumas coisas. Mas antes preciso te fazer uma pergunta.

— Pergunte.

— Uma vez vi Alexander sair daqui passando mal, ele tinha umas picadas de agulhas no braço. O que era aquilo?

O olhar de Christine se tornou pensativo, como se sua mente buscasse as lembranças passadas.

— Ele estava passando mal? — Havia angústia no tom da sua voz.

— Sim. Ele quase desmaiou lá na cozinha.

— Ele escondeu isso de mim, mas eu já imaginava que aconteceria. Eu preciso de transfusão de sangue periodicamente, o tipo sanguíneo dele e o meu são o mesmo. Eu digo para ele trazer bolsas de sangue, mas ele insiste em fazer a transfusão diretamente da sua veia. Da última vez, ele realmente não parecia

bem, embora tivesse me garantido que estava.

Aquela revelação me deixou ainda mais angustiada. Lembrei-me de cada detalhe daquela noite, de como ele parecia arrasado, fraco como nunca era. Meu Deus! Não era necessário pensar muito para deduzir que ele dava o próprio sangue a ela por se culpar por tudo o que aconteceu. Era agonia demais na vida de duas pessoas. Por que coisas como aquela tinham que acontecer? Por que a vida não podia ser boa para todos? Ou pelo menos ser cruel apenas com pessoas que mereciam, como Logan e outros iguais a ele?

— E então, vai me dizer o que você decidiu? Ainda bem que você trouxe um computador, porque Alexander tirou o meu há alguns meses, temendo que eu pudesse contratar uma equipe médica para fazer a eutanásia sem o conhecimento dele. Levou também o meu celular, o único que tenho só liga para o número dele.

— Tenho uma contraproposta. Eu concordo em tentar conquistar o amor de Alexander, para depois convencê-lo a permitir que você faça a eutanásia, mas em troca, quero que você tente retomar a sua vida, que me deixe te levar para fora desse porão, para tomar sol na piscina, para ir à praia, ao shopping, ao cinema e a todos os lugares onde você queira ir. Quero que me deixe encontrar profissionais que possam melhorar a sua aparência. Embora eu esteja ciente de que você nunca mais voltará a ser a mesma, sei que você pode melhorar. Fiz algumas pesquisas e encontrei alguns médicos que...

— Pode parar por aí, Lisa. — Christine me interrompeu. — Você acha que já não tentaram isso? Já conversei com dezenas de psicólogos e psiquiatras, todos tentaram me inserir de volta à uma vida normal e não conseguiram, porque eu não quero retomar a minha vida. Achei que tivesse deixado isso claro, não existe mais vida para mim. Tudo o que quero é descansar, me livrar desse porão maldito de uma vez por todas, sair dessa prisão. Nada mais me interessa.

A forma como ela falava, quase levou lágrimas aos meus olhos. A sua dor era tão grande que eu quase podia senti-la.

— Podemos fazer um trato. Você estipula um prazo, enquanto eu tento seduzir Alexander, você tenta reassumir a sua vida. Se no final desse prazo você ainda estiver determinada morrer, eu o convenço a concordar com o suicídio.

— Eu não vou mudar de ideia. Nem perca seu tempo acreditando que pode me fazer voltar atrás em minha decisão.

— Me deixa pelo menos tentar, porra. Não custa nada. Nós podemos fazer isso sem o conhecimento de Alexander. Podemos sair daqui quando ele não estiver em casa.

— Nada feito. Não vou me expor sem necessidade.

— Nesse caso, nada feito para mim também. Não vou tentar conquistá-lo, vou voltar para Melbourne e deixar que você passe a eternidade vendo-o sofrer e sofrendo junto com ele.

— Você não pode fazer isso comigo.

— Mas é claro que eu posso. O que eu não posso é ficar aqui e ver você definhando enquanto eu dou em cima do seu marido. Eu jamais conseguiria ser feliz com ele se o preço do amor dele for a sua vida, será que você não entende? E mesmo que eu não consiga te fazer mudar de ideia, saber que tentei já vai me servir de consolo.

Christine observou-me em silêncio por um longo momento, como se refletisse.

— Você é boa de argumento, devia se formar em Direito.

— Isso é um sim?

— Pode ser, mas você precisa me prometer que não vai ter outro ataque nervoso quando descobrir que não pode me fazer mudar de ideia.

— Eu prometo.

Fiquei tão feliz por ela ter concordado em tentar, que, seguindo a um impulso, a estreitei em meus braços, apertando o seu corpo frágil de encontro ao meu, um gesto que pareceu surpreendê-la.

Passamos as horas seguintes fazendo planos. Usei o computador para mostrar a ela casos de pessoas que sofreram queimaduras graves e conseguiram se reabilitar, inclusive a história da modelo que foi pedida em casamento pelo namorado, após ter sessenta e cinco por cento do seu corpo queimado durante o incêndio em uma floresta. Pena que nem mesmo essa história conseguiu comover Christine, ela via e ouvia tudo como que por obrigação, sem demonstrar qualquer interesse.

Mostrei a ela também os mais recentes avanços no que se referia às cirurgias de reconstrução facial. Após vermos todas as pesquisas sobre o tema, que fiz durante a tarde, ela disse que me mostraria como conquistar definitivamente Alexander e começou afirmando que eu precisava melhorar a minha aparência, então, entramos em um site de vendas de roupas caras e sofisticadas, onde compramos de tudo, inclusive acessórios e maquiagens.

— Eu não posso tirar o pó dos móveis usando isso. — Falei, enquanto ela escolhia vestidos e sandálias caríssimos, para que eu usasse.

— Esquece essa coisa de tirar pó de móveis, Alexander mal repara nessas coisas, sem mencionar que não há nada de glamoroso nisso. Você precisa se produzir mais, ele gosta de mulheres sofisticadas, tem preferência por loiras. Já pensou em tingir o cabelo de loiro?

— Na verdade, eu sou loira natural, mas estou gostando dessa cor escura em meus cabelos e não pretendo mudar por causa de um homem. Se ele me quiser, vai ter que me aceitar como eu sou.

— Tudo bem, mas uma dieta você precisa fazer.

— Está dizendo que estou gorda?

— Não gorda, talvez cheinha. Seus quadris são meio largos, mas isso fica bom por conta da sua cintura fina e dos seios fartos. Uma dieta leve vai te fazer melhorar ainda mais.

— Nada de dieta. Não vou passar fome por causa de homem.

Ela suspirou fundo, impaciente.

— Lisa, nós precisamos fazer isso dar certo. Eu farei sacrifícios porque você pediu, sacrifique-se você também.

Embora achasse uma dieta completamente desnecessária, já que não ouvi Alexander reclamar do meu corpo enquanto eu estava nua em seus braços, eu precisava fazer sacrifícios para poder obter os dela.

— Tudo bem, eu faço a dieta e você vai tomar banho de sol comigo amanhã na piscina. O que acha?

— Acho que isso é chantagem.

— Não concordo, só estamos seguindo o nosso acordo.

Christine tentou revirar os seus olhos bizarros, o que ficou bastante estranho, mas por fim concordou.

Fiquei pasma que apesar de trazer profissionais da saúde para conversar com ela e tentar melhorar o seu psicológico, Alexander jamais a tivesse convencido a deixar o porão para tentar se reinserir na vida social. Talvez ele não tivesse tentado o suficiente, ou estragado as coisas com seu constante mau humor, não conseguindo deixar claro o quanto era importante para ela tentar melhorar.

Passamos praticamente toda a noite fazendo compras na internet, quando Christine me surpreendeu ao mostrar-se animada com a tarefa. Segundo ela, compras era uma das coisas que mais gostava na vida e há muito tempo não fazia.

Quando deixei o porão, durante a madrugada, havíamos planejado nossos próximos passos em direção ao coração de Alexander. Christine acreditava que o caminho mais fácil para o conquistar, era mostrar a ele o quanto eu era cobiçada e ao mesmo tempo provocando ciúmes, pois isso o deixaria inseguro, com medo de perder, portanto, esse seria o nosso ataque. Na noite seguinte, eu colocaria um vestido sexy, esperaria ele deixar o porão e fingiria estar saindo para a balada. Como as roupas que compramos na internet só chegariam em dois dias, eu precisaria usar um dos meus vestidos, o que não era nenhum problema, já que eu havia trazido de Melbourne alguns dos modelitos sensuais que usava para dançar no clube. Alexander não ia resistir a tanta provocação, mas não ia mesmo.

CAPÍTULO XX

Como não havia dormido quase nada durante a noite, dormi praticamente a manhã inteira no dia seguinte. Meg estava incumbida de justificar a minha ausência nas minhas funções a Lauren.

Quando acordei, o sol do meio-dia banhava o quarto através da janela aberta, proporcionando-me um calor gostoso, amenizado pela brisa fresca que partia do oceano. Só que eu não havia deixado a janela aberta, por isso levei um susto quando vi Alexander sentado na poltrona ao lado da cama, completamente imóvel, observando-me. Estava lindo como sempre, usando a camisa branca sem o paletó com o nó da gravata desfeito, tinha a barba bem aparada, os cabelos bem penteados e seus olhos brilhavam como duas safiras de encontro aos raios do sol. Foi impossível olhar para ele e não o imaginar deitado ao meu lado, um pensamento que causou um formigamento abaixo do meu umbigo.

— Você não pode ficar entrando no meu quarto sem pedir licença. Isso dá processo, sabia? — Soltei, sem pensar.

Merda! Eu não podia falar esse tipo de coisa para ele, precisava aprender a controlar minha língua se quisesse conquistar o seu amor.

— Você tem razão. Me desculpe. — Pela primeira vez eu o via embaraçado, o que me pareceu hilário, se considerando o homem rude que ele se mostrava às vezes. — Só queria saber se você estava bem e como não abriu a porta quando bati, fiquei preocupado e entrei.

— Não precisa se desculpar. A casa é sua. — Falei, enquanto imaginava se minha cara estava inchada pelas horas de sono e o meu cabelo desgrehado.

— Está se sentindo melhor?

— Sim, perfeitamente bem. Só não acordei mais cedo porque passei a noite fazendo algumas pesquisas na internet. Mas estou saudável como um touro. Ainda hoje volto às minhas atividades na casa.

Na verdade, eu pretendia passar a tarde cuidando da minha produção para a noite. Não via a hora de colocar o plano de Christine em prática. Já podia até imaginar como Alexander agiria quando me visse saindo toda arrumada, com um vestido sexy. Talvez perdesse o autocontrole, como perdera na ilha, me segurasse pelo braço ainda no corredor, me arrastasse para o seu quarto e fizesse sexo comigo de forma selvagem, como fizemos na praia. Ou então, me seguiria até o meu carro, me seguraria em seus braços, me carregaria de volta para a casa e faria amor comigo de forma intensa e apaixonada, como fizemos no avião. Não importava tanto como seria, desde que eu estivesse novamente em seus braços e alguma coisa dentro de mim me dizia que naquela noite isso aconteceria.

— Não precisa se preocupar com nada, a casa está bem organizada. Descanse mais alguns dias. Você quer que peça a Meg para trazer o seu almoço?

Quase perguntei a ele o que tinha feito com o meu mal-humorado e rabugento chefe, visto que Alexander não costumava ser tão gentil e atencioso assim. Havia alguma coisa de muito estranha em seu comportamento.

— Você está bem? — Indaguei e ele pareceu ficar surpreso.

— Claro, por que não estaria?

— Sei lá. Está tão gentil.

— Está me dizendo que não costumo ser um homem gentil?

— É, estou dizendo sim.

Para minha total perplexidade, ao invés de se enfurecer com minha acusação, ele sorriu.

— Talvez você não seja tão boa em julgar as pessoas.

— Talvez não, mas também não sou burra. Você está diferente. — Por fim, a fisionomia dele se contraiu, da forma como eu bem conhecia. — Ah, aí está o Alexander que eu conheço.

— Não gosta do novo, Alexander?

Na verdade, eu meu apaixonei pelo velho, mas eu te amaria de qualquer jeito.

— Eu gosto dos dois.

Com isto, afastei o lençol e levantei-me, com movimentos vagarosos e sensuais, quando então me arrependi por não ter dormido usando uma camisola pequena e transparente, ao invés do moletom folgado que parecia um saco jogado sobre o meu corpo.

— Vou tomar um banho, se não se importa.

— Fique à vontade.

Ciente de que ele não desviava seus olhos de mim, comecei a me despir ali mesmo e foi como se um enxame de abelhas tivesse sido jogado sobre sua cabeça, tão depressa ele levantou-se e deixou o aposento. Eu me lembraria de não ser tão direta na próxima vez. Homens são criaturas complexas e Alexander era o rei da complexidade.

Almocei na companhia agradável de Meg, quando ela me contou que já havia conversado com Lauren sobre eu ter me distanciado, temporariamente, dos afazeres domésticos, devido a problemas de saúde. Como havia planejado, passei toda a tarde me dedicando à minha produção, atualizando a depilação, a hidratação da pele e dos cabelos e a arrumação das unhas. Queria estar perfeita aquela noite, pronta para seduzir o homem que eu queria e precisava conquistar.

No meio da tarde, quando o vi saindo para o escritório, aproveitei para levar um aparelho celular para Christine, no porão, a fim de que ela pudesse me avisar quando ele saísse de lá à noite e eu desse um jeito de encontrá-lo no corredor. Aproveitei para fazer um pouco de companhia a ela, algo que não era tão difícil, pelo contrário, até que ela era uma pessoa agradável, meio depressiva, mas agradável.

No final da tarde eu estava brigando com a minha descontrolada vontade de atacar a geladeira e comer alguma coisa além da salada sem calorias que engolira no almoço, quando recebi uma mensagem de um número desconhecido, em meu celular.

“Estou aqui de pau duro, imaginando tantas maneiras de te foder, que já me sinto capaz de escrever o roteiro de um filme pornô”.

Minha nossa! Quanta sutileza! Quem seria esse maníaco? Provavelmente enviara para o número errado, por isso nem me dei ao trabalho de responder, embora estivesse vermelha de raiva, me limitei a apagar e ignorar.

Quando a noite chegou, eu estava exultante e um pouco nervosa. Escolhi o vestido mais curto e justo que havia no meu armário, um tubinho vermelho, com um profundo decote em V e uma fenda do lado direito da saia minúscula. Escovei os cabelos até que estivessem brilhantes, fiz uma maquiagem para a noite e calcei sandálias de salto alto. Eu já havia me apresentado no clube algumas vezes usando aquele vestido e seduzido dezenas de homens durante essas apresentações, por isso tinha certeza de que seduziria Alexander também. Ainda naquela noite, nós estaríamos juntos. Se Christine que o conhecia bem, dissesse que aquilo daria certo, era porque daria.

Ainda era cedo quando ela me telefonou avisando que Alexander havia acabado de deixar o porão e apressei-me em deixar o meu quarto, a fim de encontrá-lo ainda no corredor. Caminhei devagar e meu coração bateu descompassado quando ouvi os seus passos se aproximando, como se eu fosse uma adolescente que ia ao primeiro encontro. Respirei fundo, tentando me acalmar e agir com naturalidade, colocando um sorriso no rosto no instante em que o avistei.

— Boa noite Sr. Miller, eu não sabia que ainda estava acordado. — Falei, sem deixar de encará-lo, enquanto ele me devorava dos pés à cabeça, com os olhos carregados de luxúria.

— Que história é essa de Sr. Miller?

— Você é o meu chefe. Devo te tratar como tal.

— Não sou apenas o seu chefe e nem preciso te lembrar disso.

O tom meio rouco da sua voz, enquanto proferia a frase, causou-me uma corrente de calor que desceu

pelo meu corpo e se instalou entre minhas pernas.

— E é o que meu, então?

Subitamente, ele ficou sério, uma ruga se formando no centro da sua testa.

— Não importa muito. Vai sair?

— Sim, vou encontrar uma galera em um barzinho aqui perto, nada de mais. Eu não sabia se precisava avisar com antecedência.

Pendurei as duas mãos na cintura, atraindo mais uma vez a atenção dele para o meu corpo, satisfeita por ver a forma luxuriosa como seus olhos me varriam de cima à baixo.

— Não precisava avisar. Só não se esqueça de ligar se precisar de alguma coisa. Divirta-se.

O quê?! Só isso? Divirta-se? Cadê o ciúme?

— Obrigada. — Empurrei a palavra através da minha garganta seca e passei por ele, fingindo que uma tempestade não acontecia em meu íntimo.

Uma decepção pungente recaiu sobre os meus ombros, uma sensação ruim de rejeição me fazendo sentir um ser humano desprezível, uma mulher vulgar e oferecida, embora apenas eu soubesse que era exatamente isso o que acontecia ali.

Por que ele simplesmente não reagiu a mim? Por que não tentou me impedir de sair? Onde estava o homem intenso que fez amor comigo naquela ilha? Esse homem nunca existiu, Alexander agia como se eu não significasse nada para ele, mas nem sei porque esperei que fosse diferente, afinal ele me dissera, mais de uma vez, que o que aconteceu entre nós não se repetiria, foi apenas sexo, coisa de momento. Havia sido uma grande ilusão da minha cabeça cogitar que ele pudesse sentir por mim a mesma paixão que eu nutria por ele. E uma ilusão ainda maior era Christine acreditar que eu poderia me tornar dona do amor dele algum dia. Isso jamais aconteceria.

Mesmo sendo casado e evitando trair a esposa, se ele sentisse algo por mim teria reagido, teria demonstrado ciúmes. Mas não havia nada, era como se ele não me enxergasse.

Sem muitas esperanças, segui o plano e deixei a casa, entrando em meu carro. Era só até ali que eu ia, se Alexander não me seguisse e não me arrancasse de dentro daquele carro, era porque o plano não havia dado certo, nada mais aconteceria entre nós e estaria provado que para ele eu havia sido só mais uma transa sem importância, como tantas outras que ele tivera.

Esperei por quase meia hora, os minutos se arrastando em horas, sem que Alexander aparecesse. A decepção que me tomava era dolorosa. Nem sei porque fui idiota a ponto de concordar com aquele plano. Apesar de já saber que não significuei nada para ele, que nossos momentos na ilha não ficaram gravados em seu coração e na sua memória, como ficaram nos meus, constatar aquilo me doeu na alma. Com sua indiferença, Alexander deixava claro que eu era apenas mais uma mulher que passara pela sua cama, como tantas outras quando ele era solteiro, que nada significavam além de simples diversão, como a própria Christine fora antes de engravidar.

Eu tentava sufocar as lágrimas que teimavam em encher os meus olhos, quando deixei aquele carro e voltei para o interior da casa escura e silenciosa. Não podia subir para o segundo andar sem que Alexander ouvisse meus passos e desconfiasse que minha saída não passara de uma mentira, então, me dirigi direto para o porão e entrei, encontrando Christine ainda acordada, deitada na cama, assistindo um filme na televisão.

— Ah, minha nossa! O que você faz aqui? Não era para estar com Alexander? — Ela parecia desapontada.

Sem fazer cerimônia, sentei-me na beirada da cama.

— Ele não quer nada comigo. Nem deu a mínima quando me viu sair, não reagiu, não tentou me impedir. Isso nunca vai acontecer, ele nunca vai me amar de verdade. Para ele eu fui apenas mais uma transa, como ele próprio falou. — Minha voz tremia, sem que eu pudesse evitar.

— Não seja tão pessimista. Ninguém disse que seria fácil. Além do mais, foi só a primeira tentativa.

Não podemos desistir ainda. Venha cá, deita aqui. — Deitei-me ao lado dela e permanecemos mergulhadas em um silêncio profundo, compartilhando algo pelo qual ambas já havíamos passado: a dor de amar Alexander e ser rejeitada por ele. — Você gosta dele, não é?

— Acho que estou apaixonada. Nunca um homem me afetou desta forma. Se isso não for amor, ou paixão, eu não sei como definir.

— Eu entendo perfeitamente. Alexander tem esse poder sobre as mulheres, sempre teve. Não se precisa de tempo para amá-lo, basta que se esteja com ele uma vez.

— Esse sentimento me assusta. Tenho medo de levar isso adiante e acabar me machucando.

— Não precisa ter medo, ele vai ser seu. Tenho quase certeza de que ele também gosta de você, só ainda não percebeu isso, ou não quer assumir esse sentimento por minha causa, mas vamos dar um jeito de fazer com que ele assuma, fique tranquila.

Continuei ali conversando com Christine, sentindo-me amparada, como se ela fosse uma velha amiga com quem eu podia falar sobre tudo, até que peguei no sono.

Era madrugada quando ela me acordou, avisando que eu precisava ir antes que ele aparecesse e subi para o segundo andar sem fazer questão de camuflar o som dos meus passos, para que ele me ouvisse e pensasse que eu estava chegando àquela hora.

Ainda bem que o dia havia amanhecido belo e ensolarado, com a brisa fresca do mar tornando o clima gostoso e agradável, pois era a primeira vez que eu tiraria Christine daquele porão. O plano era levá-la para tomar sol na piscina, por isso fui encontrá-la ainda cedo, logo depois que Alexander saiu para o trabalho, enquanto o sol ainda não estivesse tão forte. Levei alguns dos Biquínis que havia comprado para a festa de casamento, saídas de praia, protetor solar, chapéu e óculos escuros.

No porão, encontrei Meg tirando a mesa do café, onde Alexander e Christine haviam feito a primeira refeição do dia juntos e entendi porque ele fazia a maioria das suas refeições ali, no seu “escritório”.

— Não podemos deixar isso para outro dia? — Disse Christine, melancólica.

— Não senhora. Eu estou fazendo dieta e me insinuei para Alexander ontem como você mandou. Agora é a sua vez de fazer sacrifícios.

— Como se se insinuar para um homem como Alexander fosse algum sacrifício.

— Não enrola Christine. Troca logo esse moletom horroroso por uma roupa mais leve e vamos subir.

— E como você pretende me carregar e carregar a cadeira de rodas escada acima?

Só então percebi que, sem uma rampa, não havia como ela subir e apenas a escada dava acesso ao porão. Para Alexander era fácil carregá-la para fora, assim como carregar a cadeira de rodas através da escadaria, mas eu não conseguiria.

— Vamos ter que chamar o Jack. — Falei.

— Qual Jack? O filho da Meg? — Christine parecia atônita.

— Esse mesmo. Ele é pago para trabalhar aqui, mas passa o dia inteiro sem fazer nada.

— Nem morta quero Jack perto de mim. Aquele cara é um pervertido sem noção, vivia me devorando com os olhos quando eu era bonita.

— Veja pelo lado positivo, ele não vai mais te devorar com o olhar. — Falei sem pensar, me arrependendo logo em seguida.

Achei que tivesse magoado Christine, entretanto, após encarar-me em silêncio por um instante, ela abriu um largo sorriso.

— Duvido que ele ainda queira me comer como queria antes. — Disse e sorriu um pouco mais, contagiando-me com sua inesperada descontração. — Mas mesmo assim, eu não quero que você o chame, não quero ser vista assim. É humilhante demais.

— Fala sério Christine, uma mulher poderosa como você vai se sentir humilhada por causa do motorista? Seja mais você, mulher.

— De jeito nenhum, sem chance.

Depois de quase uma hora de discussão, por fim consegui convencê-la a aceitar que Jack fosse até o porão. Então fui procurá-lo na casa dos fundos e expliquei por alto a situação. Ele não se mostrou chocado, nem perplexo, até descer as escadas do porão e olhar para Christine, quando então seu queixo caiu, seus olhos atônitos se arregalando, e naquele instante pude compreender como Christine se sentia quando era vista. Quase pude entender porque ela preferiu esconder-se do mundo. As pessoas realmente não eram gentis.

— Sra. Miller! É você mesmo? — Jack falou, sem disfarçar o espanto que o tomava.

— Pois é, estou um pouco mudada, não é mesmo? — Christine rebateu, com tom de deboche. — Quanto a você, continua exatamente igual, inclusive esse cheiro horrível de cigarro é o mesmo.

— Ah, me desculpe por isso. Se eu tivesse certeza que você estava mesmo aqui, teria escovado os dentes e passado um pouco de perfume, mas confesso que não acreditei quando Lisa me contou. Achei que ela estava doidona.

— Esquece isso. Vamos logo acabar com essa coisa toda. — Christine virou-se para me encarar. — Vou precisar de óculos escuros e muito protetor solar. Já faz quase um ano que não saio daqui. A última vez foi quando fui fazer minha última cirurgia plástica.

Providenciei os óculos e o protetor solar, depois ajudei Jack a levá-la para cima, sem que fosse necessário que ela saísse da cadeira de rodas. Ao chegar à piscina, constatei que o dia não poderia estar mais lindo e propício para um banho de sol e fui logo tirando as roupas e mergulhando, só de biquíni, enquanto Christine se mantinha quieta, meio apática, sob a sombra de um guarda-sol, usando um vestido leve de algodão.

Durante todo o tempo, fiquei de olho nela e embora não tivesse conseguido convencê-la a cair na água, percebi que estava se divertindo, apreciando a bela paisagem que nos cercava, enquanto conversava com Jack. Aparentemente, eles se davam muito bem, apesar da tensão do reencontro.

Ali, Meg nos serviu de suco de melancia gelado e alguns petiscos que foram muito bem-vindos. Após saborearmos a comida, Jack afastou-se para perto da amurada e acendeu um cigarro, quando então sentei-me a mesa, ao lado de Christine, sob a sombra do guarda sol.

— Ei Jack, me dá um cigarro desse aí. — Christine falou.

— Por que você quer fumar, se agora há pouco estava reclamando do cheiro de cigarro dele? — Indaguei, apreensiva.

— Você não acha que quem vai morrer em pouco tempo merece experimentar de tudo?

Ouvi-la falando da morte com tanta naturalidade, me deixou angustiada.

Jack aproximou-se dela e tirou outro cigarro do maço.

— Quer que eu acenda? — Indagou ele.

— Por favor.

— Você nunca fumou antes, não é mesmo? — Ele perguntou, enquanto segurava o cigarro entre os seus lábios e acendia.

— Nunca, mas sempre há uma primeira vez para tudo.

— Vou te ensinar como se traga, para que você não se engasgue. Abra bem a boca.

— O quê?

— Abra a boca, gata.

Christine abriu sua boca sem lábios e fiquei perplexa quando Jack puxou uma baforada de fumaça, inclinou-se para frente, apoiou as duas mãos nos braços da cadeira de rodas, encostou sua boca na dela e transferiu a fumaça da sua boca para a dela, um gesto íntimo, sensual, que pareceu agradar a ambos e naquele instante eu elaborei o meu próprio plano particular, o qual colocaria em prática sem o conhecimento de Christine, embora ela fosse a parte principal.

Quando o calor se tornou quase insuportável, conseguimos convencer Christine a entrar na água e Jack a carregou em seus braços durante todo o tempo, ajudando-a a boiar e a nadar, mostrando-se um

verdadeiro cavalheiro ao contribuir para que ela se divertisse pelo menos um pouco.

Tivemos uma manhã agradável na beira da piscina. Quando voltou para o isolamento do porão Christine parecia outra pessoa, não apenas pelo leve bronzeado que havia adquirido, mas pela vida que parecia encher o seu olhar, pela primeira vez desde que a conheci, o que me trouxe a magnífica esperança de que eu conseguiria salvar a vida dela. Não seria fácil, tampouco seria rápido, mas eu conseguiria fazer com que ela mudasse de ideia a respeito de abrir mão da sua vida.

CAPÍTULO XXI

Ainda naquela tarde, recebi outra mensagem, em meu celular, do mesmo número desconhecido, que dizia:

“Quero essa sua bocetinha gostosa na minha boca, experimentar o gosto dela, deixar ela bem lambuzadinha antes de enfiar o meu pau até a raiz, enquanto ouço você gemer.”

Mas que filho da puta tarado! Desta vez ele conseguiu tirar minha paciência e respondi a mensagem mandando-o ir para o inferno, antes de bloquear o seu número.

Instantes depois, chegou outra mensagem, de outro número desconhecido, porém enviada pela mesma pessoa.

“Não me mande ir para o inferno, gatinha, e nem bloqueia meu número de novo, porque tenho vários outros. Não estou fazendo nada de mais, só quero brincar com você. Posso fazer isso pessoalmente também, tenho certeza que você vai gostar muito mais. E sabe por que tenho essa certeza? Porque você estava gostando de me olhar fodendo outra mulher. Você queria estar no lugar dela, antes daquele acidente infeliz, não é mesmo?”

Meu Deus! Não precisei ler mais nada para saber que quem estava me enviando aquelas mensagens era Logan Cooper, eu não tinha nenhuma dúvida disso. O que aquele maldito queria comigo? Por que não me deixava em paz? Perguntei-me, invadida por um misto de raiva e pavor.

“Quem é você?” Enviei, perguntando.

“Acho que não precisa que eu me apresente. Você é uma garota inteligente, vai descobrir isso sozinha. Agora me diga, quando pretende voltar para Melbourne? Já estou com saudade de ver esse corpinho gostoso se remexendo em cima do palco”

“O que você quer de mim?”

“Por enquanto só brincar. Por enquanto.”

“Quero que me deixe em paz”

“Por quê? O chefinho pode ficar com ciúmes? No lugar dele eu também ficaria. E por falar em Alexander, ele disse a Elizabeth que tomasse cuidado comigo. O que você falou sobre mim?”

Apesar da calma embutida em suas palavras, era possível notar a ameaça muito sutil contida em cada frase, o que conseguiu fazer com que todo o meu corpo estremecesse de medo. Na certa ele estava pensando que eu falei sobre o assassinato de Trinity. Mas que merda! Custava Alexander ter ficado de

boca fechada? Será que não fui clara o bastante ao insinuar que minha vida podia estar em risco se eu confrontasse Logan? Droga!

“Eu não disse nada, ele tirou as próprias conclusões, com base na sua postura quando nos encontrou na praia.”

A mensagem seguinte demorou um pouco mais para chegar.

“E quais conclusões ele tirou?”

“Achou que você fosse um ex-namorado agressivo, porque você agia com agressividade.”

“Como ele é estúpido. Nem desconfia que está comendo uma garota que dança nua para qualquer um que tenha dinheiro para pagar.”

Não respondi àquilo. Ódio e indignação me consumindo.

“Eu não estava brincando quando disse que quero te comer. Qualquer hora dessas vou a Sidney e marcaremos um encontro.”

“Agradeço, mas não estou interessada.”

“Eu não estava perguntando.”

Minha nossa! O que esse louco tinha na cabeça? Não passava pela mente dele que eu podia denunciá-lo? Na verdade, a falta de medo por parte dele, de que eu pudesse falar com a polícia, era o que mais me assustava, pois dava a impressão de que ele não se importava, de que sabia que eu não podia prejudicá-lo, de que seria a palavra dele contra a minha e que, obviamente, a dele prevaleceria. O que me restava era ficar de olho aberto, evitar sair de casa sozinha e tomar o máximo de cuidado possível.

Graças aos céus, não chegou mais nenhuma mensagem naquele dia.

Nos dias que se seguiram, Christine e eu nos empenhamos em colocar o nosso plano em prática. Na luta pelo amor de Alexander, eu fazia tudo o que ela me instruí. Em algumas noites, fingia que estava me masturbando e gemia alto em meu quarto, para que ele ouvisse do outro lado da parede. Outras vezes, deixava o quarto só de toalha, quando sabia que ele estaria passando pelo corredor, e fingia estar indo até a cozinha tomar um copo d'água. Em outras ocasiões, deixava a porta do meu quarto, entreaberta e ficava só de lingerie, esperando o momento em que ele passasse. As roupas que compramos na internet haviam chegado e eu passava o dia inteiro produzida, mesmo quando precisava tirar a poeira dos móveis. Mas nada disso estava dando certo, Alexander simplesmente parecia não reparar em mim.

Outro dia, Christine disse que os homens gostam de mulheres que cozinham para eles, então me ofereci para preparar o jantar, mas isso também deu errado, eu não sabia como usar o forno e acabei quase ateando fogo na casa.

Enfim, nada do que eu fazia parecia afetar Alexander, ele não demonstrava qualquer interesse por mim, não dava a mínima para a forma sedutora como eu agia, era como se eu não existisse para ele, como se não me enxergasse na sua frente e a cada dia que passava, a falta de interesse dele me deixava mais entristecida, tomada pela certeza de que ele não sentia absolutamente nada por mim, nem mesmo aquele tédio insano que presenciei na ilha, durante o casamento, parecia existir mais dentro dele. A indiferença

era tudo o que aquele homem me direcionava, passava por mim pela casa e sequer olhava em meu rosto, quando eu tentava puxar assunto, me cortava de imediato, como se eu fosse uma estranha com quem não simpatizava, exatamente como agia quando cheguei a sua casa, como se o que aconteceu entre nós não tivesse qualquer significado para ele e isso estava acabando comigo.

Em contrapartida, Christine estava indo muito bem. Todos os dias, quando Alexander saía para o trabalho, Jack me ajudava a tirá-la do porão. Quando sabíamos que nosso chefe ia demorar, a levávamos para comer fora, para fazer compras no shopping, ao cinema e ao teatro.

Como eu ainda estava com o cartão de crédito ilimitado que Alexander me dera para comprar as roupas para o casamento, comprei várias perucas — pretas, loiras, azuis, roxas e multicoloridas — para que Christine usasse em público e não se sentisse tão mal. Comprei também maquiagens especiais para ocultar cicatrizes, embora elas não escondessem o mais grave, que era a falta do seu rosto.

Como eu esperava, e torcia para que acontecesse, ela se mostrava mais solta e mais interessada pela vida a cada dia que passava, não falava mais sobre fazer a eutanásia e, com um empurrãozinho de um destino chamado Emily, parecia cada dia mais apegada a Jack, assim como ele parecia gostar bastante da companhia dela.

Um mês havia se passado quando Alexander precisou ficar fora da cidade por uma semana, em uma viagem de negócios, quando então tivemos a oportunidade de fazer com que Christine passasse ainda mais tempo fora do isolamento do porão. Chegamos a levá-la para passar o dia inteiro na praia, quando precisamos contar a verdade também a Lauren, que, como todos, mostrou-se chocada a princípio, mas logo se acostumou com a aparência dela. A levamos também para acampar e até a uma viagem de um dia a uma bela praia paradisíaca, quase deserta, em uma cidadezinha vizinha.

Durante todo aquele tempo, Logan continuava me enviando mensagens com palavras indecentes e propostas inconvenientes, as quais eu sempre ignorava, esperando que em algum momento ele desistisse, mas ele nunca desistia, continuava me assediando, como se não tivesse noção do quanto eu o abominava.

Alexander havia viajado na segunda-feira e no sábado ainda não tinha voltado. Deitada em minha cama, tarde da noite, rolando de um lado para o outro, esperando pelo sono que não vinha, eu só conseguia pensar no que ele estava fazendo em outra cidade em pleno sábado. Recusava-me a acreditar que estivesse trabalhando, porque o presidente de uma grande empresa não tinha necessidade alguma de trabalhar em um final de semana, o que me remetia a acreditar que talvez estivesse com outra mulher, divertindo-se, fazendo com ela o mesmo que fizera comigo naquela ilha, para depois olhar em seu rosto e dizer que aquilo não se repetiria.

Christine achava que ele se tornara fiel a ela depois do acidente, mas ali estava uma suspeita de que isso não era verdade. Ele tinha outras mulheres, só não assumia um compromisso com nenhuma delas.

Eu realmente queria ser forte o bastante para ignorar o quanto aquelas suposições me magoavam, mas eu não era, parecia existir um grande buraco dentro de mim, minha alma doía, como se Alexander fosse uma parte do meu ser que era arrancada abruptamente de mim. Não era esse o destino que eu havia planejado para mim, definitivamente nunca havia me imaginado ficando sozinha em casa, em plena noite de sábado, sofrendo por causa de um homem que não me queria.

Eu já tinha visto algumas amigas passarem por isso e jurado a mim mesma que comigo jamais aconteceria, porque eu me considerava uma garota inabalável e sensata. No entanto, ali estava eu lutando para reprimir as lágrimas que teimavam em tentar aflorar dos meus olhos, sentindo meu coração partido em mil pedaços, suportando aquele vazio horrível causado pela ausência de Alexander.

Cansada de tentar dormir e não conseguir sequer fechar os olhos, deixei o quarto a fim de procurar algo para comer na cozinha. Havíamos passado a maior parte do dia em um piquenique no parque, durante o qual Christine me impedira de comer qualquer coisa além de saladas e frutas, por causa da minha dieta.

Como não havia mais ninguém na casa, além de nós duas, não me preocupei nem em vestir algo menos

inadequado que a camiseta do meu time preferido de futebol, velha folgada e confortável, tão grande que se estendia até o meio das minhas coxas, com a qual eu gostava de dormir.

A noite estava mais quente que o normal e enquanto atravessava a casa, escura e silenciosa, preendi os cabelos em um coque mal feito no alto da cabeça, tentando amenizar a quentura. Na cozinha, fui direto para a geladeira e me apossei de um pote de sorvete de morango pela metade, o qual acomodei diante de mim, sobre a bancada e ataquei, comendo direto do recipiente, com tanto apetite que acabei dispensando a taça.

Com o peito angustiado, pela ausência de Alexander, eu começava a pensar que precisava encontrar um rumo para a minha vida. Estava mais do que claro que aquele homem jamais seria meu, jamais me amaria. Um mês e uma semana me empenhando em tentar seduzi-lo, sem que ele me desse a mínima atenção, fora o bastante para alcançar a certeza de que nada mais aconteceria entre nós. Ele não queria mais nada de mim que não o sexo que já havíamos feito. Pelo menos ele nunca me enganou sobre isso.

Eu só não arrumava as minhas malas logo na manhã seguinte e partia de volta para Melbourne, porque não queria abandonar Christine, ela ainda precisava de mim, eu não a deixaria até que a tivesse convencido a desistir da eutanásia e isso poderia demorar ainda algum tempo.

Meu Deus! O que seria de mim durante esse tempo, vivendo sob o mesmo teto que Alexander? Mesmo que o visse com pouca frequência, tudo naquela casa me lembrava ele, seu cheiro parecia impregnado em cada canto, sua presença parecia tão forte, que eu quase podia senti-la. Eu precisava dar um jeito de mudar essa situação, buscar minha felicidade em outro lugar, pois obviamente ela não estava ali.

Imersa em meus pensamentos, levei um susto ao ouvir passos sorrateiros aproximando-se de mim, por trás. Quando virei-me, meu coração saltou como um louco no peito, por ver que era Alexander. Mas como?

Como se tivessem vida própria, meus olhos desceram pelo corpo dele, nu até a cintura, a calça cinza do pijama pendendo em seus quadris, tão embaixo que pude ver o início dos seus pelos púbicos curtos saltando do cócs, de onde partia uma estreita trilha que se estendia até a altura do seu umbigo, por sobre o abdômen sarado. Percorri o olhar através do seu peito forte, dos braços musculosos e imediatamente minha fome pelo sorvete sucumbiu à fome que eu sentia por ele.

Ele tinha os cabelos molhados, e um delicioso cheiro de sabonete, misturado com lavanda, partia da sua direção. Sem que eu pudesse conter, o calor da lascívia se manifestou entre minhas coxas, de forma tão abrasadora que senti minha vagina pulsando, quente e molhada, enquanto minha face ficava vermelha de vergonha.

— Está caindo. — Disse ele, sua voz grossa enchendo o ambiente.

— O quê?

— O sorvete está caindo.

Só então me dei conta de que havia paralisado a colher com sorvete a meio caminho da boca, e este se derramava sobre minhas pernas, à medida que derretia.

— Ah, minha nossa! Como sou desastrada. — Falei, embaraçada, virando novamente de frente para a bancada para depositar a colher de volta no pote.

Alexander foi até uma gaveta, de onde tirou um pano de pratos branco e veio até mim, seus olhos semicerrados fixos em meu rosto, deixando-me ainda mais atarantada.

— Me deixa te ajudar. — Sem esperar permissão, ele usou o pano para limpar a porção de sorvete que havia derretido sobre minhas coxas e mesmo sem que sua pele tocasse diretamente a minha, o calor se intensificou dentro de mim, alcançando níveis alarmantes em minhas veias, uma energia altamente sexual parecendo propagar-se no ar.

— Por que você está aqui? Achei que estivesse viajando.

— Acabei de chegar, só tive tempo de tomar um banho.

Ele jogou o pano sujo sobre a pia e abriu a geladeira, supostamente a procura de algo para comer.

Voltei a minha atenção para o sorvete e tentei me concentrar nos pensamentos que me tomavam antes de ele aparecer.

— Eu não sabia que empresários trabalhavam em dia de sábado.

— E eu não sabia que moças festeiras ficavam em casa em plena noite de sábado. — Desistindo da geladeira, ele foi até a gaveta e pegou uma colher. — Pode dividir o sorvete?

— Claro. Ele é seu. — Falei e sorri, nervosa com sua proximidade.

Esperei que ele pegasse um copo e se servisse, mas em vez disso, Alexander sentou-se na banquetta ao meu lado, de frente para mim, e começou a tomar o sorvete direto do pote, da forma como eu fazia.

Sua proximidade me deixou ainda mais abalada, meu corpo reagindo ao dele de forma quase violenta, meus mamilos endurecidos suplicando pelo calor da sua boca.

— Como foram as coisas por aqui durante a minha ausência? — Ele levou uma colherada sorvete à boca, e um formigamento aconteceu na altura do meu ventre quando passou a língua nos lábios para limpá-los.

— Foi tudo bem. Nada fora do comum. E a viagem, como foi?

— Produtiva, com muitos negócios bons.

Não fui capaz de distinguir se ele fez de propósito, ou acidentalmente, quando encostou sua perna na minha, fazendo com que tudo se agitasse ainda mais e meu íntimo, minha pele ardendo de desejo.

— Tem alguma coisa que queira me contar? — Ele indagou e empalideci, tomada pela impressão de que ele sabia sobre Logan, ou sobre minha verdadeira identidade e esperava que eu confessasse, só que eu não tinha coragem para tanto.

Eu me sentiria mais culpada por mentir, se ele também não escondesse sua esposa acidentada no porão.

— Não. E quanto a você, tem algo para me dizer?

— Não.

— Ficou com muitas mulheres por lá? — Cacete! Porque perguntei aquilo?

— Com nenhuma e você, ficou com muitos homens por aqui?

— Claro que não. De onde você tirou isso?

— Provavelmente do mesmo lugar de onde você tirou o que eu havia ficado com muitas mulheres.

— Só acho que um executivo não ficaria uma semana longe de casa sem ter nenhuma aventura.

— Como também eu não acho que uma garota que vai para a balada, em pleno meio da semana, com vestidos do tamanho daqueles que você usa e não fica com nenhum homem.

Que merda! Será que aquele plano de Christine estava tendo efeito contrário?

— Não vou para a balada atrás de homens, só de algumas danças e uma bebida com os amigos.

— Eu também não viajo a negócios atrás de mulheres, só de muita papelada para ler, assinar e muitas reuniões chatas para participar.

— Você vai ficar repetindo tudo o que falo?

— A menos que você mude de assunto.

Ele novamente passou a língua sobre seus lábios bem desenhados, para tirar os vestígios do creme gelado, e mais uma vez meu sangue se agitou em minhas veias.

— Por que você não ficou com ninguém? Não sente falta de companhia? — Droga! Por que eu não conseguia mudar de assunto? O que eu queria ouvir dele? Se admitisse que tinha alguém, isso só me magoaria mais.

Alexander abandonou a colher ao lado do pote de sorvete e fitou-me diretamente nos olhos.

— Não fiquei com ninguém porque existe uma mulher que não sai da minha cabeça. E se não for para tê-la, eu não quero qualquer outra.

Processei suas palavras e meu coração foi parar no estômago. Então estava explicado porque ele me desprezava tanto, havia outra mulher de quem gostava. Durante todo esse tempo, mesmo quando eu estava

em seus braços, ele pensava nela. Não era Christine quem o impedia de ficar comigo, como supus, mas sim essa outra que ele não esquecia.

Minha nossa quem seria essa sortuda?

— Então vai atrás dela. Não vejo sentido em ficar sozinho quando se tem alguém com quem quer estar junto. — Falei, enquanto sufocava o ciúme desolador que me corroía a alma.

— Não podemos ficar juntos, como eu já te falei, tenho problemas.

Claro que tem, você é casado.

CAPÍTULO XXII

Sem mais conseguir encará-lo, abandonei meu lugar à bancada e me dirigi até a pia, a cabeça fervendo com pensamentos, o coração pesado de mágoa. Estava lavando a colher com a qual tomei o sorvete, quando ele se aproximou por trás, colocando-se tão perto de mim que pude sentir seu calor gostoso inquietando-me.

— É de você que estou falando, Lisa. Eu tentei arrancar você dos meus pensamentos, tentei esquecer o que aconteceu entre nós na ilha, mas não consegui. — Ele apoiou suas duas mãos em meus ombros e as deslizou, vagorosamente, pelos meus braços até alcançar os meus cotovelos, enquanto meu coração batia como um desesperado, tão depressa que eu tinha a impressão de que sairia pela boca a qualquer momento. — Eu fiz essa viagem para pensar sobre nós dois sem ter que ver você todo dia com aqueles vestidinhos pequenos, passando por mim só de toalha pela casa, gemendo no quarto ao lado, deixando a porta do seu quarto aberta, como se me convidasse. Eu achei que se me distanciasse, pararia de pensar no quanto quero você, mas a coisa só piorou, eu senti tanto a sua falta que acabei percebendo que é impossível ficar longe. Por mais que eu precise, não consigo mais ignorar o que sinto.

Minhas pernas tremiam tanto que precisei me segurar na borda da pia para não cair no chão. Quando me virei para encará-lo, me deparei com a mais irresistível paixão estampada nas suas duas piscinas azuis e meu coração se agitou ainda mais no peito.

— Não quero que você fique longe de mim. — Minha voz soou trêmula e abafada.

Então, com um único passo, Alexander eliminou a distância que nos separava, segurou minha face dos dois lados e colou sua boca na minha, beijando-me com paixão, sua língua se infiltrando entre os meus lábios, movendo-se de encontro à minha, com lascívia, intensificando o desejo selvagem que queimava em minhas entranhas.

Incapaz de resistir, passei os meus braços em torno do pescoço dele e coleí o meu corpo ao seu, sentindo-me estremecer dos pés à cabeça, quando meus seios, frágeis e doloridos, foram pressionados por seu peito forte.

Sem interromper o beijo, Alexander segurou-me pela cintura e ergueu-me do chão, sentando-me sobre o mármore frio da pia, encaixando seus quadris entre minhas pernas, quando pude senti-lo duro e quente, pulsando de encontro ao meu sexo, através do tecido molhado da calcinha.

Suas mãos grandes se infiltraram sob o tecido da minha camiseta, percorrendo cada centímetro da minha pele, causando um verdadeiro incêndio dentro de mim, o que me fez abraçá-lo também com as pernas e pressionar mais o meu sexo no seu, tentando aplacar o tesão descomedido que me consumia.

Quando seus lábios deixaram os meus, para vagar através da pele do meu pescoço, plantando beijos e lambidas por onde passava, pensamentos indesejáveis invadiram minha mente. Lembrei-me da minha solidão de instantes atrás, das lágrimas reprimidas, da dor da sua ausência. Não havia nada que eu pudesse desejar mais do que me entregar àquele homem, estar novamente com ele de maneira íntima, entretanto, o preço a pagar seria alto, ele poderia facilmente voltar a dizer que nada mais aconteceria entre nós, que foi apenas sexo e se distanciar como antes, passar a me ignorar como se eu não representasse nada em sua vida, como vinha fazendo nos últimos dias. Eu o desejava demais, mas não queria passar por tudo isso de novo. Alexander era como um vício, que me fazia feliz quando estava presente, mas quando se distanciava sua abstinência se tornava uma tortura dolorosa demais para ser suportada e evidentemente ele preferia estar distante, vinha me provando isso há semanas.

Eu sabia que Christine ia me escarpelar se soubesse disso, mas eu não podia ir em frente com aquilo, para depois ter que ouvi-lo dizendo que foi apenas sexo, que eu nada representava. Eu precisava de mais que só uma aventura. Se estivesse com qualquer outro homem, isso não teria a menor importância, porque

eu também gostava de aventuras passageiras, mas com Alexander era diferente, o que eu sentia por ele ia muito além de desejo. Aquele homem estava enraizado em mim de forma irreversível, eu havia me tornado praticamente dependente dele e não queria continuar sendo uma mendiga da sua atenção.

Então, apegando-me ao minúsculo vestígio de sensatez que me restava, espalmei minhas duas mãos em seu peito e o empurrei, quando pude sentir todo o seu corpo enrijecendo sob o meu toque.

— Vamos parar. Não posso fazer isso. — Falei, ofegante, enquanto descia da pia e ajeitava a camiseta de volta sobre meu corpo.

— O quê? Do que você está falando? — Alexander parecia incrédulo e frustrado ao mesmo tempo.

— Estou falando que isso não vai acontecer. Não vou mais ficar com você. Preciso dormir. Boa noite.

Tentei me afastar, mas ele me impediu, segurando-me firmemente pelo braço para manter-me no lugar.

— Por que isso agora, Lisa? Eu achei que você também me desejasse.

— E desejo, com tudo o que há em mim, mas não quero ter que passar por tudo de novo.

— Passar pelo quê? Me explica. Não estou entendendo.

Olhei dentro dos seus olhos e percebi o quanto o amava. Eu o amava mais do que havia suposto, mais do que um dia me imaginei capaz de amar um homem e esse sentimento me assustava, porque eu sabia que não era correspondida. Não havia como esperar o amor de um homem que não amara nem mesmo a mulher com quem se casara. O que eu precisava fazer estava claro em minha mente, a única saída era me distanciar dele, antes que me fizesse sofrer de verdade.

— Eu não quero ouvir você repetindo que nada mais vai acontecer entre nós, que isso foi apenas sexo e agindo como se eu não existisse. Preciso de um homem que me leve a sério, que me queira para mais que sexo casual e você não é esse homem.

Lentamente, a mão dele foi afrouxando do meu braço, até me soltar. Essa era a sua resposta, dada sem que nenhuma palavra precisasse ser proferida e nem sei porque me senti tão devastada, se não esperava nada além daquilo.

Esforçando-me para conter a enxurrada de lágrimas que ameaçava descer dos meus olhos, dei-lhe as costas e deixei a cozinha quase correndo. Estava no meio da sala principal, a poucos passos de distância da escadaria, quando ele me alcançou, segurou-me novamente, desta vez pelos ombros e me fez virar para encará-lo.

— O que você quer de mim, Lisa? Seja mais clara.

Seria pedir muito dizer que eu queria o seu amor?

— Eu quero mais que sexo. Só isso não é suficiente.

— Está me dizendo que quer um relacionamento sério? — Meu silêncio foi a minha resposta. — Eu não sei se consigo assumir um relacionamento sério com uma mulher, porque da última vez que tentei isso, as coisas deram tão erradas que eu ainda estou pagando o preço, mas eu posso tentar, só preciso que você me dê uma chance.

E se ele falhasse? E se eu me apegasse a uma grande ilusão só para sofrer ainda mais depois? Ah, merda! Que se fodesse o depois, ele estava disposto a tentar, isso já era um grande passo para um homem complicado como ele.

— Eu te dou uma chance, mas não a desperdice. — Falei.

— Não desperdiçarei.

Com isto, joguei todos os pensamentos para o alto e rendi-me a tudo o que sentia, quando me atirei em seus braços fortes, onde era o meu lugar.

Alexander beijou-me com urgência, sua língua ávida explorando minha boca, suas mãos percorrendo meu corpo todo, deixando-me perdida de tesão.

Sem separar nossas bocas, ele espalmou suas mãos sob minhas nádegas e ergueu-me do chão, fazendo com que me pendurasse nele, meus braços em torno do seu pescoço, minhas pernas em volta da sua cintura, meu sexo, completamente lambuzado, alcançando a firmeza da sua ereção.

Nós precisávamos de uma cama, mas o segundo andar estava longe demais. Então ele nos conduziu pela sala com facilidade e deitou-me de costas no sofá, acomodando-se sobre mim, seu corpo grande e forte cobrindo o meu. Ergueu-se alguns centímetros, apenas o suficiente para tirar a minha camiseta pela cabeça, seus olhos buscando os meus seios doloridos, vagando por todo o meu corpo.

Usou as duas mãos para tirar a calcinha minúscula e pendurou uma de minhas pernas no espaldar do sofá, afastou a outra para o outro lado, firmando o meu pé no chão, deixando-me muito aberta diante do seu olhar.

— Você tem uma boceta muito linda. Passei todos esses dias desejando vê-la assim, toda aberta e molhada para mim.

— Ela esteve todo esse tempo esperando por você.

Sem mais palavras, Alexander inclinou-se para baixo e sua boca gostosa cobriu o meu sexo, a ponta da sua língua, quente e úmida, movendo-se freneticamente sobre o meu clitóris, deixando-o duro, causando-me ondas de prazer, tão intensas que os gemidos fugiam descontroladamente da minha garganta.

Deixando-me guiar por meus instintos, enterrei os meus dedos em seus cabelos curtos, atrás da sua cabeça e fiz pressão, empurrando-o mais de encontro ao meu corpo, louca, ensandecida, ansiosa pela libertação.

Eu estava quase gozando quando ele parou, levantou-se para livrar-se rapidamente da sua calça e voltou a deitar-se sobre mim, amortecendo o peso do seu corpo com as palmas das suas mãos sobre o estofado. Encaixou seus quadris entre as minhas pernas, segurou o seu pau, completamente inchado, pelo meio e esfregou a glândula rosada sobre a minha abertura, espalhando os meus líquidos, me deixando toda lambuzada.

— Alexander... a camisinha. — O lembrei, embora movesse meus quadris para cima e para baixo, buscando-o, ansiando pela penetração.

— Não vou gozar dentro de você, eu prometo. Só quero te sentir um pouco. Esperei demais por esse momento, não posso adiá-lo mais.

Sem que eu mais protestasse, ele entrou em mim, duro, quente e gostoso, seu tamanho esticando as paredes do meu canal, encontrando passagem em meio à minha abundante umidade. Sua rigidez pressionava os limites da minha vagina, tão deliciosamente que um grito alto me escapou.

— Alexander... que delícia... — Falei, entre um gemido e outro, minhas mãos ansiosas percorrendo cada contorno dos seus músculos perfeitos, minhas unhas crescidas arranhando sua pele.

Alexander puxou os quadris e os arremeteu contra mim novamente, com força, bruscamente, dando início a um vai e vem incessante e enlouquecedor, o som da sua pélvis se chocando contra a minha ecoando alto pela sala, enquanto ele me alcançava fundo, deixando-me cada vez mais perdida de luxúria.

Ele inclinou-se para mim e sua língua habilidosa dançou sobre o bico do meu seio, antes que seus lábios se fechassem sobre ele e o sugassem, tão deliciosamente que o orgasmo me arrebatou, com uma intensidade absurda, me fazendo gritar e me contorcer inteira sobre aquele sofá, seu nome escapando da minha boca, sem que eu pudesse controlar.

Quando o meu corpo ficou lânguido sobre o estofado, Alexander saiu de mim rapidamente e sentou-se entre minhas pernas, segurando seu pau pelo meio, tentando conter seus espasmos.

— Droga! Achei que ia conseguir me segurar, mas não vou. É tesão demais acumulado.

Percebi que ele ia gozar e, me recusando a perder aquilo, levantei-me apressadamente e me coloquei de joelho no chão, entre suas pernas. Aproximei o meu rosto do seu membro duro, todo melado e o coloquei na boca, trazendo-o até o fundo da minha garganta, enquanto o segurava pela base com uma das mãos. Bastaram apenas dois movimentos da minha cabeça e da minha mão, para que seu corpo todo se contraísse, sua mão vindo para os meus cabelos, segurando-os com firmeza. Um gemido rouco escapou da sua boca e seu leite quente jorrou abundante dentro de mim, enchendo-me, escorrendo gostoso através da minha garganta, sem que eu me afastasse até que tivesse engolido até a última gota.

— Assim você me deixa louco. — Disse ele, rouco e ofegante.

— Eu só queria retribuir.

Alexander segurou-me pelos dois ombros e puxou-me para cima, de modo que montei em seu colo, uma perna de cada lado. Um clima gostoso e único de intimidade nos envolvia, provocando uma sensação prazerosa de que nos conhecíamos há muito mais tempo, de que já fazíamos parte da vida um do outro.

— Preciso te levar a um ginecologista para que ele te receite um anticoncepcional. Se eu continuar interrompendo as coisas desse jeito, vou acabar ficando com as bolas doloridas.

Sorri do seu comentário.

— Não preciso que você me leve a um ginecologista, posso fazer isso sozinha, não sou nenhuma criança.

— De jeito nenhum eu vou deixar você sair por aí sozinha. Sidney é uma cidade que está cheia de tarados pervertidos.

Ele trouxe sua mão para a lateral do meu rosto e acariciou minha face com o polegar, sem desviar seu olhar do meu. Fritava-me com uma intensidade absurda.

O toque tão simples da sua mão foi capaz de reacender o desejo primitivo dentro de mim e, entregando-me a essa sensação, sentei-me um pouco mais para frente, até que minha vulva estivesse de encontro ao seu pau, grosso e longo, ainda completamente duro, lambuzado do seu gozo e do meu. Movida por uma lascívia descomedida, comprimi o pênis entre seu abdômen e minha boceta, esfregando-me nele, com força, lambuzando-o ainda mais, ao mesmo tempo em que levava a minha boca até a sua e percorria a ponta da minha língua através do contorno dos seus lábios, para depois a introduzir entre eles e a mover de encontro à sua, provocantemente, puxando-a de volta e repetindo a proeza, o que me deixava ainda mais excitada.

Com um gesto rápido e impaciente, Alexander segurou-me pela nuca e atacou os meus lábios com uma selvageria gostosa, explorando minha boca com a sua língua habilidosa, fazendo com eu a sugasse. Segurou meus quadris dos dois lados e encaixou a entrada da minha vagina na cabeça do seu pau.

— Não vou gozar rápido desta vez, eu prometo. — Sussurrou na minha boca, rouco e excitante.

Com um movimento brusco das suas mãos, ele moveu meus quadris para baixo, entrando em mim até a raiz, com força, alcançando-me tão fundo que soltei um grito agudo, ondas de tesão percorrendo meu corpo todo, como violentas descargas de eletricidade.

Apoiei minhas duas mãos em seus ombros e lancei a cabeça para trás, enquanto rebojava os quadris sobre seu colo, apreciando sua rigidez, grossa, longa e melada me preenchendo com uma perfeição absoluta, deixando-me alucinada com a forma como pressionava as paredes do meu canal, deslizando com facilidade em meus líquidos abundantes.

Sem deixar de me penetrar, Alexander levou sua boca gostosa para um dos meus seios, prendeu o mamilo entre os dentes superiores e inferiores e fez uma suave pressão, ao mesmo tempo em que segurava o outro mamilo entre o dedo indicador e o polegar e o esfregava, me fazendo gritar ainda mais alto, como uma viciada que encontrava a satisfação no seu vício.

Ele levou a boca para o outro seio, moveu a ponta da sua língua habilidosa sobre meu mamilo, em círculos, para então o colocar na boca e sugar com força, como se o meu corpo fosse o seu alimento.

O pau dele estava enterrado em mim até a base, quando parei e girei meus quadris, deliciada ao senti-lo me alcançando muito fundo, ao mesmo tempo em que os pelos macios da sua pélvis acariciavam o meu clitóris inchado.

— Porra, Lisa. — Sua voz lembrava o grunhido de um animal, o que só serviu para intensificar ainda mais a luxúria dentro de mim.

Com movimentos habilidosos, meio abruptos, Alexander segurou-me pela cintura e me tirou de cima dele, colocou-me de quatro sobre o estofado, com as mãos apoiadas no braço do móvel e posicionou-se atrás de mim, me fez abrir minhas pernas até o limite e deu uma lambida que foi do meu clitóris até o meu

ânus.

— Ah... Alexander... — Seu nome atravessou minha garganta, junto com um gemido.

Sua língua gostosa dançou sobre o meu orifício menor, para em seguida se infiltrar na minha vagina lambuzada, movendo-se em seu interior, deixando-me completamente alucinada, perdida de tesão. Em seguida, atacou meu ponto mais sensível, movendo-se freneticamente sobre ele, ao mesmo tempo em que dois dos seus dedos me penetravam, deslizando vagarosamente na minha umidade, em vai e vem. Sem deixar de me lambar onde eu era mais sensível, ele espalhou os meus líquidos sobre o meu ânus, lubrificando-o antes de inserir um dos dedos, vagarosamente.

Excitada ao extremo, abri mais minhas pernas e rebolei na sua boca e na sua mão, duplamente preenchida, o orgasmo se aproximando.

Alexander introduziu mais um dedo no meu orifício menor e quase fui à loucura com o misto de dor e prazer que me percorreu inteira.

— Vai me dar esse cuzinho hoje?

— Ah... sim... ele é todo seu...

— Então me pede.

— Come o meu cuzinho bem gostoso Alexander... enfia seu pau todo nele.

— Agora não, estava com saudades demais dessa boceta para deixá-la tão cedo.

Alexander sibilou, mostrando-se tão excitado quanto eu. Levantou-se, colocou-se de joelhos sobre o estofado, encheu sua mão com os meus cabelos e os puxou com firmeza, ao mesmo tempo em que penetrava minha vagina novamente, por trás, estocando forte, indo tão fundo que os meus gemidos se transformavam em gritos.

Sem deixar de mover-se atrás de mim, em um frenético, incessante e delicioso vai e vem, ele introduziu dois dedos em meu ânus, movendo-os no mesmo ritmo dos seus quadris e foi assim que cheguei ao clímax, o orgasmo me arrebatando como uma explosão, me fazendo gritar, gemer, me contorcer e chorar, tudo ao mesmo tempo.

Amolecida, caí de bruços no sofá, toda lânguida e ofegante, para que, instantes depois, Alexander se deitasse ao meu lado e me puxasse para ele, aninhando minha cabeça em seu peito largo e cheiroso.

— Descansa um pouco, recupere suas energias. Você vai precisar delas esta noite, porque estamos só começando.

Apesar da languidez que tomava o meu corpo, suas palavras foram suficientes para que o desejo aflorasse em mim novamente, minha vagina latejando, reclamando sua ausência, meu sangue fluindo mais quente nas veias e não resisti, montei em seus quadris e fiz com que ele entrasse em mim mais uma vez, como se tê-lo em meu interior nunca fosse o bastante, quanto mais eu o tinha, mais o queria.

Aquela foi a primeira noite em que dormi no quarto de Alexander, se era que se podia chamar de dormir as poucas horas de sono que tivemos depois que a exaustão nos tomou. A classifiquei como a segunda melhor noite da minha vida, aquela que dormimos agarradinhos no casarão da ilha ainda liderava o ranking das preferidas.

Era tarde quando despertei no dia seguinte, embora parecesse cedo devido às cortinas grossas e escuras completamente fechadas e ao ar condicionado ligado. Estranhei que estivesse sozinha na cama, já que era domingo e Alexander nunca trabalhava em um domingo. Obviamente ele estava no porão fazendo companhia a Christine. Ao lembrar-me dela, tive a sensação de que alguém me jogava um balde de água gelado, pois embora ela mesma tivesse planejado que eu ficasse com Alexander, no fundo eu tinha certeza que a magoaria quando contasse que ficamos juntos, porque afinal ela ainda o amava e nada doía mais em uma mulher que saber que o homem que ela amava estivera com outra.

Minha nossa! Eu não queria estar no lugar dela. Não podia nem imaginar como ela se sentiria. Talvez fosse melhor nem contar, mas eu podia apostar como Alexander já fizera isso. Como ela própria dissera, depois do acidente ele não escondia mais nada dela, ao contrário do que acontecia com nós dois, que

escondíamos tudo um do outro. Já estava passando da hora de começarmos a sermos verdadeiros um com o outro, de ele tomar a atitude de me contar sobre Christine e de eu revelar que não era quem ele pensava. Eu ainda não sabia como falar a verdade sobre mim sem ter que revelar o que Logan fizera, mas precisava encontrar uma forma, pois já estava cansada de mentiras e de ouvi-lo me chamar por um nome que não era meu. Queria ouvir o som do meu nome sendo pronunciado por sua boca.

CAPÍTULO XXIII

Apenas ao me levantar para ir ao banheiro, descobri que estava completamente dolorida no meio das pernas, como já era de se esperar. Seria necessário fazer muito sexo ainda com Alexander para que meu corpo se acostumassem com o tamanho exagerado dele.

Após o revigorante banho quente, encontrei Meg na cozinha preparando o almoço e fui informada por ela que após passar a manhã no porão, com Christine, Alexander havia saído para uma reunião de negócios.

Então havia chegado a hora, eu precisava conversar com Christine, descobrir se Alexander tinha lhe contado o que aconteceu entre nós.

Usei minha chave para destrancar a porta bizarra de madeira grotesca e ao descer as escadas a encontrei imóvel, deitada na cama, usando uma camisola de algodão branca, mergulhada na quase completa penumbra.

— Christine, você está acordada? — Chamei.

— Sim, só um pouco com dor de cabeça. — A sua voz estava fraca, repleta de dor e agonia, o que me deu a certeza de que ela já sabia de tudo.

— Alexander te contou, não foi?

— Ele não precisou, eu pude ouvir vocês dois ontem à noite.

Ah, minha nossa! Como eu não me dei conta de que ela podia nos ouvir? Como pude ter sido tão cruel e insensível, deixando que ela escutasse o homem que amava transando com outra mulher, como se o fato de ela saber que aconteceu, não fosse o bastante para fazê-la sofrer?

Naquele instante, desejei que um buraco se abrisse sob meus pés e me engolissem.

— Ah, Christine, me desculpe por isso. Eu nem me dei conta de que você podia nos ouvir. Se eu tivesse me lembrado, jamais teria deixado isso acontecer.

— Não se desculpe. Você fez o que tinha que fazer. As coisas estão acontecendo como deveriam, não é mesmo?

— Você quer conversar sobre isso?

— Não. Hoje eu só quero ficar sozinha. Por favor, me deixe. Conversamos amanhã.

Relutantemente, a deixei, me perguntando se realmente havia conseguido fazer com que ela desistisse de cometer suicídio. Eu esperava que sim, do contrário minha vida estaria arruinada, irreversivelmente, pois me recusava a ficar com Alexander se ela não concordasse em continuar vivendo e apesar de conhecê-lo há tão pouco tempo, já não conseguia mais imaginar minha vida sem ele.

Alexander chegou a casa antes do almoço. Estava de bom humor, demonstrando uma descontração rara, que o deixava ainda mais charmoso, irresistivelmente atraente, com a face relaxada, o sorriso sempre aberto, os olhos ainda mais brilhantes e azuis. Me impressionava o quanto ele conseguia se tornar mais lindo e interessante a cada dia.

Ele convidou-me para irmos almoçar no apartamento de Abby e Cariel, onde tivemos momentos agradáveis ao lado do casal e de Kristen e seu novo namorado, pessoas cuja proximidade me fazia bem, com as quais eu me apegara sem perceber. Depois do almoço, fomos à praia próxima ao prédio onde eles moravam, quando descobri que Abby era uma adepta dos esportes radicais, o que me deixou admirada, considerando que ela era uma das médicas mais brilhantes do mundo.

Com o incentivo dela, acabei alugando uma prancha e pegando algumas ondas, de modo que apenas Alexander não se rendeu a um mergulho no mar ligeiramente agitado.

Foi maravilhoso passar o domingo com todos eles, só não consegui me divertir ainda mais porque a

tudo momento lembrava-me de Christine e de sua dor. Apesar de ter pedido a Jack que a levasse para tomar um pouco de sol na piscina, para que não passasse o dia todo no isolamento do porão, eu sabia o quanto ela estava ferida e magoada, por ver Alexander retomando a sua vida com outra mulher. Embora fosse isso que ela quisesse, eu sabia que no fundo estava sofrendo.

Ao voltarmos para a casa, no início da noite, me surpreendi ao ver que Meg levara todas as minhas roupas para o closet de Alexander, a mando dele, obviamente.

— O que significa isso? Estamos morando juntos agora? — Indaguei.

Não que eu não gostasse da ideia de viver com ele como marido e mulher, pelo contrário, eu só achava que ele devia ter me consultado antes.

— Nós já estamos morando sob o mesmo teto faz algum tempo, desde antes das suas coisas estarem aqui. Isso é só uma formalidade.

— Não sei se gosto disso.

— Está me dizendo que quer ficar comigo, mas não quer dormir na mesma cama que eu todas as noites? Por acaso eu sou apenas uma aventura para você? — Havia irreverência no tom da sua voz e isso me agradava.

— Dormir na mesma cama que você todas as noites, pode ser o sonho de todas as mulheres daqui até a América, só acho que isso pode estar indo meio rápido.

Ele veio até mim e passou os braços em torno da minha cintura, ao mesmo tempo em que eu o abraçava pelo pescoço, aconchegando-me ao seu calor gostoso.

— Foi você quem quis um relacionamento sério e um relacionamento sério para mim inclui dormir com a pessoa na mesma cama para a vida toda. O resto é só aventura.

Com isto, ele tomou os meus lábios em um beijo demorado e apaixonado, que acendeu o desejo pulsante dentro de mim.

Com mãos ansiosas, eu começava a puxar a barra da sua camiseta, tentando tirá-la, quando ele se esquivou, afastando-se. Disse que precisava ir até o porão assinar alguns documentos, mas logo voltava.

Quando ele deixou o quarto, voltei a pensar em como Christine devia estar se sentindo. Eu precisava conversar com ela, ouvir o que se passava na sua cabeça e no seu coração, mas não podia fazer isso enquanto Alexander estivesse em casa. Então só me restava aproveitar o momento ao lado dele.

Com tais pensamentos, despi-me do vestido de algodão confortável e vesti uma lingerie minúscula preta, que servia mais como um acessório para ressaltar as curvas do meu corpo que como de fato uma roupa. Escovei os cabelos até que estivessem brilhantes, dei um pouco de brilho aos lábios e estendi-me sobre a cama, em uma posição sensual, com os cabelos espalhados sobre o travesseiro, à espera do meu homem.

Fiquei satisfeita quando ele entrou no quarto e estacou próximo à porta, observando-me com os olhos carregados de luxúria e de desejo. Eu havia conseguido causar exatamente o efeito que queria e a promessa de uma noite quente se tornou evidente na forma como ele reagiu.

Na manhã seguinte, pela primeira vez desde que eu havia chegado a Sidney, tomamos o café da manhã juntos, como se fôssemos realmente marido e mulher. Após ir até o porão visitar a sua verdadeira esposa e ficar um tempo com ela, Alexander saiu para o trabalho, usando o terno escuro, feito sob medida, carregando sua valise cara, quando finalmente pude ir conversar com Christine.

A encontrei próxima à bancada da cozinha compactada, ainda usando camisola, tomando o farto café da manhã. Graças aos céus ela não parecia tão deprimida quanto eu esperava.

— Oi. — Falei, tão arredia quanto alguém que falava com a esposa do homem com quem estava dormindo.

— Senta e toma café comigo.

— Já comi, obrigada. — Sentei-me na banquetta ao lado dela. — Você quer conversar sobre o que aconteceu?

— Não há muito o que conversar. Alexander te ama, não tenho nenhuma dúvida disso. Agora é a sua vez de cumprir a sua parte do nosso acordo. Você vai convencê-lo a me levar a outro país para que eu tenha uma morte tranquila.

Suas palavras me causaram o efeito de um soco no estômago, algo gélido parecia tomar conta do meu sangue.

— Não vou fazer isso.

— Você não tem escolha. Esse foi o nosso acordo.

— Eu achei que estivesse te convencendo a mudar de ideia. — Uma angústia dolorosa enchia o meu peito, principalmente pela certeza de que se ela insistisse com aquilo eu teria que deixar Alexander, pois seria incapaz de continuar com ele se ela abrisse mão da própria vida. Eu preferia sacrificar a minha felicidade a ter que deixá-la morrer.

— Você se enganou sozinha, Lisa. Esse tempo que passamos juntas foi bom, não posso negar, mas eu nunca te disse que estava mudando de ideia.

— Como você pode querer morrer? Você viu como a vida pode ser boa. Aparência não significa nada para muitas pessoas. Você não pode desistir de viver só porque não é bonita como antes.

— Blá blá blá blá. Não perca seu tempo com esse discurso. Já ouvi essas palavras tantas vezes que elas acabaram perdendo o sentido. Eu não quero viver assim. Essa é a minha decisão. Por favor, a respeite.

Obstinada, ergui o meu queixo antes de continuar falando.

— Pois bem, se você prefere morrer para que Alexander seja feliz, eu vou deixá-lo. Não vou continuar com ele se em troca da minha felicidade você tenha que abrir mão da sua vida. Então o que restará a você é continuar nesse porão, exatamente como está, vendo o homem que você ama sendo infeliz para o resto da vida e sendo infeliz junto com ele. Porque eu me recuso a fazer parte disso.

Christine revirou os olhos, como se fizesse pouco caso de tudo o que eu acabara de dizer.

— Por que você tinha que ser assim? No seu lugar qualquer outra mulher estaria interessada em se livrar da esposa megera.

— Não acho que você seja uma megera.

Ela observou-me em silêncio por um instante antes de falar.

— Você diz isso porque não me conheceu antes. Eu infernizava a vida de muita gente. Às vezes acho que estou colhendo o que plantei.

— Disso eu não tenho dúvidas. Tudo o que acontece na vida de uma pessoa é fruto do que ela plantou.

Christine suspirou longamente, com resignação.

— Aconteceu uma coisa comigo ontem também. — Eu não soube se era impressão minha, ou se ela estava ligeiramente constrangida.

— O que aconteceu?

Christine limpou a boca com um guardanapo antes de falar.

— Jack veio passar a tarde comigo. Não pense que eu não sei que foi você quem pediu para que ele viesse. Só que dessa vez ele levou a cadeira de rodas primeiro para a sala e depois me levou no colo. Quando foi me sentar na cadeira, ele me tocou de um jeito diferente. — Vi sua face ficando vermelha.

— De um jeito diferente como?

— Como um homem toca uma mulher. Eu já havia percebido que ele me tocava diferente antes e fingia ser de forma accidental, mas ontem ele nem disfarçou.

— E você gostou?

— Eu senti uma coisa. Sabe... Desde o acidente, Alexander nunca mais me tocou como mulher. Ele até tentou, mas percebi que era por pena e não concordei. Ontem um lado meu que parecia estar adormecido desde então talvez tenha sido despertado.

— O que você sentiu quando ele te tocou?

— Eu senti tesão, Lisa. O que mais uma mulher sente quando um homem a toca?

Um vago vislumbre de esperança tomou conta de mim.

— Acho que Jack gosta de você. Percebi isso no dia em que ele colocou aquela fumaça de cigarro na sua boca. E venho percebendo esse tempo todo.

— Como ele pode gostar de alguém como eu? Eu nem tenho seios! E olha para minha cara.

— Como eu acabei de falar, nem todo mundo da importância para a aparência. Talvez ele já gostasse de você antes do acidente e nunca tinha demonstrado por causa de Alexander.

Christine ficou pensativa por um instante.

— Você acha mesmo que eu posso melhorar a ponto de que seja possível que haja alguma coisa entre mim e ele?

Fogos de artifício pareceram explodir no meu interior, a euforia que me tomou naquele momento foi tão imensa que quase soltei um grito em comemoração.

— Mas é claro que pode. Como eu já te falei, foi descoberto recentemente o transplante de face, que pode se estender também ao corpo. Você pode usar prótese nas mãos, fazer implante capilar. Você não vai voltar a andar porque a lesão na coluna é reversível, mas você pode voltar a ser linda, Christine e ser feliz ao lado de Jack. Meu Deus! Eu nem acredito que isso está acontecendo! Você realmente está disposta a tentar?

Christine me olhou como se dissesse: até parece que você duvidava disso.

— Eu já sabia que você não ia cumprir a sua parte do nosso acordo. Você é uma grande chantagista e sem palavra. Só comecei essa conversa de outra forma porque queria testar a sua decisão e, diante das circunstâncias, acho que você não me dá muita escolha não é mesmo?

Seguindo a um impulso eu a estreitei em meus braços e a apertei forte de encontro ao meu corpo, tomada por um júbilo maravilhoso, a melhor sensação que já tive, a sensação de que acabava de salvar uma vida.

— Você não precisa se preocupar com nada. Eu vou providenciar tudo. Vou falar com Abby para que ela consiga o contato dos médicos cirurgiões nos Estados Unidos, arranjar um hotel bem requintado para que fiquemos hospedados e ficarei ao seu lado durante todo o tempo. Isso vai sair muito caro, mas Alexander tem dinheiro de sobra e não vai te negar.

— Eu não preciso do dinheiro de Alexander. Meus pais eram ricos e sou a herdeira única dele. Se formos colocar na balança, talvez eu seja mais rica que Alexander.

— Melhor ainda. Não precisamos pedir nada a ele.

— Mas precisamos falar a verdade. Contar que nos conhecemos. Você faz isso.

Eu?! Falar para Alexander que estive mentindo para ele durante todo esse tempo? Nem morta! Já bastava eu ter que contar a ele que não me chamava Lisa e que não era empregada doméstica como ele acreditava, mas sim a dançarina de um clube para homens.

— De jeito nenhum. Você conta.

— É melhor que você conte. É você quem dorme com ele. Fale antes, durante, ou depois do sexo, que ele não vai ficar tão chateado.

— Você está mais fragilizada, nessa cadeira de rodas. Ele não vai se estressar com uma cadeirante.

Continuamos naquele impasse por horas a fio, sem que isso na verdade tivesse a menor importância, a única coisa que importava era que Christine viveria. Eu havia conseguido não apenas salvar a sua vida, mas também garantir a minha permanência e a minha felicidade ao lado de Alexander. Porque se ela estivesse bem, eu me entregaria sem reservas ao amor absurdo que sentia por aquele homem, sem que nada mais estivesse em nosso caminho, nos impedindo de sermos felizes.

Nos dias que se seguiram, sem que nenhuma de nós duas tivesse encontrado coragem de contar a verdade a Alexander e atizar a fera que existia dentro dele, procurei pelos melhores cirurgiões do mundo na internet, pesquisei sobre as últimas descobertas em relação ao transplante de face, pedi algumas

indicações a Abby, sem contar necessariamente a verdade a ela, que se prontificou a me ajudar sem fazer muitas perguntas.

Durante aqueles dias Alexander e eu estabelecemos uma verdadeira rotina de marido e mulher. Dormíamos juntos, abraçadinhos, todas as noites. De vez em quando saíamos para ir ao cinema, para jantar fora, às vezes a sós e às vezes no apartamento de Cariel. Todos já haviam percebido que ele estava mudado, menos mal-humorado, mais receptivo com as pessoas e eu ficava exultante cada vez que alguém dizia que era a responsável por essa mudança.

Quanto a mim, o amava mais a cada dia, um sentimento que me fazia feliz e me assustava ao mesmo tempo, primeiro porque eu não tinha certeza se era correspondida, ele ainda não havia dito as palavras que eu tanto queria ouvir e segundo porque eu não sabia qual seria a sua reação quando eu dissesse que não era a pessoa que ele pensava. Ele podia nunca mais querer olha na minha cara, porque menti e embora soubesse que quanto mais demorasse a falar a verdade, pior seria a reação dele, preferia adiar o quanto pudesse essa revelação, só para que seu temperamento explosivo não estragasse os momentos tão bons que estávamos vivendo.

Com Christine, a rotina continuou sendo a mesma. Eu e Jack esperávamos que Alexander saísse para o trabalho e a tirávamos do porão para que ela aproveitasse o dia na piscina e às vezes para uma saída rápida. Como nenhuma de nós duas havia encontrado coragem de contar a Alexander que nos conhecíamos, ela ainda não podia circular livremente pela casa.

Quase um mês depois estava tudo arranjado para que ela fizesse as várias cirurgias que precisava. Para isto, teríamos que ir para os Estados Unidos e Jack iria conosco. Nossas passagens de avião já estavam compradas e o hotel já estava reservado. Restava apenas a parte mais difícil, que era contar tudo a Alexander.

Era uma manhã de segunda-feira, faltava uma semana para a nossa viagem, quando combinamos que no dia seguinte contaríamos juntas, para que tivéssemos mais chances de conter a fúria dele quando ouvisse que fora enganado durante todo aquele tempo.

Já fazia dias que Logan não me incomodava com as suas mensagens inconvenientes, mas naquele mesmo dia recebi uma mensagem dele em meu celular.

“Olá gatinha. Eu já estava com saudades de você. Estou escrevendo para avisar que estou em Sydney a negócios e quero te ver. Me encontre esta tarde, as três horas, no Tiffany's bar, em Manly Beach.”

Mas que droga! Por que esse sujeito não me deixava em paz? Impressionante como as coisas para mim eram assim, quando tudo começava a dar certo, algo ruim acontecia. Parecia que eu tinha algum tipo de carma.

Pensei na reação dele se eu o mandasse e ir para o inferno como queria. Então escrevi:

“Fico grata pelo convite, mas não vou poder ir te encontrar. Tenho outro compromisso para esta tarde. Desculpe.”

“Outro compromisso é o caralho! Você vem me encontrar e não me faça ir até a casa de Alexander arrancar você aí de dentro!”

Meu sangue gelou nas veias, o medo do que ele pudesse fazer me tomando de forma devastadora. Aquele sujeito era louco, capaz de qualquer coisa.

Como não respondi a mensagem, ele enviou outra.

“Não vou te fazer mal algum, como você deve estar imaginando. Só quero

conversar com você. Manly Beach fica cheia de surfistas a esta hora e o bar fica abarrotado de outras pessoas. Você não precisa ter medo de mim. Estaremos em público.”

Minha nossa! O que eu ia fazer? Se me negasse a ir ele continuaria insistindo até que eu perdesse a paciência e acabasse confrontando-o, o que colocaria a minha vida em risco. Por outro lado, se eu concordasse em encontrá-lo só Deus sabia o que podia acontecer.

Ponderei todas as possibilidades e cheguei à conclusão de que seria pior recusar. Além do mais ele estava certo sobre estarmos em um lugar público, cheio de gente. Pelo pouco que eu me lembrava a Manly Beach estava sempre lotada, ele não podia me fazer mal algum na frente de tantas pessoas. Então respondi:

“Tudo bem, eu vou te encontrar, mas nós vamos apenas conversar. Não me venha com suas propostas descabidas porque não vai rolar. Nada vai acontecer entre nós, tenha isso em mente.”

“Espero você lá às três horas em ponto.”

E pronto, nenhuma outra mensagem chegou.

Passei as horas seguintes tão nervosa que mal consegui almoçar ou conversar com Alexander. Ainda bem que ele estaria fora durante toda a tarde e eu não teria que mentir inventando que ia a outro lugar, já bastava todas as mentiras que havia entre nós, mentiras que já tinham passado da hora de serem esclarecidas.

Pouco antes das três horas, me arrumei para ir encontrar aquele demente. Para que ele não se sentisse encorajado a me assediar, vesti a roupa mais feia que encontrei no closet: uma blusa de moletom cinza desbotada que eu usava para dormir quando estava frio, e quando Alexander não estava comigo, e calça jeans folgada. Elaborei um rabo de cavalo mal feito nos cabelos e fiz uma maquiagem deliberadamente extravagante e horrível, de modo que ele desistiria de se sentir atraído por mim no instante em que me visse.

CAPÍTULO XXIV

Para o meu mais completo desgosto, estava de saída quando encontrei Alexander na sala, acabando de entrar.

— O que aconteceu com seu rosto? — Indagou ele, no instante em que colocou seus olhos em mim — E onde você vai assim?

Putá Merda! O que eu ia dizer? Não esperava que ele chegasse a casa tão cedo, por isso sequer me dei ao trabalho de inventar uma mentira.

Com as mãos geladas de nervosismo, forcei minha mente a trabalhar depressa.

— O anticoncepcional que o médico receitou não está me fazendo bem. Vou ao consultório dele pedir para trocar.

— Por que não me avisou que iria? Eu teria me programado para ir com você. Ainda bem que saí mais cedo hoje. Vamos, eu te levo.

Pude sentir o sangue fugindo da minha face.

— Não precisa. Não me sinto à vontade indo ao ginecologista acompanhada de um homem. A consulta é íntima e isso fica meio constrangedor.

Não consegui encará-lo enquanto proferia a mentira e quando meus olhos voltaram para os seus, pude ver a desconfiança estampada na sua expressão.

— Deixa Jack te levar então. Ele espera no carro do lado de fora.

— Eu já disse que não gosto disso. Não sou nenhuma criança para que alguém me leve a algum lugar. Vou sozinha mesmo.

Dei um selinho rápido em seus lábios e antes que ele tivesse tempo de inventar mais algum pretexto para me impedir de sair, girei sobre os calcanhares e deixei a sala, apressadamente.

Peso na consciência era o que eu tinha enquanto dirigia pelas ruas da cidade em direção à praia onde encontraria Logan. Por tantas mentiras inventadas a Alexander. Tudo bem que ele tinha a sua parcela de culpa pelo receio que tanto eu quanto Christine sentíamos em falar a verdade e enfurecê-lo, afinal o temperamento dele era esquentado, mas isso não justificava o fato de eu estar com ele há várias semanas sem que ele soubesse sequer o meu nome verdadeiro, sem que soubesse quem eu era, sem que desconfiasse que eu e Christine nos conhecíamos e estávamos prestes a ir a uma longa viagem para os Estados Unidos. Eram mentiras demais a serem reveladas, eu não queria nem pensar muito na reação que ele teria quando soubesse de tudo. No mínimo me mandaria de volta para Melbourne e nunca mais olharia na minha cara, sem que eu sequer pudesse culpá-lo por isso, porque no fim das contas era o que eu merecia.

Quando cheguei ao local combinado, estava tão nervosa que minhas pernas tremiam, uma camada de suor frio cobria minhas mãos. Como era de se esperar, a praia estava abarrotada de surfistas, alguns pegando ondas, outros paquerando as garotas nas areias, sob o sol escaldante. Quando entrei no bar, fui acolhida confortavelmente pelo ar condicionado. Assim que avancei pelo salão grande, abarrotado de gente, com as paredes de vidro dando uma bela visão da praia lá fora, avistei Logan sentado a uma mesa nos fundos.

Bastou que eu olhasse para ele, para que o pavor se manifestasse dentro de mim. Não apenas porque todas as vezes que eu me deparava com seu rosto sombrio me lembrava do momento em que ele tirara a vida de Trinity, mas porque a sua aparência era naturalmente assustadora. Seus cabelos crescidos, presos em um rabo de cavalo, lembravam os cabelos de um viking raivoso, ele era alto e forte demais, nem mesmo a camisa de seda sofisticada que usava era capaz de reduzir aquele aspecto rude e violento que

possuía.

— Oi princesa. Que bom te ver. — Disse ele, encarando-me fixamente. Seus olhos castanhos claros me deixavam ainda mais apavorada, pareciam trazer a morte na sua expressão. Um risinho de ironia se manifestou em seus lábios quando ele examinou-me dos pés à cabeça. — Você está magnificamente linda. Tenho a impressão de que se esforçou muito para fazer toda essa produção para mim. — Seu tom de voz era de sarcasmo.

— Pode apostar que sim. — Sentei-me na cadeira do outro lado da mesa.

— O que vai beber?

— Um refrigerante.

— De jeito nenhum. Uma garota que sai comigo não bebe refrigerante.

— Acontece que eu não estou saindo com você. Só vim até aqui porque você ameaçou invadir a casa de Alexander. Agora se puder me dizer logo o que quer, faça a gentileza de ser rápido, pois tenho mais o que fazer.

Vi sua fisionomia endurecendo, o maxilar forte enrijecendo e me arrependi por ter sido tão grossa, afinal aquele sujeito era capaz de tudo, eu não podia despertar o instinto assassino que certamente existia dentro dele.

— Traz um uísque para ela. — Disse ele, lançando um olhar rápido ao atendente do bar, quando este se aproximou ao seu chamado, antes de voltar a me encarar com aquela expressão dura. — Não seja hipócrita Emily, você veio porque quis. Você sabe que ninguém que esteja em seu juízo perfeito invadiria a casa de um homem como Alexander. Você gosta de uma aventura, mas não admite. Estava gostando de me observar fodendo a sua amiguinha naquela noite maldita, mas não assume. Então vamos parar com todas essas infantilidades e sermos francos um com o outro. Eu quero comer você, sempre quis, desde que a vi pela primeira vez dançando naquele clube. Meu tesão por você só aumentou quando a encontrei naquela ilha e quando vi você dando a boceta para Alexander como uma cadelinha no cio, naquela praia deserta. — Lembrei-me daquele episódio. Era ele nos espionando de dentro da mata. Maldito! — Eu ainda posso ver essa sua boceta carnuda e ouvir seus gemidos quando fecho os meus olhos. E você também quer me dar, ou não estaria aqui.

Medo e raiva se misturavam dentro de mim na mesma proporção, me fazendo tremer inteira.

— Eu já desconfiava que você é louco, mas agora tenho certeza. Só na sua cabeça mesmo que eu quero ter alguma coisa com uma pessoa repugnante como você. — Uma fúria assustadora refletiu-se nos olhos dele, o que não me impediu de continuar falando. — Você para mim não é um homem e sim um grande covarde. Nem que fosse o último ser humano da face da terra, eu me interessaria por você. Vê se se enxerga cara.

Minha nossa! Eu tinha a impressão de que havia acabado de cavar a minha própria cova. Mas que merda! Onde estava aquele filtro entre meu cérebro e a minha língua que eu havia jurado que ia trabalhar?

— Eu vou fazer você se arrepender por cada palavra que está me dizendo quando estiver te comendo, sua putinha! Agora engole a porra do uísque e vamos sair daqui. Saia caladinha e quietinha e nada vai te acontecer. Não tenta nenhuma gracinha. Meu segurança está por aí e pode acertar uma bala na sua cabeça a quilômetros de distância. Basta que eu faça um gesto dando a ordem.

Meu Deus! Onde eu havia me metido? Por que tive que vir encontrá-lo? E por que fui abrir a boca para insultá-lo?

Naquele instante fui dominada por um pavor jamais antes experimentado, a perspectiva da morte parecia tão próxima que eu quase podia senti-la na forma de um frio gélido que se manifestava em meu estômago e se espalhava pelas minhas entranhas. A única coisa na qual eu conseguia pensar era que nunca mais voltaria a ver Alexander, pois duvidava que Logan me deixasse sair viva daquela. Eu poderia gritar, fazer um escândalo, pedir que alguém chamasse a polícia e o denunciar, essa parecia a única forma de me

livrar dele, mas eu podia apostar como ele já tinha pensando nisso e se precavido. Além do mais, quem acreditaria em mim? Ainda assim, precisava ser feito, era melhor do que deixar que ele me levasse para algum motel e fizesse o que bem queria comigo. A morte parecia um pouco mais atraente que isso.

— Por que eu, Logan? Por que você cismou com a minha cara?

Ele soltou uma gargalhada bizarra, sem que seu olhar acompanhasse o gesto.

— Mas eu não cismeiei com a sua cara, gatinha. Pelo contrário, eu gosto de você. Você soube guardar o nosso segredo muito bem, embora não devesse ter levado Alexander a pensar que sou perigoso para a prima dele, porque esse casamento com Elizabeth vai ser um dos melhores negócios que já fechei na vida e nada pode estragá-lo. Eu sei que posso confiar em você e que seria melhor se ficasse longe, mas o problema é que sinto esse tesão insano por você. Desde aquela noite em que você ficou me observando, eu fico de pau duro todas as vezes que me lembro e isso só piorou quando vi você fodendo com seu patrão na praia.

— Se você quer me matar vai em frente, mas não vou transar com você.

A fúria em seus olhos tornou-se ainda mais assustadora, para que logo ele olhasse com surpresa para alguém que se aproximava de nós, por trás de mim.

Quase caí da cadeira quando me virei e vi Alexander se aproximando, o rosto contraído de raiva.

Putá Merda! Ele havia me seguido. Definitivamente aquele não estava sendo o meu melhor dia.

— Então era esse o ginecologista que você ia ver, Lisa? — Indagou ele, entre dentes, alternando seu olhar entre meu rosto e o de Logan. — Desde quando está se encontrando com esse cara? Ou melhor, por que fica comigo se você é amante dele?

Tive que beber todo o uísque do copo intocado a minha frente com um só gole, antes de começar a falar.

— Não é nada disso que você está pensando. Ele não é o meu amante.

— Não me trate como se eu fosse idiota! — Desta vez ele gritou, atraindo a atenção das pessoas que estavam no bar. — Você mente para mim dizendo que vai ao médico e vem encontrar esse sujeito e ainda tem a cara de pau de me dizer que ele não é o seu amante?

E agora? O que eu ia dizer? Provavelmente a verdade colocaria não apenas a minha vida em risco, mas também a dele. Como Logan dissera, bastava um gesto seu para que seu atirador disparasse contra nós e se havia uma coisa que eu não suportaria seria ver Alexander morto. Isso jamais.

— Nós nos conhecemos de Melbourne. Só estávamos conversando. Não falei a você onde vinha porque sabia que você ia agir assim.

— Ela está certa, cara. — Logan interveio. — Eu não tenho nada com ela. Acontece que temos uma amiga em comum por lá, que não recebe notícias de Emilly há algum tempo, então me pediu para verificar se está tudo bem.

Putá que pariu! Lascou-se tudo de vez. Ele disse o meu nome verdadeiro, fingindo ter sido sem querer, quando eu sabia que na verdade, fizera deliberadamente para me ferrar. Que sujeitinho medonho!

— Emily? Quem é Emily? — Alexander indagou, atônito, mas com seus olhos já cheios de certeza de que era eu, quando os cravou acusadoramente em meu rosto.

— Ah, minha nossa, nem o nome dela você sabe. — Logan disse e gargalhou, provocando-o propositalmente.

Alexander avançou para cima dele como um touro feroz avançando na direção do tecido vermelho e pude visualizar, mentalmente, o tiro dado pelo comparsa de Logan acertando-o.

Logan se levantou, pronto para revidar ao ataque, quando, em pânico, levantei-me e me coloquei entre os dois, bem a tempo de impedir que se agredissem.

— Fica longe dela, cara. — Alexander grunhiu e Logan continuou sustentando o risinho de ironia, incentivando-o a atacá-lo.

— Para com isso, Alexander. Vamos conversar sobre isso em casa. — Falei, desesperada, mantendo-

me entre os dois.

— De jeito nenhum. Eu quero saber que história é essa agora mesmo. Por que você mentiu seu nome? Quem é você afinal?

A única forma de tirá-lo dali seria fazendo com que me seguisse. Então dei-lhes as costas e caminhei em direção a porta de saída, tensa, esperando que um tiro me acertasse a qualquer momento.

Respirei aliviada quando Alexander alcançou-me, no instante em que cheguei ao meu carro no estacionamento.

— Quando vai começar a me falar a verdade, Lisa? Ou seja lá como você se chama.

— Eu já disse. A gente conversa sobre isso em casa.

Tentei entrar no carro, mas ele me impediu, segurando-me firmemente pelo braço. Seu rosto estava vermelho, não apenas por causa do sol forte da praia, mas principalmente devido à fúria que o tomava.

— Nada disso. Eu quero uma explicação agora mesmo. Se é que existe uma explicação para isso.

Olhei dentro dos olhos dele antes de falar, a fim de que compreendesse a gravidade da situação.

— Será que você não entende? Nós precisamos sair daqui agora mesmo.

Continuei com os olhos fixos nos dele e por fim Alexander se calou, parecendo perceber que estávamos em perigo.

— Por quê? O que está acontecendo aqui?

— Eu já disse que te explico em casa.

Aproveitei seu segundo de reflexão e puxei meu braço da sua mão, bruscamente, libertando-me. Então entrei no carro e saí, ciente de que ele me seguiria.

Durante todo o percurso da praia até a casa de Alexander, ele me seguia de perto, talvez achando que eu pudesse fugir da verdade que ele queria ouvir. Minha mente fervilhava com os pensamentos, sem que eu soubesse o que diria a ele. Se falasse a verdade, sobre Logan ter assassinado Trinity, certamente ambos estaríamos correndo risco de vida, visto que aquele sujeito acabara de provar que era ainda mais perigoso do que eu imaginava. Era capaz de qualquer coisa e eu não podia colocar a vida do homem que eu amava em perigo, seria melhor para ele continuar na ignorância, para sua própria proteção. Até porque se soubesse a verdade, ia querer denunciar Logan e isso só pioraria as coisas.

Quanto ao meu verdadeiro nome, não havia mais como mentir. Alexander merecia saber quem era a mulher com quem estava dormindo.

No instante em que entrei na casa, ele entrou atrás de mim, seu corpo enrijecido de tensão, o rosto contraído de fúria, os olhos semicerrados fitando meu rosto de forma indagadora, exigindo respostas.

— Estamos em casa. Comece a falar. — Ele não economizava na rispidez e era exatamente disso que eu tinha receio.

— Meu nome não é Lisa. Eu me chamo Emily.

Vi o rosto de Alexander se tornando pálido, seu queixo caindo.

— E aquele sujeito é um ex-marido violento de quem você veio se esconder aqui em Sydney. — Completou ele, com desgosto.

— Claro que não. Como eu já te disse, não tenho nada com ele.

— E como você espera que eu acredite em uma pessoa que mente o próprio nome?

— Eu não espero que você acredite em nada! Fica a seu critério julgar o que é verdade ou não. Aliás me julgar é a sua especialidade.

— Me fala qual é a verdade sobre você!

Respirei fundo, buscando coragem dentro de mim antes de começar a falar, o medo de perdê-lo se tornando quase maior que o medo que eu sentia de Logan.

Estávamos em pé no centro da sala, de frente um para o outro, sem que em momento algum seu olhar desviasse do meu rosto.

— Lisa é a minha melhor amiga. Nós crescemos na mesma cidade e dividimos o apartamento em

Melbourne. Era ela que vinha trabalhar na sua casa, mas eu precisei deixar a cidade. — Hesitei em continuar e ele indagou:

— Por que você precisou deixar a cidade?

— Isso eu não posso falar. É muito pessoal e você vai estar bem melhor sem saber.

— Porra nenhuma! Eu quero toda a verdade e quero agora. Pode começar a falar. Quem é a pessoa que eu confiei em colocar debaixo do meu teto? — Havia um doloroso tom de acusação na sua voz.

— Não precisa se preocupar com a sua preciosa casa, você não colocou nenhuma bandida dentro dela.

— E o que é você então?

Novamente hesitei, temendo o seu julgamento que certamente viria, mas era preciso falar.

— Eu era uma dançarina. Dançava em um clube noturno para homens. — Os olhos dele se arregalaram de perplexidade, seu queixo caindo ainda mais. — Sim, eu tirava a roupa para esses homens, se é isso que você está se perguntando agora.

Alexander fitou-me em silêncio por um longo momento, atônito, aturdido, como se eu tivesse acabado de revelar a ele que a terceira guerra mundial fora declarada nos países árabes.

— Você é uma stripper?

— Não chamamos assim onde eu trabalho. Sou só uma dançarina.

— Isso não é ser dançarina. Você é só uma garota que tira a roupa para os homens por dinheiro.

Não o significado das suas palavras, mas o tom de nojo e desprezo com que foram pronunciadas, me atingiu como se a ponta fina de um punhal fosse cravada na boca do meu estômago. Alexander jamais me aceitaria em sua vida por causa do que eu fazia antes. Era preconceituoso demais.

— Eu não me importo com o que você pensa. Para mim é um trabalho como qualquer outro.

— Isso não é um trabalho. Isso é ser uma prostituta.

Dessa vez ele foi longe demais. Perdendo completamente as estribeiras, levantei minha mão em sua direção e quando vi já tinha dado uma bofetada estalada em seu rosto, com tanta força, que a marca dos meus dedos se tornou visível na sua pele.

— Se é isso que você pensa de mim, é porque você não me merece. Nunca mereceu. Mas eu já devia saber disso, desde o primeiro dia em que coloquei os pés na sua casa você vem me julgando, como se eu fosse inferior a você. Nunca parou de me julgar. Pensou o pior de mim porque eu troquei de roupas no seu carro, depois achou que eu era culpada por Logan estar me ameaçando naquela maldita praia, me seguiu até aquele bar porque desconfia de mim e agora acha que sou uma prostituta. Quer saber? Estou farta disso. Fica aqui com a sua preciosa casa e o seu falso moralismo. Para mim já chega.

Com a raiva fervendo em minhas veias, tentei me afastar, mas ele me impediu, segurando-me pelo braço.

— Onde pensa que vai? Você ainda não me disse o que aquele homem é seu!

— Vai pro inferno, Alexander.

Puxei meu braço da sua mão com um safanão e corri na direção das escadas que levavam ao segundo andar, determinada a juntar minhas coisas e voltar para Melbourne, onde estava Lisa, a única pessoa nesse mundo que me amava exatamente como eu era. Nem sei onde eu estava com a cabeça quando fui capaz de cogitar que pudesse ser feliz ao lado de um homem como Alexander. Ele se considerava o retrato da perfeição, apesar de ter traído a mulher quando ela ainda era linda. Mesmo sem me conhecer direito, mesmo sem saber meus motivos, ele me julgava indigna do seu amor, sempre julgara e sempre julgaria. Eu jamais tive uma chance com ele. Tudo não passou de um sonho impossível.

Apenas ao chegar ao quarto, percebi que meu rosto estava banhado de lágrimas.

Quase sem ver o que fazia, não apenas por causa das lágrimas que embaçavam minhas vistas, mas pela angústia que enchia o meu peito, joguei uma mala vazia sobre a cama e comecei a enchê-la com minhas roupas. Apenas as roupas que eu já tinha quando chegara àquela casa, não levaria nada que adquirira depois, nem mesmo as peças que Christine me comprara na internet. Não que eu estivesse com alguma

mágoa em relação a ela, ou que pretendesse abandoná-la, pelo contrário, eu cumpriria todos os planos que fizemos de viajarmos para a América, uma viagem que estava marcada para dali a uma semana, um período durante o qual eu não queria olhar na cara de Alexander, aliás, nunca mais queria olhar para ele. Mesmo que demorasse um ano, ou a minha vida inteira, eu esqueceria tudo que aconteceu entre nós, sufocaria o amor infinito que sentia por ele em algum canto esquecido do meu coração e faria de conta que ele jamais existira. Sobre isso estava determinada.

Troquei as roupas ridículas por jeans, regata e um suéter e lavei o rosto para tirar o excesso de maquiagem borrado pelas lágrimas, antes de descer as escadas arrastando a mala.

Na sala, encontrei Alexander sentado em um dos sofás, completamente imóvel, inclinado, com a cabeça apoiada entre suas duas mãos.

Eu pretendia passar direto e deixar a casa sem precisar ouvir mais nenhum insulto saindo da boca dele, mas não fui silenciosa o bastante e os ruídos dos meus passos atraíram sua atenção. Seu olhar, ao mesmo tempo enraivecido e angustiado, alternou entre minha face e a mala em minha mão.

— Espera aí? Onde você pensa que vai? — Indagou ele, levantando-se, colocando-se entre mim e a porta de saída.

— Estou voltando para Melbourne. Meu lugar não é aqui. Nunca foi. — Falei, reprimindo as lágrimas que insistiam em tentar recomeçar a cair dos meus olhos.

— O seu lugar é aqui sim. Solta essa mala agora mesmo. Você não vai a parte alguma.

Por um breve instante, suas palavras me trouxeram uma vaga esperança de que ele me quisesse por perto, mas tratei de afastar imediatamente esse sentimento. Continuar acreditando que Alexander e eu podíamos dar certo era como enfiar o dedo na tomada e achar que não levaria um choque.

— Não seja hipócrita. Nós dois sabemos que no fundo você não me quer por aqui. E mesmo se quisesse, eu não quero mais ficar. Só quero voltar para casa. Por favor, saia da minha frente.

— Que história é essa? Sua casa é aqui.

— Não é e nunca foi.

Como ele não se afastava do meu caminho, o contornei e segui em direção à saída. Quanto mais cedo eu o deixasse, mais cedo aquele amor que eu sentia por ele desapareceria, assim como a dor de não ter esse amor correspondido.

Novamente, Alexander saiu do seu lugar e se colocou entre mim e a porta.

— Você não vai sair daqui. Não sem antes me explicar o que aquele cara é para você.

Então era isso, ele realmente não queria que eu ficasse, queria apenas que eu confessasse algo que só existia na sua cabeça julgadora e preconceituosa.

— Ou você sai da minha frente, ou eu chamo polícia e digo que estou sendo mantida em cativeiro. — Falei, com os dentes cerrados e pude ver a surpresa se estampando na expressão do seu olhar.

— Pelo menos deixa Jack te levar. Você está nervosa demais para dirigir. Isso pode ser perigoso.

Nesse ponto tive que concordar com ele e alguns minutos depois eu estava entrando na limusine conduzida por Jack, evitando olhar para trás, na direção de onde estava deixando o homem que eu amava, pois sabia que quanto mais olhasse para ele, mais aquela dor dentro de mim se tornaria insuportável. A dor de saber que eu nunca mais o teria.

CAPÍTULO XXV

Chorei durante praticamente toda a viagem de Sidney a Melbourne, sem ver as horas passando, sem perceber a chuva caindo lá fora e sem apetite para comer qualquer coisa quando Jack parou em uma lanchonete na beira da estrada. Os momentos que vivi com Alexander ser passavam e repassavam em minha mente como flashes de um filme que assisti. Pude nos ver dançando agarradinhos no luau durante o casamento de Abby e Cariel; quando nos beijamos pela primeira vez na piscina da casa dele; quando dormíamos abraçadinhos e ele aconchegava minha cabeça em seu peito e me aninhava entre seus braços fortes. Eram lembranças dos melhores momentos da minha vida, mas que precisavam ser apagadas da minha memória, porque, por mais que eu quisesse, não se repetiriam.

Passava da meia-noite quando Jack me deixou diante do prédio onde ficava o apartamento que eu dividia com Lisa.

— Tem certeza de que não quer que eu suba para te ajudar a levar a mala? — Indagou ele, mostrando-se prestativo.

Minha consciência pesava por não o convidar para passar a noite ali, já que estava cansado para dirigir todo o percurso de volta, porém, eu só queria ficar sozinha com a minha amiga, longe de qualquer ligação com a casa de Alexander. Só queria esquecer os últimos meses da minha vida.

— Não precisa. Eu dou conta da mala. Por favor, avise a Christine que nossa viagem está de pé. No dia e no horário marcados, estarei esperando vocês no aeroporto. Diga a ela que me desculpe por não ter me despedido antes de sair, mas Alexander estava na sala. E quando vocês estiverem sozinhos, por favor, me ligue do seu celular para que eu possa conversar com ela.

— Pode deixar, farei tudo isso e não precisa se preocupar, eu vou cuidar dela.

— Eu sei que vai. Até mais Jack.

— Até breve. Quando quiser que eu traga seu carro é só me ligar. Se cuida.

Como eu já havia avisado que viria, Lisa me esperava na sala, ainda usando o pijama de ursinhos com o qual dormia. Apenas ao olhar em seu rosto amigo me dei conta do quanto sentira sua falta. Antes mesmo de alcançar o conforto do seu abraço, eu já estava chorando de novo, a enxurrada de lágrimas saindo com toda força.

Chorei como criança durante horas, deitada no sofá da sala, com a cabeça acomodada sobre as pernas da minha amiga.

— Eu acho que você devia ter falado a verdade sobre Logan para Alexander. Toda essa crise que ele teve, de te julgar e te xingar, foi nada mais que ciúmes, e se ele sente ciúmes é porque te ama também. — Disse ela, depois que contei tudo o que havia acontecido.

— Não diga uma coisa dessas, Lisa. Não me incentive a amar um homem que só sabe me julgar e me condenar. Meu objetivo de vida a partir de hoje vai ser esquecer que ele existe e sei que não vai ser fácil. Para isso preciso da sua amizade.

— Você sabe que pode contar comigo sempre, para o que der e vier, mas não vou ser hipócrita e esconder o que eu acho. Ele agiu errado, mas agiu por ciúmes, porque acha que existe alguma coisa entre você e Logan. É isso o que os homens fazem, eles enfiam os pés pelas mãos quando se sentem ameaçados por outro homem.

— Se você o defende tanto, então vai lá e fica com ele. Ele está disponível agora. Na verdade, acho que nunca deixou de estar. Eu nunca signifiquei nada para ele.

Lisa passou a mão no comprimento dos meus cabelos, carinhosamente.

— Você diz isso agora porque está magoado e de cabeça quente. Quando a poeira baixar vai perceber

que significa muito mais para ele do que acredita, da mesma forma como ele vai se arrepender pelo que disse depois que a raiva passar.

— E quanto a você e James? Como estão as coisas entre vocês?

Senti o corpo de Liza ficando tenso e percebi que havia algo errado.

— Não vamos falar sobre isso hoje. Você precisa descansar. Conversamos amanhã.

Levantei-me e sentei-me ao lado dela, encarando-a diretamente.

— Aconteceu alguma coisa que eu não saiba? — Insisti.

— Aconteceu sim, mas vou te contar tudo apenas amanhã. Venha, vamos dormir.

Fomos de mãos dadas até o corredor, de onde ela entrou em seu quarto e eu no meu.

No dia seguinte, descobri que Lisa estava com problemas mais graves do que havia me contado durante nossas conversas pelas chamadas de vídeo. James tinha perdido uma fortuna em dinheiro, em um jogo de pôquer e precisara deixar a cidade, já que não tinha como pagar a dívida. O dinheiro que ela me pedira emprestado no mês passado, o equivalente a praticamente todo o meu salário, dizendo que era para pagar o aluguel, servira para quitar uma parte pequena dessa dívida, mas ainda faltava muito. Para piorar, como eu estava usando sua identidade, ela não podia arranjar um emprego mais rentável ou estável que as faxinas que fazia algumas vezes por semana, cuja renda era integralmente transferida para o sujeito que James devia, de modo que ela estava em uma pior, com a geladeira vazia e todas as contas atrasadas, inclusive o aluguel.

Como Lauren era a responsável pelo pagamento do meu salário e não havia me pago no último mês, certamente porque eu não estava mais fazendo o trabalho na casa, eu também estava dura, não tinha nem como ajudar. A única saída seria eu voltar a dançar no clube e fazer mais de uma dança particular durante a noite. Com isto, conseguiríamos pelo menos abastecer a geladeira e pagar parte do aluguel. Lisa ofereceu-se para ir junto comigo, só que eu não podia deixar que ela se corrompesse àquele mundinho noturno. Alguém precisava ser sensata e se manter íntegra entre nós duas e esse alguém era ela.

Tentei ir naquela primeira noite, mas não consegui. Não tinha cabeça para nada a não ser pensar em Alexander, em tudo o que vivemos e em tudo que ele me disse. Chorei mais de uma vez naquele dia, mas jurei a mim mesma que nunca mais choraria por causa de um homem, nunca mais seria fraca a ponto de me apaixonar de novo. Nunca mais.

Alexander me ligou tantas vezes, sem que eu atendesse, que precisei deixar o celular desligado, mas não sem antes receber o telefonema de Christine, feito pelo celular de Jack, quando ela insistiu para que eu voltasse, afirmando que apesar das palavras duras que me dissera, Alexander me amava. Mas eu não voltaria, embora ainda estivesse disposta a viajar com ela para os Estados Unidos, para que fizesse as cirurgias. Eu podia ter pedido dinheiro emprestado a ela, mas me sentiria humilhada ao admitir que estava passando por dificuldades.

Na noite do segundo dia em que estava de volta a Melbourne, não tive mais como adiar a minha ida ao clube, já que Lisa e eu não tínhamos mais sequer o que comer e embora minha amiga insistisse para que eu não fosse, eu não via outra saída. Então, ignorando o fato de que minha alma estava despedaçada, coloquei um sorriso forçado no rosto, um vestido vermelho curto, justo, sem alças e com uma fenda de cada lado da saia minúscula, por debaixo do sobretudo, fiz uma maquiagem escura e fui para o clube.

Meu único receio ao chegar lá foi me deparar com Logan durante a minha apresentação, mas isso seria muita coincidência, considerando que ele não sabia que eu havia deixado a casa de Alexander, pelo menos não tinha como saber.

O proprietário do clube ficou tão exultante com a minha volta que anunciou o início da minha apresentação com tom de solenidade. Então, ampliei meu sorriso forçado, tirei o sobretudo e me coloquei sobre o palco redondo e suspenso no centro do salão lotado de homens ricos, de diferentes idades. Comecei a fazer o que sabia bem, movendo o meu corpo de forma sensual, no ritmo da música agitada que tocava em um volume absurdamente alto, enquanto os homens se aglomeravam em volta para me

observar, com cobiça.

Eu não costumava retribuir ao olhar deles, a menos que tivessem uma nota de cem dólares na mão para me oferecer, mas naquela noite eu precisava saber se Logan estava em meio à plateia, então direcionei meu olhar para o rosto de cada um deles enquanto dançava e quase tive um mine infarto quando avistei o rosto de Alexander em meio aos demais, observando-me fixamente, com o semblante carregado.

Ele parecia diferente, com o rosto ligeiramente pálido e grandes olheiras sombreando seus olhos azuis. Ainda assim, estava lindo como o nascer de um novo dia de verão e me atraía muito mais do que eu podia evitar.

Congelei sobre o palco por um segundo, pensando seriamente em deixá-lo e voltar para o camarim, apenas para evitar olhar para Alexander, porém fui obrigada a recomendar o meu número quando a pequena multidão de homens começou a reclamar. Se eu saísse do palco naquele momento, provavelmente aconteceria uma pequena catástrofe. Então, fingi que ele não estava lá e recommencei a dançar.

Se fosse qualquer outro homem eu teria conseguido ignorar quando ele se aproximou do palco, o bastante para que eu pudesse ouvi-lo e chamou-me pelo nome.

— Vai embora daqui! — Esbravejei, sem parar de dançar.

— Não vou até que você desça daí para conversar comigo.

— Não tenho mais nada para conversar com você e mesmo que tivesse não conversaria, simplesmente porque não estou a fim de olhar para a sua cara. Então vê se some logo daqui. — Eu precisava elevar o tom da minha voz para que se sobressaísse ao som da música alta e o alcançasse, só que não era apenas ele que me ouvia, os outros homens também e logo começaram a ameaçá-lo, avisando que chamariam a segurança do clube caso ele não se afastasse de mim. Outros homens tentavam disputar com ele a minha atenção. Um baixinho careca estendeu-me sua mão, me oferecendo um punhado de notas de cem dólares e foi então que a confusão começou. Explosivo como sempre foi, Alexander desferiu um soco no rosto do homem, inesperadamente e todos se embolaram lá embaixo em um amontoado só, enquanto meu coração afundava para o estômago, o medo de que pudessem machucar Alexander recaindo sobre os meus ombros.

Eu havia parado de dançar e, de cima do palco, tentava localizá-lo em meio à grande confusão que se transformara todo o salão do clube, quando de repente ele emergiu do mar de pessoas que se atracavam, agarrou-me pelas duas pernas e arrancou-me abruptamente de cima do palco, pendurou-me sobre um de seus ombros, como se eu fosse um saco de batatas e simplesmente me carregou na direção da saída, desviando dos homens agitados, que ainda brigavam entre si, quando percebi que ele não estava sozinho, havia pelo menos três homens seguindo o seu comando, os quais impediram que os seguranças o detivessem quando ele me carregou para fora do estabelecimento, me jogou dentro do seu carro, pela porta do motorista, entrou e deu a partida antes que eu tivesse tempo de destrancar a outra porta e sair.

— O que você pensa que está fazendo? — Indaguei, furiosa, enquanto ele avançava pelas ruas ainda molhadas pela chuva da tarde.

— Estou tentando conversar com você. Eu não precisaria ter te tirado de lá assim, se você tivesse atendido os meus telefonemas, ou se tivesse descido daquele maldito palco quando mandei.

— Acontece que você não manda em mim! E não temos nada para conversar, então seja razoável, pare a porra desse carro e me deixe sair!

— Não vou parar até que você esteja calma o bastante para me ouvir.

Com a raiva pipocando em minhas veias, cruzei meus braços na frente do corpo e me silencieei, ciente de que não havia nada que pudesse fazer para que ele me deixasse em paz.

Alexander dirigiu por quase meia hora em direção ao bairro onde ficava o apartamento em que eu morava, sem que em nenhum momento o carro no qual estavam os seguranças deixasse de nos seguir.

— E por que esses seguranças atrás de nós?

— Eu os contratei para me ajudarem a tirar você daquele clube caso eu tivesse problemas.

— Você é um troglodita.

— Não sou. Só estou defendendo o que é meu.

— Então agora eu sou sua? — Não economizei no sarcasmo. — Achei que eu fosse uma prostituta!

— Eu sei que errei ao te acusar de uma coisa que você não é. E estou aqui para pedir desculpas.

Fiquei atônita quando ele adentrou a garagem de um hotel sofisticado, a poucas quadras de distância do meu apartamento.

— Só na sua cabeça mesmo que vou te deixar me levar para um quarto de hotel. Você pode até me obrigar a subir pelo elevador, mas quando chegar à recepção vou fazer um escândalo tão grande que toda a polícia de Melbourne vai vir para te prender.

— Não seja paranoica, Emily. Não estou te levando para um quarto de hotel. Acontece que estou hospedado aqui e precisamos de um lugar calmo para conversar.

Acho que amoleci um pouco ao ouvi-lo pronunciando o meu nome pela primeira vez. Definitivamente a pronúncia do meu nome nunca havia sido tão encantadora quanto na voz grossa e másculo dele.

— Desde quando você está hospedado aqui? — Eu estava perplexa. Nem sabia que ele estava na cidade.

— Desde ontem à tarde. Estou aqui por você. Não posso permitir que saia da minha vida desse jeito, porque você já faz parte de mim.

Meu coração traidor começou a bateu mais depressa no peito.

— Não acredito em você. A forma como você me tratou, me julgando e me condenando, não condiz com o que está dizendo.

— Não acredita no que digo agora, mas acreditou facilmente no que eu disse antes.

Alexander estacionou, tirou o seu paletó e o jogou sobre meus ombros, saiu pela porta do seu lado, contornou o carro, abriu a porta do carona e me puxou para fora, conduzindo-me em direção ao elevador. Ao passarmos pela luxuosa recepção, onde havia apenas um rapaz atrás do balcão, não me senti encorajado a fazer o escândalo que havia prometido, então deixei que ele me conduzisse elevador acima, depois para o interior da sofisticada suíte na qual estava hospedado.

— Quer beber alguma coisa? — Perguntou ele.

— Você me sequestra, me traz até aqui à força e ainda pergunta se quero beber alguma coisa? Não! A única coisa que quero de você é que me leve de volta até o clube. — Irritada, tirei o paletó dele de cima do meu do meu corpo e o joguei sobre a cama.

— De jeito nenhum. Nunca mais outro homem vai olhar para você usando um vestido desse tamanho. Se quer dançar para alguém, vai dançar apenas para mim.

— Como você é presunçoso. O que te faz acreditar que ainda tem alguma chance comigo depois de tudo o que me disse?

— Na verdade, eu não acredito que vou ter, mas espero sinceramente conseguir te fazer mudar de ideia.

— Não vejo como. Com poucas palavras você conseguiu destruir tudo o que existia de especial entre nós.

— Eu sei disso. Só agora percebo o quanto estava errado. E é por isso que estou aqui, para te pedir que me perdoe, por tudo que eu disse naquele dia. Eu estava louco de ciúme, sem saber o que aquele cara queria com você, o que vocês eram um para o outro. Tudo isso sem mencionar que havia acabado de saber que você não era quem dizia ser. Se coloca no meu lugar. Como você se sentiria? — Minha nossa! Alexander estava não apenas admitindo um erro, mas também pedindo perdão. Eu estava simplesmente incrédula. — Estou apaixonado por você Emily, como jamais estive por outra mulher. Eu nem sabia que um amor assim existia, achei que fosse coisa de livros e filmes, mas com você aprendi que é verdadeiro. Você me ensinou a amar, como nunca amei ninguém na minha vida. Por favor, me dá uma chance de te

provar que posso te fazer feliz.

Meu coração batia tão depressa que eu tinha a impressão de que sairia pela boca qualquer instante. Alexander estava realmente dizendo que me amava? Se aquilo fosse um sonho, eu nunca mais queria acordar.

— Você não acha mais que eu tenho alguma coisa com Logan? — Minha voz soou trêmula, carregada de emoção.

— Eu decidi confiar em você.

— Mesmo assim, nós nunca daríamos certo, pois pertencemos a mundos diferentes. Você nasceu em berço de ouro, é rico e respeitado. Quanto a mim, sou apenas a filha de um alcoólatra e de uma lavadeira, que precisa dançar em um clube noturno para ganhar o próprio sustento. Olha para mim, eu não sou ninguém.

Com dois passos largos, Alexander eliminou a distância entre nós, fazendo com que meu coração batesse ainda mais acelerado. Pousou sua mão na lateral do meu rosto e o acariciou minha face com o polegar, enquanto fitava-me fixamente, seus olhos azuis ainda mais brilhantes, deixando-me quase sem fôlego com a intensidade da paixão refletida na sua expressão.

— Nada disso importa para mim. E você é alguém. É a pessoa mais importante da minha vida.

— Alexander, eu... eu... — Tentei encontrar mais argumentos que me impedissem de assumir o amor imenso que eu sentia por aquele homem, mas não havia nada que se comparasse à grandiosidade desse sentimento, tudo parecia muito insignificante perto da paixão visceral que emergia em minhas entranhas. Eu era louca por ele e mesmo que quisesse, não tinha como negar esse sentimento, principalmente quando ele me olhava daquela forma. — Eu também te amo, Alexander. Como jamais amei alguém na vida e esse sentimento me assusta. Tenho medo que você me magoe de novo.

— Eu não vou magoar. Te prometo. Me dê uma chance de te provar que posso te fazer feliz.

— Eu dou.

No instante em que me calei, sua boca alcançou a minha, tomando-a em um beijo apaixonado, que conseguiu despertar o mais primitivo dos desejos dentro de mim.

Ainda tentei resistir, afinal precisávamos conversar sobre todas as mentiras, esclarecer as coisas, mas foi em vão, tudo em mim gritava por ele e, derrotada, acabei me rendendo a todas as emoções que me tomavam em um turbilhão, quando o abracei pelo pescoço e coleí o meu corpo ao seu, ao mesmo tempo em que correspondia ao beijo, permitindo a passagem da sua língua entre os meus lábios, movendo a minha com lascívia, mostrando a ele o quanto o queria.

Alexander passou um braço em torno da minha cintura, pressionando o meu corpo contra o dele, enquanto levava a outra mão para a minha nuca e a segurava com firmeza, como se tentasse me impedir de fugir daquele Beijo.

Minha nossa! Como eu havia sentido falta dele, do toque das suas mãos, do gosto da sua boca, do calor gostoso do seu corpo me envolvendo, da sua pegada única. Apenas naquele instante, eu percebia que os dois dias distante dele pareciam ter se prolongando em dois anos.

Com ansiedade, Alexander desceu a mão através das minhas costas e a infiltrou sob a saia curta do vestido, acariciando a pele da minha coxa, deslizando para cima, me fazendo latejar no meio das pernas. Entretanto, em meio ao desejo que fervia dentro de mim, tomei consciência de que não podíamos ir em frente e começar uma relação em cima de tantas mentiras. Eu precisava contar a verdade a ele sobre Logan, esperar que ele me falasse sobre Christine, para que não existisse mais nenhuma inverdade entre nós. Eu estava cansada de tantas mentiras.

— Espere Alexander. — Falei, esquivando-me do beijo, afastando-me dos seus braços com relutância. — Precisamos conversar antes de mais nada.

— Não podemos deixar isso para depois?

— Não. Tem que ser agora.

— Sobre o que você quer conversar? — Ele parecia ligeiramente frustrado por ter sido interrompido.

— Sobre as mentiras que contamos um para o outro. Estou cansado delas. Se vamos mesmo levar isso adiante, precisamos esclarecer as coisas, para que não haja mais nada de ruim entre nós.

— Eu concordo. Precisamos falar toda a verdade. Começemos por você.

Cacete! De onde eu ia tirar coragem para contar a ele o que Logan fizera? Apesar de ter sido ideia minha, eu começava a me arrepender, pois era um passo perigoso demais revelar a identidade de um assassino. Obviamente Alexander o denunciaria, o que colocaria não apenas a minha, mas também a vida dele em risco. Meu Deus! Eu não sabia nem por onde começar a falar.

— Acho que vou aceitar aquele uísque agora. — Falei e acomodei-me à mesa pequena, com duas poltronas, que havia no quarto, enquanto Alexander nos servia das duas doses da bebida.

Quando se sentou diante de mim, com o olhar fixo em meu rosto, a expressão dele era de seriedade, o que não me incentivava muito a começar a falar.

— Sou todo ouvidos. — Ele depositou o copo de uísque diante de mim e bebi um gole tão grande que tive uma pequena crise de tosse, o líquido queimando ao descer pela minha garganta.

— É sobre Logan. — O olhar dele se tornou ainda mais sério, quase alarmado sobre o meu. — Sobre uma coisa que ele fez. — Nervosa, bebi outro grande gole do uísque.

CAPÍTULO XXVI

— Para de enrolar e fala logo.

— Aconteceu dois dias antes de eu chegar à sua casa. Eu estava no clube, fazendo a minha apresentação, quando fui requisitada para uma dança particular junto com outra garota, o nome dela era Trinity. Os clientes que nós atenderíamos eram Logan e o segurança dele. Durante nossa apresentação, Logan tentou me agarrar, só que eu nunca fiz sexo por dinheiro com os clientes. Mas Trinity era diferente. Como muitas outras garotas, ela fazia e como Logan é rico, atirou-se em cima dele. Eles começaram a trepar ali mesmo na minha frente e na do segurança. Então nós fomos para a cabine ao lado, só que o sujeito estava me assediando demais, se recusando a aceitar um não como resposta e ainda por cima disse que as câmeras de segurança estavam desligadas. Então deixei a cabine decidida a ir embora, só que quando vi Logan e Trinity transando, em cima do palco, parei para observar, achei o espetáculo bonito. Não é todo dia que se vê duas pessoas transando assim ao vivo. Foi então que o pior aconteceu. — Ingerir outro gole do uísque antes de continuar. — Ele tirou o olhar do rosto dela para prestar atenção em mim e sem querer apertou a garganta dela forte demais, enquanto estava ejaculando. Ela morreu bem ali, na minha frente, sem que eu pudesse fazer nada para salvá-la. — Uma lágrima solitária escorreu do canto do meu olho.

— Minha nossa, Emily! O que você está me dizendo é muito grave. Você não o denunciou para a polícia?

— Claro que não. Você acha que iam dar ouvidos a uma dançarina de boate, em relação a um homem importante como Logan? Seria a palavra dele contra a minha. Foi por isso que deixei a cidade, eu estava aterrorizada, com medo que ele me eliminasse por ser a única testemunha, já que o segurança se mostrou conivente com o que ele fazia, inclusive deixou claro que não era a primeira vez. Ir para a sua casa no lugar de Lisa foi a única saída que encontrei.

Alexander observava-me com olhos alarmados.

— Por isso ele estava te ameaçando aquele dia quando os encontrei na praia, não foi?

— Sim. E me ameaçou para que eu fosse encontrá-lo em Sydney também. Ele nunca me deixou em paz. Vive me enviando mensagens de assédio.

— Mas que desgraçado! — Levei um susto quando ele desferiu o soco do seu punho cerrado sobre a superfície da mesa. — Acabo com a raça dele de te incomodar de novo! — Refletiu por um instante, antes de voltar a falar. — E eu achando que você tinha alguma coisa com ele. — Alexander levantou-se, contornou a mesa, puxou-me pela mão e me tomou em seus braços, apertando-me com força de encontro ao seu corpo grande, ligeiramente trêmulo. — Por favor, me desculpe, eu fui um verdadeiro imbecil. Te prometo que aquele maldito nunca mais vai chegar perto de você, nunca mais vai te incomodar. Nós vamos denunciá-lo à polícia.

— Não podemos fazer isso. Ele é um homem muito influente, tem amigos no governo e também é muito perigoso, pode fazer mal a nós dois. Apenas peça para que sua prima o deixe, porque ele disse que esse casamento é um negócio para ele.

— As coisas não podem ser assim. Ele precisa pagar pelo que fez e te garanto que não vai tocar em um fio do seu cabelo. Se ele pelo menos tentar, eu o mato.

Suas palavras causaram-me um calafrio na espinha. Se Alexander o denunciasse existiria alguma chance de Logan ir para a cadeia, porque afinal Alexander era tão importante e poderoso quanto ele, ao invés de uma pessoa tão insignificante quanto eu. Mas ele era perigoso demais, nem mesmo estando preso, deixaria de atentar contra nossas vidas, por vingança e isso me apavorava.

— Agora é a sua vez. Tem alguma coisa que gostaria de me contar? — Perguntei.

Eu queria ouvi-lo falar sobre Christine, admitir que mantinha a esposa escondida no porão durante três anos das suas vidas.

Voltei a sentar-me à mesa, enquanto Alexander tomava o seu lugar do outro lado, visivelmente nervoso. Bebeu um gole de uísque antes de falar.

— Eu sei sobre você e Christine. Sei que você a encontrou no porão.

Fitei-o perplexa, me perguntando se tinha ouvido errado, pois, definitivamente, não era aquilo que eu esperava que ele dissesse.

— Como assim? Ela te contou?

— Não. Ela também pensa que eu não sei de nada, mas eu soube desde o primeiro dia em que você desceu lá. Tem uma câmera escondida naquele porão. Inventei uma dedetização para colocá-la lá. Eu jamais deixaria Christine sem vigilância depois que ela tentou cometer suicídio. Ela não sabe sobre a câmera. Além do mais, vocês são péssimas em esconder pistas, usam o meu cartão de crédito por toda parte, passam pelas câmeras de segurança nos portões da casa. Não pararam para pensar que eu ia perceber que ela estava ficando mais bronzeada a cada dia?

Processei suas palavras lentamente e fiquei ainda mais aturdida, sem saber o que dizer ou mesmo o que pensar. Durante todo aquele tempo ele nos ouvia enquanto fazíamos nossos planos. Ao invés de enganá-lo, nós éramos quem estávamos sendo enganadas por ele. Durante todo esse tempo, ele me fizera de boba, fingindo não perceber que eu estava tentando seduzi-lo, quando na verdade sabia de tudo, inclusive sobre o plano para convencê-lo a concordar com a eutanásia.

— Durante todo esse tempo, você estava nos vendo e nos ouvindo? — Eu estava incrédula.

— Sim, eu estava. Você acha mesmo que eu te deixaria sair sozinha à noite com aqueles vestidinhos minúsculos que você colocava? Acha que eu teria me segurado em meu quarto, quando ouvi você gemendo do outro lado da parede, que passaria pela porta aberta do seu quarto e não entraria, se não soubesse que era tudo armação?

Impactada, levantei-me e comecei a caminhar de um lado para o outro do quarto.

— Você nos fez de bobas esse tempo todo. Me deixou passar vergonha achando que estava te seduzindo. Sem mencionar que, se tivesse nos falado que sabia de tudo, Christine poderia estar circulando livremente pela casa, sem precisar passar o dia inteiro trancado naquele buraco.

— Eu precisava dar espaço para que o seu plano de reintegrá-la à sua vida desse certo. Acredite, nunca vou encontrar palavras com as quais possa te agradecer o suficiente pelo que você tem feito por Christine. — Alexander levantou-se e colocou-se diante de mim, prendendo o meu olhar ao seu. — Eu sei que você deve achar que sou um grande canalha por tê-la traído e a levado àquele maldito acidente e é verdade, não há nada que justifique o modo indiferente como eu a tratava e tratava as outras mulheres com quem dormia, mas o preço que paguei pela minha infidelidade foi alto. Nos dois primeiros anos depois do acidente, Christine me culpou por tudo o que aconteceu, jamais passou um dia sem jogar na minha cara que eu fiz aquilo com ela e nunca discordei disso, eu realmente fui culpado. Durante todos esses anos eu tive pesadelos. Perdi a conta de quantas vezes desejei trocar de lugar com ela, estar naquela situação em vez dela, e quando finalmente ela me perdoou, eu não consegui me perdoar. Até hoje eu ainda não consigo me perdoar. Você deve achar também que não tentei o suficiente fazer com que ela saísse daquele porão e retomasse a sua vida, mas eu tentei. Contratei os melhores profissionais do país, na área da psiquiatria e da psicologia, para conversarem com ela. Nunca mais a deixei sozinha, nunca tive outra mulher até conhecer você, dediquei cada um dos meus dias a cuidar dela, mas nem isso foi capaz de fazer com que eu me sentisse menos culpado. — A angústia que se refletia na expressão do seu olhar parecia tão dolorosa que eu só queria afagar seus cabelos e dizer que tudo ficaria bem. — Você foi a melhor coisa que já aconteceu em nossas vidas, Emily. A única pessoa que conseguiu convencer Christine a sair daquele maldito porão. Tem ideia do bem que você nos trouxe?

Quanto mais ele falava, mais emocionada eu ficava. Apesar de Christine já ter me contado sobre a culpa que ele carregava nos ombros e sobre ele não conseguir se perdoar, apenas ao ouvi-lo eu tive noção da grandiosidade do tormento que ele vinha passando naqueles anos. Obviamente ele era culpado por tê-la traído, mas já havia pagado pelo seu erro, abrindo mão da sua vida para cuidar dela. Todo mundo merece a chance de se redimir e com ele não podia ser diferente.

Tomada pela emoção eu o abracei forte.

— E vocês dois foram a melhor coisa que já me aconteceu, pois aprendi a dar valor ao que realmente importa nessa vida, como aprendi também a amar, da forma como amo você. — Afastei-me alguns centímetros, apenas o suficiente para encará-lo. — Tem mais alguma coisa que queira me contar?

— Tem sim, mas agora é a sua vez. — Ele afastou-se, sentou-se em seu lugar e gesticulou para a cadeira do outro lado da mesa, onde me acomodei. — Temos que falar tudo, Emily. Foram muitas mentiras. Não podemos esconder mais nada um do outro.

— Concordo. — Pensei em todas as coisas escabrosas que ele não sabia sobre mim. A maioria o deixaria de cabelos arrepiados. — Eu estava mentindo quando te disse que tinha um relacionamento com Jack. Eu nunca o quis de verdade. Sua vez.

— Aquela noite em que invadi seu quartinho nos fundos da cozinha, foi para impedir que vocês dois ficassem juntos. Eu estava louco de ciúmes. Passei toda a festa observando vocês de um dos quartos. Sua vez.

— Eu nunca quis ter um relacionamento sério com um homem, até te conhecer. Sua vez.

— Eu nunca fui fiel a uma mulher, mas com você quero ser. Por toda a minha vida. Sua vez.

— Quando adolescente, eu não era considerada exatamente um modelo de bom comportamento. Aos dezesseis anos fumei maconha e aos dezessete fiz sexo com uma garota. — O olhar de Alexander se ampliou, ao mesmo tempo em que se perdia no vazio à sua frente e tive certeza de que estava imaginando a cena, o que me fez sorrir. — Sua vez.

— Eu não deixei Sidney durante aqueles dias em que disse que estava viajando. Apenas me hospedei em um hotel na cidade, para que você e Jack tivessem mais liberdade de tirar a Christine daquele porão e convencê-la a desistir do suicídio.

— Mas que safado! Que outras mentiras você me contou?

— Nada disso. Sua vez.

— Quando você me ofereceu aquele emprego na sua empresa, eu não recusei apenas porque não podia revelar meu verdadeiro nome, mas principalmente porque não terminei o ensino médio. Eu abandonei o colégio antes de concluir. Sua vez.

— Esta noite, quando vi você dançando em cima daquele palco, com esse vestidinho curto, fiquei de pau duro e depois fiquei muito puto ao imaginar que todos aqueles pervertidos a sua volta estavam de pau duro também.

Não consegui me conter e soltei uma gargalhada, uma ideia surgindo em minha mente, ao mesmo tempo em que uma corrente de calor descia pelo meu corpo e se instalava no centro das minhas pernas.

— Às vezes eu faço danças particulares para aqueles pervertidos, quando tiro toda a roupa para eles, embora nenhum deles possa me tocar. — Fitei diretamente os seus olhos, antes de continuar. — Você gostaria de uma dança particular?

— Com toda certeza.

— Isso vai te custar quinhentos dólares.

— Eu pago quinhentos mil.

Seria inescrupuloso da minha parte, aceitar dinheiro dele, até porque isso passaria a impressão de que eu estava me vendendo, mas Lisa precisava de muito dinheiro para quitar a dívida de jogo do seu namorado e quinhentos mil para ele não era nada.

— Combinado. Quinhentos mil.

Vi a surpresa atravessar rapidamente a expressão dos olhos dele, quando apertei sua mão para firmar o acordo. Na certa estava esperando que eu não aceitasse o dinheiro. Uma boa garota realmente não aceitaria dinheiro do homem que amava, e embora nunca tivesse sido uma boa garota, eu não teria aceitado se Lisa não estivesse realmente precisando.

Com isto, liguei o aparelho de som embutido na cabeceira da cama e escolhi uma estação de rádio na qual tocava rock romântico. Ao som de My Heart, de Paramore, apaguei a luz principal deixando o quarto iluminado apenas por uma luz fraca, amarelada.

— Deixa a luz acesa. Quero te ver inteira.

— Você é quem manda, afinal está pagando.

Acendi a luz e, sob a claridade extrema, comecei o meu show, movendo o meu corpo de forma sensual, no ritmo da música.

Alexander virou a poltrona de frente para mim e passou a me observar com olhos esfomeados, quase sem piscar, o que me deixou surpreendentemente excitada e ainda mais solta e à vontade. Envolvida por esse clima gostoso de sedução, tirei as sandálias de salto e subi na cama, fazendo dela o meu palco. Quanto mais Alexander me observava, mais excitada eu ficava e não fazia questão de esconder isso dele, na forma como retribuía o seu olhar.

Sem parar de dançar, tirei o vestido, deslizando a peça através da minha pele, vagorosamente, ficando com apenas um sutiã sem alças e a calcinha transparente. Dancei com ainda mais sensualidade, percorrendo minhas mãos através das minhas curvas, para que ele capturasse cada um dos meus atributos, ao mesmo tempo em que imaginava que eram suas mãos em mim.

O efeito que aquilo causou nele foi ainda melhor do que eu esperava. Sem mais nem menos, Alexander abriu o fecho da sua calça e tirou o membro, grande, grosso, completamente duro e todo melado, para fora da cueca. Segurou-o pelo meio e passou a mover sua mão para cima e para baixo, masturbando-se, vagorosamente, fazendo com que o meu corpo reagisse de forma quase violenta, meus mamilos endurecendo a ponto de doerem, minha vagina latejando, ficando muito lambuzada.

— Os homens para quem você dança fazem isso na sua frente? — Perguntou ele, a voz rouca, a respiração ofegante.

— Sim, eles fazem.

— E você gosta de olhar?

— Não, mas estou gostando agora. Você tem um pau muito lindo.

E era verdade, o pênis dele era perfeito, longo, reto, grosso, coberto por veias protuberantes e com a glândula rosada. As bolas eram grandes e firmes, desprovidas de pelos.

Sem que ele deixasse de me observar, fixamente, com os olhos carregados de luxúria, enquanto movia a pele do seu pau para cima e para baixo, continuei dançando sensualmente, excitada, meu sangue fervendo de desejo. Lentamente, tirei o sutiã e percorri os meus dedos por sobre os meus seios doloridos, para em seguida livrar-me da calcinha, uma satisfação absurda me tomando quando vi a forma fervorosa como ele olhava para a minha intimidade.

Dando-lhe as costas, espalmei as duas mãos na parede, onde ficava a cabeceira da cama, inclinei-me um pouco e rebolei a bunda em sua direção, vagorosamente, de um lado para o outro. Foi então que Alexander perdeu o autocontrole. Despiu-se rapidamente de todas as suas roupas e subiu na cama. Ajoelhou-se atrás de mim, afastou minhas nádegas com as duas mãos e deu uma lambida que foi da entrada da minha vagina até meu ânus.

— Porra, Alexander! — Gemi, lançando a cabeça para trás, meu corpo todo incendiando de tesão.

Alexander deitou-se de costa no colchão e colocou sua cabeça entre minhas pernas abertas, os olhos fixos em meu sexo.

— Desce aqui. Coloca essa bocetinha gostosa na minha boca.

Suas palavras foram suficientes para que ondas de desejo me percorressem inteira, como descargas de

eletricidade e imediatamente obedeci, abaixando-me até que minha intimidade encontrasse sua boca deliciosa, meus joelhos apoiados no colchão, um de cada lado do seu rosto, as mãos espalmadas na parede.

Sua língua experiente foi direto para o meu clitóris, movendo-se sobre ele devagar, suave, macio e molhado, em uma enlouquecedora tortura, que me fazia gemer e me contorcer descontroladamente.

Deixando-me guiar pela fome descomedida que eu sentia por aquele homem, virei-me de frente para o outro lado e me debrucei sobre o seu corpo grande, meu ventre apoiado sobre seu peito largo, meus seios pressionando seu abdômen. Segurei seu membro, completamente duro, pelo meio e o masturbei devagar, fascinada com a forma como a pele macia deslizava sobre a rigidez. Em seguida, passei a língua sobre a glândula melada, experimentando o gosto salgado do líquido que escorria da abertura, me refestelando com seu sabor, o sabor da luxúria. Coloquei-o na boca e desci a cabeça, engolindo-o, levando-o até a minha garganta, sem deixar de mover minha mão em torno da base, completamente entregue à lascívia que parecia me queimar por dentro.

Meu corpo inteiro vibrou quando Alexander usou seus dois polegares para afastar os meus lábios vaginais e sua língua brincou ainda mais livremente sobre o meu sexo, se inserindo em meu canal lambuzado, movendo-se de encontro às minhas paredes sensíveis, para depois se deslocar para o meu ânus e mover-se em círculos sobre ele, lubrificando-o. Voltou para o meu ponto mais sensível e passou a mover-se sobre ele, freneticamente, ao mesmo tempo em que ele introduzia um dedo na minha vagina e outro em meu ânus, movendo-os em vai e vem, em um ritmo cada vez mais acelerado, até que meu corpo não resistiu mais e entregou-se ao êxtase que me arrebatou, me fazendo clamar pelo seu nome, enquanto eu gozava gostoso.

— Agora senta no meu pau. Me deixa sentir essa boceta toda melada. — Alexander falou, com um gostoso tom de autoridade.

Com meu corpo todo trêmulo pelo orgasmo, levantei-me e encaixei minha entrada sobre seu membro ereto, apoiei minhas mãos em suas coxas esticadas sobre o colchão e desci os quadris, permitindo que ele entrasse em mim, deslizando com facilidade na minha umidade, alcançando-me tão fundo, pressionando minhas paredes com tanta perfeição, que soltei um grito de puro prazer.

Ele segurou meus quadris dos dois lados e passou a comandar os meus movimentos, me fazendo subir e descer sobre ele, cada vez mais depressa, freneticamente, me abrindo, me esticando toda, me fazendo vibrar com a sensação de estar preenchida até o limite. Uma de suas mãos deixou a lateral do meu quadril e deslizou sobre minhas nádegas, deu-me um tapa estalado, para que em seguida ele umedecesse dois dos seus dedos na entrada da minha vagina e os introduzisse em meu orifício menor, movendo-os dentro de mim, no mesmo ritmo dos meus quadris.

— Quero te comer aqui atrás. — Alexander falou, sua voz se equiparando ao grunhido de um animal.

— Eu quero que você me coma aí atrás.

Com um movimento ágil, e sem sair de mim, ele inverteu nossas posições sobre a cama, colocando-me sob seu corpo grande, penetrando-me por trás. Puxou meus quadris para cima, de modo que fiquei de quatro, com o torso totalmente inclinado e me fez abrir as pernas até o limite. Deixou o meu interior, segurou o seu membro pelo meio e começou a esfregá-lo da minha vagina até meu ânus, espalhando a minha lubrificação, preparando-me para recebê-lo ali atrás. Posicionou a glândula na entrada menor e fez pressão, abrindo passagem, vagarosamente.

Quando o primeiro centímetro deslizou para dentro de mim, fui tomada por uma dor lancinante que me fez soltar um grito agudo.

— Fica calma, relaxa o corpo, essa dor logo vai passar.

Uma de suas mãos contornou minha coxa e alcançou meu clitóris, seus dedos massageando-o em círculos, lentamente, causando-me um tesão tão insano que comecei a mover os quadris para trás, de encontro a ele, buscando-o, fazendo com que entrasse em mim, centímetro por centímetro, até que

estivesse enterrado em meu corpo até a raiz, seu tamanho exagerado me enchendo demais, provocando-me a sensação de que me partiria ao meio.

Alexander puxou os quadris e os arremeteu contra mim novamente, em um baque forte, que me fez gritar outra vez, tomada por um misto gostoso de dor e tesão. Puxou os quadris e tornou a estocar, ainda mais forte, me alcançando ainda mais fundo.

Ele continuou penetrando-me por trás, ao mesmo tempo em que massageava o meu ponto mais sensível, até que a dor sucumbiu ao prazer luxurioso que me fazia gemer e pedir por mais, minha vagina latejando, suplicando por tê-lo também.

Como que se fosse capaz de compreender as necessidades do meu corpo, Alexander virou-me de frente, pendurou minhas pernas em seus ombros e voltou a me penetrar ali atrás, indo fundo, movendo-se depressa. Sem desviar seus olhos do meu rosto, inclinou-se o bastante para que seus lábios alcançassem os meus e fez com que sua língua brincasse dentro da minha boca, provocantemente. Voltou a erguer o seu corpo, ficando quase sentado entre minhas pernas, fez com que as abrisse até o limite, deu uma boa olhada na forma como entrava e saía de mim e introduziu dois dedos na minha vagina, ao mesmo tempo em que massageava o meu clitóris com o polegar, continuamente, levando-me a uma deliciosa agonia, ao anúncio do gozo que se aproximava.

— Ahhh... Alexander...

Sem que eu pudesse controlar, meu corpo todo se contraiu e o orgasmo veio com toda força, me arrebatando, me fazendo gritar e convulsionar sobre a cama, as lágrimas fugindo dos meus olhos, seu nome escapando com súplica da minha garganta, seu olhar preso ao meu, até que pouco a pouco fui me aquietando e foi a vez dele se esvair dentro de mim, um único gemido saindo da sua boca, seus olhos carregados de luxúria e de prazer presos aos meus, seus espasmos se fazendo no meu interior, me proporcionando uma satisfação inexplicável por saber que eu era responsável pelo prazer que ele sentia.

Quando seu corpo se acalmou, Alexander saiu de mim, deitou-se ao meu lado e me puxou para junto de si, me aninhando de encontro ao seu peito largo, quando pude sentir as batidas aceleradas do seu coração de encontro ao meu rosto e fui tomada por uma felicidade genuína, indescritível, jamais antes experimentada.

— Eu te amo, Emily. — Ele sussurrou, de encontro aos meus cabelos, sua voz rouca e grossa, ao mesmo tempo em que me abraçava com suas duas pernas, de forma possessiva, como se temesse que eu pudesse fugir.

— Eu também te amo, Alexander, como jamais amei outro homem. — Sussurrei e plantei uma trilha de beijos em seu peito forte e cheiroso.

— Me promete que nunca mais vai me deixar, nunca mais vai se afastar de mim desse jeito.

— Eu prometo.

Continuamos ali abraçados por um longo momento de silêncio, envolvidos por uma atmosfera gostosa de intimidade e cumplicidade, como se o mundo a nossa volta tivesse deixado de existir, como se vivêssemos em um mundinho particular que pertencia a apenas nós dois, o qual ninguém podia afetar.

CAPÍTULO XXVII

Levantamos cedo no dia seguinte, determinados a irmos à delegacia denunciar Logan. A denúncia precisava ser feita em Melbourne, porque era onde o crime acontecera e onde Logan morava. Eu me sentia tão apreensiva e amedrontada, que minhas pernas não paravam de tremer, minhas mãos estavam constantemente cobertas por uma camada de suor frio, enquanto tomávamos o café da manhã na luxuosa suíte.

— Não precisa ter medo de nada. Esse cara nunca mais vai chegar perto de você. Eu te prometo. — Disse Alexander, enquanto passava a mão no comprimento dos meus cabelos de forma reconfortante.

— Eu confio em você, sei que não vai deixar nada de mal me acontecer, mas meu cérebro parece estar programado para sentir medo daquele sujeito. Vem sendo assim desde que o vi assassinando Trinity.

— Depois que ele estiver atrás das grades esse medo vai desaparecer. Podemos ir agora?

— Temos que passar no apartamento de Lisa antes, preciso dar a ela o cheque que você vai preencher com os quinhentos mil que me deve pela dança de ontem.

Alexander sorriu e me lançou um olhar tão faminto que quase tirei as roupas de novo.

— Você achou que eu não ia cobrar? — Provoquei, com irreverência.

— Não estou dizendo nada. — Ele começou a preencher o cheque e minha consciência pesou.

Só aceitaria porque a vida de Lisa praticamente dependia desse dinheiro, que para ele não era nada.

— Não veja isso como um pagamento, mas como uma doação de caridade que o incentivei a fazer. Lisa está precisando. Ela está numa pior.

— Imagina. Sempre que alguém precisar, faça outra dança daquelas. — Ele sorriu de um jeito safado.

— Será um prazer fazer outra doação.

Alexander encerrou sua conta no hotel e fomos direto para o apartamento de Lisa.

— Caramba! São quinhentos mil dólares! Não posso aceitar uma quantia tão alta. — Disse Lisa, atônita, com os olhos arregalados sobre o cheque que mantinha estendido diante do seu rosto.

— Não faça cerimônia Lisa, o dinheiro foi doado por Alexander e ele ganha essa quantia em um dia. Só quero que você me prometa que, depois de quitar a dívida de James, guardará o restante do dinheiro para você mesma e se ele arranjar problemas como esse novamente, você vai deixá-lo.

Minha melhor amiga encarou-me diretamente, com seus olhos marejados de lágrimas.

— Eu prometo e agradeço. — Ela virou-se para Alexander, que se mantinha quieto, sentado em uma poltrona, parecendo ainda mais alto, mais forte e mais sofisticado dentro da sala pequena e modesta, nos observando atentamente. — Obrigada Alexander. Que a vida retribua a você.

— A vida já me retribuiu. — Ele me lançou um olhar rápido. — E Não precisa agradecer. Foi um prazer atender um pedido de Emily. Fiz também uma excelente carta de recomendação para que você possa ter sua identidade de volta e arranjar outro emprego, se assim quiser.

— Obrigada. — Lisa não se cansava de agradecer, claramente emocionada.

James sempre foi viciado em jogo, só que ainda não tinha arranjado uma dívida como aquela. Se ele continuasse jogando, se continuasse colocando minha amiga em maus lençóis, eu daria um jeito de convencê-la a deixá-lo.

Me despedi da minha amiga com lágrimas nos olhos e um abraço apertado e fomos direto para a delegacia. Em uma sala pequena e abafada, sentada ao lado de Alexander, sem que ele deixasse de segurar minha mão nem por um instante, contei ao delegado tudo o que aconteceu na noite em que Logan assassinara Trinity. Quando esperei que o delegado duvidasse da minha palavra, devido ao fato de que eu era uma dançarina de um clube noturno que acusava um rico empresário como Logan, ele me surpreendeu

ao dizer que Logan já estava sendo investigado por outros crimes e que minha denúncia só ajudaria a polícia a capturá-lo.

Fornei todas as informações que tinha, respondi a todas as perguntas que me foram feitas e me prontifiquei a depor no tribunal quando ele fosse a julgamento. Quando Alexander e eu voltamos para Sidney, em seu avião particular, um alívio imenso me tomava, como se um grande peso acabasse de ser tirado de cima dos meus ombros.

Ao chegarmos a casa, entramos em um impasse sobre quem iria até o porão falar com Christine primeiro, afinal não podíamos aparecer lá juntos assim de repente, sem que ela se sentisse magoada, porque no fundo talvez ainda o amasse. Acabei concordando em ir primeiro, visto que, tinha mais coisas para esclarecer, começando pelo meu nome verdadeiro e o motivo que me fez modificá-lo.

Era início de noite e a encontrei na bancada da cozinha compactada, ao lado de Meg, que recolhia os pratos do jantar.

— Olha só quem resolveu aparecer. Eu sabia que essa sua decisão de deixar Alexander não duraria muito tempo. — Disse Christine. — Fico feliz que tenha voltado. Quer jantar?

— Não, obrigada. Fiz um lanche no avião e ainda estou de barriga cheia. Senti saudades de vocês. — Fui até elas e as abracei, verdadeiramente saudosa, antes de acomodar-me na banquetta ao lado de Christine. — Precisamos conversar, Christine.

— Claro que precisamos. Você foi embora sem sequer me dizer até logo. Tem muito o que me explicar.

— Opa. Já estou de saída. — Meg anunciou. Terminou de recolher os pratos e se foi.

Observei o rosto curioso de Christine por um longo momento de silêncio, sem saber por onde começar a falar. Por fim, respirei fundo e comecei dizendo que Alexander sabia sobre nós termos nos conhecido e sobre todos os planos que acreditamos estarmos fazendo às escondidas. Contei a ela quem eu realmente era; sobre o que Logan fizera e o motivo pelo qual viera trabalhar em sua casa usando outro nome.

Ao final da minha narrativa, Christine observava-me com olhos atônitos.

— Eu sempre desconfiei que se algum dia Alexander se apaixonasse de verdade, seria por uma stripper. — Disse ela, com irreverência, e só consegui sorrir do comentário.

— De tudo o que eu disse, foi só isso que você registrou?

— Digamos que Alexander fez parte dos meus pensamentos durante tempo demais. Ainda estou educando meu cérebro a se livrar disso.

— Acho que vamos todos ficar bem agora. Você não precisa mais continuar nesse buraco. Pode voltar a circular livremente pela casa. Não há mais ninguém de quem se esconder aqui.

— Mas só quero aparecer na frente do restante da família depois que fizer todas as cirurgias.

— Isso é bobagem, mas se você quer assim nós temos que respeitar.

Nesse momento, ouvimos os passos pesados de Alexander descendo as escadas e nos silenciámos. Quando ele avançou pelo porão, alto e elegante como sempre, dentro de uma camisa de seda preta e calça jeans, veio direto para mim e beijou-me rapidamente na boca, antes de passar um braço em torno dos meus ombros, bem diante dos olhos atentos de Christine, o que me deixou tensa, embaraçada, imaginando o quanto ela poderia estar se sentindo magoada por nos ver juntos.

— Como vai, Christine? — Cumprimentou ele e apressei-me em me afastar do seu contato.

— Pode deixar ele te abraçar, Lis..., quer dizer, Emily. Eu vou ter que me acostumar com isso. — Procurei algum vestígio de amargura no tom da sua voz e na expressão do seu olhar, mas não havia nada. — Até que vocês dois ficam bem juntos. — Christine completou, sem deixar de nos observar.

Uma atmosfera estranha instalou-se no ambiente. Era muito constrangedor estarmos os três juntos pela primeira vez. Embora eu soubesse que as coisas não eram assim, me sentia como uma verdadeira vadia que tomava o marido de outra mulher. Ainda ia demorar algum tempo para que eu me acostumasse a conviver com os dois e agir com naturalidade, como se ambos fossem apenas velhos amigos e não duas pessoas que significaram tanto um para o outro, na dor e no amor.

Naquela mesma noite, com a ajuda de Jack, Alexander instalou Christine em um dos quartos no segundo andar, o que, segundo ele, seria temporário, já que pretendia providenciar um quarto para ela no andar inferior, para que não precisasse de ajuda todas as vezes que quisesse ir para o seu aposento.

No dia seguinte, tomamos o café da manhã juntos, na cozinha, envolvidos por aquela atmosfera estranha, como se durante todo o tempo acreditássemos que estávamos ferindo um ao outro, embora no fundo soubéssemos que não era verdade, pelo contrário, estávamos todos muito melhor do que há meses, ou anos atrás. Faltava apenas nos adaptarmos àquela nova realidade, estabelecermos uma convivência com a naturalização do que representávamos um para o outro, nos acostumarmos com nossa nova vida.

Através de um telefonema do chefe de polícia de Melbourne, ficamos sabendo que Logan havia sido preso e como negava todas as acusações que recaíam sobre ele, as investigações continuavam acirradas. Fiquei sabendo também, que eu não era a única testemunha do crime que ele cometeu naquela noite, a polícia andou pressionando o dono do clube e acabou arrancando dele a confissão de que ajudara Logan e seu segurança a tirar o corpo de Trinity do Clube. Agora éramos dois sob a mira do ódio daquele assassino.

No dia combinado, Christine, Jack, Alexander e eu embarcamos para os Estados Unidos, onde Christine internou-se em uma das mais sofisticadas clínicas cirúrgicas do país, no Texas, e logo no dia seguinte, após realizar alguns exames rápidos, deu início a uma maratona de diversas cirurgias, de transplante de face e implantes de próteses e capilar. O primeiro e mais delicado procedimento, foi o transplante de face, que durou mais de quinze horas, período durante o qual estivemos o tempo todo na clínica, esperando pelo resultado, pois, segundo os médicos, poderia haver rejeição, ou não. A princípio não houve, mas era necessário esperar algumas semanas para se ter certeza. Enquanto isso, ela ia se submetendo às demais cirurgias e apenas depois desse período de adaptação, poderíamos ver seu novo rosto.

Nos momentos em que não podíamos estar com ela na clínica, Alexander e eu aproveitamos para fazer uma excursão pelo país, o qual eu ainda não conhecia. Ele alugou um avião de grande porte e me levou para conhecer os lugares mais lindos, a maioria dos quais me deixou estarrecida pela sua grandiosidade. Nada se comparava ao que eu estava acostumada a ver na internet, tudo parecia muito maior, mais brilhante e mais bonito. Começando por Las Vegas, onde passamos duas noites inteiras, nos divertindo nos cassinos lotados de gente. Fomos até Nova York, onde ele me levou para conhecer a Quinta Avenida, a Broadway e as famosas Cataratas do Niágara.

Quando voltamos para o Texas, ficamos sabendo que Christine estava indo muito bem, embora ainda não pudéssemos ver sua nova face, coberta por bandagens, o médico nos deu a certeza de que a cirurgia havia sido muito bem-sucedida, sem qualquer sinal de rejeição, assim como todas as outras, tais como, a implantação de próteses nas mãos, nos pés e nos seios. O implante capilar seria um dos últimos procedimentos. Quanto às cicatrizes na pele do seu corpo, não havia muito a ser feito, as marcas de queimaduras não desapareceriam por completo, como as do seu rosto, mas com novas descobertas na área, elas seriam reduzidas e se tornariam quase imperceptíveis.

Devido à quantidade de procedimentos aos quais se submeteria e à espera pelos resultados de longo prazo, Christine precisaria passar no mínimo dois meses hospitalizada, para que os médicos tivessem certeza de que não haveria rejeição dos implantes e, como Jack estava constantemente ao lado dela, Alexander e eu continuamos a fazer nossa excursão pelos Estados Unidos, voltando para vê-la a cada dois dias.

Entre as cidades que conhecemos estava Seattle, uma das minhas preferidas, por ter sido cenário de vários romances que li e pelos quais me apaixonei. A cidade em si era apaixonante, com seus parques magníficos e lagos de águas tranquilas, as suas ruas largas, cercadas por edifícios modernos e imponentes. Visitamos também o campo de tulipas no Vale de Skagit, em Washington; conhecemos incríveis esculturas geológicas em Bryce Canyon, Utah; vimos as magníficas quedas d'água de Palouse

Falls, em Washington; fomos até Pittsburgh, Filadélfia, Boston e Los Angeles. Cada lugar me encantava mais que o anterior.

Cada minuto que eu passava ao lado de Alexander, tendo-o só para mim, durante o dia e a noite, sem precisar dividi-lo com seu trabalho e com mais ninguém, vendo-o tão relaxado, descontraído e feliz, revelando o homem maravilhoso que se escondia por trás daquela barreira de amargura da qual ele vivia revestido, eu me apaixonava mais, o amava como jamais me imaginara capaz de amar alguém na vida. Durante todo o tempo, eu tinha a sensação de que nada mais nesse mundo me faltava, de que estava completa, realizada e havia encontrado o meu lugar no mundo.

Dois meses depois de termos chegado à América, finalmente Christine recebeu alta da clínica e nos deixaria ver seu rosto sem as bandagens, pela primeira vez depois do transplante. O médico já havia retirado o curativo fazia alguns dias, mas ela queria esperar que as cicatrizes diminuíssem antes que a víssemos.

Fiquei paralisada ao entrar no seu quarto naquele dia. O resultado do transplante de face havia sido quase espantoso. Christine parecia outra pessoa, de fato usava o rosto de outra pessoa. Não estava linda como antes do acidente, mas beirava tal perfeição, sem qualquer vestígio das cicatrizes das queimaduras em sua pele, como o nariz, a boca, os olhos e as orelhas reconstruídas e os cabelos devidamente implantados. Cabelos longos, brilhantes e loiros, emoldurando uma face bonita e feminina, embora nada disso se comparasse ao sorriso radiante que ela trazia nos lábios, exibindo os novos dentes, claramente tomada pela certeza de que estava linda de novo e nunca mais alguém se assustaria ao olhar para ela.

O que acontecia com ela parecia um milagre e a certeza de que, de alguma forma, eu contribuí para que esse milagre fosse possível me deixava exultante, orgulhosa de mim mesma.

— E então. Como estou? — Christine indagou, sentada em sua cadeira de rodas, depois do longo momento que passamos observando-a boquiabertos e silenciosos.

— Você está linda. — Alexander foi o primeiro a falar e imediatamente Jack passou um braço em torno dos ombros dela, como se marcasse território.

Uau! As coisas pareciam ter evoluído entre eles durante aqueles dois meses.

— Está verdadeiramente linda. — Falei e corri para abraçá-la, emocionada.

— Nada disso seria possível sem você. Obrigada. — Disse ela e meus olhos se encheram de lágrimas.

— Eu que agradeço por ter me ouvido. Você não tem ideia do quanto me faz bem te ver feliz.

E era verdade. Nada se comparava à satisfação de vê-la retomando sua vida depois de tanto sofrimento. Ser feliz era o mínimo que ela merecia.

Na noite do mesmo dia em que recebeu alta da clínica, Christine nos convenceu a levá-la a uma badalada casa noturna no centro de Dallas, quando a vi ainda mais radiante por estar em público, sem que todos a olhassem horrorizados, pela primeira vez, depois que sofrera o acidente. Durante todo o tempo, Jack permanecia ao lado dela, fazendo de tudo para agradá-la, demonstrando ciúmes quando outro homem a olhava com segundas intenções, deixando claro que o que havia entre ambos não se tratava de apenas um flerte passageiro, a coisa realmente estava ficando séria.

Eu, por minha vez, aproveitei a noite ao lado do meu amor, dançando coladinha com ele durante as músicas românticas, bebendo e trocando uns amassos quando ficávamos sozinhos à mesa. Era gostoso também quando ficávamos os quatro juntos na mesa, envolvidos por uma conversa irreverente, quando tive certeza de que teríamos uma convivência pacífica, sem que nenhum clima de tensão se manifestasse.

No dia seguinte, voltamos para Sydney. Tão logo chegamos a casa senti saudades do tempo que passamos nos Estados Unidos, de ter Alexander só para mim, pois fomos recebidos por uma verdadeira avalanche de problemas. Para começar, a casa estava cercada por seguranças armados, além de haver outro motorista que substituiria Jack, sem que nada justificasse isso, a não ser o fato de que se tratava de um motorista com experiência em manusear armas de fogo. Logo imaginei que Alexander estava me escondendo alguma coisa, mas só tive certeza quando ele me presenteou com um carro de luxo caríssimo

e impôs que, em hipótese alguma, eu poderia sair de casa sozinha, sem que pelo menos dois seguranças me acompanhassem.

Precisei pressioná-lo para que me dissesse a verdade e embora eu já esperasse por isso, uma bomba pareceu ter sido jogada sobre a minha cabeça quando ele confessou que, ainda nos Estados Unidos, ficara sabendo que Logan havia conseguido sair da prisão e aguardaria seu julgamento em liberdade. Não me falara nada para não me deixar preocupada.

Na verdade, Logan não passara nem quinze dias na cadeia. Mas isso ainda não era o pior. Como eu tinha quase certeza de que aconteceria, o dono do clube no qual Trinity fora assassinada, a única testemunha desse crime, além de mim, estava morto. Havia sofrido um infarto enquanto trabalhava, há alguns dias e, de acordo com a polícia, fora uma morte natural, Logan não tinha nada a ver com isso. Só que eu me recusava a acreditar nessa hipótese, Logan era esperto demais, provavelmente fizera com que o proprietário do clube ingerisse alguma substância que causou aquele infarto.

Nada daquilo me surpreendeu, tudo estava acontecendo exatamente como eu previra. Logan continuava solto e com a quantidade de dinheiro e poder que tinha, minha única certeza era de que a minha cabeça estava a prêmio. Como única testemunha de um crime que ele cometeu, não havia a menor possibilidade de ele me deixar viva até o dia do seu julgamento. Foi por esse motivo que não o denunciei a princípio. Ninguém era corajoso o bastante para confrontar um homem perigoso e poderoso como ele. Nem mesmo dos outros crimes que a polícia suspeitava que ele cometera, havia qualquer testemunha, porque ninguém se atrevia a abrir a boca para falar.

Para não preocupar mais ninguém, Alexander e eu decidimos manter essa história apenas entre nós, embora as pessoas na casa desconfiassem que havia algo errado, ao me verem sendo seguida por seguranças para onde quer que eu fosse, até mesmo para uma consulta rápida no dentista eles me seguiam.

Como se não bastasse, Christine pediu que organizássemos uma grande festa na mansão, quando convidaríamos toda a família de Alexander e os amigos dos tempos em que ela era modelo. Queria dar a notícia de que estava viva durante esta festa, em grande estilo e Lauren e eu ficamos responsáveis por todos os preparativos, o que, unido ao medo de Logan, que jamais me deixava, estava me deixando esgotada e estressada.

De acordo com Lauren, Christine havia voltado ao normal, considerando que antes do acidente vivia dando grandes festas naquela casa e participando de vários eventos para os quais era convidada.

Com a sua recuperação, ela passou a ter uma vida quase normal. Não voltou mais ao porão e passou a viver no quarto que foi reformado para ela no lugar em que era a biblioteca, onde dormia junto com Jack. Ambos estavam sempre juntos, seja em casa ou saindo para as noites, sem fazer questão de esconder o relacionamento.

Em um dia de domingo, durante um churrasco que fazíamos às margens da piscina, eles anunciaram que se mudariam para a casa onde os pais de Christine viviam quando ela nasceu. Estavam providenciando algumas pequenas reformas e se mudariam logo depois da festa.

Como Christine não precisava mais dos seus constantes cuidados, Alexander trabalhava cada vez menos em casa, de modo que passava a maior parte do seu dia na empresa e a sua ausência me causava uma saudade Absurda. Eu queria que nossas vidas fossem como quando estávamos Estados Unidos, passando os dias e as noites juntinhos, sem nos dedicarmos a mais nada a não ser um ao outro.

CAPÍTULO XXVIII

Finalmente havia chegado a noite da grande festa. Com a orientação de Christine, Lauren e eu tínhamos deixado a casa toda linda, embora a recepção acontecesse no terraço, devido ao calor, onde havíamos colocado mesas com cadeiras, forradas com toalhas de seda cor de salmão, enfeitadas com pequenos buquês de flores brancas ao centro e velas aromáticas. O verde das folhas dos ramos de plantas se encontrava em destaque por todos os lados, contrastando com algumas flores brancas esporádicas. Como o espaço não era grande o bastante para acomodar a quantidade de convidados, o bufê havia sido organizado em uma das salas, de modo que os garçons uniformizados os servissem. A um canto, um pianista tocava músicas suaves em um volume confortável.

Não era exatamente o tipo de festa que eu gostava, preferia um bar lotado e uma pista de dança com jogo de luzes e música agitada, entretanto, todo o trabalho que tivemos e o ambiente requintado demais para o meu gosto, se tornaram insignificantes quando vi Alexander me observando do pé da escada, enquanto eu descia do segundo andar, pronta para a festa. Havia muito mais que admiração no brilho do seu olhar, havia quase uma veneração. Aquela paixão abrasadora, que me puxava para ele mais a cada dia, estava clara em sua expressão, fazendo com que meu coração batesse descompassado no peito.

— Você está simplesmente linda. — Disse ele, devorando-me com seus olhos lindos, quando o alcancei.

Eu havia caprichado na produção naquela noite. Usava um vestido cor de champanhe, longo e colado, tinha os cabelos presos em um coque mal organizado e uma maquiagem impecável.

— Você também está.

E estava mesmo, lindo como uma miragem dentro do terno preto feito sob medida, com os cabelos bem penteados e a barba bem aparada. Sua postura altiva e elegante conferia-lhe um charme irresistível e um aspecto de poder que me atraía de forma tão avassaladora que quase me belisquei só para ter certeza de que não estava sonhando, de que ele realmente era meu.

Inebriada, coleí o meu corpo ao dele e afundei o rosto em seu pescoço para inalar o seu cheiro gostoso, um cheiro do qual eu jamais me cansaria.

Alexander deslizou suas mãos grandes através da minha silhueta, dos meus ombros até meus quadris, me fazendo arrepiar inteira. Alcançou minhas nádegas e as apertou, pressionando meu corpo contra o seu, quando pude sentir a ereção latejando de encontro ao meu ventre e soltei um gemido de puro tesão.

— Está percebendo como você me deixou? Agora vou ter que passar a noite toda imaginando o momento em que poderei rasgar esse vestidinho do seu corpo.

Suas palavras fizeram com que eu latejasse entre as pernas.

— Vou providenciar para que você não espere a noite toda. — Sussurrei em seu ouvido, minha mente tomada por pensamentos eróticos que envolviam uma escapadinha rápida durante a festa. — Vou ver se Christine precisa de alguma coisa. — Tentei me desvencilhar do seu corpo. Ele me segurou firme no lugar.

— Lauren, Meg e Jack estão cuidando dela. Fica comigo. Vamos receber os convidados.

Passou seu braço em torno da minha cintura e me conduziu para a entrada do terraço, para onde os convidados eram encaminhados por um rapaz que havia sido contratado para recebê-los na porta.

Christine havia decidido que ficaria escondida em seu aposento até o momento de revelar a todos que estava viva. Toda a família de Alexander, inclusive os tios que moravam em Melbourne, além dos amigos mais chegados dos tempos de modelo dela, estariam presentes. Seria um baque enorme para todos eles quando a verdade fosse revelada. Até aquele momento, ninguém sabia de nada, inclusive estavam

perplexos pelo fato de Alexander estar dando uma festa, algo que não fazia parte dos seus hábitos. Cariel chegara a perguntar se ele havia batido a cabeça quando telefonei para fazer o convite.

Por volta das oito horas da noite, as pessoas começavam a chegar, cada uma mais elegante que a outra, usando roupas de grifes famosas, com cabelos e maquiagem impecáveis. Reconheci alguns rostos que vi na festa de casamento de Abby e Cariel, entre eles o de Elizabeth, ex-noiva de Logan. Estava linda, usando um tubinho preto colado, com os cabelos presos em um penteado sofisticado. Como os primos, ela era alta, loira e tinha olhos azuis. Realmente aquela família possuía uma genética muito boa.

Outra loira muito elegante, chamada Charlize, a quem Alexander me apresentou como sendo uma das acionistas da sua empresa, o abraçou com intimidade demais, o que eu teria considerado uma saudação comum de velhos amigos, se não fosse pela forma insinuada como ela o encarava, sem ao menos disfarçar, o que conseguiu fazer com que a raiva fervilhasse em minhas veias. Certamente era a mulher a quem Lauren se referira uma vez, dizendo que vinha a casa de Alexander com o pretexto de trabalhar, quando na verdade o objetivo era dar em cima dele. Se ela agia assim na minha frente, mesmo depois de ele ter mencionado que eu era sua namorada, eu podia imaginar o que fazia quando estavam a sós no escritório.

Quando Alexander afastou-se de mim pela primeira vez, para conversar com um grupo de casais, Elizabeth veio me agradecer por ter levado Alexander a alertá-la sobre Logan. Percebi que ela parecia meio angustiada e deduzi que talvez estivesse sofrendo por descobrir que o homem com quem pretendia se casar se tratava de um assassino. Qualquer pessoa no lugar dela estaria sofrendo. Eu só podia esperar que encontrasse alguém melhor e ficasse bem.

Se os parentes de Alexander já eram bonitos, as amigas modelos de Christine então eram de tirar o fôlego. Cada uma mais deslumbrante que a outra, todas altas e magras, muito bem vestidas, a maioria acompanhada por homens mais velhos.

Abby, Cariel e Kristen, minhas pessoas preferidas da festa, foram os últimos a chegarem. Com o bom humor de sempre, Cariel encostou o dorso da mão na testa de Alexander, checando a sua temperatura só para ter certeza de que ele não estava delirando, a ponto de organizar uma festa em sua casa, o que me fez sorrir ao imaginar o impacto que todos teriam quando Christine aparecesse.

Todos os que foram convidados já haviam chegado, o terraço estava abarrotado de gente, quando Alexander aproximou-se do pianista, pediu que ele parasse de tocar e pegou o microfone para anunciar a chegada do grande momento.

— Boa noite a todos. — Começou ele, sua voz grossa e máscula enchendo o ambiente. — Em primeiro lugar, gostaria de agradecer pela presença de todos vocês esta noite e dizer que há uma razão para que estejam aqui. — Ele fez uma pausa, como se escolhesse as palavras. — É embaraçoso dizer isso, mas ao contrário do que todos acreditam, eu jamais fui um homem fiel à minha esposa Christine. Isso é uma coisa da qual me arrependo infinitamente, porque foi a minha infidelidade que causou aquele acidente horrível, que fez com que o carro dela incendiasse. — Houve uma enxurrada de murmúrios sussurrados em uníssono, por parte dos convidados — É isso mesmo que vocês estão ouvindo. Na noite em que sofreu aquele acidente, Christine estava indo para a casa do lago porque descobriu que eu estava lá com outra mulher. Portanto, eu fui o culpado pelo que aconteceu. Como uma forma de me punir, ela me pediu que a mantivesse escondida no porão da nossa casa durante todo esse tempo, me dedicando a cuidar dela dia após dia. — Houve outra enxurrada de murmúrios, desta vez mais alta e alarmada, de modo que Alexander precisou alterar o tom da sua voz quando voltou a falar. — Christine não morreu naquele acidente. Ela sofreu uma lesão na coluna que a deixou paraplégica e sofreu queimaduras em setenta por cento do corpo, queimaduras que a deixaram completamente desfigurada. Por se recusar a ser vista naquele estado, ela me pediu para mentir, dizendo a todos que havia morrido. Durante esses três anos, ambos vivemos mergulhados no mesmo sofrimento, eu me afogando no meu próprio remorso, ela tentando desistir da vida que não tinha mais. Até que um anjo entrou em nossas vidas e conseguiu

convencê-la a voltar a viver. E graças a esse anjo, Christine desistiu de cometer suicídio e decidiu melhorar. É por isso que vocês estão aqui esta noite, para que saibam que, embora não completamente, ela esteve viva durante todo esse tempo. Por favor Christine, venha até aqui.

O silêncio que se instalou entre as pessoas atônitas era tão absoluto que pudemos ouvir o rangido da cadeira de rodas de Christine, quando ela surgiu da sala e avançou pelo terraço, com Jack caminhando ao seu lado.

O mundo parecia haver parado, as pessoas pareciam congeladas, petrificadas, durante os dois minutos que Christine levou para atravessar o terraço, conduzindo a cadeira elétrica até alcançar o lugar onde Alexander se encontrava. Recebeu o microfone da mão dele e falou:

— Oi gente! Estou viva!

O silêncio continuou predominando no ambiente por mais um instante, como se todos tivessem entrado em estado de choque, até que por fim, houve uma explosão de vozes alvoroçadas, quando pudemos ouvir frases como “minha nossa!”, “meu Deus!”, “meu Senhor!”, sendo proferidas com vozes mais alteradas que as outras.

Uma mulher morena, alta e magra, com a beleza e a postura de uma modelo de passarela, que se encontrava sentada em uma das mesas da frente, próxima a Christine, foi a primeira a se levantar para ir cumprimentá-la com um abraço demorado. Depois disso, praticamente todas as pessoas presentes dirigiram-se a ela, cumprimentando-a, como se precisassem tocá-la para ter certeza de que ela era real, algumas a abraçavam forte, todas disputavam a sua atenção.

Foi necessário que Alexander intervisse, pedindo que as pessoas voltassem aos seus lugares, para que Christine pudesse falar e quando a plateia chocada acalmou os seus ânimos, voltando a assentar, ela retomou o microfone.

— Acho que devo desculpas à maioria de vocês, por ter mentido durante todo esse tempo. Acontece que eu fiquei tão deformada depois do acidente, que quando uma criança me via na rua, saía correndo apavorada, achando que eu era um monstro e eu não queria que vocês me vissem assim. Eu realmente me considerei morta durante esses três anos e graças a duas pessoas maravilhosas, que surgiram em meu caminho, voltei a me apaixonar pela vida. — Ela pousou a mão na lateral do braço de Jack. — Uma dessas pessoas é Jack, que com o seu amor infinito me mostrou que a aparência não é tudo na vida, há valores muito mais significativos. Emily venha aqui, por favor. — Ela gesticulou em minha direção, chamando-me, e timidamente fui me colocar ao seu lado. — A outra pessoa é Emily, o anjo de quem Alexander falou, a principal responsável por eu estar aqui agora. Jamais vou encontrar palavras com as quais possa agradecer a dedicação que ela teve comigo, o carinho que me deu, a determinação em me convencer a voltara a viver. Obrigada, Emily. Tenho que agradecer também a Alexander, por ter cuidado de mim durante todo esse tempo, por ter reconhecido o seu erro e pago por ele. — Ela olhou nos olhos de Alexander, antes de continuar. — Se você ainda se sente culpado, mesmo que seja um pouco, não se sinta. Você está perdoado.

Desta vez, a explosão da plateia se manifestou em forma de aplausos e Christine deixou o seu lugar para se juntar aos convidados, que continuavam disputando a sua atenção, só que dessa vez sem a sufocarem como antes.

Alexander e eu nos acomodamos à mesa onde estavam Kristen, Cariel e Abby, todos ainda boquiabertos, completamente chocados.

— E esse tempo todo eu achando que você se tornou uma pessoa amarga porque havia perdido a mulher que amava, quando na verdade você a traía. — Foi Cariel quem falou, ainda de queixo caído, os olhos fixos em Christine, que se encontrava em uma mesa mais adiante, rodeada de gente, com Jack sempre ao seu lado.

— Não pense que eu me orgulho disso, cara, pelo contrário. Se eu pudesse voltar no tempo teria feito tudo diferente. E pode acreditar que eu paguei pelo meu erro, se quiser, tome isso como lição e jamais

traia a mulher com quem se casou.

— Eu jamais trairia a mulher que amo.

— Agora eu entendo isso, porque só agora aprendi a amar. — Alexander me lançou um olhar apaixonado. — Mas antes eu não sabia. Na verdade, eu nunca amei Christine. Me casei com ela por causa da gravidez.

— Estou perplexa com essa história. Agora entendo porque você sempre me pareceu tão triste, misterioso e tão fechado. — Foi Abby quem falou. — Devia ter dividido esse segredo conosco. Nós teríamos ajudado, pelo menos teríamos dado apoio nos momentos mais difíceis.

— Eu prometi a Christine que jamais falaria. Tinha essa dívida com ela.

— Eu sempre achei que vocês eram meio loucos, agora tenho certeza. — Kristen falou e os dois irmãos mais velhos a repreenderam ao mesmo tempo.

O pianista voltou a tocar e a festa seguiu como deveria, com os garçons servindo champanhe gelado e petiscos, as conversas se tornando mais soltas e fluídas à medida que o álcool ia causando seu efeito nas pessoas.

Quanto a mim, só queria que tudo acabasse logo, que todos fossem embora para que eu pudesse ficar a sós com o meu amor.

Por volta de uma hora da madrugada, todos já estavam embriagados, quando Alexander sumiu. Eu não teria ficado tão aflita se estivesse vendo Charlize, mas ela havia desaparecido também. Imaginar que os dois pudessem estar juntos, me pareceu mais doloroso que a morte.

Procurei em todos os cômodos da casa, nas salas, na cozinha, nos banheiros e até no andar de cima. Já começava a ficar desalentada quando me lembrei do jardim dos fundos, para onde me dirigi. Ao abrir a porta de trás da cozinha, antes mesmo de sair, pude ouvi-los conversando, do lado de fora, próximos à parede, sem notarem a minha presença.

Meu primeiro impulso foi de ir até lá e armar um escândalo, mandar aquela vadia sair de perto do homem que eu amava, mas consegui me conter e prestar atenção no que eles diziam.

— Eu não sei mais o que fazer com esse sentimento, Alexander. Sei que não é culpa sua não me corresponder, mas você bem que podia ter me dado uma chance. Foi bom o que aconteceu entre nós, aliás foi inesquecível e sei que você também gostou, mas quando escolheu uma pessoa para viver ao seu lado, foi quase uma completa estranha. — Charlize falava, com a voz melosa, ligeiramente trêmula.

Putá merda! Então havia acontecido alguma coisa entre eles. Ela não dava em cima dele em vão.

— Emily não é uma estranha. Ela é a mulher que eu amo. Sinto muito não ter sido com você, mas não escolhemos por quem nos apaixonar.

— Ela não merece você, é só uma stripper, não está à sua altura. Com o tempo você vai perceber isso e se arrepender por ter assumido essa relação.

Precisei me segurar para não ir até lá e arrancar os olhos daquela vadia.

— Não perca seu tempo com palavras idiotas. O que aconteceu entre nós foi sexo e nada mais. Com Emily é diferente. Ela é a mulher que eu escolhi para passar o resto da minha vida. Conforme-se com isso.

Eu estava nervosa, com o sangue fervendo de raiva, a ponto de ir até lá quebrar a cara daquela idiota e dizer que deixasse o meu homem em paz, mas antes que eu tivesse tempo de sair do lugar, meu celular vibrou na minha bolsinha de mão. Era uma chamada de Abby.

Voltei para dentro da casa antes de atender.

— *Emily, você precisa me ajudar.* — Disse ela, no instante em que atendi. Tinha a voz carregada de aflição, tão diferente que só não duvidei de que fosse ela porque reconhecia o seu número, inclusive tinha uma foto de nós duas, tirada na ilha Kirsten, como sua foto de contato.

— O que houve? Você está bem?

— *Eu não estou bem. Cariel me bateu. Por favor, não conte isso a ninguém. Estou morrendo de*

vergonha, me sentindo totalmente humilhada. Tem uma mancha roxa no meu rosto. Estou aqui fora, na rua, na frente da casa. Por favor, venha até aqui, eu preciso conversar com alguém. — Ela falava depressa, aflita, sobressaltada.

Meu Deus! Como assim Cariel havia batido nela? Os dois eram completamente apaixonados, podia-se perceber isso de longe. Algo muito grave devia ter acontecido para que ele perdesse o controle desta forma.

— Não saia daí. Estou indo agora mesmo.

— *Por favor, por favor, não traga ninguém com você, estou um trapo, com uma mancha de porrada no rosto. Não quero que mais ninguém me veja assim. Não conte para Alexander.* — Ela parecia desesperada e imediatamente me compadeci da sua angústia.

— Fica tranquila não vou contar para ninguém. Já estou chegando aí.

Guardei o celular de volta na bolsa e fui direto para a saída, apressadamente. Do lado de fora, ainda no estacionamento, encontrei apenas os seguranças que insistiram em tentar me seguir, de modo que precisei ser firme ao afirmar que não viessem atrás de mim. Abby se sentiria ainda mais humilhada se eu chegasse lá com aquele bando de homens desconhecidos e mal-encarados para testemunharem o que ela passava. Então, sozinha, caminhando o mais depressa que os saltos finos das minhas sandálias me permitiam, atravessei todo o jardim e os portões da frente.

Surpreendi-me ao encontrar Elizabeth ao invés de Abby do lado de fora, na rua.

— Ah, que bom que você está aqui. — Disse ela, ao me ver. — Abby me ligou, parecia desesperada, pediu que eu esperasse aqui, para que fôssemos encontrá-la juntas. Coitada está muito machucada.

Perguntei-me porque Abby disse a ela que havia me ligado, mas não disse a mim que havia ligado para ela também e antes que eu tivesse tempo de entender o que acontecia, Elizabeth segurou minha mão e saiu me puxando rua abaixo, com pressa, na direção de uma limusine toda preta, que se encontrava estacionada no acostamento, mais adiante.

— Cadê ela? — Indaguei, observando a rua completamente deserta e silenciosa, um calafrio na espinha anunciando-me um mau presságio.

— Está nos esperando na limusine. Vamos até lá.

Ao alcançarmos o luxuoso veículo, Elizabeth abriu a porta de trás, me empurrou para dentro, entrou e em seguida fechou a porta. Abby não estava lá, a menos que estivesse na cabine do motorista, atrás do vidro escuro que nos impedia de enxergar do outro lado.

— Onde está Abby?

Elizabeth não respondeu. Estava sentada no banco diante de mim, com a fisionomia completamente modificada, contraída de hostilidade.

Subitamente, meus instintos me avisaram que havia algo errado naquela história, só que antes que eu tivesse tempo de abrir a porta da limusine e sair, esta se colocou em movimento, em uma velocidade tão alta que se eu me arriscasse a pular me espatifaria no asfalto.

— Porra! Quer me dizer o que está acontecendo aqui? Para a merda desse carro agora! Eu quero descer! — Esbravejei, furiosa e ao mesmo tempo alarmada.

Aos poucos eu me dava conta de que havia caído em uma armadilha. Cacete!

— Cala essa boca vadia. Para de falar palavrão. — Disse Elizabeth, ríspidamente. — Aff! Alexander sempre gostou de pegar uma vagabunda, mas com você ele foi longe. Como tem coragem de levar uma stripper para morar com ele?

Quanto mais ela falava, mais o meu sangue fervia de raiva.

— Abby não está aqui, não é? Foi você quem me ligou.

— Até que enfim percebeu.

— Como conseguiu pegar o celular dela?

— Isso não vem ao caso. Só cala essa boca suja e fica quieta.

— O que pretende com isso?

— Você já vai saber.

— Para o carro agora! Eu quero descer!

Ignorando-me, ela tirou um maço de cigarros da sua bolsa e calmamente acendeu um, soltando uma baforada de fumaça que impregnou todo o interior do carro.

Perdendo as estribeiras, comecei a esmurrar o vidro que nos separava do motorista, enquanto gritava por socorro.

— Nem perca seu tempo. Você não vai sair daqui tão cedo.

— Eu te mostro se não vou.

Seguindo a um impulso incontrolável, avancei para cima dela, disposta a fazê-la engolir aquele cigarro, se não fizesse com que aquele maldito carro parasse. Segurei seus cabelos loiros com as duas mãos, e puxei bruscamente, jogando-a no chão, sem que ela tivesse agilidade bastante para reagir.

Foi nesse instante que a limusine parou e imediatamente corri para a porta, tão apressadamente que quando a esta foi aberta, pelo lado de fora, colidi de encontro a uma rocha sólida, tão bruscamente que fui lançada para trás. Mas não era uma rocha, era Logan, que calmamente entrou no veículo e se acomodou em um assento, fazendo com que o carro se movimentasse novamente, com apenas uma ordem sua.

CAPÍTULO XXIX

O terror que me invadiu naquele momento foi tão absurdo que me deixou completamente paralisada, incapaz de qualquer reação. Tudo o que consegui foi me sentar de volta no assento, diante do assassino que logo acabaria comigo, meus olhos arregalados, vidrados no rosto dele, minha mente turva lutando contra o torpor causado pelo medo, que insistia em me invadir.

Imaginar a dor física da morte e o que viria depois dela, era mais aterrador do que um dia pude supor em meus piores pesadelos e eu tinha certeza de que minha vida chegava ao fim, como a de Trinity e do dono do clube. Não havia a mínima possibilidade de eu escapar sozinha da fúria mortal de Logan e ninguém que pudesse me ajudar. Ninguém sabia onde eu estava, ninguém me viu saindo da casa, tampouco entrando na limusine. Eu estava realmente perdida. Logan havia pensando em tudo quando armara aquela cilada para me raptar e acabar comigo, a última testemunha de um crime que ele cometeu. O meu fim era uma certeza e o que mais me doía nisso era saber que nunca mais veria Alexander. Sequer tive a chance de me despedir dele.

— Feliz em me ver? — Indagou Logan, fritando-me com seus olhos castanhos apavorantes, um risinho bizarro brincando em seus lábios, sua voz horripilante puxando-me de volta para a realidade.

— O que você vai fazer comigo? — Empurrei as palavras através do nó que se formava em minha garganta.

— O que você acha que vou fazer com você?

— Você não precisa me matar. Eu juro que desminto tudo o que disse à polícia. — Supliquei, meu sangue gelando nas veias.

Logan sorriu ainda mais amplamente, de um jeito bizarro, sem que seu olhar acompanhasse o gesto.

— Tarde Demais gatinha. Você não devia ter se metido com um homem como eu. Sinceramente ainda não consegui entender que você estava pensando quando fez isso.

— Eu não queria fazer isso, eu juro. Estou arrependida. Por favor, não me mate. Eu não quero morrer.

— Deixa de ser dramática garota. Ninguém aqui vai te matar. — Elizabeth falou.

Ela já estava recomposta da queda que lhe dei, elegantemente acomodada em um assento, fumando outro cigarro. — Nós vamos apenas te dar um susto, para que você aprenda a nunca mais inventar histórias sobre as pessoas por aí. O que você fez não foi certo.

Inventar histórias? Como assim? Ela não sabia que Logan era um assassino?

— Eu não inventei nada. Tudo o que disse é verdade. Logan realmente matou aquela garota e depois matou o dono do clube.

— Não precisa mais inventar mentiras, Emily. Elizabeth me conhece, sabe o caráter que tenho e já sabe porque você está mentindo. Alexander e a polícia podem acreditar nas suas invenções, mas Elizabeth não vai cair nessa. Então desista.

Ah, minha nossa! Ela realmente acreditava que ele era inocente. Como podia ser prima de Alexander e ao mesmo tempo ser tão burra? Por outro lado, se eu conseguisse fazer com que ela acreditasse em mim, talvez tivesse alguma chance de escapar. Era minha única chance.

— Presta atenção, Elizabeth. Eu não inventei essa história e não estou mentindo agora. Ele realmente matou aquela garota. Junto com um segurança, ele nos contratou para uma dança particular, estava transando com ela em cima do palco quando apertou a garganta dela até a morte, bem na minha frente. Depois assassinou o dono do clube porque ele o ajudou a tirar o corpo dela de lá. E agora quer me matar por ser a última testemunha.

— Nossa! Você tem a imaginação fértil. Alexander caiu na sua ladainha, mas comigo isso não cola.

Você inventou tudo isso porque deu em cima de Logan na ilha, durante o casamento de Cariel, e ele não quis você. Antes mesmo que ele me contasse o que estava acontecendo, eu já havia percebido como você eu o olhava durante a recepção. Você não vale nada. Inventa calúnias sobre um homem, só porque ele não quer te comer. Como pode ser tão baixa?

Forcei minha mente a trabalhar depressa, em busca de uma forma de convencê-la da verdade, antes que fosse tarde demais.

— Eu não estou inventando nada. Seu noivo estava transando com Trinity enquanto apertava a garganta dela. Pensa bem, Elizabeth, quando ele transa com você, não aperta sua garganta? Não é disso que ele gosta?

Um vislumbre de esperança surgiu no meu interior quando os olhos dela se deslocaram rapidamente para o rosto de Logan, claramente alarmados e desconfiados.

— Não dê ouvidos a essa vadia, querida. Ela deve ter ouvido histórias sobre nós dois. Está tentando jogar você contra mim. Você me conhece, sabe que eu seria incapaz de fazer o que ela está dizendo.

— E não é só isso. — Continuei, sufocando o medo em algum canto dentro de mim, forçando minha voz a soar firme. — Além de ter te traído, de ter assassinado aquela garota e o dono do clube, ele me disse que casar com você é o maior negócio da vida dele. Você quer provas? Tenho mensagens dele no meu celular. — Enfiei a mão na bolsa em busca do celular, porém, antes que tivesse tempo de pegá-lo, Logan acertou minha face com um golpe violento da sua mão, o que me fez ver todo veículo girar a minha volta, enquanto lutava para não perder a consciência.

Pelo menos havia conseguido fazer com que Elizabeth ficasse ainda mais desconfiada, ao vê-lo tomando a bolsa da minha mão.

— Já chega dessa conversa. Vamos terminar logo com isso. — Esbravejou ele, asperamente, enquanto Elizabeth o observava completamente desconfiada. Talvez no fundo já tivesse tomado consciência de que ele estava mentindo, apenas ainda se recusava a acreditar. — Querida vou deixá-la em casa antes de levar essa vagabunda para o outro lado da cidade e abandona-la lá mesmo, com a roupa do corpo, para ser violentada durante a madrugada por algum vagabunda da laia dela. É o mínimo que ela merece por ter inventado tantos absurdos a meu respeito.

— Eu quero ir com vocês. Nós dois a deixamos lá e na volta você me deixa em casa. — Elizabeth exigiu, para o meu mais profundo alívio.

— Você não está desconfiando de mim, não é Elizabeth? — A voz de Logan possuía um macabro tom de ameaça, que eu já conhecia bem e que pareceu não surpreender Elizabeth.

Ali, tive certeza de que ela já não duvidava da verdade.

— Claro que não meu amor. Só quero te ajudar até o final, pois te ajudei a começar com isso. Mas se você está falando a verdade, se pretende apenas deixar lá e mais nada, não há problema em eu ir com você, não é mesmo?

Alexander a observou por um breve instante de silêncio, depois desviou o seu olhar para o meu rosto e aquele risinho bizarro se manifestou novamente os seus lábios. Voltou a olhar para Elizabeth e balançou a cabeça antes de falar.

— Você não precisava saber de nada disso. Podia ter ficado de fora de toda essa sujeira. Mas agora que sabe, vai ter que me aceitar como eu sou. Eu matei mesmo aquela vadia no clube, mas foi o infeliz acidente. Eu não queria fazer aquilo. Depois tive que mandar matar o dono do estabelecimento para livrar minha pele. Esse é o homem com quem você vai se casar e não há nada que você possa fazer para me modificar.

Elizabeth o observava pálida, com os olhos arregalados de pavor.

— Manda o motorista parar o carro agora. — Disse ela. — Eu quero descer e a garota vem comigo.

— Sinto muito dizer que esta não é uma opção. Essa vagabunda sabe muito sobre mim. Ela teria ficado viva se tivesse mantido a boca fechada, mas agora tem que morrer. Só espero que você não se vire contra

minim também, querida, porque eu realmente quero me casar com você e nem é por causa do boquete gostoso que você faz, é por causa das suas terras mesmo.

— Para a porra desse carro agora! — Desta vez Elizabeth gritou e esmurrou o vidro preto que nos separava do motorista.

Foi então que o pior aconteceu. Com a agilidade de um assassino profissional, Logan sacou uma pistola com silenciador de dentro do seu paletó, apontou-a direto para o peito de Elizabeth e disparou. Antes que eu tivesse tempo de reparar se ela estava viva ou morta, ele a segurou pelo decote do vestido, arrancou-a do seu lugar, abriu a porta da limusine e a atirou para o lado de fora, fechando a porta em seguida.

O pavor que me tomava era tão absurdo que tirou minha capacidade de pensar. Tudo o que eu conseguia era gritar, desesperadamente, olhando para arma, que ele voltara a guardar, esperando que o próximo tiro me atingisse.

— Cala essa boca, se não quiser ser a próxima! — Imediatamente, me calei, sem conseguir conter o tremor violento que se instalara em meu corpo. — Espero que você valha o sacrifício que acabei de fazer, o grande negócio que acabei de perder. As terras dela eram perfeitas para construção de mais uma fábrica, mas a vontade de te comer foi maior que a minha capacidade de te matar antes que você estragasse as coisas. Você tem que foder muito gostoso comigo para compensar todo o trabalho que estou tendo.

Ele continuou falando, de forma ameaçadora, só que eu mal o ouvia, meu sistema nervoso estava abalado demais, envolto por uma espécie de torpor, minha mente em choque, me impedindo de pensar em qualquer coisa que não na possibilidade de que Elizabeth pudesse ter escapado daquele tiro e conseguido chamar a polícia. Era uma possibilidade muito pequena, mas a única esperança à qual eu podia me agarrar.

Ela precisava estar viva, ou pelo menos ter permanecido consciente até ter tempo de ligar para alguém, era minha única chance de sobreviver à fúria daquele animal.

Como se ao longe, ouvi quando Logan deu a ordem ao motorista, do lado de lá do vidro escuro, para que nos levasse para Melbourne.

Minha nossa! Como Alexander, ou a polícia, iam me encontrar se ele me levasse para outra cidade? Eu estava mesmo ferrada.

— Sabe, é curioso como, com tantas mulheres lindas dando mole por aí, eu tenha adquirido essa obsessão por você. — Logan continuava falando.

“Alexander meu amor, venha me procurar.” Disse a voz em minha mente.

— Se realmente existe essa coisa de paixão entre um homem e uma mulher, deve ser o que sinto por você. Desde aquela noite em que você ficou me observando foder a sua amiga, eu fico de pau duro toda vez que penso em você.

“Você disse que me protegeria, que nada de mal me aconteceria, caso eu denunciasse Logan à polícia e agora ele vai me matar”.

— E isso só piorou quando vi você trepando com Alexander naquela praia. O jeito como você gemia, como se contorcia em cima dele. Juro que quase fui até lá e pedi a ele que a dividisse comigo, mas o cara estava apaixonado, não dividiria.

“Mas eu não culpo você, não vou te culpar como Christine fez. Eu sei que você teria feito de tudo para evitar o que está acontecendo agora. Teria dado a sua vida para salvar a minha. Isso não é culpa sua. Eu te amo. Jamais vou deixar de amar e jamais vou te culpar pela minha morte”.

— Fala alguma coisa gatinha. Parece que ficou muda.

— Vai para o inferno babaca. Eu prefiro que você me mate, antes de me fazer sua.

Os lábios dele se dobraram em um sorriso largo, sem que seu olhar frio de assassino acompanhasse o gesto.

— Eu tenho uma casa nas montanhas perto de Melbourne, é para onde estou te levando. O melhor de lá é que é tão isolado, que você pode gritar o dia inteiro e ninguém vai te ouvir, mas você vai gostar. Lá será o seu novo lar, pelo menos até que eu me canse de você, claro. E se você me rejeitar quando eu for te possuir, vou te bater tanto, te fazer sentir tanta dor, que você vai implorar para ser minha só para que essa dor acabe e mesmo assim, eu não vou parar de te bater. Vou te levar ao ponto de ficar nua e de pernas abertas em cima da cama, me esperando chegar a casa. Vou te torturar de forma tão dolorosa, que quando eu falar para você gozar no meu pau, você vai delirar e ter orgasmos múltiplos só para evitar a dor que sou capaz de te infligir. Mas eu posso ser muito bom também, isso só vai depender de você, da forma como vai agir comigo. Se for uma boa garota, eu serei um bom amante. Só tenha certeza de uma coisa: você nunca mais vai sair daquela casa, a não ser que esteja morta.

Quanto mais ele falava, mais o terror crescia dentro de mim, a ponto de o meu corpo tremer ainda mais descontroladamente, meu estômago revirando, ameaçando colocar tudo para fora.

— Pode me matar agora e poupar todo o trabalho de me bater, porque nem toda a dor do mundo vai me fazer te aceitar.

— E perder toda a diversão? Não mesmo gatinha. Você vai ser minha e vai ser bem mansinha, bem gostosinha, não importa quanto tempo isso demore. Até lá, posso te pegar de um jeito mais selvagem só para saciar essa fome que sinto por você.

Cogitei seriamente avançar para cima dele, atacá-lo até que ele não tivesse outra opção que não me dar um tiro na cabeça. Estava elaborando esse plano, quando subitamente ouvimos o som de um helicóptero aproximando-se e o vi ficando alarmado, ao mesmo tempo em que um vago vestígio de esperança se manifestava dentro de mim, inundando minha alma.

Sobressaltado, Logan abaixou o vidro negro que nos separava da cabine do motorista e reconheci o homem ao volante, o mesmo que estava com ele quando assassinara Trinity.

— Que helicóptero é esse? Está nos seguindo? — Logan indagou.

— Parece que está, Senhor. Acho que é a polícia.

— Merda! Aquela vadia não deve ter morrido com o tiro.

Elizabeth! Graças a Deus ela havia conseguido chamar ajuda.

Não demorou muito para que sons fonéticos de várias sirenes de viaturas policiais se fizessem audíveis, aproximando-se rapidamente.

— A polícia está nos seguindo, senhor o que devo fazer? — O motorista parecia aflito.

— Pisa fundo. Não deixa eles nos alcançarem.

— São muitas viaturas. Estão nos seguindo também pelo ar.

— Foda-se. Aumenta a velocidade e nos distancie deles.

Já havíamos deixado o perímetro urbano de Sydney, de modo que a estrada se encontrava praticamente deserta, com apenas algumas fábricas às margens da rodovia e pouca movimentação de carros. O motorista acelerou de forma tão exagerada que o carro praticamente voava sobre o asfalto, mas nem mesmo a altíssima velocidade foi capaz de despistar a polícia, o helicóptero continuava em nosso encalço, as viaturas aproximavam-se rapidamente.

— Se entrega logo cara. — Falei — Será que você não percebe que não tem como escapar? A polícia de Melbourne já deve ter sido acionada também. Devem estar nos esperando antes da divisa.

Me arrependi por ter aberto a boca no instante em que a fechei. A expressão com que Logan me encarou era quase mortal e foi capaz de fazer o meu corpo tremer ainda mais.

— Isso tudo é culpa sua, vagabunda! Se tivesse ficado de boca fechada, nada disso estaria acontecendo. — Ele enfiou sua mão dentro do paletó e empunhou sua arma. — Não vou deixar que me prendam. Prefiro que me matem e se eu morrer, vou levar você comigo.

Merda! Quando eu pensava que as coisas estavam melhorando, elas pioravam.

Alguns quilômetros mais adiante, os policiais que se encontravam no helicóptero começaram a falar

através de um autofalante, a voz masculina nos alcançando alta e clara.

— Sr. Logan Cooper, aqui é a polícia. Sabemos que está neste veículo. Peça ao seu motorista que pare imediatamente e se entregue. — Foi o que disseram. Como não obtiveram qualquer resposta, continuaram repetindo aquilo. — Entregue-se Sr. Cooper, ou seremos obrigados a atirar.

Pela primeira vez desde que o conheci, vi Logan perder o autocontrole. Aquele sorriso bizarro, que carregava constantemente nos lábios, já não existia mais, sua fisionomia estava assustadoramente contraída, os olhos expressavam uma fúria descomunal. Ele estava tão descontrolado, que batia a arma na própria cabeça.

— Vagabunda. Se tivesse ficado comigo aquela noite nada disso estaria acontecendo. É tudo culpa sua. Eu posso até ser morto, mas levo você comigo.

— Ainda não é tarde. Você pode se entregar. Você é um homem rico, pode pagar advogados e sair da prisão em algum tempo.

— Cala essa boca! Você acha mesmo que um homem como eu vai tolerar ficar na cadeia? Já bastaram os dias que fiquei lá por sua causa. Você se tornou a minha ruína.

Os policiais continuaram insistindo, através do autofalante, para que ele parasse e se entregasse. Em vez de obedecer, Logan abriu o pequeno espaço na capota do carro, agarrou-me pelo pescoço, por trás, apontou a arma para a minha cabeça e nos colocou para fora do carro, da cintura para cima. Como não podia ser ouvido, fez alguns gestos rápidos, com a mão que segurava a arma, dando a entender que eu era a sua refém e que me mataria caso não o deixassem escapar.

Os breves segundos em que estivemos expostos para fora da limusine, parecerão se arrastar em horas, tamanho era o temor dentro de mim, de que os policiais disparassem e me acertassem também.

De volta ao interior do veículo, os policiais continuaram ameaçando, discordando terminantemente em deixá-lo escapar, mesmo que ele me mantivesse como sua refém.

— Você não devia ter tentado me fazer de refém. A polícia não dá a mínima para a vida de uma dançarina de boate.

— Cala essa boca! — O grito partiu alto e descontrolado.

— Senhor, há uma barreira policial logo adiante. Tenho que reduzir ou vamos bater. — O motorista declarou, enquanto reduzia, pouco a pouco, a velocidade.

— Não reduza de forma alguma! Eles vão sair da frente quando perceberem que não vamos parar.

Talvez movido pelo pânico, o motorista desobedeceu ao seu chefe e foi reduzindo à medida que se aproximava da barreira. Estávamos a poucos metros de distância, quando os policiais dispararam os primeiros tiros contra nós, nos pneus, fazendo com que o carro perdesse o controle e começasse a girar sobre o asfalto. Só então percebi que o motorista havia levado um tiro bem no meio da testa e não controlava mais o volante.

O carro deu várias voltas sobre o asfalto, até que por fim saiu da estrada e só não capotou porque batemos em uma árvore, um violento solavanco nos arremessando bruscamente para todos os lados.

Fui lançada para várias direções dentro do carro, como uma bola de gude sendo chacoalhada dentre de uma garrafa, até que, por fim, quando o carro parou, bati a cabeça de encontro a uma das paredes, com força demais e quase perdi os sentidos. Enquanto lutava para manter-me consciente e tentar fugir dali antes que fosse tarde, as mãos grandes de Logan me agarraram e me levantaram do chão, sem que eu encontrasse forças para reagir. Ele me colocou diante do seu corpo, como um escudo, passou um braço em torno do meu pescoço, e encostou o cano da arma na minha cabeça com a outra mão, para assim deixar o carro, cautelosamente, as costas apoiadas na lataria, meu corpo entre ele e as dezenas de policiais armados que se encontravam do lado de fora das viaturas paradas no meio da estrada, os faróis e as armas voltados em nossa direção.

— Abaixem as armas ou mato ela! — Logan gritou e os policiais gritaram de volta, ameaçando atirar nele caso não largasse a arma.

Em meio à confusão que a semiconsciência me causava, eu piscava os meus olhos tentando focar as pessoas à nossa frente, as quais pareciam vultos negros diante dos faróis brilhantes das viaturas, até que a voz familiar e amada de Alexander me alcançou e a vida apareceu voltar ao meu corpo, meu sangue fluindo quente nas veias, meu coração batendo acelerado no peito.

— Emily, vai ficar tudo bem. — Disse ele e finalmente consegui enxergá-lo em meio aos policiais. Estava ao lado de Abby e Cariel.

Entrei em pânico ao imaginar que se acontecesse um tiroteio ele poderia ser atingido. Eu suportaria perder a minha vida, mas não suportaria seria perdê-lo.

— Sai daqui, Alexander. Deixa que a polícia resolve isso. Vai embora daqui. — Gritei, com todo meu desespero.

— Não vou a lugar nenhum sem você. — Ele falou, ao mesmo tempo em que se aproximava um passo de nós.

Por Deus! O que ele pensava que estava fazendo?

Logan e os policiais continuavam trocando ameaças. Logan afastava-se vagarosamente para um dos lados, dando um passo de cada vez, levando-me junto. Dava a entender que pretendia contornar a limusine e tentar fugir, o que garantiria que fôssemos baleados, visto que estávamos na mira de muitas armas e os policiais não hesitariam em atirar.

Entretanto, não era isso que me apavorava, mas sim ver Alexander se aproximando de nós aos poucos, despercebidamente, se colocando na mira do monstro que me segurava por trás. E o pior era que se eu pedisse a ele que parasse, alertaria Logan sobre sua proximidade.

Estávamos quase alcançando a traseira do carro, Alexander estava cada vez mais perto, sem que, em meio a toda aquela confusão, nem os policiais, nem Logan, percebessem suas intenções.

Como já era esperado, os policiais engatilharam suas armas, prontos para dispararem e foi nesse instante que Alexander avançou em disparada em nossa direção, só que antes de nos alcançar, Logan notou sua presença e apontou o revólver para ele. Nesse momento, meu coração quase parou de bater, um grito surdo escapando da minha garganta concomitante ao tiro que era disparado pelo animal que me segurava, o estampido ensurdecendo-me.

Como se assistisse às imagens em câmera lenta, vi o homem que eu amava sendo atingido pela bala, na altura do abdômen e lentamente caindo no chão, primeiro de joelhos, com seus olhos arregalados fixos em meu rosto, como se tentasse se certificar de que havia conseguido alcançar o seu objetivo de me libertar da morte, e por fim caiu de bruços, imóvel, quando tive a sensação de que uma parte de mim era arrancada.

Embora não conseguisse ouvir ou enxergar mais nada, tive quase certeza de que os policiais também atiraram, pois em um momento o braço de Logan continuava firme em torno do meu pescoço e no instante seguinte ele era arremessado para trás, quando pude finalmente me libertar e correr ao encontro de Alexander.

Com a minha alma despedaçada, sentei-me no chão ao seu lado, o virei de frente e apoiiei sua cabeça sobre minhas pernas, quando pude ver seus olhos fechados, o sangue jorrando abundantemente do ferimento em sua barriga e fui tomada por uma angústia devastadora, a dor de mil pontas de punhais perfurando minha pele, invadindo-me.

— Alexander abra os olhos, pelo amor de Deus. Você não pode morrer. Não pode fazer isso comigo.

O som da minha voz pareceu resgatá-lo e seus olhos lindos se abriram, com dificuldade, quando então, uma torrente de lágrimas transbordou pelo meu rosto, desenfreadamente.

— Me desculpa, me perdoa por isso. Eu prometi que te protegeria, que nada de mal te aconteceria e falhei com a minha promessa. — Alexander balbuciou, a voz fraca, os olhos sonolentos.

Afundi meus dedos em seus cabelos curtos e macios e os acariciei.

— Você não falhou com sua promessa. Eu estou bem, estou viva graças a você.

Nem percebi quando Abby e Cariel aproximaram-se de nós, Cariel ao telefone, pedindo por uma ambulância, Abby agachada ao lado de Alexander, examinando o ferimento em seu corpo.

— Eu não devia ter deixado ele te pegar. Devia ter te protegido. Me perdoa meu amor.

— Não foi culpa sua. Nem por um instante deixe que isso passe pela sua cabeça.

— Foi minha culpa, eu não devia ter o deixado colocar aquelas mãos sujas em você.

— Pode parar de falar por enquanto, garanhão. Você precisa descansar. Temos um ferimento bem profundo aqui. — Foi Abby quem falou.

Ela havia rasgado um pedaço da camisa dele e pressionava o tecido branco sobre o ferimento, tentando estancar o sangramento.

— Me diz que ele vai ficar bem, Abby. — Exigi, sem conseguir parar de chorar.

— Ele está perdendo muito sangue. Precisamos levá-lo depressa ao hospital.

— Então vamos colocá-lo no carro agora mesmo e levá-lo.

— Não é assim que funciona. Temos que esperar a ambulância. Para que possamos ir cuidando do ferimento durante o percurso de volta, entende? No carro ele só perderia mais sangue por causa da trepidação e da falta de recursos médicos.

Fechei os meus olhos e fiz uma oração silenciosa enquanto ninava Alexander em meu colo, como se fosse um bebê. Ele não podia morrer. Não seria justo que sua vida se perdesse no lugar da minha, quando havia sido eu acometer a burrice de fazer uma dança particular para um assassino, em um clube noturno, o que resultou nos acontecimentos daquele momento.

Não demorou muito para que a ambulância chegasse, quando tive que me afastar de Alexander para que os paramédicos o colocassem na maca, embora em nenhum momento eu soltasse a mão dele. Antes de entrarmos no veículo médico, lancei um olhar para trás e me senti aliviada ao ver o corpo ensanguentado de Logan, estendido no chão, ao lado da limusine, sem que ninguém se aproximasse sequer para checar se ainda havia algum vestígio de vida nele.

O dia começava a amanhecer quando chegamos ao Hospital Geral de Sydney, onde Alexander foi levado direto para a sala de cirurgia. Abby era cirurgiã, mas como médica conseguiu permissão para acompanhar todo o procedimento de perto, enquanto eu e Cariel ficamos esperando em outra sala.

— Não se preocupe, ele vai ficar bem. É um cara durão. Sempre foi. — Cariel falou, mas sua tentativa de me acalmar não funcionou, pois eu podia ver a expressão de aflição refletida em seu olhar.

— E Elizabeth, está bem?

— Infelizmente ela não sobreviveu.

— Ah, meu Deus! Eu sinto muito. Achei que tivesse sido ela a avisar vocês.

— Não, ela já caiu morta daquele carro. Nós ficamos sabendo de tudo quando Abby percebeu que o celular dela havia desaparecido. Há um rastreador naquele celular e também uma escuta. Nós ouvimos toda a conversa de vocês, inclusive quando Logan confessou os assassinatos e atirou em Elizabeth. — Só então, lembrei-me de que o celular de Abby havia ficado na limusine depois que Logan jogou Elizabeth para o lado de fora — É que eu e Abby tivemos alguns problemas com a máfia russa e estamos sempre precavidos.

— Graças a vocês eu estou viva. Nem sei como agradecer.

— Nós é que temos que agradecer a você, por devolver a vida ao meu irmão. Ele era uma pessoa muito diferente antes de te conhecer. Você o transformou, o tornou uma pessoa melhor, mas feliz. Mais até do que quando nossos pais ainda eram vivos.

— E ele me transformou. Me fez entender que o amor não existe apenas nas páginas dos livros e nos filmes, como eu imaginava.

A cirurgia de Alexander durou cerca de duas horas. Ao final, Abby veio nos comunicar que ele estava bem. A bala não havia atingido nenhum órgão vital e já tinha sido extraída. Alexander estava fora de perigo, embora ainda precisasse passar as próximas horas dormindo.

Ambos me convidaram para ir até o apartamento deles tomar um banho e descansar um pouco, enquanto Alexander dormia, mas me senti desencorajada a deixar o hospital, imaginando que ele poderia acordar antes da hora e se sentir abandonado por não encontrar ninguém ao seu lado. Eu queria estar lá quando ele abrisse os olhos, queria que soubesse o quanto eu o amava e o quanto era importante para mim. Então, concordei em esperar que Kristen viesse me trazer algumas roupas limpas, tomei algumas xícaras de café puro para despertar o sono e fiquei por ali mesmo.

Por volta do meio-dia, embora ainda estivesse dormindo, Alexander foi transferido da unidade de terapia intensiva para um quarto, onde pude ficar ao seu lado, junto com Kristen, que viera nos fazer companhia.

Sentei-me a uma poltrona ao lado do seu leito e me perdi na beleza magnífica do seu rosto, completamente relaxado, uma beleza tão magnífica que nem a palidez em sua pele conseguia reduzir. Observando-o tão calmo, com os olhos fechados, os cabelos ligeiramente emaranhados, me dei conta de que o amava muito mais do que havia percebido. Chegava a ser quase espantosa a imensidão do amor que sentia por aquele homem e não tinha dúvidas de que era correspondida, não apenas pelo fato de que ele se jogara na frente de um revólver para salvar a minha vida, mas porque eu não notava isso na forma como ele me olhava, como fazia amor comigo e em pequenas atitudes do dia a dia, as quais me davam a certeza de que ele seria meu pelo resto das nossas vidas.

Eu estava lá, hipnotizado, incapaz de desviar meu olhar do seu rosto, quando subitamente ele se moveu. Primeiro tentou abrir os olhos, como não conseguiu, os apertou com força e moveu a cabeça de um lado para o outro, tentou novamente e por fim focou o teto à sua frente, antes de desviar o olhar na minha direção e o fixar em meu rosto, suas duas piscinas azuis me deixando ainda mais fascinada.

— Olá. Como está se sentindo? — Indaguei, meus lábios curvados em um sorriso emocionado.

— Como quem foi atropelado por um caminhão. O que aconteceu? — Ele tentou se levantar, mas o impedi, segurando seus ombros com as duas mãos, apenas para que a pressão o fizesse me atender.

— Você passou por uma cirurgia, precisa ficar deitado por mais algum tempo. Fora isso está tudo bem. Graças a Deus você está fora de perigo. Agora me diz, o que você tinha na cabeça para se enfiar na frente do revólver daquele louco?

Se ele não tivesse acabado de ser operado, eu teria lhe dado umas boas bofetadas para que aprendesse a não me dar mais um susto daqueles.

— Eu só achei que seria menos doloroso levar um tiro do que perder você.

Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Não devia ter se arriscado dessa forma. Você acha mesmo que eu conseguiria continuar vivendo se você fosse assassinado?

— E aquele safado? O que aconteceu com ele?

— Felizmente está morto. A polícia deu um jeito nele.

— Melhor assim. Do inferno ele não pode mais sair. — Ele olhou para a camisola em seu corpo, depois percorreu os olhos ao redor. — Onde estão minhas roupas?

— Eu não sei. Devem ter ficado na sala de cirurgia. Mas não se preocupe com elas, você está muito sexy com essa camisolinha curta.

Alexander sorriu.

— Não estou preocupado com as roupas e sim com o que tem no bolso da minha calça.

— E o que tem lá? O número da sua conta bancária?

— Não. É algo mais valioso. Mas deixa para lá, eu te compro outro.

Neste momento Kristen, que havia saído para fazer um lanche, entrou no quarto e ao ver Alexander acordado avançou em sua direção, debruçando-se sobre ele para dar-lhe um abraço afetuoso.

— Finalmente você acordou, cara. Como se atreve a me deixar preocupado desse jeito?

— Me desculpe. Não foi a minha intenção te preocupar.

— Alexander pedindo desculpas. É mesmo o fim dos tempos. — Ela ergueu-se e entregou a ele uma caixinha preta de veludo quadrada e pequena. — Abby disse que encontrou isso nas suas roupas sujas de sangue e me pediu para te entregar.

Alexander recebeu a caixinha da mão dela e agradeceu, em seguida, voltou a me encarar, com um brilho indefinível nos olhos azuis.

— Era com isso que você estava preocupado? — Indaguei.

— Sim. — Ele entregou-me a caixinha. — Abra, é para você.

Curiosa abri a mimosa embalagem e fiquei sem palavras quando vi o anel com um diamante solitário.

— É lindo! — Falei, tomada pela emoção.

— Eu ia te dar ele ontem à noite, depois da festa. Não sei se isso é adequado, ou se o momento é propício, só sei que não posso mais esperar para que você seja minha. Estou te pedindo que se case comigo e seja minha para o resto das nossas vidas.

Continuei sem palavras, emudecida pela emoção.

— Se você quiser um tempo para pensar, eu vou entender.

— Eu não preciso de tempo algum. — Tirei o anel da caixinha e o coloquei em meu dedo. — Não há nada nesse mundo que eu poderia desejar mais que ser sua esposa.

Novamente as lágrimas marejaram os meus olhos. Eram emoções demais em um período de tempo tão curto. Seguindo esse sentimento e esquecendo-me de tudo mais, debrucei-me sobre Alexander, com cuidado para não tocar seu ferimento, e cobri sua boca com a minha, quando o beijo veio faminto e apaixonado, fazendo com que tudo fervesse dentro de mim. Sua mão grande segurou-me pela nuca, enquanto ele parecia tentar devorar minha boca e só conseguimos parar quando ouvimos Kristen batendo palmas aos pés da cama, com seu celular pendurado debaixo do braço. Seu rosto quase infantil estava iluminado de felicidade, um sorriso amplo estampado em seus lábios.

— Que maravilha! Eu sempre quis presenciar um pedido de casamento de verdade, consegui gravar tudo e vou colocar no meu canal do YouTube.

Alexander e eu nos entreolhamos embaraçados e sorrimos.

— Não se atreva a publicar esse vídeo, mocinha. — Alexander esbravejou.

— Ficou lindo. O sisudo Alexander se rendendo ao amor. O mundo tem que ver isso. Agora vou chamar o médico. É isso que se faz quando um paciente acorda. Apreendi com a Abby.

Kristen deixou o quarto e nós dois sorrimos ao mesmo tempo, voltando a nos encarar.

— Ela adora a Abby, não é?

— Sim, mas não quero saber disso agora. Quero beijar minha mulher. Vem cá.

Alexander tentou levantar-se novamente, mas antes que fizesse mais esforço do que podia, me debrucei sobre ele e coleí minha boca na sua, me rendendo a outro beijo demorado e apaixonado.

EPÍLOGO

Por Alexander.

Definitivamente eu nunca ia entender essa fixação que as mulheres tinham em querer se casar em uma ilha que ficava quase do outro lado do mundo. Ter o trabalho de voar durante horas, só para fazer uma cerimônia em frente ao mar, quando podiam simplesmente escolher uma capela na cidade, ou mesmo uma praia que ficasse perto de casa. Primeiro foi Abby a inventar essa história, agora Emily queria uma cerimônia igual, dali uns dias seria minha irmã caçula a inventar de se casar lá também.

Como as datas estavam próximas, o casamento de Christine e Jack seria realizado junto com o nosso, em uma única cerimônia, de modo que, mais uma vez, estávamos todos reunidos na ilha Kristen, como a grande família que havíamos nos tornado.

Aos olhos de quem não nos conhecia, podia parecer estranho que eu me casasse no mesmo dia que a minha ex-mulher, porém, embora a nossa história jamais fosse ser apagada e tivesse deixado marcas profundas em nossas almas, as mágoas e os ressentimentos haviam sido deixados para trás e nos tornamos grandes amigos.

A pedido de Emily, não convidamos muitas pessoas para o casamento, apenas as mais íntimas, como Meg e Lauren, que continuavam trabalhando conosco, mesmo depois que nos mudamos de casa. Uma mudança cuja ideia também partiu da minha linda noiva. De acordo com ela, a antiga casa era o cenário da minha história com Christine e precisávamos de um lugar só nosso, para construirmos a nossa própria história. Então, concordei e nos mudamos para uma moradia com praia particular, em outro bairro nobre de Sydney.

Essa mudança se tornou o início de uma nova etapa da minha vida, talvez a etapa mais feliz que já tive. Era assim a vida ao lado de Emily, ela conseguia me fazer feliz em todos os aspectos. Consequia ser a companheira leal, a amiga para todas as horas, a amante fogosa e apaixonada com a qual todo homem sonhava, a conselheira sincera para todos os assuntos. Nem em meus sonhos mais secretos eu imaginava que um dia pudesse amar uma mulher com tanta voracidade, como a amava. Que um dia alguém traria tanta luz e alegria aos meus dias. Ela chegara a minha vida de forma inesperada, quase desastrosa, e acabara se tornando uma parte essencial de mim mesmo, a parte que faltava para que eu me sentisse verdadeiramente completo. O que vivi antes dela, foi apenas um caminho cheio de espinhos que percorri até encontrá-la.

Os demais convidados eram Abby, Caryl, Kristen, Lisa e seu novo namorado Robert, algumas amigas íntimas de Christine e seus respectivos namorados. Tentei convencer Emily a convidar seus pais, mas ela se recusou. Não queria que eles fizessem parte de nossas vidas, só que eu estava determinado a convencê-la a mudar de ideia, com calma e paciência, porque ter pais era algo a que se devia ser grato.

Já estávamos na ilha há três dias, nos divertindo, fazendo farras, quando finalmente chegou o grande dia da cerimônia. Como as duas noivas preferiram não contratar uma equipe de estranhos para organizar as coisas, estávamos todos reunidos na frente do casarão, organizando pessoalmente os preparativos. Enquanto eu e os outros rapazes carregávamos mesas, cadeiras, plantas, pilastras e outros objetos pesados, as garotas se empenhavam em enfeitar o altar com ramos de flores brancas.

Observando-as de longe, percebi que conversavam muito mais do que trabalhavam, uma conversa animada durante a qual gargalhavam a todo momento.

Entre o grupo estava Abby, que parecia uma melancia redonda com o barrigão de oito meses de gravidez e Christine, que começava a tomar as formas arredondadas, devido à gravidez de cinco meses.

Só faltava Emily querer engravidar também, e embora não houvesse nada que eu pudesse desejar mais, preferia que ela concluísse a faculdade de Administração na qual ingressara recentemente, antes de se tornar mãe.

Embora eu as observasse com curiosidade em saber sobre o que tanto falavam, era de Emily que não conseguia desviar meu olhar, atraído, apaixonado, fascinado com o quanto conseguia ser sexy e elegante ao mesmo tempo, embora não tivesse consciência disso. Ela não tinha noção de que era capaz de deixar qualquer homem louco com sua alta estatura, sua pele de porcelana, sem qualquer imperfeição, seus cabelos negros e longos, que dançavam ao sabor do vento, emoldurando sua face bem desenhada e suas curvas bem acentuadas, com os quadris largos, a cintura bem fina e os seios fartos e empinados, os quais eram discretamente revelados pela saída de praia delicada que usava.

Cristiane disse alguma coisa e todas elas gargalharam ao mesmo tempo, antes de lançarem um olhar em nossa direção, no momento em que Jack e Cariel iam passando por mim, após carregarem, juntos, uma mesa pesada, na qual seria o servido o bufê.

— Sobre o que elas tanto conversam? — Indaguei, sem desviar meu olhar da direção delas.

— Se você que as observou durante dias, através daquela câmera escondida no porão, não sabe, nós é que não vamos saber. — Foi Jack quem respondeu.

Ao contrário do que muitos imaginaram, ele não tinha ido morar com Christine por causa do dinheiro que ela tinha. Prova disso foi o fato de que me pediu um empréstimo para abrir uma empresa de transportes e além de ter me pago em pouco tempo, estava indo muito bem nos negócios, de modo que a fortuna dela continuava intocada, por exigência dele. Ele vinha se mostrando um ótimo companheiro para ela, eu sabia disso porque jamais vi Christine tão feliz, nem mesmo quando éramos casados e ela vivia na ignorância de não saber o quanto eu a traía.

— Nem queira saber meu irmão. Aquilo é papo de mulher. Elas pensam que falamos delas, mas são elas que falam de nós. Contam para as outras sobre as nossas intimidades. — Foi Cariel quem falou e deu-me um tapinha no ombro.

— Será que contam mesmo?

— Pode apostar que sim. Provavelmente agora devem estar falando sobre o que fizemos com elas ontem à noite, depois do luau.

Lembrei-me do que Emily e eu fizemos na noite anterior e precisei jogar a barra da camiseta sobre a bermuda para esconder a ereção.

Cariel voltou para o interior da casa, a fim de ajudar o namorado de Lauren a carregar outras coisas, enquanto Jack seguia na direção das mulheres. Eu não ia deixar que ele ficasse perto de Emily sem a minha presença, não apenas porque ela era a garota mais sexy daquela rodinha, mas porque ainda não havia me esquecido da noite em que passei horas na janela, observando os dois trocarem beijos no jardim, durante uma festinha que ele dava na casa dos fundos, logo depois que ela foi trabalhar na minha casa. Então, abandonei o que fazia e me apressei em ir ao encontro dela.

— O que vocês fazem aqui? Podem ir terminar de carregar as mesas, e não se esqueçam de forrá-las com as toalhas que estão na caixa na sala. — Foi Abby quem disse, com tom de repreensão.

Abracei Emily por trás e plantei uma trilha de beijos em seu pescoço, quando pude sentir seu corpo delicioso estremecer todo entre os meus braços, o que conseguiu piorar a minha ereção.

— Viemos só ver como vocês estão. Já vamos voltar. Não é mesmo Jack? — Fiz com que o meu tom de voz parecesse uma intimação.

— Na verdade, estávamos curiosos para saber sobre que vocês tanto falam e sorriem. — Jack cometeu a burrice de dizer.

Como Cariel disse, o universo feminino era impenetrável para nós homens. Elas jamais nos contariam sobre o que conversavam.

Como resposta, elas se entreolharam e caíram na gargalhada.

— Vamos lá Jack. Há muitas mesas para carregar. — Intimei novamente e desta vez ele me seguiu de volta para a casa.

Finalmente a tarde havia chegado e junto com ela o horário da cerimônia. Eu estava em uma das suítes do casarão, junto com Cariel, pronto para a ocasião. Apesar de não ser a primeira vez que me casava, não conseguia evitar o nervosismo que me tomava, até porque desta vez era diferente. Quando me casei com Christine, foi por obrigação, pela negação em deixar que ela se tornasse mãe solteira de um filho meu. Com Emily eu me casava por amor, porque a queria comigo enquanto vivesse.

— Você quer que te traga um copo d'água com açúcar? — Cariel indagou, observando-me olhar pela janela a todo momento, checando se todos os convidados já estavam no local da cerimônia, se já havia chegado a hora de descer.

— Não preciso disso. Estou super calmo. — Menti e meu irmão mais novo sorriu.

Nesse momento, houve uma leve batida na porta antes que esta se abrisse e Emily entrasse, usando um espartilho branco rendado, meias calças e um pequeno véu na cabeça, da mesma cor.

— O que faz aqui? Não dizem que o noivo não pode ver a noiva antes do casamento? — indaguei.

— Não pode ver com o vestido, mas esse aqui não é o vestido todo, ainda faltam algumas partes. Precisamos conversar. — Havia gravidade no tom da sua voz e um frio se manifestou na boca do meu estômago.

Discretamente, Cariel pediu licença e deixou a suíte.

— Aconteceu alguma coisa?

— Mais ou menos. — Ela parecia apreensiva. — Eu não sabia como te falar isso, porque você sempre me mandou tomar o anticoncepcional, para que eu não engravidasse antes de terminar a faculdade, mas comecei a sentir enjoos há alguns dias e fiz o teste. Eu não sei o que aconteceu. Juro que não parei de tomar o anticoncepcional. Acho que o efeito dele falhou, ou talvez eu tenha me esquecido de tomar um ou dois dias, mas não foi proposital. Eu ia esperar até depois do casamento para te contar, mas não quis que você se casasse comigo antes de saber a verdade. — Emily falava depressa, parecendo nervosa, tropeçando nas próprias palavras.

— Você está tentando me dizer que está grávida?

— Exatamente isso. Você está chateado comigo?

Quase sorri da sua insegurança. Como ela podia sequer cogitar que eu ficaria chateado? Tudo bem que eu preferia que ela terminasse a faculdade antes de termos um filho, mas se nosso bebê decidiu vir antes, eu só tinha a agradecer.

Emocionado, aproximei-me dela e me ajoelhei a seus pés, observando o seu ventre achatado, dentro do espartilho, fascinado ao imaginar que havia uma parte de mim ali dentro, o resultado do nosso amor.

Segurei dos dois lados dos seus quadris e a beijei, na altura do ventre, como uma forma de dizer ao meu filho o quanto ele seria bem vindo.

Quando me coloquei de pé e fitei o rosto da minha mulher, percebi que ela estava chorando, e passei o dorso da minha mão em sua face para afastar suas lágrimas.

— Obrigado por me dar esse presente. Agora minha felicidade está ainda mais completa.

— Obrigada por me fazer a mulher mais feliz desse mundo. — Sua voz saiu trêmula e incline minha cabeça para silenciar os seus lábios com um beijo demorado e apaixonado.

— Eu te amo Emily. Te fazer feliz é o meu objetivo de vida.

— Eu também te amo, muito mais do que você possa imaginar.

Novamente, nos entregamos ao beijo, selando aquela promessa de que pertenceríamos um ao outro pelo resto das nossas vidas.

FIM

DEDICATÓRIA

Dedico esse livro a Jacqueline Saburido.

PROMOÇÃO

Você que chegou até aqui com esse livro e gostou da história de Emily e Alexander, quer ganhar marcadores do livro para lembrar-se deles?

É muito simples!

Avalie o livro na Amazon, opine sobre o que achou dele (isso me ajuda muito a ter o seu feedback), depois, é só enviar o print da sua avaliação e o seu endereço para o e-mail: ari.ela_pereira@hotmail.com.

Prontinho! Você receberá em sua casa um lindo kit com marcadores variados, inclusive do livro!

Espero que goste e um grande beijo!

Leia também a história de Abby e Cariel em: “O Cara Certo”, disponível em e-Book na Amazon.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de criar mais essa obra; à pessoa que inventou o digitador de voz; às leitoras e blogueiras que ajudam a divulgar o meu trabalho; à minha filha amada, que cuida de mim enquanto estou escrevendo e à vocês leitores, que acompanham o meu trabalho, ou o estão conhecendo agora, e me incentivam a continuar vivendo esse sonho que é escrever. Trago cada um de vocês aqui no meu coração. Obrigada! Obrigada! Obrigada!

Table of Contents

<u>CAPÍTULO I</u>	
<u>CAPÍTULO II</u>	
<u>CAPÍTULO III</u>	
<u>CAPÍTULO IV</u>	
<u>CAPÍTULO V</u>	
<u>CAPÍTULO VI</u>	
<u>CAPÍTULO VII</u>	
<u>CAPÍTULO VIII</u>	
<u>CAPÍTULO IX</u>	
<u>CAPÍTULO X</u>	
<u>CAPÍTULO XI</u>	
<u>CAPÍTULO XII</u>	
<u>CAPÍTULO XIII</u>	
<u>CAPÍTULO XIV</u>	
<u>CAPÍTULO XV</u>	
<u>CAPÍTULO XVI</u>	
<u>CAPÍTULO XVII</u>	
<u>CAPÍTULO XVIII</u>	
<u>CAPÍTULO XIX</u>	
<u>CAPÍTULO XX</u>	
<u>CAPÍTULO XXI</u>	
<u>CAPÍTULO XXII</u>	
<u>CAPÍTULO XXIII</u>	
<u>CAPÍTULO XXIV</u>	
<u>CAPÍTULO XXV</u>	
<u>CAPÍTULO XXVI</u>	
<u>CAPÍTULO XXVII</u>	
<u>CAPÍTULO XXVIII</u>	
<u>CAPÍTULO XXIX</u>	
<u>EPÍLOGO</u>	
<u>DEDICATÓRIA</u>	
<u>PROMOÇÃO</u>	
<u>AGRADECIMENTOS</u>	